



ELIZABETH BEZERRA

o Valor do PERDÃO

SÉRIE *RECOMEÇAR* LIVRO 2



ELIZABETH BEZERRA

o Valor do PERDÃO

SÉRIE RECOMEÇAR LIVRO 2

O Valor
do Perdão
Série Recomeçar
Livro 2
Elizabeth Bezerra

1ª Edição
2016

Copyright © 2016 Elizabeth Bezerra

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Lucilene Viera/Ludmila Fukunaga

Os direitos autorais dessa história pertencem à autora. Registrada na Fundação Biblioteca Nacional.

Arujá/SP, Brasil, 2016.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera

coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito da autora.

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras obras](#)

Prefácio

Em “O Valor do perdão”, Elizabeth Bezerra nos presenteia mais uma vez com uma linda história de amor.

Onde os valores de amizade, família, amor e perdão são muito mais que meros coadjuvantes na vida de seus personagens.

Eles são elementos fundamentais para o desenvolvimento da obra.

E com certeza vocês irão se emocionar!

Uiara Barzzotto — autora de Onde mora o coração .

Capítulo 1

Michael se sentia tão confuso ao vê-la parada ali, como tinha ficado ao pegar o fax que Alexander Price havia enviado ao seu pai naquela manhã. As instruções enviadas no dia anterior diziam que Max deveria comparecer ao hotel Uptown Plaza para um encontro de negócios nessa tarde.

Contrariando os dois últimos dias de sobriedade, Max amanhecera embriagado ao ponto de não conseguir ficar em pé. Restara a Michael enfrentar o comprador misterioso.

— Rebecca? — ele balbuciou, salteado.

Não eram as roupas, joias ou porte elegante exalando dela que o deixara atônito, travado na porta, tão rígido como uma estatueta. Foi o impacto em tê-la tão perto de si após tantos anos desejando e fugindo disso.

Depois de tantos anos, ela estava ali. Mudara bastante, os traços de menina ganharam as linhas firmes de uma mulher fascinante e, sem dúvida alguma, sexy. Ele não podia negar; nunca a vira tão bonita.

Deus, como sentira falta dela.

Imerso nesses pensamentos, acabou esquecendo completamente o que fora fazer ali. Pensava somente em como o tempo, apenas uma vez, pudesse ser generoso com eles e se eternizasse.

Por instinto, ou levado por seus sentimentos irrefreáveis, ergueu sua mão para tocá-la e ter a certeza de que era real, e não apenas mais um dos incontáveis sonhos que tivera.

— Entre! — Disse ela, afastando-se de sua mão, que permaneceu parada no ar, formigando com o desapontamento de não poder tocá-la.

Rebecca abriu mais espaço para que Michael cruzasse a porta. Embora mantivesse uma postura rija, ao mesmo tempo havia uma guerra dentro dela, duelando entre a decisão em manter-se distante e a louca vontade de se agarrar a ele, esquecendo-se de toda a dor que a impulsionara até ele.

Rebecca analisou-o atentamente. Estava mais maduro, mais atraente do que ela se lembrava. Por alguns segundos, sentiu como se na verdade nunca tivessem ficado longe.

Michael transitava entre uma expressão de surpresa, alívio e felicidade... Feliz? Ela sacudiu a cabeça, afastando o pensamento absurdo. Deveria estar mais nervosa do que acreditava.

Começou a pensar e repensar em todos os motivos pelos quais deveria odiá-lo. Fizera certo em fugir do seu toque. Precisava se recordar das suas palavras duras quando a afastara dele. As

palavras cruéis em relação à filha, e em como sofrera e amargara uma vida solitária por ser incapaz de entregar seu coração ferido a alguém.

— Acho que foi um engano — ele recuou alguns passos — Estou procurando outra pessoa. Ele queria entrar, queria saber mais sobre ela.

Como estava? O que fizera no decorrer dos anos? Mas alguma coisa em sua fisionomia o fez recuar. Reviver tudo o que lhe fizera e o fato de tê-lo trocado por Roger.

Estariam juntos ainda?

Não. Definitivamente ele não queria pensar sobre isso.

— Você está exatamente onde deveria estar — ela afirmou — Aqui. Comigo.

Deu as costas a ele e caminhou até o sofá.

Michael se sentia como alguém que despertava de um coma. Ele estava confuso e não entendia o porquê de Rebecca exigir sua presença.

Já não queria mais ouvir a história feliz que certamente ela teria para contar. Não conseguiria ouvir que ela estava bem com outro e seu filho sapeca.

Precisava sair dali o mais rápido possível.

Recuou e olhou novamente para a numeração na porta. Não tinha errado de quarto; era a data e mês do seu aniversário pregado na porta.

— Ainda acho que...

— Veio falar com Alexander Price — informou ela — Eu sei.

Rebecca pegou as pastas no estofamento de couro e indicou o lugar vago para que ele se acomodasse.

— O Sr. Price enviou você? — Perguntou ele, fechando a porta atrás de si.

Ele ignorou as mãos delicadas alisando o sofá. Escorou as costas contra a madeira maciça e cruzou os braços firmemente contra o peito enquanto aguardava a resposta.

— Não exatamente — ela respondeu.

Não se aproximaria dela. Não estava louco. Tampouco permitiria que ela notasse o quanto sua presença ainda era capaz de perturbá-lo. Após tantos anos, ela ainda exercia esse poder sobre ele.

Por quê?

Era vívido em sua mente o que Rebecca fora capaz de fazer. A traição e a forma como clinicamente o enganara.

Mas seu corpo, o desejo por ela, que duramente tivera que sufocar, vinha à margem com a força eletrizante de um raio cruzando o céu.

— Você é o Price?

— Não.

— Trabalha para ele?

Michael tentava reordenar seus pensamentos, mas nada fazia sentido. Rodava por um imenso labirinto e caía no mesmo lugar.

— Sem jogos, Rebecca! — Exigiu, um tom um pouco mais elevado do que gostaria de transparecer — O que faz aqui e o que Alexander Price tem a ver com você?

Ela inclinou até a mesinha e serviu-se de vinho. Cruzou as pernas, subindo um pouco o vestido alguns dedos acima dos joelhos apenas, mas o suficiente para o perturbar.

Maldita!

Ela sabia que o provocava.

Michael subiu rapidamente o olhar, não gostando da direção que iam seus pensamentos. Precisava lembrar que aquela era Rebecca, a mulher que facilmente havia pisoteado em seu coração.

— O jogo apenas começou — disse ela, antes de bebericar alguns goles, exibindo entre eles um sorriso confiante e um olhar de deboche. Largou a taça sobre a mesa e voltou a enfrentá-lo. — Eu decido quando deve parar.

Estava jogando com ele. E Michael não gostava das cartas sendo postas na mesa.

Rebecca, por outro lado, rezava silenciosamente para que Michael não tivesse notado como suas mãos tremiam ao segurar a taça. Foi uma péssima ideia que teve em beber, mas ela precisara relaxar. Infelizmente, acontecera o oposto.

Por todos aqueles anos, usara e testara a máscara fria de indiferença. Aprendera a lidar com qualquer tipo de situação, por mais tensa que lhe parecesse.

Por que era tão difícil agir assim com ele? Teria se enganado redondamente? Talvez não estivesse preparada, não para Michael. Não para o homem que ele havia se tornado.

Pensamentos como ter as mãos dele deslizando sobre seu corpo, mãos que tantas vezes a fizeram delirar, os lábios que bebiam suspiros seus, não poderiam dominar sua mente como fizera.

— Acho melhor se sentar — murmurou cruzando as mãos sobre as pernas — temos uma longa conversa.

Rebecca não chegou até ali para colocar tudo a perder agora, junto com seu controle. Não era mais aquela garotinha indefesa, ingênua, que acreditava no amor eterno e em pessoas mentirosas.

Não!

Mostraria para esse homem a pessoa que ele ajudara a transformar.

— Fique em pé, então — ela voltou sua atenção para uma das pastas — Vamos aos

negócios.

Michael observou silenciosamente enquanto Rebecca espalhava os documentos no lado vazio do sofá.

Além da confusão, havia dentro dele sentimentos inexplicáveis se manifestando. Tinha que saber sobre Price.

Qual o papel dele naquela história? Seria funcionária dele? Amiga? Namorada? Amante?

De todas as suposições, a última o fez estremecer mais. Não conhecia o homem, mas já o desprezava profundamente. Chegava a ser enlouquecedor a ideia que eles pudessem ter qualquer tipo de relacionamento afetivo. O que era insano para ele, tinha que confessar a si mesmo.

Por esse motivo, Michael sabia que precisava manter-se longe dela. Em poucos minutos ao lado de Rebecca, deixara de ser alguém racional.

— Esse é o contrato de compra e venda da Hunter Farm, lavrado entre seu pai e Alex.

Michael aproximou-se um pouco mais e reconheceu uma cópia dos documentos que o pai tinha apresentado a ele.

— Então trabalha mesmo para o Price?

Rebecca ergueu o olhar e arqueou a sobrancelha, como se quisesse dizer que fizera a pergunta errada.

— Alex trabalha para mim — disse ela pegando a segunda pasta, ordenando folha por folha em cima da mesa de vidro — Aqui o contrato onde compro tudo de Alex. Essas são as dívidas de Max com o banco. Obviamente o que foi pago na empresa não foi o suficiente para cobrir os empréstimos, hipotecas e promissórias. Então, todos os outros bens foram tomados...

— Um minuto! — Michael a interrompeu, exaltado — Está tentando dizer que...

— Que tudo o que você tinha agora pertence a mim — completou ela de forma naturalmente irritante para ele — A empresa, sua casa, a casa de campo — olhou-o de cima a baixo — Posso arriscar a dizer que até esse terno que está usando hoje.

Michael caminhou mecanicamente pela sala. As palavras dela eram como uma equação matemática impossível de resolver.

Sentou na poltrona em frente a ela. Havia apenas a mesa redonda os separando, mas ele sentia que havia muito mais. Parecia ter um abismo.

— Como? — perguntou a si mesmo, mas a pergunta vibrou em sua boca.

— Nicholas e Laura Summer — disse ela — Conhece?

O que tinha os velhos e queridos amigos da sua família com o que ela dizia?

Ficou a observá-la. Houve um tempo em que acreditara ser capaz de lê-la. Via diante de si

apenas uma máscara vazia cobrindo seu rosto.

— Eles tinham uma filha. Uma filha que foi cruelmente arrancada dos seus braços — ela iniciou em um tom controlado. — Rebecca era o nome dela.

Michael ouvira o suficiente sobre aquela tragédia. Sempre fora um assunto doloroso e quase intocado em sua casa. Nunca pensou muito sobre aquele bebê ou tivera real interesse sobre ele. Sabia que isso fazia sua mãe sofrer, então evitara.

— Era você?

— Sou eu — murmurou seca. — O destino é realmente intrigante, não acha? A garotinha que sua mãe sentiu tanta culpa por ter sido sequestrada, foi justamente parar como empregada na casa dela.

— Então era por isso que a minha mãe...

— Gostava de mim? — irritava a Rebecca que ele a visse como tão pouco — Prefiro acreditar que gostaria com ou sem esse motivo.

— Eu ia dizer que parecia em paz quando Laura retornou — corrigiu ele. — Quando sua mãe retornou, a minha me disse que se sentia em paz. Agora entendo o que ela quis dizer na época.

Rebecca sentiu como se um espinho estivesse sendo arrancado de seu peito.

— Saber que Olivia partiu sem essa mágoa me deixa aliviada.

Sobre isso eles concordavam.

— Quando isso aconteceu? Seus pais?

— Alguns meses depois que... — sua voz falhou — Alguns meses depois que ela partiu. Meus pais me encontraram em uma cidadezinha não muito longe daqui. Alguns exames comprovaram que eu era mesmo a filha que tanto procuraram.

Michael fechou os olhos e sacudiu a cabeça, desorientado. Como se isso fosse suficiente para afastar a névoa em sua cabeça.

— Eu nunca soube — ele se sentia perdido em meio a um redemoinho de informações — Nós perdemos contato com Nicholas e Laura quando decidiram ir para a Inglaterra. Nem mesmo Carol, que era mais próxima a eles, soube disso.

Carolina não teria escondido tal informação propositalmente. Mesmo de longe, acompanhara a angústia que ele passara.

Olhando para ela, Michael se perguntava se o destino deles teria sido diferente se o reencontro entre Rebecca e os pais tivesse acontecido antes de Roger tê-la roubado dele. Antes de tê-la seduzido e atraído com falsas promessas.

O amor que sentia por ela teria sido suficiente para mantê-la ao seu lado?

— Eu não quis. Não quis que ninguém soubesse — as palavras saíram trêmulas, mas rapidamente se recompôs. — Fui em busca de uma nova vida. Não queria nenhuma ligação com o passado, com o que você me fez. Com seu desprezo e humilhações.

— Com o que eu te fiz? — a enfrentou, incrédulo. — Você partiu com Roger! Ignorou não apenas meus sentimentos, como os da minha mãe, a mulher que a tratou como filha e que tanto a amava.

Ele poderia fazer uma lista de como e todas as formas que Rebecca os prejudicara. Não apenas ele, mas toda sua família. Enquanto ele tentava enfrentar a perda de uma das pessoas mais importante da sua vida, ela o esquecia nos braços de outro.

— Ainda acredita nas mesmas mentiras, Michael? — Ela exaltou-se — Continua cego como o garoto idiota de dezenove anos! Como eu pude um dia me apaixonar por você?

Como ainda podia ter um resquício de tais sentimentos?

— Então me fale a verdade! — Ele pediu.

Desejava. Não; precisava que ela provasse que estivera errado.

— A verdade? — a pergunta era carregada de dor e ironia — A verdade já não importa mais. Não para mim. Tentei contar a verdade há seis anos; implorei para contar naquela época. O que importa é você, eu e o agora.

— Não pode jogar tudo isso em minha cabeça e não esperar que eu exija explicações.

Michael estava indo de transtornado para enfurecido.

— Não está em condições de exigir nada! — Retorquiu ela — Chegou a sua vez de pagar sua dívida comigo. Pagar por cada lágrima que derramei por você, por cada espinho em meu coração, por ter me tornado alguém tão seca e fria — acusou ela — E tenha certeza, Michael, cobrarei cada centavo.

Rebecca se ergueu, e Michael caminhou até ela. Nunca vira essa ardência que agora brilhava em seus olhos, nem mesmo quando pediu que saísse de sua vida, exigindo que o deixasse em paz.

Havia fogo e muita raiva cobrindo o rosto encolerizado.

— O que você quer, Rebecca? — perguntou, encurtando ainda mais a distância entre eles — O que quer comigo? Vingança?

— Justiça!

— Justiça? — inquiriu, absorvendo o peso real daquela pergunta.

Ele estava tão perto e ao mesmo tempo se sentia tão longe. Sentia a respiração cálida e acelerada dela acariciando seu pescoço. Queria tomar os seus lábios e, com os beijos ardentes, derrubar aquele muro gigantesco que os separava.

O que mais havia mudado em Rebecca além da doçura que sempre admirou?

Contemplou o rosto marcado por uma expressão dura.

A textura de sua pele continuaria sedosa? Os lábios teriam a mesma maciez e sabor que fora incapaz de esquecer?

Que se dane!

Ele precisava saber. Puxou-a para si, aprisionando seu corpo entre seus braços que careciam do toque da sua pele, e beijou-a com raiva, sim, mas também a tomou com paixão. Vivia o céu e o inferno em tê-la em seus braços. Nenhuma lembrança podia se comparar a isso.

Rebecca provava a euforia e o deleite daquele beijo. Entregue, vencida, apaixonada. Estava errado, era errado. Era Michael que deveria estar rendido aos seus pés.

Usou toda sua força para afastá-lo dela.

— Sua vida me pertence — disse limpando a boca.

Ah, como se fosse possível tão facilmente apagar a marca que o beijo deixaria nela — Não é irônico?

— Armou contra o meu pai? — ele perguntou. Precisava atacar para saber se defender — Se aproveitou da dor e fragilidade dele para chegar até mim, não é? Foi você que o conduziu à ruína?

— Não! Se tem alguém culpado aqui, culpe a si mesmo — retrucou ela — Sempre egoísta, preocupado apenas com a própria vida. Eu só usei a oportunidade que foi jogada em minhas mãos. Você que não viu o que acontecia com o Max; não o viu cair cada vez mais baixo. Tão fundo ao ponto de perder tudo, até mesmo a dignidade.

Michael tornou a agarrar os seus braços, erguendo-a, pondo-a nas pontas dos pés. Queria a fazer se calar de novo com mais um beijo, com milhões deles se fosse necessário.

Reconhecia aquela verdade, a que negara a si mesmo, que ela orgulhosamente arremessava em sua face, mas vindo de Rebecca doía muito mais.

— Você não sabe de nada — rugiu.

Os rostos estavam tão próximos, que se algum deles sequer suspirasse, os lábios teriam o fim que ardentemente desejavam.

— Sei tudo o que preciso saber — sussurrou ela.

Podia beijá-la de novo. Ela também queria isso, via na forma que sua pupila estava dilatada e no descompasso de sua respiração.

Odiavam-se, diziam seus olhos, mas os corpos diziam outra coisa.

— Já se sentiu perdido? — perguntou ela com um olhar endurecido — Confuso? Sozinho? Se não, vai acabar se sentindo dessa forma em breve, pois em quarenta e oito horas tudo o que

você presa e ama será tirado de você. Será expulso de sua casa com seu pai inútil e alcoólatra. Carol perderá a remessa que mantém o curso de dança que tanto ama e o apartamento onde vive. — o olhou, altiva, segura de si. —Irá levar todos que ama, o que sobrou da sua família, para a ruína? Mas há um jeito para que isso não aconteça. — finalizou, desfrutando de cada palavra: —Irá se casar comigo.

Simples e claro. Ela havia jogado a bomba em cima dele. Em outra ocasião, o pedido, na verdade um comunicado arrogante, teria feito dele o homem mais feliz do mundo. Agora existiam outros sentimentos impulsionando isso. Não eram os sentimentos nobres que os levavam ao matrimônio; era orgulho ferido e ódio, somado a um desprezível desejo de vingança.

— Desde quando planejou isso?

Ele sabia que estava sendo cercado, mas quanto mais ela o encurralava, mais ele desejava escapar. Teria que haver alguma forma de lidar com a situação. Com tempo e calma encontraria uma saída, mas não iria dobrar-se aos caprichos dela; não seria uma marionete em suas mãos. Não fora no passado, não seria agora.

— Não vou me casar com você — os olhos dele também transmitiam raiva, puxavam um cabo de guerra, e nenhum dos dois queria ceder — Não importa o que faça.

— Acha que não? — ela sorriu, irônica — Vejo você daqui a quarenta e oito horas, Michael. Traga um anel com você.

Ela caminhou regamente e abriu a porta para que ele passasse.

Dentro dele, outra porta se fechava.

Velhas feridas eram abertas.

Uma nova batalha iniciara.

Nenhum lado sairia vencido.

Capítulo 2

Ela se apoiou contra a porta, fechou os olhos e cravou as unhas nas palmas das mãos. O coração batia velozmente em seu peito, exatamente como a primeira vez que o vira.

Não.

Não podia se permitir voltar a sentir essas coisas. Pagara um preço alto demais por amar, não estava disposta a sentir o gosto amargo da decepção outra vez.

Tudo o que deveria sentir por Michael era ódio. Só isso restara dentro dela. Era nesse sentimento que deveria se concentrar, repetiu a si mesma pela milésima vez.

— Rebecca? Tudo bem?

Abriu os olhos e se deparou com Brianna saindo da suíte.

— Você ouviu?

Brianna maneou a cabeça em resposta. Mesmo Michael já tendo ido embora, a tensão que ele causava parecia habitar ali, forte e pulsante.

— Acho que ele não vai se dobrar como os outros — disse Brianna.

Rebecca trincou os dentes ao constatar o quanto ela estava certa. Mas não permitiria que fosse ele a ditar as regras.

— Ligue para a França...

— Não! Você disse que não tocara em Carol — Brianna caminhou até ela — Deixe-a de fora. Já atingiu demais, lembra?

Rebecca não queria envolver Max, Carol e a pessoa mais importante no mundo para ela: sua filha. No entanto, Michael não lhe dava escolha a não ser atacar.

— Isso foi antes — antes de ele se portar como um idiota orgulhoso — Deixa, eu mesma faço isso.

Entrou em contato com a recepção do hotel e pediu que a conectassem em uma ligação internacional.

— *Bonjour, Monsieur Barrot. Comment allez vous?* — ela cumprimentou o advogado francês com a voz doce e cheia de charme — *Très a bien...*

Enquanto ela dizia a Barrot o que precisava que fizesse por ela, observou Brianna retornar ao quarto e sair de lá com sua bolsa, deixando o hotel discreta e silenciosamente. Estava aborrecida com ela. Rebecca queria ter podido explicar que não executaria a ameaça até o final, caso Michael ainda se mantivesse irredutível. Mas tinha que fazê-lo acreditar que não estava

brincando. Iria atingi-lo onde mais doía: sua família.

— *Salut.* — despediu-se, em seguida recolheu as pastas e documentos espalhados no sofá e em cima da mesa.

Eliminou todos os rastros que estivera ali e foi embora. Queria ir para casa, precisava da única pessoa capaz de lhe dar paz.

— Onde está a Olivia? — perguntou assim que chegou.

— Perto da piscina, brincando com Abigail — informou Laura — O que aconteceu, Rebecca?

Deixou a pergunta no ar e disparou até onde estava sua filha. Avistou-a dançando e cantando em volta da cadeira de rodas. Seu pequeno anjo enchia a vida dela de felicidade. Perto dela sentia toda dor e tristeza que carregava em sua alma quase desaparecer.

— Mamãe!

Rebecca estendeu as mãos e ajoelhou para aninhá-la com um abraço forte.

— Eu amo você — sorria e chorava ao beijar o rosto da pequena — Eu a amo muito. É toda a razão da minha vida. Não importa o que aconteça, querida. Será sempre a razão da minha vida.

— Por que você chora? — com os dedos delicados, Olivia apagava o rastro de lágrimas no rosto dela — Não gosto de te ver chorar, mamãe.

Era por seu pequeno milagre que tinha que se manter forte, mesmo quando se sentia fraca como naquele momento. Ser alguém melhor para ela. Mas, para ser alguém melhor, precisava eliminar a pior parte de si, a parte destruída que restara dela. Só assim poderia renascer e seguir adiante.

— Não vou mais chorar — murmurou a ela, beijando-a — Prometo.

— Vem brincar comigo e com a Abbi — Olivia a arrastava pela mão — Ela também chorou hoje, está triste porque tem saudade do tio Alex. Podemos fazer uma festa para ela ficar melhor?

— Podemos sim. O que acha de fazermos uma festa do pijama essa noite? Você gostava, lembra?

Em Londres, às vezes, tinha a presença de duas ou três de suas amiguinhas da escola.

— O que você acha, Abbi? — Olivia perguntou à menina que se aproximava lentamente delas em sua cadeira de rodas.

Aprendera a amar a garota frágil e corajosa como alguém de sua família.

— Eu nunca tive uma festa do pijama — apesar de falar pausadamente, Abbi demonstrava ser a mais animada delas, as duas janelinhas entre seus dentes e o sorriso largo era

encantador, seria impossível não se apaixonar por ela — Posso ligar para o Alex e contar para ele?

Pegando o telefone na bolsa, Rebecca olhou a quinta mensagem de Alex perguntando se tudo ocorrera bem. Ele queria se livrar de Stacy, para assim começar logo a reforma no palacete e levar Abigail para morar com ele. Desde que tinham chegado a Uptown, Abbi e a senhora que cuidava dela ocupavam a antiga casa da governanta, nos fundos da mansão dos seus pais. Era mais fácil para a menina se locomover ali, sem ter que subir e descer as escadas.

“Desculpe. Prometo que falo com você depois”, enviou a mensagem.

— Use meu celular — Rebecca discou e entregou o aparelho para que Olivia ajudasse a pequena a equilibrar no ouvido.

Enquanto as duas crianças contavam empolgadas a aventura que teriam essa noite, Rebecca sussurrou à senhora para manter os olhos nas duas enquanto entrava e trocava de roupa.

Substituiu o vestido elegante por jeans e camiseta, e os saltos por sapatilhas mais confortáveis.

Estava protelando a conversa com Alex, sabia disso. Não era justo com ele, que já fizera tanto por ela, mas precisava de um pouco mais de tempo e paciência vinda dele. Certamente o aborreceria. Pelo pouco que ele dissera, conviver com Stacy estava sendo seu pequeno inferno na terra.

Quando propusera aquele acordo, imaginou que seria algo divertido para ele. Por algum motivo, Alex parecia odiar a bruxa tanto quanto Rebecca odiava. Restava descobrir o porquê.

Seus problemas se multiplicavam ao invés de serem riscados da lista. Deveria, naquele momento, estar retornando a ligação de Alex e mais uma vitória, mas, ao invés disso, o que ela tinha agora eram mais motivos para se lamentar.

Foi para o quarto de sua filha e estacou quando encontrou sua mãe lá, olhando através da janela, onde era possível ver a menina correndo e brincando lá fora.

— Vim pegar algumas peças para Olivia — disse à Laura quando entrou no quarto — Vamos fazer uma noite só de garotas na casa da Abbi, você se importa?

— As duas irão amar.

Abbi era a única amiga que sua filha tinha na cidade agora. Era natural que ficassem ainda mais próximas.

— Quer se juntar a nós?

— Eu adoraria, mas teríamos que arranjar uma bela peruca para o seu pai — gracejou ela — Então é melhor eu manter a fera aqui em casa comigo.

Laura não exagerava. De forma alguma Nicholas ficaria em casa sozinho enquanto elas se

divertiam noite afora.

— Como foi com o Michael? — Laura afastou-se da janela e ocupou a cama da neta enquanto analisava o guarda-roupa — Marcaram a data?

Rebecca foi para de roupas próprias para momentos descontraídos com a filha e pensou se respondia ou não a pergunta irônica.

— Ainda não.

Ouviu o suspiro atrás dela, que também resolveu deixar passar despercebido. Já entendia a postura de seus pais e todos que eram contra suas decisões. Não precisava que repetissem a cada segundo em que a viam.

— O que ele disse sobre Olivia?

— Não falamos sobre ela.

Isso e a forma arrogante com que Michael a tratou, mantinha seus planos tão firmes como ela idealizara. Em nenhum momento ele perguntou sobre a menina.

— Por quê? — insistiu Laura — É a filha dele.

— Michael não quis saber dela antes, por que acredita que ele quer saber agora?

— Talvez se tivesse tentado...

Estava cansada de tentar. Estava cansada de esperar, queria ações e não promessas.

— De que lado você está, mamãe? — pegou um vestido de princesa que a filha amava e dois pijamas com desenhos de fadas. Prendeu-os em seu peito como uma armadura ao fazer a mesma pergunta que um dia direcionou a Brianna: — Com quem fica sua lealdade? Por que o Michael está pouco importando com nós duas.

Surpresa. Não; Laura encarou Rebecca com uma expressão magoada. Em seus olhos brilhava nada mais do que tristeza.

— Não é porque eu a amo que tenho que concordar com tudo o que você faz.

Pela primeira vez desde que iniciara sua vingança, Rebecca sentiu vergonha da pessoa que se transformara.

— Desculpe — sentou ao lado dela e segurou a mão gelada — Está dando tudo errado, mamãe. Achei que seria tão fácil... Mas Michael é irritante e orgulhoso.

Laura apertou a mão dela com carinho.

— Talvez sejam mais parecidos do que imaginam. Só não vá tão longe ao ponto de não saber retornar.

Beijou a cabeça de Rebecca antes de sair.

Sozinha no quarto de Olivia, Rebecca refletiu sobre as palavras da sua mãe. O conselho chegara tarde demais para ela, já tinha cruzado essa fronteira. Não era mais possível voltar

atrás.

Capítulo 3

Michael batia os dedos nas coxas enquanto aguardava o sinal da secretária de que poderia entrar. Já era a oitava pessoa que procurava em dois dias em busca de uma resposta positiva e oferta de ajuda.

Não tivera muito contato com o Sr. Fox como tivera com os outros conhecidos de seu pai, os quais ele convivera com os filhos, estudara no mesmo colégio e até viajara de férias com alguns deles. Nada disso tivera importância; eles queriam garantias de um retorno financeiro que ele não poderia dar, não agora.

— Senhor Hunter? — a secretária loira e elegante chamou por ele após colocar o telefone no lugar — O Dr. Fox irá atendê-lo agora.

Jeremy Fox era dono de uma rede farmacêutica por todo país, entendia do negócio, certamente não seria tão cético com ele como foram as outras pessoas que procurara.

— Como vai, Michael? — o velho senhor o cumprimentou com um sorriso simpático — Não o vejo desde que era um rapaz. Em que posso te ajudar?

Michael sabia que era sua última cartada. Não havia mais a quem procurar, além de banqueiros que certamente ririam em sua cara.

Foi honesto com Fox; contou sobre o pai e o que os levara a falência. Não titubeou em pedir, talvez implorar, para que Jeremy os ajudasse.

— Posso imaginar o que Max passou — havia verdade em sua voz, isso fez Michael se empolgar — Sua mãe era uma mulher incrível, foi uma grande perda.

Jeremy alisou a asa da xícara de café em cima da mesa, fugindo do olhar ansioso do rapaz.

— Gostaria de poder fazer algo — disse ele com a voz pesarosa — Mas acabei de falar com a nova proprietária da Hunter Farm e fiquei surpreso em saber que também representa a SBI como vice-presidente e diretora financeira. Michael, eu acabei de obter uma linha de crédito para a expansão da rede na Europa. Se eu o ajudar...

— Falou com a Rebecca? — ele perguntou, perturbado — Ela ameaçou você?

Claro que ela jogaria sujo com ele. Não ficaria surpreso se todas as recusas que tivera antes tivessem tido o dedo dela. Mas como ela sabia? Não dissera seus planos a ninguém mais além de seu pai.

Obviamente ela tinha algum informante em sua casa. Não deixara nada escapar pelos seus dedos, ela o tinha realmente em suas mãos. Preso em sua teia.

— Eu posso conseguir algo para você aqui?

— Obrigado, senhor Fox — disse ele, erguendo-se — Não será necessário. Desculpe fazê-lo perder seu tempo.

Fox o acompanhou até a porta.

— Fique com o meu cartão pessoal. Procure-me se precisar de qualquer outra coisa.

Tudo, menos emprestar a ele o dinheiro que precisaria para tentar recuperar sua empresa ou seus bens de volta.

Entrou em seu carro sentido a raiva e o desprezo por ela crescendo.

— Maldita!

Não ia curvar-se às suas vontades. Mais do que nunca, Michael estava obstinado a fugir desse casamento.

Estava prestes a dar partida no carro quando o telefone começou a tocar.

Caroline.

Respirou fundo. Convenceu a si mesmo que a ligação de sua irmã nada tinha a ver com Rebecca e suas artimanhas.

— Michael? — a tensão na voz dela roubava dele suas últimas esperanças — O que está acontecendo? Por que acabei de receber a visita de um advogado dizendo que tenho que sair daqui até a noite?

Ele agradecia que ainda estivesse parado no estacionamento quando bateu no volante.

— Fique calma. É um engano que está sendo resolvido — disse no tom mais tranquilo que poderia emitir — Ah, nós... Papai precisou vender alguns imóveis. Já estou cuidando disso.

— O papai, ele está bem? O que aconteceu?

— Nada que você deva se preocupar, querida — disse ele — Foi apenas um engano, como eu afirmei. Como estão as coisas por aí?

— Louis e eu terminamos — disse ela, chorosa — Ele estava tendo um caso com uma outra bailarina.

Michael queria que seu único problema fosse ter que lidar com sua versão irmão superprotetor e voar até Paris para quebrar a cara daquele canalha. Mas os problemas dele eram mais graves do que a primeira decepção amorosa da irmã.

— Eu lamento muito. Ficará melhor sem ele.

— Eu sei — ela emitiu um lamento abafado — Acredita que perder o apartamento me preocupou muito mais do que terminar com o Louis? Dançar é tudo o que eu tenho, Michael. Faz-me sentir mais perto da nossa mãe.

Ele sentiu o peso que as palavras dela causaram em seu coração caindo pelos seus olhos,

marcando seu rosto.

— Nada disso será tirado de você — prometeu ele — Eu juro.

Ouviu o som ao fundo, e Caroline avisou que era uma de suas amigas com um enorme pote de sorvete que ela se arrependeria no dia seguinte de ter tomado. Finalizaram a ligação com palavras de carinho, e assim que Michael deu partida no carro, tinha decidido sua vida.

Rebecca estava enganada. Ele não era o egoísta que ela afirmara antes. Mas ela havia mudado. Ou talvez fosse mesmo a garota fria e calculista que Stacy sempre quisera que visse.

Pegou a carteira e analisou a foto que tinha mantido com ele todos aqueles anos.

“Ainda está procurando por ela, Michael?”, questionara Stacy ao flagra-lo em frente ao computador em mais uma de suas tentativas fracassadas de ter alguma notícia sobre Rebecca.

Já tinha ido ao orfanato, e a única resposta que tivera era que Brianna também havia ido embora. A ideia de contratar um detetive estava cada vez mais pulsante dentro dele.

“Eu sei que irá achar que sou um idiota, mas... Preciso falar com ela, uma última vez...”

“Está agindo como um idiota”, Stacy ajoelhou-se ao seu lado, pegando suas mãos. “Quando irá entender que ela nunca te amou de verdade, Michael? Eu não queria ter que fazer isso, mas você não me dá opção”.

Foi a primeira notícia que teve de Rebecca após meses angustiantes de procura que não o levava a lugar algum.

“Olha como estão felizes! ”, dissera Stacy, colocando a foto onde tivera sua mão. “Roger e Rebecca juntos, pouco se importando com você e sua família, pela sua perda. Mas estive aqui e continuo aqui ao seu lado”.

Ele tinha olhado fixamente para a foto, como fazia agora. E todas as vezes que encarava a imagem, parte de seu coração era destruído.

“Onde conseguiu isso?”

“Roger sempre me escreve. Estão em uma longa e divertida viagem de férias pela Europa; seguiram suas vidas, você deveria fazer o mesmo”, disse ela sacudindo os ombros.

“O que sugere que eu faça, Stacy?”, afastou-se, impedindo que ela notasse como se sentia um fracassado. Parte dele havia morrido com sua mãe, a outra parte, Rebecca havia levado com ela.

“Me deixe te ajudar, querido”, ela apoiou a cabeça em suas costas. “Eu estou aqui e sempre estarei. Vamos voltar de onde paramos. Carol precisa de uma amiga, Max de alguém que mantenha essa casa funcionando e você de alguém que o ame como realmente merece”.

“Stacy, nunca vou conseguir te amar, não do jeito que espera que eu ame. Acho que nunca poderei amar assim novamente”.

“Se não for por mim, faça por Carol, ela está tão sozinha...”, insistiu ela. *“Eu posso amar por nós dois, vamos tentar, meu amor”*.

Ele tentara, por cinco longos anos. Tentara seguir em frente, mas seu coração ficara fechado, e reencontrar Rebecca ameaçava abrir velhas feridas adormecidas no lado mais obscuro de sua alma.

Michael não conseguira amar Stacy e nem qualquer mulher que cruzara seu caminho. Agora seu coração despertara... por Rebecca.

Seria ingenuidade demais acreditar que os homens de terno saindo do escritório do pai fossem pessoas interessadas em socorrê-los. Tanto o magro e alto, quanto o menor de barriga avantajada, não tinham cara ou ar amigáveis.

— É uma notificação judicial — Max entregou o documento a ele — Temos que deixar essa casa até amanhã.

Perante o olhar abismado de Max, Michael rasgou o papel em dezenas de pedaços.

— O que você está fazendo, Michael?

— Uma troca.

Max o observou se retirar. Ele se sentia culpado por seu filho ser obrigado a aceitar algo que visivelmente lutava. Nos anos anteriores mergulhou na dor que a morte de Olivia causara a ele. Desistiu de lutar e entregou-se ao vício do álcool. Esquecera de si mesmo e deixou de lado o quanto seus filhos também precisavam dele para passar pela perda e seguir em frente.

Agora só podia desejar que a desconfiança em seu peito fosse verdadeira. A conversa que tivera com Nicholas, no momento em que os advogados bateram em sua porta, esclarecera muitas coisas. Não era apenas vingança que impulsionava Rebecca.

Michael estivera muito errado sobre ela. Mas cabia a ele descobrir isso.

Olhou para a foto na tela do celular. Foto que Nicholas tinha enviado assim que encerraram a ligação.

— O que você fez, Michael?

Chorou desolado ao ver o sorriso da menina.

— Olivia.

Capítulo 4

Rebecca brincava no quarto de sua filha quando Laura surgiu na porta. Pálida e nervosa, parecia ter se deparado com um fantasma. Levou poucos segundos para Rebecca entender o que aquilo significava.

— Onde Michael está?

— Lá embaixo.

— Fica com ela? — Pediu antes de se dirigir à Olivia — Mamãe já volta para testarmos as roupas novas dos seus bebês. Fique aqui.

Esperou pela chuva de protesto que espantosamente não houve. Pelo contrário, a menina sorriu e voltou a sua atenção para suas bonecas.

Rebecca saiu com pressa, mas parou no topo da escada para alisar o vestido e ajeitar os cabelos com os dedos. Agradeceu mentalmente que Olivia tivesse optado por brincarem com suas bonecas do que sujarem as mãos com tinta, quando tinha sugerido fazerem um desenho.

Ela estacou no último degrau. Olhou para si mesma mais uma vez antes de continuar. Tentou se convencer de que o único motivo para a ansiedade era a necessidade de atraí-lo. Nada tinha a ver com o beijo que roubara dela e sua incapacidade em esquecer isso.

Recobrou o controle de si mesma e foi ao encontro de Michael, logo o avistando parado de costas para ela antes de atravessar a sala.

— Posso dizer que é um prazer reencontrá-lo?

Ficou espantada que sua voz tivesse saído firme e clara. Bem diferente do turbilhão acontecendo dentro dela.

Aguardou ansiosamente até que ele se virasse, elegante e cuidadosamente, quase como se tivesse ensaiado cada movimento.

Azul ainda era sua cor preferida, admitiu ela ao fixar seus olhos nos dele.

Em silêncio, Michael caminhou até ela. Ele pousou a mão em seu ombro, deslizou delicadamente pelo braço, acariciou suavemente o cotovelo e seguiu a linha que levava à sua mão.

Rebecca se sentia a mariposa seduzida pelo lampião; queimaria, mas era impossível resistir.

— Sim — murmurou ele, depositando a joia fria em sua mão — Eu aceito.

A chama que ela via em seus olhos não era a de um homem apaixonado entregando alma e coração à sua amada. Era o brilho forjado pela fúria e desprezo.

— Mas ouça bem — Michael a afastou indelicadamente — Esse anel é tudo o que irá

conseguir de mim.

Vingança é um prato que se come lentamente, ela ouvira dizer. Ninguém tinha avisado que tinha um gosto amargo também.

“É só uma promessa”, Rebecca apertou o anel em sua mão, enquanto relembrava as palavras dele em um lugar que considerara sagrado para os dois. Observara a aliança deslizando pelo seu dedo sob um olhar que, até então, acreditara ser apaixonado. Sonhara que, no futuro, o pedido de casamento seria tão romântico como naquele dia.

Tolo engano.

Rebecca executou a tarefa de Michael em deslizar a joia em seu dedo anelar, exibindo um sorriso sarcástico.

— Era da sua mãe, eu suponho — analisou o anel de pedra solitária.

— Mais uma coisa para você tomar — retorquiu Michael.

A voz, quase que sussurrada, alertou Rebecca que era hora de recuar. Sentia prazer em levá-lo ao limite, mas não arriscaria colocar tudo a perder.

— Vamos jantar essa noite — o tom era o mais amigável possível — Acertar os detalhes do casamento. No mesmo hotel, no mesmo quarto, às oito.

Ela o sentiu vacilar quando se aproximou mais e pousou suas mãos no peito largo. As batidas desencadeadas pulsando contra a mão dela foram tão reveladoras quanto a respiração pesada e a chama queimando nos olhos azuis.

Michael poderia negar a si mesmo, poderia negar a ela e a quantas pessoas fosse necessário, mas a joia enfeitando sua mão não seria a única coisa a vir com o enlace.

Talvez fosse mais complicado domá-lo e tê-lo servil do que inicialmente acreditara. Mas apaixonado? Seria fácil como brincadeira de criança.

Extasiada sobre isso, colocou-se na ponta dos pés e deslizou as mãos até seu pescoço, enroscando nos fios de cabelos em sua nuca. Uniu ainda mais os seus corpos, que se encaixavam tão perfeitamente quanto se recordava.

— Sozinhos — sussurrou no ouvido dele, em um tom sexy e rouco.

Ficaram assim, meio abraçados e ao mesmo tempo tão distantes, os corpos dizendo aquilo que o coração recusava admitir — queriam um ao outro.

— Até a noite — ele a afastou rapidamente e saiu.

Não olhou em seus olhos, não lançou palavras ferinas; apenas fugiu.

Balançada, ela avaliou a profundidade dos seus sentimentos.

A pele ardia e o coração certamente não batia de modo natural.

Refletia o quão próximo estava do precipício, quando ouviu os gritos de Olivia vindos da

escada.

— Papai!

Chegou no momento em que ela se agarrava sobre a maçaneta da porta, tentando abrir.

— Papai, espera!

— Olivia.

Rebecca ajoelhou-se diante dela, puxando-a para si.

— Era o meu pai? Era o homem da foto — ela estendeu a fotografia meio amassada em sua mão — Era ele, mamãe?

Ela estava caindo, descendo rápido e profundamente em um abismo sem fim. Queria, mas não podia mentir para ela. Tentara de todas as formas fugir dos questionamentos e de sua busca por respostas. Não era justo com ela.

— Era o seu pai, sim — confessou, sentindo o pânico tomar conta dela.

Uma coisa era lidar com uma imagem em uma foto amassada, outra era ter alguém real.

— Eu lembrei quando você disse o nome dele no quarto — disse ela, aceitando o colo que Rebecca lhe oferecia — Eu queria vê-lo, mamãe.

Como explicar à sua garotinha cheia de esperanças, sem partir o seu coração, que o Michael que ela idealizava não era o mesmo que havia cruzado aquela porta?

Não era capaz disso.

— Olha para mim, meu amor — virou o rosto que continuava focado na porta fechada e segurou o seu queixo — Um dia, isso irá acontecer. Eu prometo.

Olivia voltou a apoiar a cabeça entre o pescoço e o ombro de Rebecca. Foi para tentar evitar momentos como esse que ela se refugiou em Londres com sua família.

A muralha que havia criado para proteger seu coração estava ruindo desde que voltara a Uptown.

As dúvidas sobre se estava seguindo pelo caminho certo começaram a fervilhar em sua cabeça.

Levou algum tempo para acalmá-la. Após o banho, um jantar à base de barganha, palavras carinhosas e uma promessa que não sabia se seria capaz de cumprir, Olivia havia cedido ao sono, deixando que Rebecca encarasse sozinha seus fantasmas.

Antes de sair do quarto, envolveu a menina com uma coberta e colocou sua boneca favorita ao seu lado, beijando-a suavemente na testa.

Ela tinha o corpo dolorido e cansado de uma senhora de oitenta anos. Acostumara-se a conviver com a dor, mas se deparar com o sofrimento de Olivia apenas intensificava o dela.

— Ela insistiu para que eu pegasse minhas echarpes no quarto — justificou Laura, parada na porta — Eu não imaginei que iria descer.

Rebecca apagou a luz, mas deixou a porta entreaberta.

— Não foi sua culpa — disse à Laura, enroscando seu braço no dela — Notei que ela não protestou quando pedi que ficasse no quarto. Normalmente, não era o que faria.

— Desde que ela encontrou a foto...

— Não parou mais de falar sobre ele — completou Rebecca ao entrarem em seu quarto e desabar na cama — Eu sei.

— O que fará sobre isso?

— Decidirei essa noite. Michael e eu teremos uma conversa decisiva. Independentemente do que aconteça, não vou permitir que nada nem ninguém magoe minha filha.

Capítulo 5

Dessa vez não havia uma mulher segura e refinada esperando por ele no quarto de hotel. Não havia sua amiga Brianna de prontidão no outro lado da porta para ampará-la ou repreender qualquer decisão impulsiva que Rebecca tomasse.

Não; havia uma mãe, que tentara acalmar a criança desolada, cuja maldade de outras pessoas a tinha atingido, um ser inocente e cheio de esperança. Era por Olivia que se sentia ansiosa e nervosa, a quem as decisões tomadas naquela noite afetariam diretamente.

Estava pensando nela quando o coração quase saltou pela sua boca, ao ouvir a batida alertando que ele tinha chegado.

— Olá — disse a Michael ao abrir a porta com um sorriso nervoso — Entre.

Assim como Rebecca, ele usava roupas informais, jeans e uma polo escura. Estava ainda mais bonito do que em seu terno e gravata.

Agitada, ela passou as mãos úmidas na lateral do vestido preto que usava. Recuou alguns passos, colocando distância entre eles.

— Pedi que trouxessem o jantar — disse ela, indicando o refratário sobre a mesa.

Seguiram calados até ocuparem seus lugares, um de frente para o outro. O silêncio de Michael dobrava o nervosismo dela. Tinham muito a dizer, mas, ao mesmo tempo, as palavras pareciam fugir de sua cabeça.

Degustaram a refeição como um desses casais unidos por diversos motivos, menos amor, e que a convivência e a companhia um do outro pouco significavam ou fazia sentido para outro.

— Sobre o casamento... — em um gesto impaciente, depositou os talheres ao lado do prato.

Michael ergueu o olhar, encarando-a firme.

— Eu tenho algumas exigências para levar isso adiante — ele imitou os movimentos dela, colocando os talheres na mesa, agora com sua atenção totalmente voltada para ela.

Ela tinha um pedido: que os dois tentassem ser amigos ou, quem sabe, tentassem se tolerar para o bem da filha que tinham.

— Exigências? — perguntou ela, engolindo o desapontamento como uma imensa bola de pelo que recusava a descer pela garganta.

— Eu quero que passe o apartamento em Paris para o nome de Caroline e que deposite na conta dela o suficiente para se manter até terminar os estudos.

Rebecca teria feito isso com ou sem a imposição dele, com ou sem casamento em debate.

Embora ele não soubesse disso. Não apenas porque sentia que devia isso a Carol depois da forma que cruelmente a afastara no passado, ou porque seria isso que a mãe deles esperaria dela, mas sim porque, apesar de todo o tempo e distância que as separou, sentia um grande carinho por ela. Era tia de Olivia e tinha um inegável grau de importância na vida de sua filha.

Uma das coisas que Nicholas passara a ela, era a importância de sempre proteger e amparar a família.

— Tudo bem — concordou prontamente.

— Como você sabe... — ele pigarreou, tomou um longo gole de vinho, seja para limpar a garganta ou porque precisava de um encorajamento para seguir — Meu pai vem tendo um certo problema com a bebida.

— Max é alcoólatra, Michael.

Mesmo sendo essa a verdade, o jeito como dissera e a forma como ele reagiu às suas palavras a fez se arrepender de ter sido tão áspera.

— Ele precisa de ajuda — defendeu Michael — Quero que ele vá para a melhor clínica, tenha o melhor tratamento que existir... e, por fim, que devolva a casa de campo a ele.

Pelos motivos que ela atribuíra a Carol, era o que faria e desejava a Max. Inicialmente, tinha pensado em dar a propriedade de presente a Olivia, mas sabia que o lugar era tão relevante para Max quanto um dia tivera importância para ela.

— Tudo bem — concordou outra vez.

Agora era ela a precisar do incentivo do vinho.

— Sobre nós dois — ele gesticulou com os dedos — Sabemos o significado desse casamento para você e para mim. Então vamos jogar limpo, sem surpresas, sem mais mentiras. Está livre para fazer o que quiser, desde que seja discreta. O mesmo se aplica a mim.

Tenha os seus casos, eu não me importo, ela aguardou que ele decretasse. Mas Rebecca se importava, mais do que gostaria.

Cravou as unhas no assento da cadeira onde estava, em uma postura rija e tensa. Viera de coração aberto, disposta a recuar; reconsiderar o desejo de vingança e eliminar a mágoa em relação às injustiças que sofrera. Não que fosse esquecer de tudo, não poderia, mas estava disposta a buscar a paz por sua filha. Mas não estivera preparada para a proposta cínica e fria que ele despejara em cima dela.

Esse era o seu jogo, sua vingança, então, por que era Michael a mexer todas as peças?

— Também tenho as minhas exigências.

Encheu novamente a taça com o líquido purpúreo.

— Irá trabalhar comigo na Hunter Farm até eu reerguê-la.

— Eu sou médico — disse ele com um ar irritado — Ou estou tentando ser.

— Irá trabalhar comigo, Michael — reafirmou ela — O que você veste, o que come, o teto que protegerá sua cabeça à noite ou qualquer necessidade que tenha, terá que ser conquistado com trabalho e dedicação. Não vou te dar nada. Quer algo? Trabalhe.

Não deixaria que Michael entrasse naquele casamento acreditando que seria tudo tão fácil.

— Tudo bem — ele inclinou sobre a mesa, reproduzindo a resposta dela em um tom visivelmente irônico — Como quiser. Você me comprou, meu destino será seu agora.

A confirmação retratava exatamente como seria a vida dele agora. Rebecca tinha o controle. Então, por que ela se sentia dentro de um trem desgovernado?

— Sobre Olivia... — ela pausou ao observar a expressão confusa. Lembrou que nada ou quase nada falara dela desde que se reencontraram — Minha filha.

— Deu o nome da minha mãe à sua filha?

— Prometi a Olivia que o faria.

Mais do que surpresa, havia uma certa indignação faiscando em sua face.

Minha filha? Sua filha, queria gritar. Sua filha, que já o ama, mesmo pouco se importando com ela. Um simples exame poderia confirmar aquilo que Michael resistia fielmente enxergar, mas não era dessa forma que Rebecca desejava pôr um fim nessa história. Olivia merecia mais que um pai obrigado a amá-la. Precisava do calor de seus braços, e não um nome em seu documento.

— Não posso ter contato com ela — murmurou ele — Não posso mentir para uma criança, seria cruel.

Apesar de se sentir irada e frustrada em relação à postura de Michael, não era desprezo que via flamejar em seus olhos. Foi algo diferente.

Seria medo?

De enfrentar os seus erros ou de certamente se apaixonar pela menina se desse a si mesmo essa chance?

— Não vai magoar Olivia — foi enfática — Não irá dizer ou fazer qualquer coisa que a deixe ferida. Essa é minha maior e mais importante exigência.

— Vou me manter longe dela. — repetiu ele.

Era ele mesmo ou a ela que Michael tentava certificar?, ela se perguntava.

O grande problema, para ela, não era o quão forte ele seria em ficar longe. Sua maior preocupação era manter sua menina distante do pai perfeito que ela já havia criado em sua cabeça.

— Acho que concordamos com um casamento discreto apenas com o juiz de paz e nossos

familiares.

— Talvez meu pai, apenas.

Ele queria dificultar as coisas, deixar as emoções à margem ao excluir a irmã e seu pai, concluiu Rebecca. Mas quando sentimentos tão intensos como raiva, decepção, paixão e ódio os ligavam a esse casamento, seria impossível manter tudo tão impessoal.

— Você já pode ir — disse ela, pegando o guardanapo e limpando o canto da boca — Meus advogados entrarão em contato amanhã para falar do acordo pré-nupcial.

Ela o dispensou com a mesma amabilidade que Stacy concederia a um subalterno indesejado. Por outro lado, Michael se retirou como um rebelde orgulhoso que não se curvava diante de sua rainha.

Rebecca se escorou contra a porta ao fechá-la. Sentiu as pernas cederem, levando-a ao chão. Abraçada a si mesma, permitiu-se o que havia controlado por boa parte daquela noite: que lágrimas silenciosas banhassem seu rosto, porque a dor em seu peito era tão forte como a primeira vez que a sentira.

Um dia sofrera ao acreditar ter perdido Michael. Agora tinha a certeza de estarem destinados, como em uma maldição que os acorrentava.

O que os dois corações tolos não conseguiam enxergar, era que para toda doença da alma, havia uma cura. Toda maldição podia ser quebrada. E que havia um elo mais forte e puro esperando por eles no lar de Rebecca.

Capítulo 6

Alheio ao que havia do outro lado, Michael apoiou a testa contra o metal que indicava a numeração do quarto. Ele ter ensaiado tudo o que achava que precisava dizer não o tinha preparado para exatamente nada. Não ficara mais fácil.

Ele queria usar a raiva e o fracasso que sentia para derrubar a porta e dizer a Rebecca o que verdadeiramente pensava. Que eram tolos e irracionais. Que ele estaria disposto a esquecer o passado e perdoar.

Poderiam recomeçar?

Ele desejou que sim. Deus sabia o quanto desejava.

Mas a cada reivindicação que fazia a ela, mais preso ao seu desejo absurdo de vingança ele se sentia. Coroando isso, havia a menina. Olivia, como sua mãe. A descoberta havia sido como uma estaca afiada sendo enterrada em seu coração.

“Eu prometi que o faria”, recordou as palavras dela.

Maldição!

Parecia tudo errado. Deveria ser a filha deles. A Olivia deles e uma doce homenagem à memória de sua mãe. Não a lembrança de um amor manchado pela dor e traição.

Sem dúvida alguma, mais do que imaginara antes, tinha que ficar de fora. Não jogaria uma criança inocente no campo de guerra que ele e Rebecca criavam, pelo menos até que ela se cansasse do jogo que ela mesma criava.

Tudo o que devia importar a ele é que havia garantido o futuro de Caroline e Max. Embora tenha barganhado sua alma.

Lutaria até o fim. Sua indiferença e o tempo o libertariam dos caprichos dela. Só era preciso paciência.

Capítulo 7

Estava quase anoitecendo quando uma das empregadas anunciou à Rebecca que o senhor Hunter a esperava na sala de visitas. Imediatamente cogitou ter a presença de Michael, pronto para uma nova briga em relação ao contrato de casamento que havia sido enviado a ele pela manhã.

Estava totalmente armada quando entrou no recinto, mas estacou surpresa ao visualizar outra pessoa apoiada contra a lareira.

— Max?

Não conseguiu evitar de comparar o homem pálido e bem mais magro ao que tinha guardado em sua memória. Apesar de ainda ter o porte altivo e suntuoso, era notável que não parecia o mesmo Max que um dia tivera tanta admiração.

— Como vai, Rebecca? — A voz soava mais firme do que o olhar consternado emitia — É muito bom revê-la.

A Rebecca do seu passado, a menina cheia de sonhos e esperança, teria corrido até ele e confessado o quanto sentira saudade. Mas ela não era a mesma. Aquela Rebecca havia ficado para trás.

— É bom revê-lo também.

Eles ficaram, por intermináveis segundos, apenas se olhando. Os corações desejavam dizer o que os lábios receavam.

— Por favor, sente-se — ela indicou um dos sofás.

Max ocupou o sofá de dois lugares que lhe ofereceu e aguardou que ela se acomodasse. Quando Rebecca timidamente sentou ao seu lado, ele pegou a mão dela em seu colo, prendendo-a nas suas.

— Eu quero ouvir você — alisou a pele dela em uma carícia fraternal — Qual é o seu lado da história.

— Sobre Olivia?

— Sobre tudo — ele sorriu gentilmente.

Iniciou com a parte que ele já conhecia da história, de como havia se apaixonado por seu filho. Como caíra facilmente nas mentiras e falsa amizade de Roger e finalmente sido vítima das armações sujas de Stacy. Sobre a mágoa e dor que carregara em relação ao abandono e desprezo de Michael e todas as razões que a mantiveram longe.

— Eu sei que talvez nunca entenderá ou irá perdoar o fato de ter fugido levando Olivia

comigo. Por tê-la afastado de você — murmurou ela com pesar — Mas eu tinha que ir embora. Michael não apenas me desprezava, ele desprezava a filha. Eu não conseguia imaginar que ela sentisse a mesma dor da rejeição que eu carregava em meu peito. Ele se casaria com a Stacy, e ela seria apenas a filha bastarda que ele negava amor.

Foram esses sentimentos e medos que a impulsionou a ir para longe. Poder confessar isso a alguém tirava uma grande carga de sua alma. Talvez ela não tivesse feito o certo, mas agira como seu coração tinha ordenado na época.

— Não vou dizer que não tenho um grande pesar por todos os anos incríveis que eu perdi. — Max inalou profundamente antes de continuar: — Quem sabe eu não tivesse caído tão fundo? Talvez Olivia pudesse ser o apoio que eu precisava na época.

— Achei que Carol e Michael...

— E eu acreditei que eles teriam um ao outro — disse ele — Percebe como jogamos nossas responsabilidades nos outros? Se eu não tivesse me entregado à dor e à bebida, teria percebido o quanto meus filhos precisavam de mim. Mas não posso te condenar, quando também deveria sentar na cadeira dos réus.

Havia sido um erro que levou ao outro. Apenas um inocente havia sido realmente prejudicado: Olivia.

Fora privada do pai, do avô que se encantaria por ela e pela tia que, sem dúvida alguma, a adoraria.

— Eu gostaria de conhecê-la.

Rebecca sempre sonhou que Olivia, um dia, pudesse ter a oportunidade de conhecer Max. No entanto, muita coisa havia mudado. Ainda zelava pelo bem-estar e segurança dela, principalmente no campo sentimental.

— Você sabe que não está bem, certo?

Max desviou o olhar deprimido para algum canto da mesa de centro. Rebecca não tinha ideia se Michael já tivera a conversa com ele sobre o tratamento, mas era preciso que alguém fosse completamente honesto com ele, mesmo que fosse ela a fazer o papel de megera.

— Olivia precisa de estabilidade. Você precisa de tratamento, Max — doía ter que ser tão dura com ele como estava sendo — Não posso deixar que entre e saia da vida dela. Eu quero que ela conheça o Max que a avó dela se apaixonou. Um homem seguro e forte. Alguém que ela saiba que pode contar.

— Estou sóbrio, não estou?

Por quanto tempo? Ela evitou perguntar. Sofria em presenciar seu sofrimento, mas não iria fraquejar. Queria-o bem e lutaria para vê-lo recuperado e feliz.

— Precisa de uma clínica e tratamento — foi enfática, mas usou certa doçura na voz ao concluir: — Faria isso por Olivia?

— É por ela que estou aqui. Sim, eu vou.

Ele sairia dessa. Rebecca acreditava na força que ele tinha.

— Posso vê-la agora?

— Claro que sim — ela sorriu, ficou de pé e estendeu a mão para ele — Bem-vindo de volta às nossas vidas.

Não seria apenas Olivia a usufruir do grande homem que ele era; todos seriam presenteados com a presença e amor que Max tinha a oferecer.

E foi irreprimível para ela, ao se abraçarem, não recordar o momento que tiveram juntos há muito tempo em seu escritório, quando tentaram consolar um ao outro em relação à perda de alguém a quem amavam. Choraram por aquela doce e encantadora Olivia; agora se emocionavam com a presença de outra. Uma que também certamente marcariam suas vidas.

— Vem! — ela o direcionou à escada — Venha conhecer sua neta.

Antes que cruzassem o corredor, Rebecca o lembrou que o assunto Michael ainda era um tema delicado para a menina. Havia descontentamento no semblante de Max ao recordar essa parte da história.

— Eu vou resolver isso — disse ela — Só preciso de tempo.

Embora não soubesse como e se enxergasse cada vez mais impotente nessa teia de confusão entre ela e Michael.

Chegaram ao quarto da menina. Através da porta entreaberta, ouvia-se sua voz animada e uma sílaba ou outra de Brianna.

Rebecca pediu que Max desse um tempo para que preparasse Olivia para sua chegada.

— Está ficando linda, Bri — dizia Olivia a ela. Estava de costas para Rebecca e não a viu se aproximar.

Enquanto ela estava de joelhos sobre a cama, Brianna estava sentada em uma almofada sobre o carpete. Usava um robe de banho, e havia mais de uma dúzia de pequenas presilhas espalhadas em volta de sua cabeça. Obviamente Olivia brincava de cabeleireira com ela.

Era o penteado mais esquisito que Rebecca tinha visto na vida, mas estava claro que as duas se divertiam muito durante a tarefa que, de acordo com sua filha, estava ficando maravilhoso.

— Vai encontrar um namorado muito bonito, igualzinho ao tio Alex.

— E por que eu devo encontrar um namorado?

Brianna constantemente levantava a bandeira da mulher independente e moderna, para

justificar sua falta de interesse em mergulhar em um relacionamento sério. Pretendentes não lhe faltavam, mas ela sempre fugia deles.

— Porque você é bonita e quero um bebê.

Rebecca engoliu uma gargalhada, mas não escapou do olhar enfurecido que Brianna lançou a ela.

— Eu creio que sua tia Brianna não está muito interessada em namorados ou bebês agora — Rebecca foi em socorro dela.

— Não mesmo — confirmou ela — Mas agradeço por ter me deixado tão linda.

Olivia bateu as mãos e virou em direção à Rebecca em vista de um novo alvo: — Sua vez, mamãe.

Ela não sabia dizer se ela se referia ao novo penteado de cabelo ou sobre bebês. Olivia nunca questionara a falta de irmãos, mas ela sabia que era um assunto que poderia vir à tona.

Não pensara sobre outros filhos. Não pensara ao menos em se casar.

— Hoje não — sorriu para ela, e agradecia ter a oportunidade de mudar de assunto — Eu tenho algo para você.

Rapidamente o olhar de menina foi em direção às suas mãos vazias.

— É um presente?

Ela pulou da cama com aquela agilidade peculiar das crianças de sua idade e circulou o corpo de Rebecca.

— Na verdade, é alguém — disse ela, fazendo-a parar — Alguém que deseja muito conhecer você.

Olivia inclinou a cabeça, tentando ver através do vão entre o braço e a cintura de Rebecca.

— É o meu pai? — sussurrou esperançosa, erguendo o olhar para ela.

— Não é o seu pai — ajoelhou diante dela, tocando seu rosto com carinho — Mas é alguém também muito especial. Seu avô Max, o pai do seu pai.

— Max!

O nome foi emitido pela voz exaltada de Brianna. Ela mantinha a mão cravada no peito e exibía uma expressão abismada e de pânico.

— Max está aqui?

Quanto mais Brianna brigava com as presilhas em seu cabelo, mais emaranhados os fios pareciam ficar.

Brianna crescera e se tornara uma jovem mulher elegante e bonita, como Olivia dissera. Rebecca não entendia por que de repente agia como uma colegial insegura com sua imagem. Tudo

bem que se sentisse constrangida por ser pega em um momento de descontração, mas estavam falando de Max. Ele não se importava com essas coisas.

— Não o deixe subir, Rebecca — disse ela, praticamente implorando com os olhos.

— Acho que é um pouco tarde demais — todas elas se viraram para o homem parado no batente da porta.

Ele exibia um sorriso divertido que o fazia parecer anos mais jovem. Lembrava muito o Michael por quem Rebecca se apaixonara.

— Merda.

Ouviu o sussurro abafado de Brianna, enquanto Olivia, apesar de curiosa com o recém-chegado, escondeu-se atrás das costas de sua mãe. Imediatamente a atenção de Max saiu delas para a menina tímida que se escondia dele.

— Você é a Olivia, não é? — ele deu alguns passos em direção a ela e inclinou o corpo, estendendo a mão — Eu sou o Max. Seu avô. Eu queria muito conhecer você.

Olivia olhou para ele, depois para sua mão estendida. Encarou Rebecca em busca de uma confirmação: — É o meu avô?

Havia sido um mero balbuciar, mas havia muita expectativa naquela pergunta.

— É sim, meu amor.

Ignorando todos os protocolos, ou porque crianças nada sabiam sobre eles, Olivia correu até os braços estendidos de Max. Ele a pegou em seu colo, abraçando-a fortemente.

Ele repetia o quanto a amava e ansiara por conhecê-la. Olivia retribuía os carinhos com toda bondade que havia dentro dela. Não importava que só estivessem se conhecendo agora. Ela sentia e entregava o amor que recebia.

Rebecca secou furtivamente os olhos antes de procurar por Brianna no quarto. Ela já tinha saído. Estava apoiada contra a parede no lado de fora.

— Por que não me avisou que ele estava aqui? — abriu os olhos, encarando Rebecca.

— Eu juro que não imaginava. Pensei que fosse o Michael. Mas por que está tão nervosa? — disse Rebecca, caminhando até ela.

— Ora, eu não o vejo há anos — apesar de sua voz falhar, ela tentou soar mais lógica do que parecia: — Estou horrorosa.

— Mas é apenas o Max — disse Rebecca — Ele não liga para essas coisas. Veio conhecer a neta, e não julgar o que você veste, Brianna.

— Tem razão — ela se desculpou — Mas deve achar que continuo a garota boboca que conheceu.

— Você não era boba — cruzou os braços dela no seu — Era jovem e sonhadora. Por que

não troca de roupa e me ajuda a preparar um lanche para eles? Acho que precisam de um pouco de tempo e espaço para se conhecerem melhor.

— Eu tenho um compromisso agora — justificou ela, soltando-se — Ah, hum... Eu espero que dê tudo certo para vocês, depois você me conta.

Antes que Rebecca pudesse protestar sobre o suposto compromisso de última hora, Brianna desapareceu para dentro do seu próprio quarto. Ela tinha garantido que teria todo o dia livre hoje. Era a última semana de folga juntas antes do casamento de Rebecca e oficialmente assumirem a empresa de Max.

Brianna estava estranha e agia de forma inusitada.

No entanto, Rebecca ignorou a nova confusão se criando em sua cabeça. Seguiu para a cozinha, calculando quanto tempo precisaria dar para que Olivia e Max se entendessem.

Nenhum tempo seria suficiente para compensar os anos perdidos, concluiu ela. Foram cinco anos de separação. Mas acreditava que os laços que os uniam seriam mais fortes que os anos perdidos.

Capítulo 8

Rebecca escolheu um vestido branco para o grande dia. Não pelo simbolismo da cor que significava pureza em relação às noivas, mas porque era essa cor que usava quando Michael e ela se conheceram.

Era quase uma réplica do que usara, mas possuía uma elegância discreta. A renda francesa e os cristais compondo o vestido dava-lhe o ar romântico de uma noiva.

— Está muito bonita — disse Laura, prendendo uma joia no cabelo dela — É do meu casamento. Espero que traga sorte.

Sorte não tinha nada a ver com aquilo. Era um negócio, se assim pudesse dizer. Troca de interesses de ambas as partes. Se casariam no jardim da mansão Hunter, apenas o casamento civil, como ela sugerira anteriormente. Teriam uma modesta recepção e iniciaria a nova etapa de sua revanche — fazer Michael sentir na pele todas as humilhações que teve.

Mas havia uma grande pergunta martelando em sua cabeça, o que ela faria quando tudo isso acabasse?

— Obrigada por me ajudar hoje.

Sabia o quanto era difícil para sua mãe aceitar ou entender as razões que a levaram até ali.

Não seria o casamento que ela tinha sonhado para sua filha. Não haveria profissionais cuidando dela ou dia da noiva. Não teria uma grande festa, nem mesmo uma viagem de lua de mel.

Até mesmo os jantares ou comemorações em relação ao sucesso de um grande negócio parecia ter mais vida que aquele casamento. Simplesmente porque não havia amor, não havia sonhos e não havia esperança de um futuro juntos. Uniam-se duas pessoas que se desprezavam.

— Olivia está encantada com o vestido novo — informou Laura.

Olivia. A parte mais importante e dolorosa de tudo isso. A que mais temia causar danos.

— Preciso falar com ela antes de irmos — murmurou após sua última olhada no espelho.

Protelara esse momento com Olivia após a visita inesperada de Max. Tinha que admitir; fora covarde em não lançar a verdade como ela era. A única desculpa que a consolava era que a menina esteve tão animada com o mais recente membro de sua família, que não teve forças para essa conversa. Continuar fugindo já não era uma escolha.

— Eu tenho que prepará-la — disse a Laura.

— Acredita mesmo que isso é possível?

— Michael jurou que não faria nada de mal a ela.

Por que o defendia? Sentia-se mais confusa que alguém perdido em um deserto.

— Não é o mal que me preocupa, Rebecca — retrucou Laura — É a falta do bem.

Ele não vai machucá-la, dizia a si mesma enquanto seguia para o quarto da filha.

Mas a quem ela realmente pretendia convencer?

Inspirou profundamente antes de entrar. Brianna dava os retoques finais em Olivia quando

Rebecca se aproximou delas. Com um jeito de olhar, pediu para ficar sozinha com sua filha.

Brianna beijou a pequena nos cabelos cacheados antes de se retirar.

— Por que não senta aqui comigo um pouquinho? — sugeriu Rebecca, acomodando-se na cadeira de balanço em frente a janela.

Sentia saudade de quando Olivia era apenas um bebê e muitas vezes sentara em uma cadeira como aquela, contando histórias ou cantando para que adormecesse.

— Sabe que dia é hoje, não é?

Embora só tenha passado quatro dias entre o jantar com Michael até o casamento, Rebecca tinha a sensação que se passaram séculos.

— Você vai casar — ela sorriu, ajeitando-se melhor em seu colo — E eu vou ter um pai, *que nem* todo mundo.

— Igual a todo mundo — Rebecca a corrigiu, batendo na ponta de seu nariz.

Ela desejou que fosse tão fácil corrigir a vida das duas como era ensinar a filha a falar corretamente.

— Por que ele não veio me ver como o meu avô?

Porque Michael é um grandíssimo idiota, quis dizer a ela.

— Porque ele não sabe que é o seu pai — alisou os cabelos dela.

— Mas você disse que era.

— E eu não menti.

Embora fosse isso que Michael acreditasse.

Tudo bem, o plano era vingar-se de todos que a fizeram mal. Mas ela havia feito tudo errado. Deveria apenas ter mandado quebrar as pernas dele e se sentir vingada.

Como magoar alguém sem machucar a quem mais amava no processo?

— Então a gente conta — disse ela. Apesar de ser apenas uma criança, sem dúvida alguma era a pessoa mais lógica ali.

— Faremos o seguinte — afastou os fios de cabelo caindo sobre os olhos dela — E vai ser um segredo só nosso. Vamos dar tempo a ele, para que se acostume a nós duas. E quando chegar

o momento oportuno, iremos contar.

— Esperar que ele goste de mim?

A pergunta inocente causou grande dor e desalento em Rebecca. Densas lágrimas pesaram em seus olhos.

— Não. Que ele finalmente perceba a menina incrível que você é — disse em um tom entrecortado e rouco devido à emoção — E a filha maravilhosa que ele tem.

Enquanto Olivia parecia meditar sobre o assunto, Rebecca notou um ar de tristeza e confusão em seus olhos.

— Eu vou esperar, mamãe. Eu prometo que vou ser boazinha e legal com ele. Meu pai vai gostar de mim, e aí a gente conta para ele.

Rebecca entendeu que seus planos tinham mudado naquele momento. Não se importava mais com a vingança. Era importante e indiscutível brigar pela felicidade de sua filha.

Abraçou Olivia, não para consolá-la ou porque precisava de conforto e amparo. Abraçou a menina porque era ela que necessitava ser abraçada. Jogara tão alto, e tinha um grande pavor de perder a quem mais amava devido aos seus erros: sua filha.

Celebravam algo bonito e especial, mas não era o que cada pessoa testemunhando a cerimônia parecia sentir ou acreditar, concluiu Rebecca ao assinar o livro de registro.

Olhou discretamente para os pais ao lado dela. Nicholas tinha uma expressão séria e nada amigável em direção a Michael, em nada lembrava um pai amoroso entregando seu bem mais precioso a quem deveria cuidar e amar. Laura, por outro lado, tinha um ar tristonho e derrotado.

Ela se ergueu e se afastou para que Michael assinasse os papéis. E enquanto ele fazia isso, aproveitou para observar Brianna e Olivia próximas aos pais dela. A amiga lhe dirigia um olhar de pesar. Olivia, por sua vez, mantinha-se espantosamente quieta desde que chegaram para a cerimônia.

Quando Michael surgiu, ela agarrou-se a Brianna, onde se mantivera observando-o de longe.

Ele não apenas cumprira fielmente a promessa de se manter distante; ele simplesmente a ignorava, como fizera com todas as pessoas ali.

— Eu os declaro marido e mulher...

E antes que o juiz concluísse com “*já pode beijar a noiva*”, ele foi em direção a Max, recebendo seus cumprimentos e abraço afetuoso.

Rebecca sorriu amigavelmente para o homem confuso em frente a ela e indicou o bufê. Virou para receber o abraço de Max, seguido dos de seus pais. Dizia uma ou outra frase de agradecimento enquanto Michael mal balbuciava alguma coisa.

— Parabéns — disse Brianna — Desejo que seja feliz.

A emoção em seus olhos dizia que realmente desejava isso. Brianna a compreendia, talvez melhor que ela mesma.

— Obrigada, Brianna — forçou outro sorriso ao soltá-la e passou os dedos carinhosamente na cabeça abaixada de sua filha — Michael, essa é Olivia.

Afagou a bochecha da menina, encorajando-a a encará-los.

— É um prazer conhecê-la, Olivia — ele murmurou rapidamente antes de recuar dois ou três passos para longe delas, rápido o suficiente para perder o olhar ansioso que a garotinha lhe dava — Desculpe, mas acho que a Sra. Dickson tem algo a falar comigo. Deve ser sobre Carol.

A mesma velocidade que ele teve em escapar, Rebecca sentiu o furacão dentro dela ganhar força.

— Meu bem, o que acha de mostrar para a Abbi a mesa de doces? — sugeriu, indicando a menina que naquele momento recebia a atenção de Laura e Nicholas — Podem pegar o que quiserem.

Ter a irmã de Alex com eles fora uma decisão acertada. Abbi era a distração necessária para manter Olivia alheia ao clima tenso que os rodeava. A doce Abigail em sua cadeira de rodas, que tinha muito mais a ensinar para eles sobre emoções.

— Nós podemos guardar alguns para o Alex? — pediu ela, empolgada com sua nova missão — Abbi disse que ele chegará depois de amanhã.

— Podem sim.

Observou Olivia correr até ela e empurrar a cadeira até a linda mesa de doces.

— Não sabia que Alex viria — disse a Brianna.

— Chegará com Ryan, que estava em Paris — ela olhou para as meninas e de volta para Rebecca — Isso não vai dar certo. Desejo que tenha mais sorte que isso.

Por que todos a desejavam sorte? A sorte nunca estivera com ela quando foi sequestrada quando bebê. Não estivera quando chegou à mansão pela primeira vez e, principalmente, quando se apaixonara por Michael, quando a razão sempre a alertara que era um perigo. Não tivera sorte quando Roger e Stacy praticamente destruíram a vida dela, e continuava sem sorte hoje ao forçar o pai de sua filha a um casamento que não queria.

Não era sorte que precisava; precisava pensar friamente nos passos seguintes.

— Ryan ficou surpreso com o casamento — acusou Brianna.

Eles tinham desenvolvido um relacionamento de amizade e honestidade no decorrer dos anos. Via-o como seu irmão assim como via Brianna.

— Foi tudo tão rápido, e sabe que não quis envolvê-lo nisso.

— Como não quis envolver Olivia? Caramba, Rebecca, todas as pessoas que a amam e estão ao seu lado estão envolvidas. Mas sabe o que me preocupa mais? Acho que sairá mais machucada disso do que entrou.

— O que queria que eu fizesse? — perguntou, aborrecida — Eu tinha um ultimato do meu pai, lembra? Com ou sem casamento, Olivia saberia sobre o pai dela.

Estava tão irritada com ela como consigo mesma.

— Michael teria casado com Stacy. Continuaría desprezando a filha e aquela bruxa faria das nossas vidas um inferno. No fim de tudo, Olivia sairia ferida.

Respirou fundo antes de continuar:

— E sabe de uma coisa? Apoiando ou não minhas decisões, minha ânsia de vingança nos direcionou para o caminho certo. Então, por favor, Bri, pare de me julgar e me ajude a arrumar essa grande bagunça em que nos meti. Não importa mais que Michael não me ame e talvez nunca venha a amar, mas é importante que ele ame Olivia.

Não esperou o provável sermão que certamente seguiria. Ela se afastou, pouco vendo através dos olhos embaçados. Não era tristeza ou autopiedade que a impulsionava; era raiva.

Capítulo 9

Michael encerrou a difícil conversa com Caroline. Fora ridiculamente imbecil em acreditar que a manteria longe dos problemas que colecionava para ele. Deixá-la de fora de seu casamento para o seu bem-estar emocional fizera exatamente o contrário do que pretendia. Agora não só tinha uma irmã furiosa, como também magoada e sentindo-se excluída.

Ele fazia uma sucessão de erros absurdos, e até mesmo para ele ficava difícil de justificar. Nada parecia bom o suficiente para vir em sua defesa.

Não podia negar que desde que reencontrara Rebecca, seu mundo havia girado de cabeça para baixo. Todas as suas tentativas de arrancá-la da cabeça o faziam pensar nela.

Perdera o chão sobre os seus pés quando a vira tão lindamente no vestido de noiva. Voltou ao passado. A briga de bexigas, uma garota toda molhada e surpresa olhando para ele. Quisera voltar àquele dia e reescrever sua história.

E como desgraça nunca surgia sozinha, também conhecera a filha dela. Isso mexera com ele muito mais do que imaginara. Não teve forças para suportar, para encarar a grande derrota de sua vida representada naquela menina inocente. Por sorte, vira a governanta fazendo sinal no exato momento em que desejara fugir dali.

— Michael?

Ele virou em direção à porta e encontrou Max. Em seu semblante havia preocupação e algo mais que não soube identificar.

Talvez... decepção?

— Oi, pai — colocou o telefone no suporte e foi até a janela, onde ficou olhando para fora — Acabei de falar com Caroline.

— E como ela está?

— Bastante zangada.

— E você? — perguntou Max, aproximando-se dele — Como se sente sobre hoje?

— Não quero falar sobre isso — o tom ríspido não escondia a amargura que aquilo tudo lhe representava — Principalmente hoje.

— Seja cauteloso daqui para frente — iniciou Max, colocando sua mão em seu ombro — Principalmente com Olivia. Não faça nada do que possa se arrepender.

Michael podia vê-la ao longe, brincando com sua amiga, em volta de uma cadeira de rodas.

— Não faria mal a ela, pai — feria que ele pensasse isso dele. Nunca magoaria a menina,

mesmo sabendo que era fruto da maior traição que sofrera.

— Sequer chegou perto dela ou tentou uma aproximação — disse Max, com a voz branda — Do que tem medo, Michael? Da verdade que está tão clara o só você não consegue ver?

— O que quer dizer?

Max sorriu e se afastou:

— Irá descobrir sozinho. Espero que não faça ainda mais burradas até lá.

Ele saiu em direção à porta.

Intrigado, Michael olhou através da janela. Embora não fosse capaz de ver os rostos das meninas, a forma como corriam pelo jardim demonstrava que estavam contentes. Sentiu certa inveja daquelas pequenas — eram livres e felizes. Carol e ele muitas vezes correram e brincaram próximo ao jardim. Perdeu as contas de quantas vezes levaram broncas de sua mãe por estragarem suas rosas. Sentia saudade dela. Dos seus conselhos e a forma positiva como encarava a vida.

“O que seu pai quisera dizer?”, perguntou-se mais uma vez.

Talvez que devesse dar uma chance a Rebecca e Olivia.

Que poderia encontrar a felicidade ao lado delas?

Afastou-se da janela e encarou o uísque em cima da mesa. Max esquecera ali há algum tempo. Havia meia garrafa e um copo pedindo sua atenção.

Serviu uma dose e observou o líquido âmbar girando no copo. Beber não resolveria seus problemas, como não resolveu para o seu pai. Mas, confessou a si mesmo, por um momento ajudaria a esquecer. Tudo o que desejava era esquecer de como se sentia miserável.

Não por se casar com Rebecca contra a sua vontade e nem porque ela foi clara nas intenções de tornar a vida dele insuportável. Vivia um inferno porque o desejo que sentia por ela não dava sinais de que iria acabar. Seu plano de ficar longe de Rebecca e sua filha havia minguado quando a avistara no maldito vestido branco que o remetera ao passado.

Gemeu antes de levar o copo à boca, mas não chegou a dar um gole, pois a porta foi bruscamente aberta.

— Seguindo os passos do seu pai?

A pergunta foi feita de forma ferina, em um tom exato para irritá-lo. Ah, e isso ela sabia fazer muito bem. Mas nem isso, nem que por dentro acalentasse o desejo de envolver as mãos no pescoço delicado e esganá-la, foi suficiente para refrear as imagens sensuais em sua cabeça.

Ele jogando todas as coisas em cima da mesa no chão. Ele a comprimindo com seu corpo enquanto rasgava o vestido. Ele a possuindo.

Mas tinha que resistir a ela. Não podia se permitir se tornar escravo dos seus desejos.

Capítulo 10

Rebecca soube que havia agido certo ao escolher aquele vestido no momento em que Michael colocou seus olhos sobre ela. Vira o impacto e a surpresa em seu olhar, também viu o desejo, o mesmo brilho que ardia em seus olhos agora. E embora tivesse sido uma cretina em jogar o problema de Max para desestruturá-lo, não era fúria que via emanando dele.

— O que você quer, Rebecca? — levou o copo à boca, como que para provocá-la — Já fiz o que esperava de mim. Estamos casados, o placar está a seu favor.

Ele varreu com o olhar cada pedaço de seu corpo, de um jeito cínico e dissimulado. Rebecca sentiu o corpo traidor reagir de um jeito absurdamente imperdoável.

Lembrou dos motivos que a levaram até ele e invocou que seu lado racional fosse mais forte.

— Não é simplesmente assinar os malditos papéis e ir embora — replicou ela — Mal falou com os meus pais ou Brianna. Não tiramos as fotos e nem cortamos o bolo de casamento. Sequer tentou falar ou se aproximar de...

— Teatro é o que você quer? — ele avançou até ela — Fingir para todos como somos um lindo casal feliz?

Michael a puxou pelos ombros; os corpos tão intimamente unidos que seus corações pareciam se abraçar, tal como ele fazia com ela.

— Então faremos da forma correta.

O beijo iniciou furioso, quase como uma punição dele para com ela. E de repente, sem aviso, antes que tivesse tempo para se preparar, tornou-se doce e delicado.

Arrebatador era a palavra certa.

Um alarme soou na cabeça de Rebecca quando a mão saiu da curva da cintura e desceu em direção à sua nádega, puxando-a mais, ao ponto de ser impossível ignorar a excitação de Michael em reação ao beijo e carícias que trocavam.

Seu maior objetivo com aquele enlace era que ele ficasse perdido e completamente apaixonado por ela. E se desejo e paixão caminhavam juntos, naquele momento estava muito próxima ao seu objetivo.

Então, por que estava com medo? Por que de repente parecia estar sendo arremessada no olho do furacão?

— Pare!

Conseguiu se soltar, batendo as costas contra a parede. Os lábios formigavam, e podia dizer que o resto de seu corpo tinha a mesma reação.

— Não tem ninguém aqui! — proferiu, limpando os lábios, como se pudesse com isso apagar qualquer vestígio do beijo que trocaram — Não há ninguém para sua atuação perfeita.

— Atuação?! — Ele parecia tão atordoado quanto ela.

Foco, Rebecca!, repetia a si mesma.

Estivera ao ponto de se derreter nos braços de Michael e implorar que ele a tomasse ali mesmo, com a maldita mesa servindo de cama, de uma forma louca e desvairada.

— Volte para a festa! Tire as benditas fotos de casamento! E troque mais do que meia dúzia de palavras com meus pais. Seja mais cordial com Brianna...

— Sobre a menina... — interrompeu o discurso inflamado.

Ele queria dizer que tentaria ser mais afável com ela. O momento que a observara correr como uma pequena fadinha perto das rosas trouxe ternas lembranças do passado e de sua mãe.

Momentos em que Olivia cuidava de suas rosas enquanto o vigiava brincar, o olhar atento e carinhoso, e o chapéu de palha ao lado das flores colhidas.

— Eu lido sozinha com ela — disse em um tom amargo — Tenho feito isso a minha vida toda. Agora volte para a recepção. Paguei muito caro por você, então faço o seu papel. Seja útil em alguma coisa, Michael, nem que seja fingir. É muito bom com isso.

Rebecca saiu como alguém emergindo de um afogamento. O peito explodia em busca de ar. Apoiou-se no balaústre da escada e buscou forças onde não sabia existir.

Respirou fundo até encontrar a calma e tranquilidade. Seguiu para a recepção com Michael unindo-se a ela alguns minutos depois. Ambos cumpriram o papel que deveriam. Tiraram as fotos, cortaram o bolo e trocaram algumas palavras com o juiz, um pouco mais distraído na mesa farta e que era constantemente reabastecida.

Todos fingiam, pensou ela ao observar os grupos que se formavam em conversas paralelas. Michael e o Juiz de Paz, Nicholas e Max próximos à piscina, Brianna e Laura em uma das mesas enfeitadas.

As únicas pessoas que pareciam verdadeiramente felizes eram Olivia e Abigail, ambas imersas em suas brincadeiras infantis.

O primeiro a deixar o local foi Max. Ia em busca de si mesmo; encontrar dentro dele a paz e a força que sempre tivera. Os pais de Rebecca foram os próximos a deixar o lugar. Como dariam carona ao mestre de cerimônia, coube a Rebecca pedir um táxi para Brianna.

Despediu-se de Olivia com um aperto em seu peito, já que ela passaria o fim de semana com os avós.

— O táxi deve chegar a qualquer momento — disse à Brianna ao colocar o telefone de volta no lugar e juntar-se a ela no sofá na sala de visitas.

— É estranho estar de volta? — indagou Brianna, olhando em volta delas — Sem o restante da família? Durante todos esses anos, alguma vez imaginou que estaria de volta, dessa vez como dona de tudo?

— Tudo o que quis foi tentar esquecer esse lugar e o que um dia significou para mim.

Fixou seus olhos no que podia ver da escada. Tivera tantos momentos com Michael ali. Era esquisito que algumas pessoas tivessem músicas, livros, poemas que os ligavam como casal. Eles tinham aquela escada. Também havia o gazebo e seus momentos especiais, lembrou.

— Sinto falta da Olivia — e não era da sua filha que ela se referia, não naquele momento.

O jeito como Brianna correspondeu ao seu olhar confirmou que ela havia entendido.

— Então? Como será? — a tática era afastar pensamentos melancólicos — Vocês dois... aqui sem ninguém.

Rebecca corou. Parecia ter voltado à sua adolescência. Podia enganar os seus pais com uma atitude altiva e fria, mas Brianna a entendia, sabia mais do que ninguém os sentimentos que sufocava em seu peito. Tinham intimidade e confessavam, uma a outra, coisas que só duas irmãs fariam. Mas não hoje. Não tinha energias para encontrar argumentos que nunca a convenceriam de que estava certa.

— Segue o plano — disse simplesmente.

— Conquistá-lo e depois dar um belo pé na bunda.

— Brianna!

Rebecca olhou para trás, por cima dos ombros. Aparentemente só havia as duas na sala.

— Não se preocupe. Michael fugiu de novo na primeira oportunidade que viu — disse ela — Mas o que acontece se for você a conquistada?

— Isso não irá acontecer — foi rápida em negar o que visivelmente pareceria mentira — Eu, na verdade, tive que fazer uma pequena alteração nos planos. Há um fator muito importante que me levou a isso: minha filha. Preciso encontrar alguma forma de reaproximar os dois.

— Vocês se casaram — Brianna começou a enumerar com os dedos — Irão trabalhar juntos e morar na mesma casa. Por que simplesmente não faz o teste de paternidade e esfrega a verdade na cara dele? Fim. Resolvido. Pai e filha se reencontram e todos somos felizes.

— Não quero obrigar o Michael a aceitar a filha — replicou ela — Já disse que quero que ele a ame.

— Está mesmo falando sobre ela?

Por que Brianna tinha que ser aborrecidamente tão sábia o tempo todo?

Sobre o teste, já tinha pensado sobre e sabia como faria, mas seria um trunfo que usaria na hora certa.

— Sabe? No passado... — Brianna continuou gesticulando as mãos em frente ao corpo — eu compreendia toda essa agressividade. Muitas coisas... não; muitas pessoas contra você. Era apenas uma garota perdida na escuridão se defendendo como podia. Mas não entendo por que dificulta as coisas agora.

Porque estava confusa, recusou admitir. Porque obviamente tinha medo.

Rever Michael e estar com ele era muito diferente do que idealizara ao arquitetar sua vingança. Fora fácil contra Roger e Stacy, só sentia desprezo por eles.

— Até agora tem dado tudo certo — disse em uma voz vacilante.

Ah, quem ela queria convencer?

— Eu desisto — Brianna recolheu sua bolsa, decidida a entregar os pontos — Sabe onde me encontrar caso precise ou volte a ser alguém pensante. Preciso ir, meu táxi já deve estar lá fora.

Rebecca queria abraçá-la e implorar para que ficasse. Brianna era a serenidade que faltava nela. Mas sabia que aquela jornada era só dela. Assim como Max precisava encontrar seu caminho sozinho.

Ficar navegando entre a Rebecca que um dia fora, a Rebecca que atualmente era e a nova Rebecca querendo ganhar vida estava enlouquecendo-a. Não agia com racionalidade, eram seus sentimentos a governá-la. E eles pareciam borbulhar como água fervendo em um caldeirão.

— Vejo você na segunda? — perguntou à Brianna quando chegaram à porta.

— Trago Olivia e a babá e vamos juntas para a sede da Hunter. Temos um belo trabalho pela frente. Quem sabe isso mantenha sua mente ocupada.

Mostrou a língua a ela enquanto descia os degraus. Era infantil, sabia. Mas Brianna sabia como provocar quando queria.

Sentiria falta dela. De conversarem à noite e trocarem as experiências do dia.

Sabia que deveria se acostumar. Mesmo que o casamento com Michael não durasse os seis meses que teria para recuperar a empresa e fazê-lo se deparar com a verdade, um dia Brianna se casaria.

Um dia ela se apaixonaria e algum homem incrivelmente sortudo a corresponderia. Porque era uma mulher incrível e merecia ser feliz.

A noite caía quando Brianna entrou no carro, dando até logo.

Repetiu a pergunta que sua amiga fizera ao trancar a porta.

O que fariam agora, praticamente sozinhos naquela casa?

Deixando a divagação de lado, decidiu fazer um tour pela mansão, começando pela cozinha.

Embora não tivesse dado muita importância durante o dia, notara que a Sra. Dickson fora mais do que fria com ela. Só Michael conseguira ser usualmente indiferente.

Encontrou-a à mesa, concentrada no que considerou ser uma lista de compras.

— Não a vi muito no casamento — puxou assunto, ocupando a cadeira do outro lado da mesa.

Na verdade, excluindo o momento em que chegou na mansão e o momento que ela fora avisar sobre a ligação de Caroline, a avistara uma ou duas vezes apenas.

— Tinha coisas mais importantes para fazer.

A velha Rebecca teria encolhido em um canto, como se tivesse levado uma bofetada. Mas era outra pessoa, alguém muito mais forte agora.

Pegou uma maçã na cesta de frutas e a girou entre as mãos. Não tinha comido mais nada desde o café da manhã e apenas fingira beliscar o bolo. Apesar disso, não tinha fome. Tensão demais, coisas demais acontecendo, frustração demais, tudo isso inibiu seu apetite.

— Não parece feliz em me ver, Bethany.

A senhora, agora com muito mais rugas do que ela se lembrava, a encarou duramente. Ela sempre fora uma mulher de postura rija, mas também era acolhedora quando as pessoas conquistavam sua confiança. Pelo que Rebecca via, perdera a dela há algum tempo.

Algo no olhar da governanta a fazia se recordar dos seus primeiros dias trabalhando com ela.

— Eu me pergunto por quanto tempo irá ficar dessa vez — ela resmungou como uma velha rabugenta, antes de voltar sua concentração ao papel sobre a mesa — Antes de dar as costas a todo mundo sem se importar com nada.

— Não fui embora, fui expulsa!

Bethany voltou a erguer o olhar para ela. Rebecca facilmente a visualizaria erguendo os óculos sobre o nariz com a ponta dos dedos se ela usasse um.

— Pelo Michael? — contestou ela — Um menino perdido que mal via as merdas que fazia. Teria ficado, se realmente quisesse.

— Eu também era uma menina.

Rebecca compreendia que os sentimentos que ela tinha em relação ao menino que vira crescer a levasse para o lado dele, mas não aceitaria ser injustiçada.

— Carol era uma menina também. Max ficou mais perdido do que nós imaginávamos. E

onde você estava enquanto aquela diaba ruiva atormentava a vida de todos?

— Tentando sobreviver? Tentando encontrar forças dentro de mim para suportar a dor que parecia me destruir? Afinal, eu não estava sozinha.

Intimidada pelo ataque de Rebecca ou porque sentia a sinceridade por trás de suas palavras, Bethany suavizou a expressão ranzinza.

— Eu vi a menina — levou a mão ao peito, como se lembrasse de algo que lhe trazia lembranças doces e amargas ao mesmo tempo.

— Olivia — disse Rebecca — Olivia é o nome dela.

— Olivia ficaria orgulhosa — murmurou ela — Michael já sabe? Por isso esse casamento?

Rebecca devolveu a fruta, já que definitivamente não tinha intenção de comê-la.

— Michael não quer saber.

— Tão cego que não quer ver um centímetro diante dos seus olhos — murmurou, voltando à lista de compras — Mas ele irá descobrir, mas rápido do que imagina. É só olhar para ela. Tão parecidas...

Bethany continuou a balbuciar mais com ela mesma. Rebecca aproveitou para considerar a conversa acabada.

Havia sido difícil, mas algo dizia que tinha conquistado alguns pontos com a senhora. Ao invés de se sentir irritada por ter sido posta contra a parede, sentia-se aliviada. Gostava dela como uma avó que não tivera. Era como se fosse a neta rebelde voltando para casa.

Capítulo 11

A lua começava a despontar no céu quando Michael decidiu abandonar o local em que havia se refugiado.

Há quanto tempo ficara ali?, se perguntava. Três ou quatro horas no máximo, mas parecia ter sido uma eternidade.

O fato de ter Rebecca como uma presença constante daquele momento em diante fora o que o levava até lá. Imerso em recordações que pareciam cada vez mais vívidas, e não mais aquela mancha nebulosa em sua cabeça a qual tentara de todas as formas esquecer.

O passado começara a passar como um filme antigo em sua cabeça. Peças que nunca fizeram sentido e nunca pareceram se encaixar começavam a se movimentar; ter mais tonalidades e imensos pontos de interrogação sem resposta.

A Rebecca ingênua e amorosa com ele e sua família, contrastando com a versão dissimulada que o enganava e traía da forma mais vil que ele pudera aguentar.

Esfregou os olhos cansados. Pensava e repensava sobre isso, não apenas hoje, constantemente rodeava em busca de alguma resposta.

Olhou em volta do quarto que um dia fora dos seus pais. Estava limpo e arrumado, bem diferente da primeira vez que encontrara Max ali. Também parecia frio e vazio. Faltavam os risos e vivacidade de sua mãe. Mesmo doente, ela fora alguém cheia de calor.

Quando aquela fisgada em seu peito iria passar? Aprendera a viver com ela, mas não aprendera como evitar a dor que lhe causava. Entendia mais do que nunca o que levava Max a sucumbir à dor e refugiar-se na bebida.

Eram lembranças demais, saudades demais para caber no peito.

— O que eu mais preciso agora é de um banho — murmurou no quarto silencioso — Cama e, quem sabe, alguns minutos de paz.

Foi em direção ao próprio quarto. Permitiu-se a um longo banho debaixo do chuveiro quente. Tudo parecia mais calmo sob o jato d'água.

Desligou o chuveiro e vestiu o roupão que havia esquecido ali mais cedo. Enquanto retornava ao quarto, estranhou que Rebecca ainda não tivesse procurado por ele, com a clara intenção de o atormentar. Afinal, foi esse o objetivo dela com esse casamento.

Ah, Brianna ficara com ela, recordou-se ele. Provavelmente as duas estavam tramando qual a melhor maneira de enlouquecê-lo. Embora isso não combinasse muito bem com Brianna ou do que acreditava saber sobre ela.

Não trocaram mais do que meia dúzia de palavras, como Rebecca havia imposto. Via a garota desconcertada ao lado dele.

“Estou feliz em rever você, Michael.”

“Igualmente, Brianna.”

“Desejo que sejam felizes e que ambos encontrem o que estão buscando.”

Não se recordava se tinha respondido ao cumprimento ou a qualquer outra coisa que ela falou. Tinha desenvolvido a capacidade de deixar o mundo ao redor e alguns sentimentos de fora quando queria. Agia como um robô. Fora assim que conseguira mergulhar nos estudos e compactar a dor causada pela perda da mãe e de seu primeiro e grande amor.

— Que merda é essa?

Foi abrindo todas as portas e gavetas em seu guarda-roupas.

Vazio.

Estava completamente vazio.

Saiu do quarto, sentido os músculos em seu ombro tensionando conforme avançava no corredor. Passou pelo quarto de Carol, mesmo sabendo que não a encontraria ali, muito menos onde fora seu refúgio nas últimas horas. Seguiu para a outra ala da casa. Havia mais duas suítes ali e alguns quartos menores. Entrou na primeira suíte. O leve ruído do chuveiro vindo do banheiro e a camisola vermelha esticada sobre a cama confirmaram que estava no lugar correto.

Ignorou a peça vermelha e delicada sobre a cama, chamando-o como um farol, e seguiu em direção ao closet.

As primeiras portas que escancarou continham peças e mais peças femininas — vestidos, saias, blusas e ternos. Evitou as gavetas onde certamente estariam as lingerie.

Abriu as outras portas e encontrou suas roupas e outras novas. Em sua maioria, ternos de alta costura.

— O que é isso? — perguntou quando sentiu a presença dela às suas costas.

Girou o corpo e encontrou Rebecca com uma calma irritante.

— Roupas — disse ela, sentando na cadeira em frente a penteadeira.

— Minhas roupas?

Ela manuseou alguns potes de creme antes de escolher um e se dignar a responder:

— A não ser que eu tenha adquirido o hábito de usar roupas masculinas, o que não é o caso, ou tenha um amante escondido debaixo da cama, devem ser suas.

Michael ignorou a tentativa ridícula de ser engraçada sobre um homem escondido debaixo da cama. Ela não seria maluca, mataria o infeliz antes que ele pudesse imaginar fugir pela janela.

— O que minhas coisas estão fazendo aqui?

Ele observou, através do reflexo do espelho, quando ela desfez o laço do robe e começou a passar o creme pelo corpo. Seus olhos automaticamente caíram no vale entre os seios e nos montes redondos que apareciam mais cada vez que ela se movimentava.

— Somos casados, Michael — murmurou ela, olhando-o também através do reflexo — Casais dividem o guarda-roupas, o quarto e a cama.

— Não em nosso caso — conseguiu dizer.

Tinha que concentrar suas energias na raiva, pensou ele.

Não importava o quanto seu corpo pegasse fogo ao vê-la se erguer, apoiando o pé sobre a cadeira, revelando e massageando as coxas torneadas com o creme adocicado que parecia invadir o quarto com seu aroma. Era tão suave e feminino como ela.

Não importava que comprimisse as mãos contra o corpo até que os nós dos dedos ficassem brancos, na tentativa de refrear o desejo incontrolável que sentia. Nada daquilo importava. Tinha que manter o foco em sua irritação em relação a ela, não no que o corpo dela lhe despertava.

— Principalmente em nosso caso — ela apoiou o pé no chão e virou-se para ele — Olivia cresceu tendo meus pais como uma figura de casal unido e feliz. Seria estranho e confuso para ela que conosco fosse diferente.

Agora ele tinha uma visão limpa e clara dos seios mal cobertos, do ventre plano insinuando a curva da cintura e da lingerie minúscula que deveria ter sido confeccionada por algum discípulo do Diabo.

Era um triângulo rendado na mesma tonalidade da camisola, sustentado por dois laços de seda.

Esqueceu o que tinha ido fazer ali e o que tinha para falar. Sua cabeça era um completo vazio conforme ela se aproximava. Estava provocando-o. Nenhuma mulher poderia caminhar de forma tão sensual e ao mesmo tempo parecer tão natural, se não tivesse a intenção de foder com a cabeça de um homem. Desafortunadamente, aquele homem era ele.

— Pode ficar com aquele lado da cama — disse ao se inclinar para pegar a camisola — É grande o suficiente para encaixar nós dois.

Michael só conseguiu absorver duas palavras: “grande e encaixar.” Ele se encaixando perfeitamente dentro dela.

Droga!

Ainda se recordava de como era.

Ele a viu ficar de costas para ele em frente à janela, a luz prateada que irradiava pelas cortinas entreabertas caía fascinantemente sobre a pele dela. Os cabelos pareciam mais negros e a pele mais clara.

Caminhou alguns passos em direção a ela, mas estacou na metade do caminho quando admirou as costas quase nuas, se não fosse a cascata de cabelos caindo sobre ela.

— Não acho que será um problema para nós dois — disse ela, com uma leve rouquidão em sua voz.

Tudo em Rebecca o atraía para ele, pensou ao observá-la erguer os braços e a camisola deslizar por seu corpo na mesma dança sensual que fizera com o robe.

Michael não sabia dizer o que o provocava mais; o pouco que vira do corpo nu ou o sorriso diabólico que ela lhe deu ao se virar.

Estava vestida, mas não poderia ficar mais sexy ou deixá-lo menos perturbado.

Maldita!

Jurou fazer da sua vida um inferno na terra, e estava muito próxima do objetivo que idealizara.

Mas ele não era o juvenzinho de dezenove anos, cujo corpo era incapaz de controlar.

Diminuiu o espaço entre eles, cobriu o pescoço dela com suas mãos e a puxou mais para si. Garantiu que ela sentisse a sua excitação, admitia com isso que a desejava.

Que homem não desejaria?

Ele passou o polegar pela veia pulsante em seu pescoço. Foi um erro. E quando os olhos nublados de paixão se fecharam para ele, o rosto se contorcendo em uma necessidade tão urgente quanto a dele, mandou tudo para os ares.

Tomou sua boca e enfiou sua língua nela com a mesma vontade que queria jogá-la sobre a cama e afundar dentro dela.

A forma apaixonada que Rebecca correspondia, retorcendo e gemendo em sua boca, enlouquecia-o ainda mais.

Perdia o seu chão.

Sentiu a mão começar a infiltrar por dentro de seu robe e os dedos macios explorar o peito dele. Emitiu um gemido rouco ao esfregar ainda mais seu corpo ao de Rebecca.

Teria encaixado as pernas dela em sua cintura para carregá-la até a cama, se os dedos enroscando na corrente que trazia no peito não o tivesse deixado em pânico.

Ao invés de um olhar apaixonado, Michael deu a ela um olhar confuso e amedrontado.

Não era um simples corrente que escondia, pendia dela o anel de compromisso que trocaram há seis anos. O anel que um dia representara todos os sonhos que tinha feito para eles dois.

— Hoje não — afastou a mão e o corpo dela de si — Hoje não irei dormir aqui. Não há plateia, como disse. Ninguém para ver nosso show.

E embora as palavras rudes de Michael tivessem causado desapontamento e raiva sobre Rebecca, foi o orgulho a manteve paralisada.

Mesmo sentindo-se como se um balde de água fria tivesse sido jogado sobre sua cabeça, o desejo de Michael era intenso o suficiente para continuar pulsando dentro dele. Como um masoquista, admirou o corpo sensual envolvido pela camisola sexy.

Linda.

Foi seu último pensamento antes de escapar dali.

O caminho de volta parecia uma maratona longe demais para vencer. Fechou a porta com as costas e apoiou-se contra ela.

Recusou-se a trancar como uma virgem em perigo, era ridículo como agia. Ou talvez fosse a esperança que ela entrasse no quarto em busca de respostas; que viesse exigir saber por que guardara o anel por tanto tempo.

Se ela viesse não haveria volta ou tempo para explicações, terminaria o que começaram no quarto.

A faria dele.

Aguardou o que parecia serem horas intermináveis, eufórico e irritado consigo mesmo. Desistiu quando teve a certeza de que ela não irromperia por aquela porta. Teria que aplacar as chamas dentro dele de outra maneira.

Já admitira, com a reação de seu corpo ao dela, o quanto a queria e ansiava por ela. Mas não se humilharia mais, rastejando como um amante apaixonado e servil.

Tirou a corrente, envolveu-a com o cinto do robe e a guardou no fundo da última gaveta vazia. Rebecca não poderia vê-la. Não tinha explicação do porquê guardara aquilo por tanto tempo. Apenas fizera, parecia o correto na época.

Fechou a gaveta. No dia seguinte, encontraria um lugar mais seguro para guardá-la. Agora precisava de outro banho frio e uma boa noite de sono. E, se pudesse ser otimista, sem sonhos de um corpo que desejava possuir.

Capítulo 12

A primeira coisa que Rebecca sentiu falta, ao acordar, foi de se deparar com o azul cor do céu dos olhos de Olivia olhando para ela. O que geralmente acontecia nos fins de semana, a menina sempre era a primeira a acordar e se enveredar para o quarto da mãe.

Sentiu saudade da irritação matinal de Brianna à mesa do café da manhã, da voz calma de sua mãe planejando o que fariam no fim de semana, do seu pai alheio a todas elas enquanto lia o jornal.

Sentiu até mesmo saudade das visitas que passaram a ser frequentes de Alex e Abigail. E dos constantes atrasos de Ryan, com sua voz rouca e olhar sonolento após uma noite de farra.

Diante da mesa farta e cadeiras vazias, nunca se sentiu tão solitária. Sequer poderia contar com a presença rabugenta da Sra. Dickson, que estava de folga.

— Deseja mais alguma coisa?

Encarou Marisa, que parou ao lado dela, solícita. Rebecca agradeceu pelo café da manhã. Tudo estava excelente, mas o pouco que tinha provado desceu como fel por sua garganta.

— Você já pode ir embora — anunciou Rebecca, erguendo-se e levando a louça até a cozinha.

Despejou o restante do suco de laranja em seu copo na pia e metade dos ovos mexidos em seu prato no cesto de lixo.

— Senhora, deixe que eu faça isso — disse Marisa, incomodada ao vê-la executar suas tarefas.

— Eu só preciso me livrar das migalhas e colocar a louça na máquina de lavar — Rebecca colocou os recipientes nos compartimentos e ligou a máquina — Consigo me livrar das sobras.

Não se referia apenas sobre pratos e copos. Pela forma que Marisa a encarou, indicava que compreendia.

— Vou deixar o almoço pronto antes de sair. Deseja algo especial?

Rebecca pensou na mesa vazia. Poderia obrigar um Michael emburrado e calado a fazer companhia a ela, mas não desejava brigar.

Estava um dia lindo lá fora. O sol brilhava no céu, irradiando vida. Era disso que precisava, um pouco de calor.

— Não é necessário, Marisa — lançou um sorriso sincero a ela e programou mentalmente como seria seu dia — Ficarei na piscina tentando pegar uma cor, e se sentir fome beliscarei

qualquer coisa mais tarde. Pode ir e tenha um excelente fim de semana.

— Mas e o Sr. Hunter?

Por costume, Rebecca pensou em Max, mas a lógica da situação a fez perceber que se referia a Michael, que deveria estar enfurnado em algum lugar da casa, bem longe dela.

— Viu Michael hoje?

— Não tomou café — iniciou ela — Foi direto para o escritório um pouco antes de a senhora...

— Você ou Rebecca.

— Um pouco antes de você descer — continuou Marisa, as bochechas vermelhas pela quebra de protocolo — Acho que foi em direção à academia, depois que saiu do escritório.

Rebecca levou a mão ao pescoço. Adquiriu o hábito de fazer isso sempre que ficava nervosa ou ansiosa.

Flash da primeira vez que estivera na sala de ginástica vieram à sua cabeça. Michael se exercitando. Michael suado. Michael com olhar predador em direção a ela através da parede de espelho.

— O Sr. Hunter também sabe se virar muito bem. Pode ir em paz, Marisa.

— Obrigada — Marisa correspondeu ao sorriso amigável e retirou o avental — Estou feliz que tenha voltado.

— Também estou feliz de ter voltado.

Era estranho, mas estava sendo totalmente honesta. Estava realmente feliz em voltar a Uptown, principalmente àquela casa.

Assim que a cozinheira saiu, Rebecca correu de volta para o seu quarto. Tinha planejado pegar um bom livro, sentar em frente a piscina enquanto a tarde caía e as horas passavam. Comería alguma coisa mais tarde, como dissera a Marisa. No cair da noite, tomaria um relaxante banho de banheira na companhia de uma seleção das melhores músicas em sua *playlist* e uma garrafa de vinho ao seu lado.

Talvez assistisse à *Noviça Rebelde* ou qualquer outro clássico antigo que gostava, até cair no sono. Mas os planos haviam mudado, como sempre acontecia com tudo relacionado a ela e Michael.

Vasculhou todas as gavetas do closet até encontrar o que desejava. Sorriu ao lembrar do dia que comprara aquela peça.

“Por que eu precisaria de um conjunto sexy de academia, Brianna?” perguntara a ela, quando viu a amiga balançando o conjunto diante dos olhos dela. “Nós nem vamos à academia.”

“Isso é algo que pretendo mudar”, disse ela, entregando dois conjuntos à vendedora. “E se

vamos começar, tem que ser com estilo e arrasando alguns corações.”

Frequentaram a academia próximo à casa delas em Londres. Na verdade, Brianna frequentava. Rebecca não passou de algumas aulas e tentativas nos equipamentos. Abandonou a rotina enfadonha em volta dos equipamentos por corridas matinais. Não apenas porque gostava de sentir o vento batendo no rosto quando corria, mas porque assim também evitava os homens em volta dela, os quais não estava interessada.

Por que guardara o conjunto de top e short minúsculo por quase dois anos, não sabia explicar, mas agradecia a Brianna por tê-la convencido a comprar.

Trocou de roupa rapidamente, colocou o tênis de corrida, prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e substituiu o batom por um gloss que deixou seus lábios mais atraentes.

— Ah! Que droga!

Quando estava na metade do corredor, lembrou que esqueceu algo no quarto e seguiu outra vez para o que seria sua primeira maratona de exercícios na academia.

Encontrou Michael no Kettler exercitando as costas e peitoral. O aparelho estava voltado para a entrada, e levou apenas alguns segundos para que ele a notasse parada entre a porta.

Choque ou surpresa, talvez os dois, passaram pelo rosto dele ao ver Rebecca entrar.

Ela depositou a garrafa de água, que havia pegado ao passar pela cozinha, em um dos aparelhos ao lado dela e iniciou o aquecimento, exagerando nos movimentos sensuais e premeditados. Não era preciso encarar o espelho para saber que Michael observava cada movimento dela; Rebecca sentia o olhar sobre ela.

Em uma bateria normal de exercícios, teria começado pela esteira para pegar ritmo e condicionamento, mas aquele não era um dia normal.

— Está um pouco quente, não acha? — indagou Rebecca, passando a garrafa suada entre seus seios.

Michael emitiu algo como um grunhido e foi em direção ao Pulley Tríceps. Pareciam gato e rato girando em torno dos equipamentos. E, naquele jogo, era fácil dizer quem era o roedor assustado.

Rebecca não sabia por quanto tempo a sorte estaria ao seu lado, mas faria uso dela enquanto podia. Foi em direção à flexora, Michael levantava peso de frente a ela.

Ela odiava os exercícios, mas deu o melhor de si. Facilitava que era uma corredora quando mudou para o aparelho de glúteo, exibindo as nádegas no short minúsculo para que Michael pudesse apreciar.

Mal iniciou os movimentos de pernas, quando ouviu um baque surdo e o barulho das portas batendo. Sorrindo, Rebecca deitou no aparelho almofadado, concluindo que a primeira etapa do

que havia planejado no dia havia tido sucesso. Irritara Michael e marcara um dos seus refúgios e lugares sagrados com sua presença.

Animada e incentivada pelo seu feito, decidiu dar seguimento aos exercícios que odiava.

Tomou uma chuveirada no banheiro que havia ali mesmo e vestiu o biquíni amarelo que havia trazido. Olhou-se no espelho antes de sair. A cor a fazia parecer ainda mais pálida, mas era a peça mais sexy que tinha no closet. De repente, sentia-se feliz e com fome, muita fome.

Deixou a saída de praia em uma das espreguiçadeiras em volta da piscina e foi em direção à cozinha. Optou por uma salada de frutas, já que era mais rápido e prático de se fazer.

Passou em seu quarto para pegar o livro na cabeceira, seu celular e óculos de sol. Mais uma vez o destino, a sorte ou providência divina, estavam ao lado dela quando cruzou com ele na escada. Sua escada. A escada deles.

— Onde estão as chaves do carro, Rebecca? — Michael havia trocado a roupa de ginástica por calça jeans e camiseta. Os cabelos molhados e meio bagunçados indicavam que tinha acabado de sair do banho.

Rebecca queria passar as mãos nos fios e bagunçá-los ainda mais. Naquele momento, desejou que fossem um casal de verdade. A raiva na expressão dele dizia que não, no entanto, os olhos em chamas varrendo o corpo dela diziam que eram mais normais que muitos casais pelo mundo. Eles tinham o que muitos casais invejariam; tinham paixão sob aquela grande camada de orgulho.

— Que carro? — conseguiu dizer.

— As chaves do meu carro.

Michael se afastou quando ela se aproximou. Era como se fosse um ímã, mas com efeito contrário.

Por que não tinha trazido sua salada de frutas?, pensou ela. Colocaria uma pequena porção na boca, lamperia a colher lenta e sedutoramente enquanto o olhava dentro dos olhos dele.

— Ah, você diz a chaves do *meu* carro — murmurou ela, descendo dois lances de escada, ficando de costas para ele — Nada mais aqui é seu agora. Embora não pareça, essa é a nossa lua de mel, você não irá a lugar algum. Não sem eu permitir.

Sorrindo e certa de que o olhar dele estava sobre ela, Rebecca prosseguiu desfilando como uma modelo em uma passarela. Podia sentir os fogos de artifícios explodindo acima de sua cabeça. Sabia ser má e, sinceramente, estava amando essa versão sexy e provocadora.

Capítulo 13

Michael freou a vontade de chutar a porta segundos antes de atingi-la. No entanto, a parede de seu quarto não teve a mesma sorte quando ele entrou e lançou seu punho sobre ela. Era a terceira marca que deixava ali.

Andou pelo quarto como fera enjaulada. Não havia passado mais de vinte quatro horas que estava preso àquele casamento e já queria pôr fim a ele.

Acreditou que seria fácil. Disse incontáveis vezes que precisaria de tempo e se manter firme na meta de ser frio e distante em relação a Rebecca. Mas ela não era uma mulher comum. Não era alguém que poderia facilmente ser ignorada. Ou ele simplesmente era incapaz disso.

Vestida, seminua, nua, não importava. Tudo o que queria sempre que estavam próximos era arrastá-la para sua cama e nunca mais sair de lá.

Deveria estar furioso por mantê-lo prisioneiro em casa e acorrentado a ela. Não realmente preso, poderia pedir um táxi ou sair andando se quisesse mesmo sair. O impasse é que não queria. Não havia lugar para onde pudesse ir.

Desejara apenas sair dirigindo sem rumo para reordenar sua mente. Assisti-la nos trajes minúsculos e sexy de ginástica havia engatilhado uma bomba-relógio dentro da cabeça dele. Aguentara a tortura até o limite em que ignoraria toda a promessa que havia feito a si mesmo e ter feito amor com ela em um dos aparelhos da sala.

Lidou corajosamente com aquilo, até procurar as chaves do seu carro e não encontrá-las. Deparar-se com Rebecca em trajes ainda mais reveladores o fizera ir ao inferno e voltar. Estava ficando louco, e certamente era isso o que ela desejava, concluiu ele.

Era isso; Rebecca queria tê-lo maluco, como um viciado fissurado por mais uma dose. Servil. Rendido. Escravo dos desejos dela.

Deveria estar rindo naquele momento, pensou ele. Realizada ao ver como era fraco e idiota.

Michael caminhou até a janela, afastou as cortinas e a observou rente à piscina límpida. Observou quando se inclinou para colocar os objetos que carregava na mesinha ao lado de uma das espreguiçadeiras. Quando ajustou a cadeira e sentou, começou a passar protetor solar em cada parte do corpo que ele desejava tocar.

Ele notou que havia cerrado as mãos ao lado do corpo. Queria se afastar da janela e provar que nada daquilo importava. Mas a única pessoa que enganaria era a si mesmo. Era a única pessoa para qual mentia.

Desejava justificar que o desejo que sentia era pura abstinência sexual. Mas se afirmasse que qualquer outra mulher satisfaria os desejos de seu corpo, outra vez estaria se enganando.

Desde que reencontrara Rebecca, nenhuma outra mulher o importava; nenhuma outra despertava nele tantas emoções diferentes. Não, realmente não era falta de sexo que o fazia agir assim.

Ficara um longo tempo sem sexo quando voltara para a faculdade e ficara noivo de Stacy. Quebrara o jejum ao ficar bêbado em uma festa na república, após as investidas de uma colega de quarto. Foi a primeira vez que traíra Stacy e o que dera início ao que ela dissera ser um relacionamento aberto entre eles, ao invés do fim do compromisso como tinha esperado.

Não conseguia se ver na mesma situação com Rebecca, embora tivesse sido ele a sugerir que sim.

— Mas que merda! — ele segurou-se no parapeito da janela, incapaz de acreditar na cena que acontecia diante de seus olhos — Merda! Merda! Merda!

Olhou abismado quando Rebecca tirou a parte de cima do biquíni, colocou os óculos de sol e deitou na espreguiçadeira.

Parecia olhá-lo através das lentes escuras. Os dois montes empinados que formavam os seios dela pareciam gritar um convite, como se emitissem uma canção hipnótica.

Talvez ele estivesse errado, concluiu. A melhor forma não era mantê-la longe, mas sim satisfazer o desejo quase que irrefreável dentro dele. Precisava aplacar sua sede e não correr desvairadamente pelo deserto quente. Tomar essa decisão foi mais fácil do que imaginara, e foi com um sorriso convencido no rosto que deixou o quarto.

Parou ao lado de Rebecca, seu corpo fazendo sombra sobre o dela. A abrupta falta de calor a fez reagir.

— O que está fazendo? — indagou Michael, olhando em volta — Algum dos seguranças pode aparecer ou...

— Sabia que na Europa é supernormal fazer topless? — ergueu os óculos para olhá-lo melhor — Devíamos adotar essa prática.

— Não estamos na Europa, Rebecca! — rugiu ele — Não quero que outros homens a vejam assim.

Deu-se conta que falara em voz alta ao notar o olhar surpreendido. Não importava, era justo que ela soubesse disso, decidiu.

— O que aconteceu com “o que você faz não me importa”?

Michael agarrou os seus braços, erguendo-a diante dele.

— Mudei essa regra.

Ela cravou as unhas nos braços dele, seja para se apoiar ou o atingir. Tampouco ele se importava com isso.

— Não é você quem dita as regras, Michael.

A forma como sussurrou as palavras, principalmente seu nome, o fez ignorar a relevância daquela discussão.

Grudou seus lábios nos dela, como um sedento em busca de alívio. O que foi mais um da sua lista de erros. Os lábios dela eram o combustível incendiando seu corpo.

Beijaram-se como se tivessem passado uma eternidade e não apenas uma noite entre o último beijo e aquele. Enquanto Rebecca lutava contra sua camiseta, Michael explorava suas costas nuas. Afastou o suficiente para tomar um dos seios com a sua mão ansiosa pelo contato da pele macia. Observou fascinado quando ela cerrou os olhos, deleitada, e o rosto se contorcendo de prazer a cada carícia. Ele próprio estava em ebulição.

Michael tirou a camisa com pressa e voltou a beijá-la e unir os seus corpos. Dois corações batendo juntos. Pele contra pele. Calor contra calor. Estavam pegando fogo, ele concluiu.

Pegou-a em seu colo. Aprofundou mais o beijo até ouvi-la gemer. Deitou Rebecca sobre a esteira e cobriu o corpo delicado com o seu. Dos lábios passou para a curva de seu pescoço, descendo um pouco mais em uma trilha de beijos famintos que queriam consumir sua pele quente. Sentiu os dedos dela mergulhando em seus cabelos, fazendo pressão. Os gemidos dela o impulsionavam e atraíam cada vez mais.

Voltou a beijá-la nos lábios, como se precisasse embebedar-se daqueles sons que saíam deles. Seus próprios ruídos se misturando aos dela. Ele podia ouvir a música.

— Michael... — murmurou ela em seu pescoço — Michael, o telefone!

Ele deu-se conta de que a música tocando vinha do celular vibrando em cima da mesa, e não do momento intenso que compartilhavam.

— Deixa tocar — voltou a se inclinar para ela.

Rebecca cobriu os seios com o braço, protegendo-se de seu olhar.

— Pode ser importante.

Assim como ele fizera na noite anterior em relação ao anel, Rebecca usava o telefonema como desculpa para se afastar. Via o medo e insegurança brilhando nos olhos dela. Ele queria de volta o olhar apaixonado para continuar.

Michael sentou, e ela atendeu a ligação.

— Sim, mamãe — murmurou ela, fugindo do seu olhar — Não, eu não me importo... Olivia, oi, meu amor...

Frustrado, Michael recolheu a camiseta do chão e foi em direção aos portões.

Capítulo 14

Assim que Nicholas levou em suas costas a sorridente e tagarela Olivia para uma imensa taça de sorvete na cozinha, Brianna arrastou Rebecca até seu quarto para terem uma conversa tranquila e longe de olhinhos curiosos.

— O que faz aqui em seu segundo dia de lua de mel? — ela sentou na cama e levou a mão à cabeça enquanto usava algumas mechas do próprio cabelo para prendê-los em um coque.

— Tecnicamente não é um casamento de verdade — Rebecca estirou-se ao lado dela na cama e fixou os olhos no teto branco, revisando as primeiras horas de casada — Logo não é uma lua de mel.

Brianna deitou ao lado dela e segurou sua mão, como fazia quando eram duas juvenzinhas no orfanato: — O que a fez chegar aqui como um coelhinho assustado em busca de abrigo?

— Olivia queria me ver.

— Olivia estava fazendo charme, sabe disso.

Rebecca suspirou. Brianna estava certa, fora até ali porque precisava se livrar das angústias em seu coração. Já não conseguia mais guardar os sentimentos em seu peito como se fosse um depósito, acreditava que já havia transbordado, tal qual um copo embaixo da torneira aberta.

Mas narrar tudo o que aconteceu entre ela e Michael não era mais fácil que vivenciar. Contudo, Rebecca precisava abrir sua alma e coração com alguém. E foi o que fez, sentindo-se mais leve no final.

— Então, por duas vezes nós dois... — respirou fundo antes de prosseguir.

— Quase fez sexo com seu marido — provocou Brianna — Um erro muito grave. Não se deve fazer sexo com o próprio marido em uma “suposta lua de mel.”

— Brianna!

Virou o rosto para encará-la e se deparou com seu olhar divertido.

— O assunto é sério — Rebecca sentou-se, cobrindo o rosto com as mãos — Se a minha mãe não tivesse ligado ontem, se Olivia não tivesse insistido para falar comigo, teríamos...

— Feito amor — outra vez, Brianna concluiu o que ela parecia incapaz de pronunciar em voz alta.

Rebecca tornou a encará-la, mas, naquele momento, Brianna exibia uma expressão compenetrada.

— Desde que se viram naquele hotel, há toda essa tensão sexual em volta de vocês dois, não negue — disse com dedo em riste — Mas isso era o que você queria, certo?

— Eu queria o Michael rastejando por mim, e não...

— Contava ficar caidinha por ele.

— Vai me deixar terminar minhas frases?

— Iria dizer algo diferente?

Rebecca gemeu, voltando a estirar-se sobre a cama.

— Não. Está tudo errado, Brianna — disse, enquanto gesticulava com as mãos, demonstrando assim o quanto estava nervosa — Se fosse o contrário, nesse momento, Michael estaria tomando um drinque com algum amigo enquanto se vangloria por conquistar uma tola sonhadora. Por que eu não posso ser a cafajeste?

— Talvez porque ser cafajeste esteja no DNA masculino. O problema não é ser, mas conseguir não ser — ela riu da própria teoria sem sentido — E o que fará agora?

— Ir para cama com Michael nos levará a uma direção a qual não teria controle.

— Ah, certo. E controle é tudo. Afinal, se apaixonar outra vez por ele é o oposto disso.

Não poderia se apaixonar por Michael porque, sendo honesta consigo mesma, Rebecca sabia que nunca o deixara de amar. Tinha sufocado o sentimento em seu peito, mas ele sempre esteve lá.

— Seja honesta — continuou Brianna — Acho que isso já aconteceu. Com os dois.

Rebecca avidamente teria tentado discordar, se Olivia não tivesse ressurgido e se aninhado entre elas, sujando-as de sorvete e chocolate.

Rebecca decidiu que a única maneira de sair inteira, ou quase, da armadilha que ela mesma se enfiara, era mantendo-se firme. Nada mais de joguinhos de sedução. Atingiria Michael de outra forma, e quando estivesse satisfeita por fazê-lo pagar por todo mal que lhe fizera, iria partir.

Então tinha que ficar longe dele. A casa era grande o suficiente para que não ficassem se esbarrando o tempo todo quando estivessem lá. Diria a ele que concordava em terem quartos isolados.

Era uma boa ideia, concluiu.

Usar Olivia como escudo quando voltaram para casa seria, no mínimo, considerado covardia, como dissera Brianna. Para Rebecca, uma saída estratégica. Não era errado recuar quando necessário, pensou ela.

Terminaram de arrumar as coisas da filha em seu novo quarto. Comeram pizza sentadas no tapete cheio de almofadas e dividiram a cama da menina, acabando por se renderem ao sono na metade do segundo filme infantil.

Era corriqueiro terminarem um dia de domingo com atividades como aquelas. O que diferia naquela noite era o homem parado na porta, olhando-as de longe.

Michael foi incapaz de deixar de observá-las a distância e de se sentir imune à imagem que tinha diante de si.

Só conseguia ver os cabelos claros da garota, que estava virada de costas para ele, mas tinha uma bela visão de Rebecca dormindo profunda e serenamente.

Um anjo agarrado ao outro, ele pensou quando caminhou para o aparelho ligado. O pensamento invadiu sua cabeça tão rápido como a surpresa que o tomou.

Desligou a TV e deixou o quarto à meia luz antes de sair.

Pensamentos como aquele eram perigosos, concluiu ao escorar-se contra a porta.

Seguiu para o quarto de Rebecca, o quarto que também seria dele agora. O banho frio que tomou deveria ter sido suficiente, para que as lembranças que o lugar trazia inibisse as reações involuntárias de seu corpo. Não foi e teve uma das noites mais conturbadas de sua vida.

Rebecca acordou assustada. Olhou para o relógio em seu pulso, que esquecera de tirar, e teria saltado da cama se Olivia não estivesse dormindo, agarrada a ela.

Olhou em volta, buscando se orientar. Enrugou a testa ao constatar a TV desligada. Não se recordava de ter feito isso, ou teria voltado para o próprio quarto. Talvez estivesse mais tensa e cansada do que tinha acreditado e resolvido ficar por ali.

Afastou as mãos de Olivia de seu pescoço e deslizou suavemente para fora da cama. Tinha uma hora para ficar pronta antes de receber a nova babá de sua filha e de seguir para o seu primeiro dia de trabalho na Hunter.

Correndo para o seu quarto, abriu a porta com pressa. Seguia rumo ao closet, quando um movimento na cama a fez estacar no lugar.

Deitado na cama, nu da cintura para cima, estava Michael. Ele lançou a ela um olhar confuso e sonolento.

— O que está fazendo aqui, Michael? — disse, tão alto que não seria uma surpresa para ela que todo o resto da casa tivesse ouvido.

— E não é esse o meu quarto agora? — ele sorriu preguiçosamente, enquanto se apoiava

contra a cabeceira — A menina já voltou.

— Ah, que merda!

Rebecca tinha esquecido completamente o acordo que fizera com ele, na verdade, exigira. Dividiriam a suíte por causa de Olivia. Bom, foi o que ela quisera que Michael acreditasse na época.

Incapaz de falar, sequer raciocinar direito, apenas observou-o se levantar, dando total visão a ela do peito musculoso desnudo.

— Conversamos sobre isso depois — conseguiu dizer — Temos... temos um longo dia pela frente.

Era seu sinal para que ele a deixasse sozinha para se arrumar.

— Então é melhor nos aprontarmos logo — disse ele, abaixando as calças do pijama — Viveu em Londres. A pontualidade britânica deve ter se tornado importante para você.

Rebecca pediu aos céus que o pequeno grito que emitira, ao vê-lo tirar a única peça de roupa que o protegia, tivesse ecoado apenas em sua cabeça desnorteada.

Pelo sorriso vitorioso de Michael ao lhe virar as costas, teve a certeza que não. Bancara a virgem assustada. O que era ridículo, já o vira nu antes. Caramba, tinham uma filha para comprovar isso. Então, por que ficara tão abalada?

— Você vem? — perguntou ele, afrontando-a com o melhor par de nádegas masculinas que ela já vira. Não que tivesse visto muitas.

Vira as de Ryan e Alex acidentalmente uma vez. Os dois eram como irmão para ela, não contava. Mas por que diabos ela estava pensando em traseiros masculinos àquela hora da manhã?, se perguntou.

— Não, obrigada!

Obviamente que ela não cederia ao desafio que ele lhe tinha lançado. Sabia muito bem como aquilo terminaria. Marchou em direção ao closet e selecionou raivosamente as roupas que iria usar. Encontraria outro banheiro onde pudesse tomar banho em paz e sem distrações.

Rebecca deu uma nova olhada na agenda antes de entregá-la à babá.

— Aqui estão todos os telefones que possa precisar — entregou a ela — Do escritório, do meu número particular, dos meus pais, de Brianna e do pediatra. Eu sempre devo ser a primeira a ser contatada, não importa o motivo.

— Sim, senhora.

— Na sexta, teremos visita na escola nova, mas encontrarei vocês por lá — informou Rebecca — Bill, o motorista, as levará aonde quiser, caso decidam sair.

— Mamãe, Ariel e eu podemos ir ao salão de beleza? — perguntou Olivia, segurando as mãos de sua mais nova amiga.

Embora inicialmente tenha achado a babá jovem demais para lidar com sua filha, a garota tinha certa experiência ao ajudar criar quatro irmãos, e por dois anos fora babá de um menino de três, cuja família fora embora para a Coreia. E, no fim de tudo, Olivia tinha o voto decisivo. As duas tinham se adorado. Claro que o fato da jovem ter o mesmo nome de sua personagem infantil favorita havia contribuído muito para isso. Era uma dessas coincidências inexplicáveis da vida.

— E por que deseja ir ao salão de beleza?

— Para Ariel pintar os cabelos dela — respondeu empolgada — Os cabelos dela são claros e têm que ficar vermelhos.

As duas sorriram diante do raciocínio da criança. Rebecca deixou ao cargo de Ariel a explicação do porquê não poderiam tingir seus cabelos. Da porta, observou as duas conversarem. Ficariam bem, concluiu. Era o que precisava saber e assim poder mergulhar no trabalho.

Na sala, de costas para ela, Michael já a esperava. Rebecca parou no topo da escada para responder à mensagem de Brianna e aproveitou o momento para observá-lo melhor.

Os cabelos claros, que logo precisariam ser aparados na nuca, se destacavam do terno escuro e alinhado. Ele parecia um verdadeiro homem de negócios; as mãos enfiadas no bolso e com uma postura de quem estava acostumado a dar ordens e ser obedecido.

Mas ela não conseguiu evitar imaginar como ele ficaria apenas de branco. Apostava que também pareceria sexy e atraente.

Nunca falaram de sua formação. As únicas informações que tinha vieram do dossiê feito pelo detetive Brosnan. Sabia que Michael tinha acabado de completar a residência obrigatória e que recebera algumas propostas. Se perguntava se ele ainda nutria a mesma paixão pela medicina de quando se conheceram.

Como se também sentisse a presença dela, Michael virou, flagrando-a o observando.

— Está pronta?

Rebecca controlou a vontade de alisar o vestido preto e lenço discreto vermelho que usava como adorno e verificar se o penteado que fizera continuava impecável.

Quando retornou ao quarto ele já tinha saído, mas sua presença ficara ali; no perfume impregnado no ar, na toalha úmida sobre a cadeira em frente à penteadeira, na loção e utensílios que ele usara para fazer a barba na pia, ao lado de sua caixa de maquiagem. Em todos os cantos havia a presença de Michael.

Não eram um casal convencional, repetiu ela ao se encarar no espelho. Não eram nem menos um casal. Unidos pela lei dos homens, mas separados por sentimentos que pareciam uma muralha erguendo-se diante deles a cada dia.

— Podemos ir — ela apoiou a pasta que levava consigo contra seu peito, feito uma colegial em seu primeiro dia de aula — Brianna já está lá fora — avisou.

Capítulo 15

Michael aguardou que ela passasse por ele antes de segui-la. Apreciando a distância e de um jeito que certamente a faria soltar fogo pelas ventas, se notasse o brilho apreciativo em seu olhar. Mas ele não podia evitar.

Os cabelos presos severamente o faziam desejar desfazer o penteado elegante e deixar que eles caíssem selvagens por suas costas. Gostava-os assim, soltos. Também havia o vestido que perfeitamente ajustava-se ao corpo dela e que evidenciava as curvas a cada passo que dava. E coroando seu breve momento de tortura, havia os saltos vermelhos. Podia visualizá-la sentada em sua cadeira de escritório, de pernas cruzadas, usando os malditos sapatos.

— Senhora... — o motorista uniformizado, que ainda não conhecia, rapidamente se posicionou para abrir a porta para Rebecca, exibindo um sorriso caloroso, que instantaneamente mudou para polido quando se deparou com o olhar de poucos amigos de Michael.

— Senhor.

No carro, a conversa entre Rebecca e Brianna lhe parecia como dois chineses discutindo. Eram números, projeções, índices da bolsa, planejamentos a curto e longo prazo que ele nada entendia.

Era fascinante vê-la em seu modo empresária. Havia paixão, energia, determinação e uma segurança irritante em cada ponto que Rebecca destacava.

— E de acordo com os últimos relatórios que Alex enviou semana passada...

O nome desencadeou milhares de alertas em Michael. O Alex que ela se referia só poderia ser Alexander Price, o homem que enganara o pai dele e ajudara Rebecca a acorrentá-lo nesse casamento. Havia um grau de intimidade entre eles destacado na forma como se tratava, concluiu ele. Quão íntimos eles seriam?

— Alex já chegou? — perguntou ela, devolvendo os documentos à pasta de onde os retirara.

— Chegou ontem à noite — respondeu Brianna — Ficou desapontado por você já ter ido embora.

Ido para onde?

Ele tinha acordado tarde no domingo, devido à péssima noite que tivera por causa dela. Passou boa parte da tarde em uma longa conversa com Carol e o restante dela enfiado nos livros da biblioteca.

Embora não tivesse evitado Rebecca propositalmente como nas vezes anteriores, só a vira

quando passara pelo quarto da menina.

— Conhecendo-o bem, acho que já deve estar lá preparando a reunião de apresentação com a diretoria — disse Brianna, no mesmo momento que o carro entrou no estacionamento do subsolo.

— Às dez horas — Rebecca olhou seu relógio antes de descer do carro — Temos exatamente duas horas para nos prepararmos e pegá-los de calças curtas.

Eles seguiram para o elevador. Em um gesto automático, Michael selecionou o último andar onde ficava a sala da presidência e antiga sala de Max, onde estivera muitas vezes.

Rebecca selecionou o terceiro e continuou a conversar com Brianna, ignorando ou fingindo ignorar sua presença, como fizera durante todo o percurso. Algumas vezes, Brianna lançava a ele um sorriso e um olhar de desculpas, que rapidamente era desfeito por um questionamento importante vindo de Rebecca.

Quando as portas se abriram no terceiro andar, Rebecca deu dois passos para o lado. Uma mulher, por volta dos trinta, aguardava no corredor. Usava um terninho cinza e era tão alta quanto magra.

— Loren irá mostrar sua sala e suas funções — informou Rebecca com um sorriso afável — Nos vemos às dez na reunião.

Era a sua deixa para que Michael saísse. Enquanto ele observava as portas voltarem a se fechar, concluiu que dia estava sendo fácil e estranho demais para ser verdade.

— Vamos?

Seguiu a mulher pelo corredor. Passaram por algumas salas trancadas, outras pareciam ilhotas com dezenas de mesas e pessoas em seus computadores e mesas.

Chegaram ao final, e Loren parou ao lado de uma porta onde a placa identificava o setor sendo de arquivo morto. Então a mulher estudou-o discretamente antes de abrir a porta. Michael olhou em volta, confuso e surpreso. Até que a compreensão caiu como um bloco de concreto em cima de sua cabeça.

— O quê? — perguntou à mulher de olhar constrangido — Aqui?

Certamente ela sabia quem ele era. E nitidamente entendera que Rebecca o jogou ali para nada mais do que humilhá-lo.

Não era o trabalho em si que o incomodava, mas as condições que trabalharia. Era uma sala desativada que passara a abrigar entulhos.

Havia, em torno de uma dúzia de estantes de ferro comprimidas, dezenas de caixas desorganizadas sobre as prateleiras e no chão. Abaixo de uma ridícula janela de trinta por quarenta, ficava a mesa com um telefone e duas caixas empilhadas.

— O telefone liga diretamente com a sala da Sra. Hunter...

Ele era o senhor Hunter, Michael queria dizer, não o estagiário da máquina de cópias, como Rebecca o fazia parecer.

— Na mesa há uma lista com as atividades dessa manhã. Às dez, suba para a reunião e não se atrase. Ouvi dizer que a Sra. Hunter não tolera.

Michael havia se preparado para dividir a sala com Rebecca; para aturar as possíveis crises de mau-humor. Ele tinha se preparado para lidar com a tensão pairando sobre eles sempre que estavam juntos. Mas não, definitivamente não tinha esperado ser despejado em uma sala minúscula e mal ventilada, atolada de caixas velhas e poeira.

— Me avise se precisar de alguma coisa — Loren sorriu e apressou-se em se retirar.

— Ótimo! — disse ele, desabando na única cadeira que havia ali, em frente à mesa, mas caiu estatelado a bunda no chão.

Rebecca começou a se mostrar uma verdadeira cretina. E, pelo visto, sua tentativa de tornar sua vida um inferno havia começado muito bem, pensou ele ao avaliar a folha em cima da mesa. A lista de arquivos que precisava encontrar em meio àquela bagunça o manteria ocupado por muito tempo.

Ele não iria procurá-la e vociferar sobre o que pensava sobre ela e sua tentativa em desprezá-lo. Não daria esse ponto a ela. Podia puxar a corda, mas seria ela que acabaria se enforcando.

Michael tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa. Não seria tão ruim, concluiu. As horas que passaria ali evitariam que pensasse na dona de sapatos vermelhos e em um pescoço que ele queria torcer, além de beijar.

Capítulo 16

Rebecca olhou para a porta fechada o que ela considerou ser a centésima vez.

— Ele não virá — disse Alex, sem erguer os olhos dos papéis que verificava — Não dará o braço a torcer. Burrice, mas admirável.

— Ele quem?

— O pobre homem enterrado no terceiro andar.

— Ele não é pobre — retrucou Rebecca, e diante das sobrancelhas erguidas, entregou os pontos — Tá, tudo bem. Tecnicamente é, mas não está enterrado lá dentro.

Alex tirou os óculos de leitura e a encarou fixamente.

— Sinceramente? — iniciou ele — Eu agradeço que entre a gente não tenha rolado nada. Você é uma bruxa.

— E você é irritante — não pôde deixar de sorrir — Como um daqueles irmãos chatos que nos puxam as tranças quando criança.

— Não costumo ser agressivo com o sexo feminino, não nesse sentido — ele sorriu — Bem, há exceções. Só tem uma pessoa que eu gostaria de deixar careca, como deve saber.

— E como ela está?

Stacy era um problema que Rebecca tinha que resolver. Não tinha como prolongar aquilo por muito tempo. Embora parte de si dissesse que a megera merecia um pouco mais do que bancar a criada, sua parte racional dizia que não podia continuar protelando a história.

— Deixando o russo ocupado.

— Desculpe. Acho que devo desculpas a ele também e um belo bônus.

— Tudo bem. Ela é um pouco mais suportável com toda essa distância entre nós. O que me preocupa é que um dia queira revidar quando isso terminar — disse ele em um tom preocupado — Pessoas que não têm mais o que perder não se preocupam com nada.

— Stacy tem provas contra mim como eu tinha contra ela no passado, ou seja, nada. Está presa no meio do nada, mas chegou lá com as próprias pernas. Mas tem razão, tenho que dar um jeito nela.

— Quanto tempo o seu pai deu?

— Seis meses. Agora temos cinco, na verdade. Fico aliviada que as coisas aqui não estejam tão ruins como imaginávamos.

— Realmente já pegamos piores — concordou Alex — Ok. Esse é mais ou menos o tempo

que preciso para a reforma no Palace e do galpão onde era a fábrica. Conseguir quitar dois terços do que ainda devo ao seu pai e...

— Alex, sobre isso...

— O resto quando a fábrica de lã estiver ativa novamente — Alex a interrompeu com um gesto de mão — Não há discussão. Enquanto isso, Stacy pode enlouquecer um pouquinho mais.

— Tem certeza?

— Como dizem? — ele estalou os dedos — O trabalho dignifica o homem. Difícil imaginar isso no caso dela, mas...

— Sabe que Stacy não é algo que me incomoda mais. Não como antes. Queria que desaparecesse, como o Roger.

— Teve notícias dele?

— Fugiu para a fronteira do país, escondido em algum lugar, mas Brosnan prometeu ficar de olho.

— E você se sente bem?

— Bem?

— Se vingou do Roger, deu o troco na Stacy e está dando uma bela lição em Michael ao se casar com ele, e, bom...

— Eu poderia dizer que estou realizada, mas, no fundo, me sinto vazia. Como quando você quer muito uma coisa, consegue e não sabe mais o que fazer com ela. Descobre que é inútil.

Ela tinha acreditado que ao se vingar de todos estaria livre, que nasceria dela uma outra Rebecca, mas, no fundo, continuava a mesma. Tinha apenas passado muito tempo convivendo com a pior versão dela.

— Vazia e com problemas maiores — sussurrou.

— Refere-se à Olivia.

— E ao que Michael e eu podemos causar a ela.

— Às vezes perdoar é mais difícil do que a vingança — disse ele.

Rebecca ponderou sobre o que Alex disse e o quanto suas palavras pareciam certas. Atacar Michael, humilhá-lo e feri-lo de alguma maneira, era menos doloroso do que admitir e se entregar aos seus sentimentos por ele. Sentimentos que pareciam governá-la e causavam medo.

— Estão prontos? — Brianna surgiu na porta com seu entusiasmo de sempre.

Rebecca teve que deixar suas reflexões para depois. Agora era o momento de enfrentar um grupo de diretores desmotivados, cétricos e resistentes às mudanças.

— Vamos acabar com eles — Alex piscou para Brianna, recolhendo suas coisas.

— É! Destruí-los — Brianna socou o ar, animada.

— Somos o melhor que poderiam ter — disse Rebecca, pegando suas pastas — Antes de piscarmos os olhos, estarão agradecidos beijando nossos pés.

— Bonitos sapatos, por falar nisso — elogiou Brianna ao segurar a porta para que passassem.

Capítulo 17

Michael riscou o último item da lista no exato momento em que o telefone tocou. Tomou cuidado para não esbarrar na pilha de papéis que havia separado no chão ao caminhar até a mesa.

— O que você ainda está fazendo aí? — a voz de Loren tinha um tom alarmado e impaciente — A reunião começou há vinte minutos.

— Estou subindo — desligou em seguida.

Poderia dizer que tivera grande dificuldade em se concentrar na tarefa que lhe fora atribuída, pois seus pensamentos se desviavam constantemente para Rebecca. Porém, além de isso ser constrangedor, lhe tomaria ainda mais do seu tempo — que não tinha — nessas explicações.

Reuniu as pilhas que havia formado e cruzado em cima de outra de uma forma que não se misturasse. Havia separado os documentos por meses e anos. Colocou-os em uma das caixas vazias, vestiu o terno e saiu.

Algumas das salas pelas quais passara estavam abertas e havia algumas pessoas trabalhando. As mulheres o encaravam com certa curiosidade, as mais corajosas não escondiam sua apreciação.

Michael ignorou todas elas e seguiu para o elevador. No último andar, encontrou Loren concentrada, digitando algo em seu computador.

— Tudo o que me pediu está aqui — disse ao colocar a caixa na mesa.

— Perfeito.

Ela ficou em pé e circulou a mesa até o outro lado. Tirou uma das pilhas de dentro da caixa e levou até o moedor de papel. Incrédulo, Michael observou as folhas se tornarem tiras que iam direto para uma lixeira embutida.

— O que você está fazendo?

Em um movimento automático, ele afastou os documentos dela antes que pudesse se aproximar.

— O que parece? — perguntou ela, levando as mãos à cintura — Dando um fim a isso. Arquivamos tudo em um arquivo digital — ela apontou para uma sala no final do corredor — Viva a modernidade.

— Está me dizendo que passei as últimas duas horas enfiado naquelas caixas para nada?

Ela ergueu e curvou os ombros como se sentisse culpa.

— Foi a senhora Hunter que exigiu — murmurou sem grande segurança em delata-la — Eu

não entendi, mas quem sou eu para contestar as ordens dela.

Michael achou explicação tão irritante como Rebecca deveria ter imaginado que acharia. Sua vontade era fazer a secretária engolir cada um dos documentos que tinha sobrado, mas a pessoa que deveria ser o alvo de sua raiva era outra.

— Onde ela está? — rangeu os dentes.

— Na sala de reuniões — Loren tornou a se sentar, provavelmente fugindo dos olhos furiosos dele — Olha, ela não está muito feliz com seu atraso de... — ela olhou para a tela do computador — ... meia hora. A senhora Hunter já interfonou duas vezes...

— Não se preocupe — interrompeu ele — Sei como lidar com minha esposa.

Rebecca poderia querer dificultar sua vida na empresa, mas ele também não tinha por que facilitar nada para ela.

— A sala fica...

— Eu sei onde fica, Loren — murmurou ele, dando-lhe as costas — Obrigado.

Atravessou os corredores até encontrar a porta de vidro com a logo azul da Hunter Farm estampado nela.

Entrou sem bater e teve um pouco mais de uma dúzia de rostos, alguns conhecidos, outros novos, voltados para ele. Só um realmente importava.

Na ponta da mesa oval, rodeada por seus súditos, estava ela. Exibindo um olhar duro em direção a ele enquanto girava uma caneta dourada entre os dedos, que apenas Michael parecia notar estar inquietos.

— Sr. Hunter, finalmente chegou — disse ela em uma voz mansa que destoava do olhar furioso — Não tínhamos mais nada a fazer além de aguardar que aparecesse.

Ignorando a provocação, ele seguiu para a cadeira vazia ao lado dela. Esganá-la sem testemunhas parecia mais inteligente do que ceder à vontade de se desfazer aquele olhar petulante.

— Desculpe — murmurou ele — Estive preso com alguns documentos sem importância.

Ele ouviu a tosse, meio que um sorriso mal contido, do homem ao lado de Rebecca.

Alexander Price, concluiu Michael.

Finalmente o conhecia e não gostava nada do que estava vendo. Era um homem que, sem dúvida alguma, deveria atrair a atenção feminina. Supostamente era um grande babaca convencido de si, decidiu ele.

— Senhores, vamos continuar — disse Rebecca.

A reunião seguiu com Rebecca e Price dividindo as atenções. Eram bons juntos, ele não podia negar.

Em algum momento, Brianna se pronunciou falando de estratégias de marketing e novas campanhas para renovar a imagem da empresa.

— Bem, alguns de nós acreditamos que seria melhor desativar a fábrica em Greenville — um dos diretores, o mais antigo e também mais influente entre eles, se pronunciou — Reduziria os custos, e podemos substituir a mão de obra por equipamentos modernos.

— Isso deixaria centenas de pessoas desempregadas! — Michael foi o primeiro a se manifestar — A vila precisa da fábrica ali.

— Sr. Hunter — Reed dirigiu sua atenção para ele — Quantas vezes esteve aqui? O que sabe realmente sobre essa empresa? Não se faz uma omelete sem quebrar alguns ovos.

— Sr. Reed, Johnson... — apesar de irritado, sua voz saiu firme — Há um mês, todos acreditavam na falência dessa empresa. Agora Rebecca e sua equipe está mostrando novas perspectivas. Podemos fazer essa omelete sem arruinar nenhuma família. Tem que ter alguma forma.

Os dois iniciariam uma nova discussão, porém Rebecca tomou as rédeas outra vez:

— Michael tem razão. Eu poderia colocar um daqueles robôs japoneses em seu lugar, Reed. Acha que seria a mesma coisa? — diante do olhar espantado e ofendido do senhor grisalho, ela demonstrou como ele fora injusto em considerar os funcionários da linha de produção descartáveis — Sua experiência e todos os anos de dedicação seriam esquecidos? Não nessa empresa, não comigo.

Ela acreditava em progresso e inovação. Apostava em modernidade e em tudo que facilitasse a vida e trabalho das outras pessoas, mas a tecnologia tinha que ser usada para o homem, e não para substituí-lo como peças velhas e danificadas.

— Pelo o que estudei, o Huteromax B1 também age como um inibidor de apetite — disse Alex, mudando a imagem na projeção — Poderíamos explorar essa opção. Haviam iniciado alguns testes, e pelo que averigui, estava indo muito bem.

— Não somos uma clínica de estética, Sr. Price — resmungou Reed.

— Alex tem razão. Teríamos um novo produto no mercado — afirmou Rebecca — Um ótimo produto, e manteria a linha de produção de Greenville ativa.

Rebecca nutria boas e amargas recordações sobre a vila. Naquele momento, apenas as boas recordações importavam. Não desejava ver pessoas boas como Rosie padecendo com as implicações que o fechamento da fábrica ali causaria.

— Acredito que, de oito meses a um ano, baixaremos consideravelmente os números negativos — Alex indicava os pontos nos gráficos exibidos na tela — Talvez de um a dois anos possamos falar em expansão.

Pela primeira vez desde que ele entrara na sala, notou os olhos das pessoas em volta brilharem.

A reunião continuou por quase uma hora. Pessoas que inicialmente pareciam derrotadas, saíram empolgadas e estimuladas com o novo projeto e trabalho delegado a elas.

Michael observou Rebecca se despedir e receber os últimos cumprimentos.

Definitivamente o brilho nos olhos deles havia mudado. Ela tinha dado a eles esperança.

Michael recordou das vezes que conversaram sobre o futuro. De uma simples secretária executiva que ela tinha sonhado na época, tornou-se presidente de uma empresa importante. Não qualquer empresa, mas a que pertencera à sua família por gerações.

Deveria estar incomodado, mas sentia orgulho dela. Era estranho e completamente inexplicável, mas era assim que se sentia.

— Foi melhor do que esperávamos — ouviu Price dizer e passar a mão carinhosamente sobre o ombro dela — Almoço em comemoração?

— Ah, eu tenho outra reunião — Rebecca respondeu, olhando para o relógio — Poderia ser um jantar? Com direito a champanhe? Nós merecemos.

— Você paga a conta.

Sorrindo, Rebecca organizou as pastas que havia deixado de lado, para dar atenção a quem tinha tomado iniciativa de falar com ela.

— Espera!

Michael segurou-lhe o braço antes que ela pudesse se retirar. Deveria lançar sobre ela toda frustração de ter sido jogado em uma sala qualquer, em meio ao lixo e um trabalho insignificante, enquanto Price obviamente teria uma bela sala e uma secretária atraente. No entanto, disse a ela exatamente o oposto:

— Obrigado por ter me apoiado sobre Greenville.

Rebecca recuou e puxou o braço.

— Não fiz por você — retrucou ela — Fiz o que achei correto.

Ele sabia, mas também sabia que não poderia enganá-lo em relação a isso; a vila também significa algo para ela.

Ela poderia ter feito o “justo” e ainda assim humilhá-lo um pouco mais, mas Rebecca o defendera. Mesmo sendo menos otimista, defendera sua ideia, ainda que se recusasse a admitir.

— Estou grato, de qualquer forma. Sei que Rosie e todos da vila também ficariam agradecidos.

Ele escondeu as mãos nos bolsos da calça, para controlar a vontade de tocá-la como desejava.

— Se tornou uma mulher incrível. Ficou claro que é ótima no que faz. Minha mãe teria ficado orgulhosa.

Ele não sabia por que dissera aquilo. Sentiu-se tão surpreso quanto ela. Mas ambos pensaram em Olivia de forma diferente, mas, sem dúvida, com muito amor.

— Obrigada — sussurrou ela, antes de sair apressada.

Michael desabou na cadeira mais próxima e apoiou a cabeça no mármore frio da mesa. Pensou na sala de arquivo morto a qual apelidara de “sala do inferno” e concluiu que o resto do seu dia não seria nada fácil agora.

— Sr. Hunter?

Ergueu a cabeça, sobressaltado. Não percebera a porta abrir e nem Loren parada.

— A Sra. Hunter pediu que eu o levasse até sua nova sala.

Michael agora tinha um enorme sorriso ao acompanhá-la. Tudo bem, a sala ainda era pequena e não teria uma secretária atraente, já que ele mesmo seria assistente da secretária, mas pelo menos tinha ar condicionado, uma janela com uma vista melhor e até mesmo um computador, onde passou boa parte da tarde gastando a paciência em jogo de cartas e uma cadeira que não cedia quando se sentava.

— Sr. Hunter?

Ele não tentou minimizar a tela ou desligar o monitor para disfarçar como gastara suas últimas horas ali, mas encerrou o jogo, já que não tinha mais ânimo para aquilo.

— O expediente acabou — disse ela ao se aproximar da mesa — Já pode ir embora.

— Rebecca já acabou?

— Já foi embora, e pediu que eu entregasse isso antes de ir.

Ela colocou as chaves em cima da mesa. As chaves do seu conversível, ele reconheceu.

— Obrigado.

Ele manuseou o chaveiro, refletindo sobre mais aquela alteração no dia. Não apreciou isso. Acreditou que iriam embora juntos. O pensamento só o fez se sentir idiota e patético.

— Pode se juntar a nós amanhã, se quiser — Loren o fez erguer o olhar para ela.

— Como?

— Amanhã, no almoço. Pode sentar comigo e algumas amigas.

Ele pensou no refeitório barulhento e movimentado onde tinha almoçado. Optara por uma mesa mais distante e isolada, não porque se sentira afrontado, mas porque estava contrariado demais para conversas e novas amizades.

— Talvez, Loren.

Michael colocava o terno quando seu telefone começou a tocar.

— E aí, Hunter?

— Russell?

Reconheceu a voz de um dos seus melhores amigos e que fizera a mesma faculdade que ele. Russell havia se formado antes dele, já que Michael tinha reprovado um período. Há algum tempo que não se falavam, ele estava terminando uma especialização fora do país.

— Já estou de volta. Que tal a gente sair para um drinque e colocar o papo em dia?

— Agora?

— Se não tiver algum problema.

— Tudo bem. Encontro você no pub que costumávamos ir, em quinze minutos.

Vinte minutos depois, Russell sentou em frente a ele, se desculpando pelo atraso. Uns dez centímetros mais baixo que Michael e bem mais magro também. Ele tinha expressivos olhos verdes escondidos por trás dos óculos de grau e cabelos caindo na testa.

Eram uma dupla interessante; Michael com porte atlético, Russell com olhar inteligente e porte altivo. Conheciam-se desde o primário. Era um dos bolsistas, não tivera muitos amigos, focava-se mais nos estudos do que na diversão. Isso nunca foi empecilho para desenvolverem uma amizade longa e verdadeira.

— Então se casou mesmo com ela? — ele emitiu um assovio antes de continuar — Vivia dizendo que faria isso um dia.

Russell conhecia os dois lados da sua história com Rebecca. A que ele se referia era quando estivera absurdamente apaixonado e cheio de planos.

— Isso foi antes. Não é a mesma coisa agora. Eu fui obrigado.

Russell arrumou os óculos, era um sinal que iniciaria um discurso.

— Ninguém é obrigado a isso — disse ele ao bebericar sua cerveja — Não é algo como *“me dê o dinheiro do seu lanche”*, como acontecia na escola.

Ele dizia com conhecimento de causa. Foi assim que se conheceram, quando Michael o defendeu de alguns valentões do colégio.

— Russell, ouviu o que eu te disse? Minha família estava em jogo.

— Primeiro, sinto muito pelo seu pai — disse ele — Mas Max é adulto e responsável por si mesmo. Segundo, sua irmã já é bem crescadinha, poderia arranjar um trabalho, é isso o que o resto do mundo faz para sobreviver. Poderia adiar um pouco os estudos ou tentar uma bolsa, como fiz durante toda minha vida. Você se formou muito bem, pelo que sei. Então não, você não foi

obrigado.

— E por que eu me casei com uma mulher que obviamente me odeia e posso dizer as vezes, que tenho vontade de esganá-la?

— Por que você a ama — disse ele — Tensão sexual, atração, chame do que quiser, menos obrigação.

A sinceridade de Russell ou a forma como ele enxergava as coisas nunca perturbaram Michael como naquele momento.

— Nós nem transamos ainda. Casamos e não fomos para a cama.

Não era apenas vergonhoso, pensou Michael, era desconcertante.

Russell alargou ainda mais o sorriso de quem sabe tudo.

— *Ainda*. Viu... — ele piscou um olho e apontou a cerveja para ele — Vai acontecer.

Enquanto Russell narrava acontecimentos engraçados da viagem, Michael tentava afastar alguns questionamentos ecoando em sua cabeça. Seu amigo estava mesmo certo sobre os motivos que o levaram a se casar com Rebecca.

Merda. Ele estava mesmo ferrado.

Michael chegou no momento em que Rebecca entrava na sala, tendo os braços da filha grudados em sua cintura enquanto tentava andar.

— Deixa, mamãe, por favor!

— Está bem — ela finalmente cedeu, seja lá o que for que a menina implorava tanto — Não conte para sua avó Laura, ou estará fora do cardápio no fim de semana.

— Vou falar para Ariel — Olivia vibrou e correu em direção à escada.

Incerto, Michael não sabia se deveria se aproximar de Rebecca ou apenas admirá-la de longe. Estava linda em seu vestido vermelho sem alça, os cabelos caindo em um penteado retorcido de lado.

— Está de saída? — perguntou, decidido a se aproximar.

— Vou jantar com o Alex e...

O ciúme corroeu Michael como traça corroendo a madeira.

— O que há entre vocês dois? — agarrou-lhe o braço, puxando-a para si, sem deixá-la responder.

Inexplicavelmente, ele sabia que não havia nada. Vira os dois trabalhando juntos. Não havia entre Price e Rebecca a mesma tensão sexual que eles dois sentiam naquele momento. Havia

carinho e respeito, mas não desejo. Desejo como fazia o corpo dela vibrar por ele.

Mas isso não era garantia de nada. Rebecca e ele se odiavam, mas tinham se casado, no entanto. Poderia não existir paixão entre ela e Price, mas o amor poderia nascer.

— O que você acha que há?

— Nada de especial ou que eu considere uma ameaça — correu suas mãos pelos braços dela, sentindo a pele arrepiar-se cada vez mais enquanto suas mãos deslizavam por ela — É comigo que está casada, Rebecca. É comigo que passará a noite quando voltar.

Aproveitando do breve momento de surpresa e hesitação brilhando nos olhos dela, Michael prendeu suas mãos no pescoço delicado e uniu seus lábios nos dela.

Russell estava certo. Não foi a obrigação e cuidado com sua família que o fizera casar com Rebecca. Claramente isso tinha um grande valor em sua decisão, mas o desejo e a atração que sentia por ela tivera o peso decisivo.

Foi beijando-a como se não houvesse nada mais importante que isso, quando não desejava nada mais além de tê-la assim em seus braços, quando o protesto se tornou rendição e o som do primeiro gemido saiu dos lábios macios, que ele teve a certeza.

— Não acredito que ele a beije assim — sussurrou ele segurando seu rosto — Acredito menos ainda que corresponda da mesma forma. Então não, eu não tenho com que me preocupar essa noite.

Capítulo 18

Rebecca viu Michael caminhar para longe dela e sumir no corredor que levava ao escritório ou biblioteca, exalando a tranquilidade que ela estava muito longe de sentir. Perguntava-se por que toda essa confiança não estivera com ele seis anos atrás.

— “Não tenho com que me preocupar” — repetiu, irritada ao abrir a porta — Não havia no mundo homem mais arrogante para eu me apaixonar?

Estacou surpresa ao constatar o que falara em voz alta. Tinha acabado de admitir para si mesma, ou quem mais pudesse ter escutado, que o amava.

Olhou rapidamente por cima dos ombros e se deparou com a sala vazia. Saiu aliviada por ter sido a única a presenciar sua fraqueza.

— Eu não sei dizer, mas acho que o rubor em seu rosto não é reflexo do vestido e muito menos emoção em me ver.

— Cala a boca, Alex — Rebecca bateu a porta do carro e acomodou-se ao lado de Brianna.

— O rubor pode não ser para você, Alex — provocou ela — Mas a raiva tem nome: Michael.

Ela arrastou cada letra do nome dele e recebeu um olhar furioso de Rebecca.

Embora ela se recusasse a admitir, os dois estavam corretos. E ela se odiava ser tão fácil de ler. Odiava porque provavelmente seria o prato principal dos dois irritantes, e odiava Michael por ter arruinado sua noite perfeita com seus melhores amigos.

Ele fizera de propósito, concluiu ela. Não haveria maneira de que conseguisse passar pelo jantar sem pensar no beijo apaixonado que haviam trocado.

Maldito Michael e esse poder inexplicável que tinha sobre ela.

Capítulo 19

Michael tentava se concentrar, sem sucesso algum, no embaralhado de letras no livro que tinha trazido da biblioteca, quando tudo o que conseguia pensar ou visualizar em sua cabeça era Rebecca e Price juntos. Em uma mesa em um canto mais discreto e íntimo, música romântica de fundo, jantar à luz de velas e o que mais pudesse contribuir para proporcionar uma noite romântica.

Ele dissera que não se importava com isso, não se *preocupava*, foi o termo que usou.

Mentiroso!

Não conseguia parar de imaginar que a qualquer momento Rebecca poderia sucumbir ao cenário fantasioso e passasse a enxergá-lo com outros olhos.

Isso significaria sua liberdade, e deveria estar aliviado se acontecesse. Então, por que se sentia terrivelmente incomodado? Era o que ele queria, não era?

Não. Não era.

De todas as asneiras que Russell havia despejado em cima dele naquele dia, uma delas estava completamente correta: desejava Rebecca e desejava muito. Ao ponto de ser incapaz de pensar ou se concentrar em qualquer outra coisa que não fosse ela.

Rebecca era como uma inflamação que deixava seu corpo febril. Sexo era o antibiótico. E ele precisava erradicar essa doença que ela representava.

Fechou o livro, e quando ia ligar a TV em busca de algo mais efetivo para distraí-lo, ouviu a leve batida na porta, seguida de outra, que o fez levantar.

Teve de três a quatro segundos de confusão antes de baixar o olhar para a garotinha parada no corredor.

— Você não foi jantar — Michael quase não conseguiu ouvir o sussurrar tímido dela — Então eu trouxe pra você.

De todas as situações constrangedoras que ele já teve na vida, nenhuma o tinha deixado tão desconcertado como essa.

Em seu primeiro e real contato com a garota, parecia tão temeroso e assustado quanto ela. Apesar disso, as mãos pequeninas seguravam firmemente a bandeja, e o único sinal de que estava nervosa era um dos seus pés deslizando inquietos pelo chão.

Ele costumava fazer isso quando criança, se recordou.

— Humm... — Michael pigarreou para limpar o nó que havia se formado em sua garganta

e procurou o que falar — Quer entrar?

Afastou-se um pouco da porta e ampliou o espaço para que Olivia entrasse. Antes de bater a porta com o pé, apressou-se para retirar a bandeja das mãos dela e a colocou em cima da cama.

— É batata frita e sorvete — disse ela, subindo na cama, sentando do outro lado da bandeja de prata — É minha comida preferida. Minha mãe me deixou comer hoje porque não pude ir jantar com ela, meu tio Alex e Brianna. Coisas de adulto, ela disse.

Brianna também estaria no jantar, refletiu Michael. Por alguma razão, que obviamente não era aquela que se recusava a admitir, ele tinha ficado mais feliz.

— Batata frita e sorvete é bom — ele conseguiu dizer em meio ao sorriso que se formou em seu rosto.

Sentia-se um idiota, na verdade.

— A moça da cozinha disse que era seu prato preferido também. Daí eu pedi que fizesse.

Era completamente estranho e inexplicável, mas assim como a mãe, de alguma forma, a garotinha mexia com ele. O que era totalmente estúpido e pouco inteligente. Sabia como lidar com Rebecca, ou acreditava que sabia. Lidar com uma criança inocente era terrivelmente assustador.

— Mamãe diz que é estranho. Você acha estranho? — Olivia o encarou enquanto balançava os pés contra a cama.

Michael se recordou da primeira vez que comera batata frita e sorvete na frente de Rebecca e Brianna. Eles tinham ido à praia. Enquanto as duas ficaram horrorizadas por vê-lo mergulhar a batata no sorvete de creme, ele se sentiu indignado pela recusa das duas em provar a primeira maravilha gastronômica do mundo.

Michael sentou do outro lado da bandeja. Mergulhou o palito crocante na taça e suspirou quando doce e salgado se misturaram no céu de sua boca.

— Eu acho perfeito. Você não acha?

— Acho sim.

Michael voltou a mergulhar outra batata no creme e ofereceu a ela:

— Quer um pouco?

Ele notou o interesse e o receio lutando dentro dela, e deu um sorriso gentil para encorajá-la.

— Quero sim — ela sorriu de volta e imitou o gesto dele ao comer — Eu não comi a minha parte. Estava com dor de barriga.

Michael virou o rosto para o outro lado e sorriu. Entendeu que o que ela quis dizer era que havia sentido dor na barriga devido à ansiedade e nervosismo em relação a como ele reagiria ao

seu gesto espontâneo.

Deveria ser assustador para ela tentar se aproximar. Assim como Rebecca, a pequena era corajosa, tinha que admitir, e admirava o fato.

Os dois comeram em silêncio, e quando a babá surgiu na porta, pronta para levá-la para o seu quarto, ele sentiu pesar.

— Eu vou ficar com meu pa... — Olivia levou as mãos à boca e baixou o olhar, envergonhada com o que ia dizer — Eu vou ficar aqui com o Michael.

— Já é hora de ir para a cama — insistiu a babá.

— Eu já estou na cama — a voz soou trêmula e chorosa antes de ela se virar para Michael — Posso ficar, não posso?

Os únicos contatos que tivera com crianças tinha sido no hospital, durante sua residência. Descobrira que gostava delas. Gostava de fazê-las se sentirem melhor, apesar das condições que enfrentavam. Como oncologista, era difícil ver pessoas tão frágeis enfrentarem uma doença tão dura com tanta coragem.

E mesmo sendo um caso completamente diferente, ele sentia a mesma necessidade de vê-la feliz.

— Claro que pode — seguiu para o outro lado da cama e ligou a TV — Gosta de desenhos?

— Está passando o Bob Esponja — ela jogou sua pantufa e indicou o seu canal preferido a ele — Ele mora no mar, eu gosto do mar, e a Ariel também mora.

Diante da breve confusão de Michel, ela tentou explicar:

— Não essa Ariel, porque ela nem tem cabelo vermelho. É a Ariel sereia.

— Entendi.

Ele fez sinal de que estava tudo bem para a Ariel, que não era a sereia, enquanto ela se retirava levando a bandeja.

O quarto ficou em silêncio, quebrado apenas pelo barulho da TV, e espantosamente isso não o incomodava. Michael se viu rindo e se divertindo com o desenho infantil. Desde que Caroline era menor que ele não se via tão relaxado, assistindo um programa.

E quando Olivia mais uma vez se aproximou de seu braço, onde apoiou a cabeça, ele não teve alternativa além de permitir. E, afinal de contas, era apenas uma garotinha em busca de um pouco de atenção. Não havia motivos reais para ficar em pânico cada vez que ela se aproximava.

— Acho que alguém precisa de cama — ele sussurrou ao notar a respiração começar a suavizar, indicando que ela adormecia. A cabeça apoiada em seu braço e uma das mãos segurando a dele.

Sentiu algo como mariposas batendo asas em seu estômago. Entendeu perfeitamente bem o que ela disse sobre a dor na barriga. Tinha falhado na tentativa de controlar os sentimentos que vinha nascendo por ela. Por outro lado, era perigoso e não deveria se permitir apegar-se à menina. Não seria justo com nenhum dos dois.

Isso tornava Roger um grande babaca, o que aumentava o ódio e o desprezo que tinha por ele. Teria entendido se ele tivesse amado Rebecca e o relacionamento não tivesse dado certo. Essas coisas aconteciam o tempo todo. Mas Roger nunca se importara. Nunca valorizara o que um dia Michael tanto sonhou para si. E ainda desejava.

Relaxou os músculos ao ver que sua exaltação incomodava a menina, que se remexeu em seu braço. Mudou o canal, colocou em um relacionado a esportes. Olhava, mas realmente não via.

No segundo tempo de um jogo de handebol, pegou no sono.

Capítulo 20

Quando o carro parou, Brianna bateu levemente na perna de Rebecca. Ela tinha fechado os olhos para evitar novas provocações, mas acabara mesmo pegando no sono.

— Obrigada pela ótima companhia, Rebecca — Alex saiu do carro e manteve a porta aberta para que ela descesse — Falou tanto que sinto até alguns zunidos no ouvido.

Suportou mais uma provocação por ter se mantido aérea e calada a maior parte da noite.

— Acho melhor você parar, Alex — Brianna veio em socorro dela — Ela está com aquele olhar.

— O olhar de “eu vou te matar,” frio como o gelo?

Ele voltou para o carro como uma possível vítima assustada.

— Não me afeta.

— Olhem, desculpe — disse ela ao se curvar para olhá-los de perto — Sinto muito por ter sido tão chata essa noite. Prometo que corrigirei em breve.

Afinal, a ideia de saírem para comemorar o sucesso do primeiro dia de trabalho tinha sido dela. Tudo bem, fora levada pela tentativa de provocar Michael, mas, ainda assim, devia uma noite melhor para eles.

Despediu-se dos dois. Estava cansada física e emocionalmente, pensou, ao seguir para o segundo andar. Não o suficiente para não passar no quarto da filha e dar seu beijo de boa noite, mesmo já estando dormindo. Momentos como aquele eram importantes para ela.

Chegou ao quarto e controlou o pânico que ameaçou dominá-la ao ver a cama vazia. Aquela era uma casa estranha para Olivia, deveria ter insistido em passar a noite com a babá.

O temor fez seu coração disparar no peito quando checkou a jovem dormindo sozinha.

— Ariel? — sacudiu levemente os ombros dela para despertá-la — Onde está Olivia?

— No seu quarto — disse ela, sonolenta — Não consegui que fosse para a cama dela e...

— Tudo bem — Rebecca a tranquilizou — Desculpe tê-la acordado. Obrigada por hoje, mais uma vez. Volte a dormir.

Não era anormal que Olivia fugisse para o seu quarto às vezes. Construíram essa dinâmica. Em parte porque era mais tempo que conseguiam passar juntas e outra porque se sentia culpada por todos os anos de estudo e trabalho longe dela. Sentia, às vezes, que a negligenciava. Teria uma nova conversa com ela sobre isso.

Antes de abrir a porta, Rebecca tirou os sapatos e entrou nas pontas dos pés. Ouvia o barulho da TV e a voz peculiar de narradores de esportes. Não teve tempo de achar aquilo esquisito. Seus olhos caíram na imagem que acreditou que nunca iria presenciar.

Michael e Olivia.

Juntos.

Ela tinha sonhado e imaginado aquele momento desde que soubera que estava grávida. Mas não tinha se preparado para o turbilhão de emoções dentro dela, como uma avalanche cobrindo tudo por onde passava.

Percebeu que felicidade também doía enquanto as lágrimas saltavam de seus olhos. Talvez não fosse a felicidade causando as fisgadas no coração dela; talvez fosse a dor indo embora.

Com os olhos embaçados em um choro mal contido, o coração apertado e as pernas trêmulas, se aproximou da cama, tendo cuidado para não os despertar.

Deitou observando Olivia entre deles.

Pressionou o punho contra a boca, impedindo que um soluço escapasse ao ver a mão delicada de sua filha desaparecer na de Michael.

E foi assim, admirando a imagem mais perfeita do mundo, na noite mais perfeita para ela, que também adormeceu.

Rebecca despertou alarmada e sozinha na cama. Sentou esfregando os olhos, e se não fosse pela pantufa de Olivia perto da cama e o livro de Michael sobre a cabeceira, teria jurado ter sonhado com a noite anterior.

Não fora um sonho; Michael e Olivia estiveram ali, juntos.

Sentiu um vazio ao levantar da cama. Queria vê-los juntos outra vez, sem a penumbra da noite e todas as emoções que a dominaram. Talvez não sem as emoções, pensou. Seria impossível controlá-las, não importasse quantas vezes presenciasse, sempre seria especial. Suspirou. Controlou essas divagações e olhou para o relógio. Estava atrasada.

Tomou uma ducha rápida enquanto se perguntava onde Michael e Olivia estariam. Qual dos dois havia saído primeiro e como reagiram ao acordar?

Encontrou Olivia na cozinha entretendo Marisa e Ariel com sua conversa.

— Eu também gosto de bala de goma — ela dizia à cozinheira enquanto se balançava na mesa — Ele também gosta?

— Isso eu não sei, mas posso perguntar — respondeu a mulher, piscando para ela — Bom

dia, Rebecca. A mesa do café está pronta, mas se quiser algo diferente...

— Não, obrigada — Rebecca tocou os cabelos da filha, que agora magicamente tinha a boca cheia de panquecas — Bom dia, querida.

Ela recebeu de volta algo como “bom dia” pela boca cheia e sorriu.

— Foi para o meu quarto ontem — disse, continuando a alisar os cabelos dela.

Com Olivia tinha que ter tato e esperar que ela lidasse com tudo de forma natural, mesmo que por dentro ela estivesse explodindo de ansiedade e curiosidade.

— Comi batata frita e sorvete — Olivia puxou a barra do terninho dela, pedindo que se abaixasse — Eu levei para o meu pai — ela sussurrou — Ele não acha estranho, como você.

Rebecca não achava estranho, talvez nojento, um pouco estranho e nojento, mas nada do que dissesse a Olivia mudava a ideia de que era maravilhoso. A primeira vez que a vira mergulhar a batata frita no sorvete quase chorara. Por sorte, ela tinha apenas três anos na época e não notara como aquilo a afetara.

Havia muitas coisas que a faziam lembrar de Michael, essa com certeza era uma delas.

— Depois nós vimos TV e eu dormi — continuou ela, agora em um tom de voz natural — Mas, quando acordei, ele não *tava* mais lá. Queria dar bom dia.

Então Michael tinha fugido antes que as duas despertassem, pensou Rebecca. Estaria arrependido ou confuso?

— Estou perguntando para Marisa todas as coisas que ele gosta, e faremos cada dia uma coisa, não é?

Olivia juntou as mãos em oração para a cozinheira. Talvez ela até quisesse resistir, mas ao olhar para o sorriso travesso da menina, desistiu.

— Faremos uma lista e veremos o que podemos fazer — ela prometeu, sacudindo a escumadeira — Veremos — continuou a resmungar em meio às suas panelas.

— Fazia tempo que essa casa não era tão movimentada — a Sra. Dickson surgiu na porta, trazia algumas sacolas de compras com ela — Trouxe algumas coisas para você, baixinha.

Enquanto Olivia se preocupava com as sacolas, e já que Rebecca não teria nenhuma informação dela, sondou a governanta.

— Sabe onde o Michael está?

Serviu-se de um copo de suco para simular naturalidade.

— Temos que ir para a empresa, e já estou atrasada.

— Já saiu — disse ela — Foi ele que me deu uma carona até o mercado.

Desapontamento estava muito longe do que Rebecca sentia ao entrar no carro. Sentia-se solitária.

— Em um momento, eu estava ali admirando os dois juntinhos — disse ela à Brianna, já na empresa, ao receber a xícara de chá — E depois, nada. Parecia um sonho muito real. Se não fossem as pantufas da Olivia espalhada no chão e o livro de medicina na cabeceira, eu juro que acharia que foi um sonho, como um dos muitos que tive.

Claro que tivera que ir direto para a sala de Brianna contar o que aconteceu..

— E você tirou uma foto?

Rebecca encarou o rosto emocionado antes de registrar a pergunta.

— E por que eu faria isso?

— Para registrar o momento,oras — Brianna revirou os olhos — E porque eu sonhei isso tanto quanto você. É injusto eu apenas ter que imaginar. Além disso, o momento tinha que ser eternizado.

— Como se nunca mais fosse acontecer? — perguntou Rebecca com ar de pesar.

— Como o melhor e primeiro de muitos momentos como esse.

— Brianna, você é sempre tão otimista.

— E você pessimista — rebateu ela.

Ela tinha razão. Sobre o trabalho era segura e autoconfiante. Em relação à sua vida pessoal, sempre tendia a ver o lado negativo das coisas, como se esperasse tudo dar errado.

— Eu devia ter tirado uma foto.

Afundou na cadeira.

— Aquela garotinha é incrível — Brianna sorriu, orgulhosa — Parece minha filha.

Rebecca não se sentiu ofendida ou zangada. Brianna só não amava mais Olivia do que ela. Ninguém jamais amaria seu anjinho como ela. Talvez Michael, se não fosse tão idiota, mas aquilo não importava agora. O que importava era o que faria. As coisas haviam mudado, e muito.

— Você sabe que agora será impossível mantê-la longe dele — disse a Brianna — Isso me coloca em uma posição em que não sei o que fazer.

— Você o ama?

— Amo.

Não adiantava mais tentar esconder; achava que nunca tinha sido capaz.

— Já estão casados. Siga com seu plano.

— Humilhar Michael até que ele rasteje aos meus pés?

— Seduza-o até fazê-lo se apaixonar outra vez. Rebecca, o Michael duvidou do seu amor, talvez a tenha humilhado um pouco e virou as costas quando mais precisava...

— Obrigada por me recordar.

Parte dela se revoltava sempre que se lembrava da dor, da tristeza e da solidão que por

anos estiveram com ela.

— Mas não podemos negar que ele também te amava. E que agiu como um cretino exatamente por isso. Porque amava.

— Vai defendê-lo?

— Vou defender Olivia, sempre — murmurou ela, tocando sua mão sobre a mesa — Se fosse o contrário? Ao invés de Stacy ter armado contra você, ela tivesse armado contra ele para que duvidasse do seu amor? Agiria de forma diferente dele?

Rebecca nunca tinha se feito essa pergunta. Até porque acreditava que seu amor por Michael era tão grande, que nada e ninguém a teria feito duvidar dele, mas analisando todas as coisas que acontecera em sua vida, começava a questionar isso.

Também nunca se achara uma pessoa cruel, mas descobrira que era capaz de revidar e arquitetar contra as pessoas que lhe fizeram mal.

— Eu não sei, sinceramente não sei, Brianna.

— Você o ama, e obviamente Michael sente algo por você.

— Atração.

— Que seja. É melhor que a indiferença. Use a seu favor. Conquiste-o outra vez. Se não quiser fazer isso por você, faça por sua filha. Ele já abriu a porta. Cabe você entrar ou não.

Foi pensando sobre isso que Rebecca retornou à sua sala. Soube pela secretária que Michael estava na dele, trabalhando em um monte de coisas sem importância que ela havia delegado apenas para enfurecê-lo. O que ela via agora ser imaturo e infantil. Michael tinha esse efeito sobre ela; agia feito adolescente apaixonada, querendo atenção.

Largou a bolsa sobre a mesa e saiu. Parou em frente à porta e a olhou, indecisa.

“A porta está aberta. Cabe a você decidir se entra ou não.”

Capítulo 21

Rebecca bateu suavemente na porta e aguardou. Claro que poderia ter simplesmente entrado e exibido sua autoridade e poder, com um certo ar de arrogância que anteriormente teria prazer em estampar em seu rosto, mas as coisas não estavam iguais. Ela não queria apenas entrar e impor sua presença como vinha fazendo. Queria ser recebida. Queria ser convidada, não apenas a entrar naquela sala, mas na vida de Michael.

— Sra. Hunter?

Assustada, virou em direção à voz de sua secretária. Michael e ela estavam casados, mas usar o nome dele ainda lhe parecia irreal.

— Eu... Hã... — pigarreou, limpando a garganta, enquanto buscava um motivo plausível por estar parada ali.

Estava desconcertada como uma adolescente sendo pega fazendo corações na folha da prova.

— Tenho algo importante para falar com Michael.

Sério?, ela se perguntou. Aquela era a melhor desculpa que tinha a oferecer?

Era a mesma Rebecca que enfrentava uma reunião com diretores intransigentes? A mesma que dera uma boa lição em Roger e Stacy? A mesma que enfrentara com coragem todas as adversidades da vida?

— Ele está passando em alguns departamentos, entregando os memorandos e colhendo as assinaturas que pediu — Loren a recordou — Deseja que eu o procure?

Droga! Ela tinha se esquecido das atividades sem importância que tinha atribuído a ele, tarefas que geralmente era executada por estagiários, e que jogara sobre Michael com o único intuito de irritá-lo e fazê-lo sentir-se desconfortável.

— Não era tão importante assim.

Tentou soar natural e não deixar transparecer seu desapontamento em não o encontrar.

— O senhor Summer está esperando-a — Loren apressou-se em dizer quando iniciaram a caminhada de volta à sala de Rebecca, onde encontrou Nicholas ao telefone.

Ele fez sinal para que o aguardasse finalizar. Enquanto esperava, Rebecca reuniu os documentos que provavelmente ele pediria para verificar. Ter dado passe livre para que administrasse a Hunter Farm não significava que ele se manteria de fora. De qualquer forma, Rebecca respeitava os conselhos e experiência que seu pai tinha a compartilhar com ela.

Aprendera muito com ele nos últimos anos, sabia que aprenderia muito mais.

— Então? — Nicholas acomodou-se em uma das cadeiras. Cruzou um dos pés sobre o joelho em uma postura relaxada, que era o oposto dos olhos aguçados sobre ela.

— Não está tão ruim como imaginávamos.

Rebecca entregou a ele o mesmo relatório e projeções que havia apresentado à diretoria em sua primeira reunião.

— Mesmo com todas as complicações e dificuldades que Max enfrentou...

— Ele manteve a empresa de pé como pôde. Max amava isso aqui — disse Nicholas, analisando as últimas folhas rapidamente antes de voltar seu olhar para a filha — Sabe o que realmente me deixa decepcionado? É que em nenhum momento cogitou a possibilidade de ajudá-lo.

— Pai...

— Esqueça o Michael, Roger ou aquela garota! — com um gesto de mão, Nicholas impediu que ela continuasse — Estamos falando de Max e Olivia, a falecida Olivia, que todos amávamos. Sua retaliação foi mais importante do que o amor que eles tinham por você. Do que ela tinha por você.

Rebecca sentiu mais do que o olhar duro sobre si; sentiu o peso que suas palavras tão verdadeiras e amargas causavam a ela.

A culpa era um sentimento tão ruim quanto o ódio, a raiva e a fúria que a levava a querer se vingar. A culpa nos faz sentir ignóbil. Nada corroía tanto a alma e a consciência como a culpa.

— Mas isso não importa agora. O que importa é que, do jeito certo ou errado, está tentando consertar as coisas — Nicholas se inclinou para tocar sua mão sobre a mesa, agora havia um pouco mais de calor em seus olhos — Entendo seus motivos, filha, mas meu papel é guiar você. Não irá me desapontar de novo, certo?

— Não, eu não vou, papai.

O ódio tinha reaproximado Rebecca dos Hunter, mas era o amor que os uniria outra vez.

— O prazo continua o mesmo — afirmou ele — Acredito que, até lá, Max já esteja completamente recuperado e poderá reassumir a empresa.

Ficaria feliz em devolver a empresa a Max. O que a faria infeliz era saber que teria que ir embora. O tempo corria contra Rebecca.

— Mas eu não vim aqui apenas para falar sobre isso. Sua mãe irá oferecer um baile beneficente que irá angariar fundos para o orfanato onde você cresceu.

O rosto de Rebecca se iluminou com a notícia. Seus pais, tanto quanto ela e Brianna, regularmente faziam generosas doações à instituição, mas havia projetos paralelos que as freiras queriam implantar, como cursos profissionalizantes e incentivos ao esporte. O número de crianças

havia aumentado também, e algumas áreas precisavam ser ampliadas.

Além disso, o evento faria com que mais pessoas com posses da cidade fossem mais participativas em relação ao orfanato. Afinal, nem tudo se resumia a dinheiro, crianças precisavam muito mais de amor e atenção.

— Ela já tinha me falado algo sobre isso — disse ela, animada — A ideia é que, além de recurso financeiros, essas crianças sejam apadrinhadas. Que eles tenham para onde ir em aniversários, natais e nas principais datas comemorativas.

Rebecca desejava que, com isso, essas crianças conquistassem um lar.

— Também é uma maneira de apresentá-la à sociedade — continuou ele — Como minha filha e futura CEO da SBI e todos os negócios que tenho.

— Papai, não sou uma jovem debutante que precisa ser exibida — protestou ela — Uma nota em um jornal de alta circulação seria suficiente.

Nicholas não argumentou. Já haviam discutido aquela possibilidade diversas vezes. Ela compreendia que era muito mais do que desfilhar em algum vestido de festa para alguns figurões com quem seu pai tinha transações comerciais. No mundo dos negócios, ter boas influências valia tanto quanto dinheiro. Era um jogo que teriam que jogar, se quisessem sobreviver.

— E quando será isso? — deu-se por vencida.

Sabia que cedo ou tarde teria todos os olhos voltados para ela.

As horas que Rebecca passou trabalhando ao lado do pai e de Alex, que se juntou a eles logo depois, não tiveram poder suficiente para mantê-la focada. O mesmo ocorreu no elevador, quando seguiam para almoçarem. Enquanto os dois homens falavam sobre esportes, um assunto que pouco lhe interessava, seus pensamentos estavam voltados para Michael e a noite anterior.

— Eu esqueci algo importante na minha mesa — disse aos dois assim que se viram no térreo — Volto em dez minutos.

Sorriu para os rostos confusos no salão e retornou para o elevador antes que as portas se fechassem. Havia deixado a mesa tão limpa e organizada como de costume. Sabiam que ela mentia, mas não lhe ocorrera nenhuma desculpa melhor.

Precisava ver e falar com Michael com a mesma urgência de uma jovem apaixonada no dia seguinte ao seu primeiro encontro. Eles não tinham apenas passado a noite juntos; os três tinham compartilhado algo especial e único. Aquilo significava alguma coisa. Para Rebecca, significava muito.

No entanto, para sua decepção, como havia acontecido mais cedo, encontrou sua sala vazia. Mas, dessa vez, ela tinha ideia de onde poderia encontrá-lo.

Michael estava em uma mesa mais afastada no refeitório, com um grupo interessante de quatro mulheres, sendo uma delas Loren, atual secretária de Rebecca. Ela identificou uma mulher de meia-idade e duas jovens com mais ou menos a mesma idade dela. Também eram bonitas e todas sorrisos para ele.

Reconheceu uma delas como recepcionista da entrada principal do prédio. Era morena, alta, de traços delicados. A outra deveria ser de algum departamento que Rebecca ainda não tinha visitado.

Michael parecia à vontade com elas. Confortável demais, concluiu. Também não gostou quando uma das jovens tocou o ombro dele de forma mais íntima.

A sem-vergonha não sabia que era um homem casado?

A larga aliança em seu dedo era impossível de ser ignorada. Fizera questão que fosse assim; marcando-o como dela, feito gado.

Ela saiu de seu estado de estupor quando a morena inclinou e sussurrou algo próximo ao ouvido dele, levando-o ao riso descontraído.

Não foi o ciúme que a fez marchar duramente em direção à mesa, foi a raiva em relação ao comportamento inapropriado que tinham. Tudo bem que fosse a hora de almoço e que as pessoas tendiam a relaxar. Mas aquela jovem estava levando aquilo muito além.

Enquanto seguia até eles, Rebecca ignorou todos os olhares curiosos e surpresos ao vê-la caminhar entre as mesas e parar atrás de Michael.

— Olá, querido — murmurou ao enroscar os dedos nos fios de cabelos em sua nuca. O prazer de tocá-lo, de certa forma, abrandou o fogo da raiva queimando dentro dela — Pensei que almoçaríamos juntos hoje.

Lançou um sorriso indiferente a cada uma das funcionárias desconfortáveis com a sua presença repentina.

— Quando disse que queria conhecer melhor como eram os ambientes de trabalho dos nossos colaboradores, não achei que o refeitório estaria incluído. Foi muito gentil da sua parte verificar isso também.

Rebecca não era esnobe e nem classificava as pessoas pela conta bancária, mas o ciúme, que realmente era obrigada a ter que admitir, a fazia agir assim. Michael, como sempre, arrancava o pior e melhor que havia nela.

— Eu sei que minha querida esposa deseja nada menos do que perfeição.

Michael agarrou-lhe o pulso, impedindo que seguisse com a carícia. O gesto, que para elas

pareceria retribuição ao carinho, para Rebecca soava como resistência. Ele virou sua mão, depositando um beijo suave na palma, e foi o suficiente para o seu corpo traidor reagir ao toque.

Mas embora o gesto fosse apenas uma resposta do grande teatro que ela mesma tinha iniciado, o brilho de prazer que avistava nos olhos dele parecia verdadeiro.

Rebecca sentiu mais do que a chama correndo por seu corpo; sentiu outra camada do seu coração frio descongelar. Pouco a pouco, ele tirava todas as camadas de gelo, sem muito precisar fazer.

— Sra. Hunter, em nome de todos os funcionários, eu quero agradecer que não só esteja empenhada em manter a empresa erguida, mas também se preocupa com nosso bem-estar.

Ela desviou o olhar de Michael e concentrou-se na senhora ao lado de sua secretária. Nem todo o seu discurso havia sido um blefe. Era um de seus projetos, uma remodelação na empresa, e para isso contaria com um estudo indicando suas necessidades e o que acreditavam que poderia ser melhorado.

— Nós acreditamos que... — Rebecca interrompeu o discurso quando o som do telefone cruzou com sua voz. — Desculpem. Só um momento. Oi, Alex?

Havia esquecido que os deixara esperando. Os dez minutos que pedira tinham se transformado em quase vinte de ausência.

— Sim, me desculpe. — respondeu à impaciência de Alex, sobre onde estava, com irritação — Já estou a caminho, Alex.

Enquanto falava, notou Michael mudar para algo frio e indiferente. Abortou completamente a ideia em persuadi-lo a se juntar ao seu pai e amigo para o almoço. Sua carranca dizia que seria algo impossível.

— Bem, senhora...?

— Wright — respondeu ela.

— Michael poderá averiguar com vocês todas as críticas e sugestões cabíveis. Eu tenho que ir agora.

Seja por irritação ou descontentamento com sua indiferença dele, Rebecca curvou-se sobre ele, unindo seus lábios. Foi um breve momento, um toque, mas carregado de emoção e deleite.

— Vejo você mais tarde — sussurrou rente ao seu ouvido.

Antes de ir embora, notou o calor que os olhos dele transmitiam. Fugiu daquele olhar, principalmente da reação que seu gesto inesperado e ousado poderia causar. Fugiu dela mesma e da vontade de ficar ali.

Michael no entanto a observou se afastar, conflitando entre o desejo de segui-la e o orgulho que o mantinha preso à cadeira.

Sentia-se confuso. Ter Rebecca e a menina em volta de si ao acordar o assustara bastante. Vira-se com um medo inexplicável, que o obrigara a partir antes que alguma delas despertasse.

Agora a via se afastar, mais próxima de Price, mais longe dele. Não gostava disso. A deixara escapar uma vez, não podia permitir que isso se repetisse.

A amava, estava convicto disso, mesmo que não quisesse, mesmo sabendo que isso sempre fora sua perdição. Sentira o sentimento ressuscitar dentro de si assim que a reencontrou. Amava Rebecca e nunca fora capaz de esquecê-la.

Estavam casados agora, e tinha isso a seu favor. Precisava fazer o que fora incapaz no passado: lutar, se a quisesse manter ao seu lado.

Talvez fosse a hora de ter uma conversa de homem para homem com o Price e fazê-lo entender qual era a posição dele na vida de Rebecca.

Ela era sua esposa. Ninguém mudaria isso.

— Desculpe. — Ele encarou as mulheres ansiosas em torno dele — O que estavam dizendo?

Capítulo 22

Rebecca estivera dispersa no almoço como ficara em todo o decorrer da tarde. Fora obrigada a pedir que Alex ou Brianna repetisse algumas informações inúmeras vezes.

No fim do dia, cansada física e emocionalmente, declinou o convite para que saíssem para um *happy hour* após o trabalho. Em Londres, muitas vezes terminavam o dia assim, mas sabia que não seria uma boa companhia, não vinha sendo há muito tempo, desde que voltara a Uptown, para ser mais exata.

Após quase meia hora frustrada dentro da banheira, procurando relaxar, desistiu e cobriu-se com o robe. Não era seu corpo que precisava de cuidados, era seu coração. Era ele que precisava de ajuda.

Impaciente, colocou um vestido justo com detalhes em renda. A pele levemente bronzeada ganhara brilho naquele tom de azul. Finalizou prendendo os cabelos em um rabo de cavalo e passou um batom cor de boca.

Sentia-se jovial e bonita. Claramente não era para Michael que se arrumara, afirmou para si mesma.

Visto que não o vira ao chegar e ele não dera qualquer sinal de vida. Teria sua própria companhia aquela noite, durante o jantar.

Talvez devesse ter aceitado o convite que Laura fizera, quando avisara que buscaria Olivia para passar a noite com ela. Com Ryan na cidade, fariam uma grande festa familiar para recebê-lo. E era isso que deveria ter feito, ficado com aqueles que amavam e não se policiavam para demonstrar isso.

Agora estava ali, remexendo um prato de salada, sentindo-se a pessoa mais miserável do mundo. Amargando um desapontamento que parecia ser uma segunda parte dela.

— Desculpe o atraso.

Rebecca teria levado as mãos ao peito, se isso não denunciasse a euforia e o contentamento em ouvir sua voz.

— Saí tarde da empresa e meu carro teve um problema no caminho — explicou Michael, sentando-se em frente a ela.

— Está tudo bem? — perguntou, apreensiva.

— Nada muito grave, amanhã cedo o terei de volta — respondeu — Está sozinha?

— Olivia está na casa dos meus pais. Ryan está na cidade. Se lembra dele, não é?

— Caroline tinha mais contato — ele enrugou a testa ao responder — Lembro do menino

tímido.

Rebecca sorriu. Grande parte do retraimento de Ryan devia-se ao fato de Laura não o ver como filho na época ou por não ter demonstrado afeto por ele. Desde que Rebecca entrara na vida deles, sua mãe mudara e tentara compensar o distanciamento que impusera entre eles.

— Já não é mais um menino e nem tão tímido. Mudou muito; todos nós mudamos.

Por um momento, apenas se olharam. Havia mais significado nas palavras dela do que realmente transmitira. Rebecca foi a primeira a desviar o olhar. Sentia como se Michael pudesse alcançar sua alma através dele.

— Fiz um relatório em relação a todas as reivindicações, se é que devo chamar assim, que as funcionárias fizeram hoje à tarde. Outras pessoas me procuraram também — Michael iniciou a conversa, após passarem um longo tempo comendo em silêncio — Está aqui, no escritório do meu pai. Iria entregar amanhã, mas se quiser dar uma olhada antes... Eu sei que deve ter pessoas mais qualificadas para olhar todo o processo, mas...

— Eu gostaria de ver — apressou-se em declarar — Depois do jantar, se não tiver problema. Eu gostaria muito de ver.

Rebecca teria aceito ou apreciado qualquer sugestão que implicasse estar ao lado de Michael. Qualquer momento que pudessem ficar juntos era precioso para ela, mesmo que só falassem sobre negócios. Além do mais, em algum momento teria que encaixar a noite anterior na conversa. Não conseguia mais agir como se nada tivesse acontecido.

Michael e Olivia juntos; aquele fora o sonho mais secreto e mais importante. Até mais importante do que tê-lo como homem em sua vida.

Finalizaram o restante do jantar em silêncio, mas havia uma aura mais descontraída entre eles. Às vezes sorriam quando seus dedos se chocavam quando desejavam a mesma coisa na mesa. Pareciam sintonizados.

— Um dos pedidos, o qual achei importante destacar, é que seja criada uma creche.

Michael puxou a cadeira para que Rebecca se acomodasse e ocupou o assento ao lado dela. Estavam tão próximos, que se ela inclinasse um pouco mais para o lado sentiria os braços dele no seu. Talvez ela o fizesse no que diria ser *um acidente*. Sentir pele contra pele. Suas mãos formigavam com a possibilidade disso.

— Já tinha pensado sobre isso — conseguiu dizer, e ficou agradecida por sua voz ter saído segura e firme, bem diferente do turbilhão dentro dela — Oferecemos isso na SBI.

Rebecca correu os olhos pelo relatório que Michael tinha providenciado. Para alguém que não era da área e pouco entendia do assunto, ele se saía bem. Estava claro e objetivo.

— As mulheres atualmente trabalham fora cada vez mais, precisam equilibrar casa e o

cuidado com a família. Saber que os filhos pequenos estão por perto e bem cuidados fazem o trabalho delas ainda mais produtivo.

— Deve ser difícil — ele concluiu. Crescera no molde onde sua mãe ficara em casa cuidando dos filhos e do lar, enquanto seu pai garantia a tranquilidade da família. Mesmo sendo privilegiados, a mãe dele poderia ter tido sonhos que foram abdicados em prol da felicidade deles — Foi difícil para você? Estudar e trabalhar, tendo uma filha tão pequena?

Ele poderia incluir o “sozinha”. Teria sido mais fácil se, ao invés de Roger, ela tivesse optado por ele?, ele se questionava.

Havia tanta sinceridade no questionamento de Michael quanto em seu toque sobre a mão dela. Não era apenas curiosidade momentânea ou impulso para ser gentil. Ele estava genuinamente interessado em tudo o que a transformara na mulher que se tornara hoje.

— Eu tive muita sorte — iniciou Rebecca, deslizando a mão para longe dele. Não porque o toque a incomodava, era exatamente o oposto — Meus pais, Brianna, Ryan, todos estiverem comigo. Recebi apoio financeiro e emocional. O problema é que, de certa forma, senti-me culpada em deixar minha filha tanto tempo longe. Por outro lado, eu queria ser alguém melhor. Isso significava trabalhar e estudar muito mais. Mas não impedia de me sentir culpada, no entanto.

Também queira dizer que tentara ser alguém melhor por ele. Mesmo que inicialmente tivesse sido levada por orgulho.

— Sempre caímos na crença de que dar coisas ou ceder a quase todos os pedidos compensa o tempo perdido. Tenho sorte por Olivia ser tão dócil ao invés de caprichosa e mimada, como muitas vezes acontece.

— Ela é uma garota muito inteligente — Michael desviou o olhar dela ao falar — Muito bem-educada também. Qualquer pai ficaria orgulhoso dela.

Rebecca sentiu vontade de soltar confetes e balancear os pompons como uma garota de torcida.

Se havia um jeito de deixá-la no chão, era elogiar sua filha. Qual mãe não ficaria?

Tornava-se ainda mais especial que o elogio viesse de Michael, a segunda pessoa responsável por colocar aquele anjinho no mundo, mesmo que ele ignorasse e se recusasse a aceitar tal fato.

Brianna tinha razão. Ninguém com um coração batendo no peito seria imune à sua pequena. Michael poderia fazer milhares de declarações, nada seria tão importante como aquela. A necessidade que tinha de se jogar em seus braços era tão forte como assustadora.

— Por falar em Olivia — ela se levantou apressada — Tenho que dar boa noite. Se importa se eu ligar? — ela perguntou, prendendo o fone em seu peito como uma boia salva vidas.

Esperava que Michael não notasse o tremor em suas mãos.

— Claro que não.

Ele não saiu, deixando-a sozinha e com privacidade. Também não fingiu analisar os documentos na pasta ou manipular o computador. Por todo momento que Rebecca falou com a filha, os olhos de Michael ficaram concentrados nela. Era como se ele se negasse a perder qualquer momento que elas compartilhavam.

— Escove os dentes antes de dormir — Rebecca dava as instruções finais — Diga aos seus avós que mandei um beijo, também à Bri e ao tio Ryan. Eu te amo, muito.

Rebecca recolocou o fone no gancho e criou coragem para enfrentar novamente os olhos de águia. Era adulta, empresária, mãe e dona de si mesma. Então, por que se sentia tão envergonhada?

Talvez porque Michael tenha, naqueles poucos momentos, visualizado a verdadeira Rebecca. Aquela menina de vestido branco que um dia chegara à sua casa.

— Bem, acho que podemos continuar amanhã e... — ela começou a sussurrar, mas sua voz desapareceu ao vê-lo se erguer e se aproximar.

Notou-o dobrar de tamanho. Deveria ser isso que a fazia sentir-se pequena e encurralada.

— Tenho certeza que podemos continuar... — seu polegar tocou os lábios dela em uma carícia suave — agora.

Não era sobre a empresa e os demais temas não discutidos na lista dele que Michael estava se referindo. Precisavam terminar o que começara no hotel quando se reencontraram e a última vez que estiveram sozinhos no quarto dela.

Não foi o polegar incendiando em seus lábios, não foi a mão presa em sua cintura a puxando para ele que lhe roubou a fala ou qualquer capacidade de raciocínio. Foi a determinação brilhando em seus olhos. A chama que ela via queimar e instantaneamente a colocava em ebulição.

Quando os lábios dele tocaram os dela, em um beijo carregado de urgência e necessidade, todo o mundo em volta de Rebecca desapareceu. Não havia espaço para a dor, tristeza, mágoas ou arrependimentos. Havia apenas alegria de finalmente estar nos braços do homem que amava.

— Rebecca! — Michael rosnou o nome dela com a mesma urgência que ela sentia. A boca deixando rastro na curva de seu pescoço, as mãos explorando-lhe o corpo de um modo frenético e possessivo.

— Eu quero você — Michael a pegou em seu colo.

Rebecca ouviu o som do tecido rasgando quando Michael encaixou suas coxas em torno dele. O som, misturado ao próprio gemido dele, davam um ar selvagem e sexy ao momento.

— Quero você como jamais quis outra mulher em minha vida.

Não era um galanteio apenas para levá-la para cama. Falando sério, não era preciso isso. Rebecca se sentia da mesma maneira. Embora tenha levado uma vida celibatária, voltada ao trabalho e sua filha, convivera e conhecera homens atraentes. O próprio Alex era uma prova disso. Nenhum, no entanto, despertara em Rebecca o desejo que Michael era capaz.

Era insano, assustador, mas completamente real.

— Michael, eu...

— Não fale. Não diga nada — ele depositou um beijo, depois outro e outro, calando-a. Até que não fosse mais importante o que iria dizer — Apenas sinta e se entregue ao que somos incapazes de resistir. Por essa noite, apenas isso.

Algo em sua mente dizia que precisavam reajustar alguns pontos. Suas carícias e os beijos que a faziam perder o fôlego empurravam os frágeis pensamentos para longe dali.

Em poucos minutos estava sentada sobre a mesa, o vestido arruinado havia desaparecido, a lingerie delicada e sensual que o fizera soltar algumas injúrias caíram no chão, seguidas pelas roupas dele.

Não estavam sendo delicados ou em um cenário romântico; havia desejo reprimido demais para agirem como um ingênuo casal amoroso.

Era uma questão de pele e paixão, muita paixão que os governava.

— Michael! — gemeu seu nome quando o sentiu explorar sua parte mais sensível, febril e ansiosa para entregar-se a ele — Michael...

Repetiu e repetiu seu nome. De alguma forma, sabia que esse era o combustível que o inflamava. Ouvi-la clamando por ele, implorando por ele com a mesma loucura que ele a desejava.

Os corpos se fundiram, transformando-se em um só. Estavam completos. O ápice alcançado pelo intenso ato de amor mal se comparava à alegria dos corações finalmente juntos, batendo na mesma velocidade.

— Deus! — Michael pressionou sua testa contra a dela, seu corpo ainda soltando espasmos do ato de amor, e a julgar pelos seios empinados em suaves movimentos, com ela não era diferente — Isso foi...

— Uau! — Ela sorriu preguiçosamente quando ele segurou o seu rosto entre as mãos.

As respirações ainda estavam descompassadas. Eles sabiam que haviam compartilhado um momento incrível e sublime.

— Acho que um banho não seria nada mal — ele disse, encaixando-a outra vez em sua cintura — Está meio quente aqui.

Rebecca teve certeza, pelo olhar carregado de más intenções, que Michael não se referia

a um simples banho para refrescar os corpos suados.

— Está mesmo muito quente aqui — sussurrou ela, antes de passar a língua pelas gotículas em seu ombro, provocando-lhe um grunhido acompanhado de um leve tremor — Um banho seria muito bem-vindo.

As roupas foram esquecidas. Voltariam mais tarde para buscá-las ou algum dos empregados, de forma discreta, as recolheria. Aquela era a última coisa que os importava naquele momento.

Eles se amaram sob o jato de água. Se amaram fervorosamente e delicadamente sobre os lençóis. A única língua que falaram era a do amor, até seus corpos exaustos pegarem no sono.

Amanhã seria outro dia, pensou Rebecca antes de fechar os olhos com um sorriso brilhando em seus lábios. Teriam a vida toda para colocar todos os pingos nos is.

Capítulo 23

Michael despertou em um sobressalto. Ele não sabia se as imagens pipocando em sua cabeça eram parte de um sonho ou uma lembrança dolorosa do seu passado. O dia que avistou Roger saindo do quarto de Rebecca, a discussão que tiveram, a briga com o primo, as horas que passara em uma boate se embebedando com alguns amigos, o momento que retornou para casa e a madrugada apaixonada com ela.

Já tivera aqueles flashbacks de memória antes, mas não com tanta intensidade. Ter feito amor com Rebecca naquele dia sempre lhe pareceu mais um desejo inconsciente da sua mente do que realidade. Afinal, acordara sozinho no dia seguinte e sem qualquer vestígio de que estivera mesmo ali com ele.

Teria essa noite que passaram juntos reavivado essas lembranças?, ele se perguntou. Seu cérebro teria mantido a recordação trancafiada para o proteger ou boicotá-lo?

Teria que perguntar a ela.

Sentando-se, Michael passou a mão pelo rosto, tentando organizar seus pensamentos confusos. Alisou o lado vazio da cama onde ela estivera e aguçou os ouvidos para o som que vinha do banheiro. O chuveiro estava ligado, e ele podia ouvir a voz rouca de Rebecca cantarolando.

Sorriu. E quando estava prestes a levantar para sugerir a ela um pequeno dueto sob o jato de água quente, quando o telefone sobre a mesinha de cabeceira tocou.

Decidiu momentaneamente ignorar, mas o som insistente e o breve olhar no relógio o fizeram concluir que poderia ser importante. Já deveriam estar no trabalho há pelo menos duas horas.

— Srta. Griffin? — A voz masculina do outro lado da linha parecia agitada.

Michael levou alguns segundos para lembrar que Griffin era o sobrenome que Rebecca decidira adotar.

— Não, é o Michael. É o marido da Sra. Hunter — fez questão de exaltar o “senhora”.

— Desculpe. Tenho que me manter atento a isso — o homem se desculpou em meio a uma risada — Aqui é o advogado dela. Poderia dizer que está tudo ok em relação à propriedade em Greenville? A transferência já foi feita ao novo proprietário e ele já está em posse de todos os documentos. Fiz questão de garantir isso pessoalmente antes de viajar...

Enquanto o homem tagarelava rapidamente, Michael tentava absorver tudo o que ele dizia.

— Ficarei fora por um ou dois dias, resolvendo algumas questões pessoais — quando ele fez uma pausa, Michael ouviu um sinal e uma voz feminina ao fundo — É a última chamada do meu voo. Entro em contato assim que puder.

Antes que Michael pudesse exigir que ele fosse mais específico sobre o que teria acontecido com a casa de campo de seus pais, ou quem estava em posse das escrituras, a ligação foi encerrada.

— Bom dia.

Michael virou em direção à voz. Rebecca surgiu do banheiro, uma toalha enrolada em seu corpo, os cabelos torcidos caindo em seu ombro e os pés descalços. Estava tão linda como parecia cínica e mentirosa.

— Era alguém do escritório? — perguntou ela, indicando o telefone que ainda estava nas mãos dele — Perdemos a hora. Estamos bem atrasados, mas não quis te acordar. É algo urgente?

— Seu advogado — disse ele, com um olhar tão frio como gelo — Ligará em um ou dois dias.

Jogou o telefone sobre a cama e passou por ela, ignorando o sorriso e o olhar cáldo, que rapidamente se desmoronou diante da receptividade ríspida.

Michael não conseguia acreditar que mais uma vez deixara-se enganar por suas artimanhas e cara de anjo, tão falsa quanto ela.

Pedira três coisas. Três malditas coisas! Que assegurasse os estudos de sua irmã, ajudasse Max em sua recuperação e que mantivesse a propriedade de Greenville com seu pai. Não quisera nada para si. Apenas que os que amava continuassem seguros e felizes.

E de todos os pedidos, o que mais o impulsionara àquele casamento de negócios foi a casa de campo. Fora ali que seus pais reconheceram o amor que sentiam; fora ali que ele passou grandes momentos de sua infância. Fora ali que Olivia tinha dado os últimos suspiros de vida, no lugar que tanto amava, nos braços de Max.

Nada do que Rebecca fizera ou viesse a fazer poderia machucá-lo tanto como entregar aquelas terras a um desconhecido, alheio ao que ela realmente significava para eles. Fora lá que eles se amaram pela primeira vez. Foram aquelas lembranças que ajudaram a manter vivo o amor que ele sentia por ela. Tudo destruído por um sentimento desprezível de vingança.

As pessoas diziam que o poder do amor superava qualquer obstáculo. Estavam enganados; esse não era o caso deles. O ódio parecia ser mais forte.

Seu grande erro foi acreditar que poderia dar certo, que aquele casamento poderia ser real. Que conseguiriam colocar uma pedra em tudo o que aconteceu e assim seguirem juntos como uma família feliz.

Estava mil vezes mais fodido que antes. No passado, amara Rebecca como um menino descobrindo o primeiro amor. Agora era um homem terrivelmente apaixonado.

A noite anterior havia concluído a tatuagem que ela tinha feito em seu coração, marcando corpo e alma de forma definitiva. Michael a odiava pelo que tinha feito, mas também amava com a mesma intensidade. Não; amava muito mais do que odiava, apesar daquela traição rasgar o seu peito.

Viveriam em pé de guerra, acusando-se simultaneamente até se destruírem. Mesmo assim, ele não sabia se conseguiria deixá-la partir de novo ou se conseguiria ir embora..

Desligou o chuveiro, mas ficou por alguns segundos apoiado contra o box gelado. Não poderia continuar se escondendo ali para sempre, remoendo aquela raiva e frustração. Precisava confrontá-la, tirar a limpo aquela história.

O quarto estava vazio quando saiu, o único vestígio de Rebecca era a toalha úmida caída no chão e o perfume adocicado que ela deixara no ar.

Encontrou-a na sala, esperando por ele, sentada no sofá em uma postura rígida e olhar confuso. Michael admitia que sua reação era sincera, já que Rebecca não fazia ideia da tormenta em sua alma e de que ele já sabia de tudo. De que mais uma vez ela o feriu profundamente.

— Há alguma coisa errada? — indagou ela. O tom era mais para afirmativo do que uma questão em si.

Michael desceu os últimos lances da escada, parando diante dela.

— Me diga você — avançou os últimos centímetros que os separavam — Me odeia tanto assim, Rebecca?

— Não, Michael, eu... — ela depositou a mão em seu peito ao falar — Eu... eu amo...

— Eu acreditei... — Michael balançou a cabeça em um gesto derrotado — ...acreditei que poderia dar certo.

— Michael... — as mãos dela agarraram sua camisa, parecia que o frágil tecido era o que a mantinha em pé.

— Eu olho para você e só vejo mentiras — segurando seus braços, ele a afastou de forma um tanto brusca, mas nem de perto usou a força necessária que a raiva dentro dele poderia causar.

— Eu não consigo acreditar! — os olhos de Rebecca também emitiram raiva.

Indignação e fúria, ele concluiu.

— Só mentiras... — Repetiu ele — Isso tem que ter um fim.

Ele se referia a todos os jogos, provocações e mentiras para magoar um ao outro. Aquilo tinha que acabar.

Frustração e raiva a levaram a bater em seu peito de forma descontrolada. Queria que a dor física que ela desejava proporcionar ao seu corpo fosse maior do que a dor em seu coração.

Ele a segurou pelos braços para afastá-la de si e conter seu rompante de raiva.

— Mamãe!

Michael não os vira se aproximar. Ainda segurando Rebecca, virou-se para encontrar Olivia com o rosto banhado de lágrimas e um homem desconhecido ao seu lado.

— O que está acontecendo aqui? — o homem, que ele deduzia ser Ryan, direcionou a Michael um olhar duro e ameaçador — Rebecca? Você está bem?

Michael se afastou dela, não por se sentir intimidado, mas porque aquele não era ele. Jamais levantaria a mão para Rebecca, embora seu estado exaltado indicasse isso.

Esse era um de seus maiores medos; que os sentimentos intensos e aflorados que despertavam um no outro os levassem por caminhos obscuros.

E, acima de tudo isso, havia a garotinha. O olhar assustado, carregado de desespero e dor que via nela, minou o resto das suas forças.

— Não está acontecendo nada — ele se aproximou de Olivia, secando o vestígio de uma lágrima em seu queixo.

Michael não sabia a quem mais queria convencer, a ele mesmo ou à menina assustada. O fato era que ninguém naquela sala parecia acreditar naquilo. E quando Olivia envolveu a mão dele nas suas, depositando um pequeno beijo entre seus dedos, como para curar um machucado, ele sentiu os olhos nublarem.

Ele precisava sair dali, precisava de ar. Sentia que toda aquela emoção emanando dele pudesse afogá-lo.

Partiu, evitando olhar para trás.

Capítulo 24

Rebecca caiu outra vez sobre o sofá, assim que o viu cruzar a porta. Todo seu corpo estava trêmulo, e sentia que todos os seus ossos derretiam dentro dela.

— Por que você brigou com meu pai? — Rebecca ergueu o olhar que estivera focado nas próprias mãos e encarou sua filha — Por que brigou com meu pai e o fez ir embora?

Não era apenas uma acusação que via nos olhos dela; via dor.

— Eu não fiz... — tentou tocá-la, mas a menina se afastou — Filha, é difícil de você entender, mas eu não...

— Se ele não gostar de você, ele não vai gostar de mim — as palavras proferidas em uma tempestade de lágrimas partiram o coração de Rebecca. Sua dor era muito mais intensa agora — Eu quero que o meu pai goste de mim. Eu o amo, mamãe.

Impotente e presa na dor que se enraizava dentro dela, Rebecca a viu sair correndo em direção às escadas.

— Ryan! — cobriu os olhos com as mãos, como se isso fosse capaz de impedir que uma nova onda de lágrimas escapasse deles — O que eu fiz?

Sua dor era tão profunda que julgava ser incapaz de sobreviver a ela. As duas pessoas que mais amava, que mais lhe importava no mundo, e que eram o motivo de continuar vivendo, davam-lhe as costas.

Tudo bem, Olivia era apenas uma criança magoada e perdida, mas nem em seus piores desentendimentos como mãe e filha, em nenhuma de suas birras ao ser obrigada a fazer algo que não queria, ela tinha sido tão emocional e agressiva com Rebecca como naquele momento.

Olivia é inteligente, persistente e determinada, mas todas as suas conquistas eram conseguidas a base de sua doçura e seu jeito meigo de ser. Ela estava zangada com Rebecca, assim como Michael estivera, e ela não tinha a mínima ideia do que havia feito para gerar aquilo.

Eles tinham vivido a melhor noite de suas vidas. Nada fazia sentido agora.

— Minha filha me odeia — sussurrou ela em meio aos soluços, enquanto Ryan a amparava em seus braços — Ela me odeia.

— Seria impossível odiar você, querida — ele prendeu seu rosto entre suas mãos, obrigando-a a encará-lo — Completamente impossível. Ela está apenas chateada pelo viu e acha que entendeu.

Ryan entregou um lenço a Rebecca. Ela assoou o nariz, pouco se importando com o gesto que momentaneamente pareceria rude.

— Estava bem tenso entre vocês dois — disse ele, esfregando os cabelos dela, exatamente igual como fazia a Olivia para provocá-la às vezes — Só duas pessoas muito apaixonadas transmitem tanta eletricidade e faíscas.

— Michael não me ama — ela se queixou — Mas o que mais me preocupa é Olivia. Se eu perder minha filha...

O choro engasgado a impediu de continuar. O nó crescendo em sua garganta não permitia. Talvez tivesse supervalorizado toda a situação e encarando esse desentendimento de forma muito dramática, mas a menor possibilidade de que aquilo pudesse acontecer, que o elo entre Olivia e ela se rompesse, isso sim a aniquilaria. Todo o seu mundo já frágil ruiria aos seus pés. Não sobreviveria a isso.

— Você não vai — assegurou Ryan — Vou subir e conversar com ela. Posso levá-la de volta para a casa dos nossos pais até que se acerte com Michael.

Rebecca não queria ficar longe do seu bebê. Mas faria qualquer coisa, exatamente qualquer coisa, para vê-la sorrindo de novo.

— Eu quero falar com ela antes de irem.

— Suba em uns dez minutos. Onde é o quarto dela?

Enquanto ela o instruía, obrigava seu coração e mente a tentar se acalmar. Precisava estar equilibrada para falar com sua filha, embora, por dentro, estivesse como em um vendaval de confusão.

Após os dez minutos que Ryan pedira a ela, nenhum minuto a mais, Rebecca subiu. Encontrou os dois na cama. Ryan sentado, as costas apoiadas contra a cabeceira e Olivia deitada na cama, a cabeça apoiada em seu colo.

Pela respiração vagarosa, os olhos cerrados e os suspiros que vez ou outra faziam seu pequeno corpo tremer, constatou que ela havia dormido embalada pelo choro.

Doía em Rebecca que não fora ela a consolá-la. Doía mais ainda que, mesmo sem ter a intenção, fora ela que causara essa tristeza na filha. Todos haviam avisado que aquilo poderia acontecer. Estivera cega demais para prestar atenção nos sinais; que sua vingança prejudicaria a quem mais amava na vida.

Dizer que sentia muito era uma constatação pálida diante do que realmente carregava em seu peito.

Justo agora que começava a baixar a guarda e dar uma chance a seus sentimentos por Michael, vinha a vida e puxava o tapete sob seus pés outra vez.

Arrastou-se até Olivia, ajoelhando-se diante dela. Teve a mais absoluta certeza, faria qualquer coisa para garantir sua felicidade. Onde havia amor, não cabia espaço para o orgulho, não para o dela.

Seguiria o conselho de Ryan; encontraria uma maneira de se entender com Michael. Cumpriria qualquer exigência que ele impusesse. Já não se importava mais.

— Porque eu te amo — disse com a voz embargada ao acariciar os cabelos de Olivia — Eu te amo, por você eu faria qualquer coisa.

Quando saiu do quarto, sentia que deixava parte de seu mundo para trás.

Rebecca invadiu a sala, procurando a única pessoa que, embora em algum momento viria com *“Eu te avisei”*, também era a pessoa que mais a compreendia.

— Oh, Oh! — Brianna saiu de sua mesa, indo de encontro a ela — Alerta vermelho!

Embora a brincadeira inicialmente tivesse a intenção de derrubar a expressão angustiada do rosto de Rebecca, a tentativa fizera exatamente o oposto.

Ela deixou que Rebecca chorasse antes de começar a ouvi-la. Já vira todas as versões de sua melhor amiga; uma Rebecca ferida do passado, a orgulhosa e obstinada que fora nascendo no decorrer dos anos, a mãe amorosa, a amiga presente e a vingativa. Mas, a Rebecca de agora, parecia um cristal estilhaçado.

— Eu não entendo — disse Rebecca, um pouco mais calma após ter aberto o coração oprimido — Tivemos uma noite linda. Cheia de promessas e esperança, e no dia seguinte tudo desmoronou.

— Realmente é estranho — Brianna entregou a Rebecca uma xícara de chá, que ela abandonou em cima da mesa — Você disse que quando saiu do banheiro ele estava com o seu telefone. O que Haydes disse a ele?

— Eu não sei. Michael disse que ele ligaria em alguns dias. Tentei telefonar no caminho, mas cai na caixa postal. Acho que ele foi resolver um problema de família, mandei uma mensagem pedindo que retorne assim que puder.

— Bem, então até lá terá que resolver você mesma. O que fará?

— Vou começar liberando o Michael. Da minha vingança, dessa empresa, do casamento forçado. Vou cumprir a promessa que fiz ao meu pai, e quando os cinco meses acabar, sei lá, talvez volte para Londres.

— Rebecca! — Brianna respirou fundo antes de continuar: — Não está esquecendo de

nada? E Olivia? Tem que parar com essa mania de fugir.

Rebecca mordeu os lábios com força, procurando refrear uma nova tempestade de lágrimas. Brianna estava certa; vivia fugindo. Mas isso agora não era possível. Olivia conhecera Michael, ela o amava e não podia ou conseguiria afastá-lo dele, não sem fazer com que a odiasse.

— Tem medo da reação dele quando souber de tudo? Devo lembrá-la que a decisão de ficar longe e afastar as duas da vida dele foi do Michael — ela balançou a cabeça, desanimada — Mas você sempre fez o que quis, então siga o seu coração.

— É o que tenho feito até hoje — murmurou ela — Seguir o meu coração, e não tem ajudado muito.

— Então?

— Pedi que colhessem o sangue de Michael em seu primeiro dia de trabalho. Farei o teste de paternidade, e quando chegar o momento de ir embora, deixarei que ele tome uma decisão: nos colocar em sua vida ou nos afastar dela.

Aqueles meses seriam o prazo ideal para a relação que ele já começara a desenvolver com a filha afluente. Não seriam laços forçados por um teste biológico, mas um amor que nasceria do coração.

— Desejo muito que tudo se acerte — murmurou Brianna — Por vocês três.

Em sua sala, Rebecca mergulhou no trabalho com todo afinho que era capaz. Precisava manter sua mente ocupada, embora, na maior parte do tempo, lhe parecesse impossível.

Não contou nada a Alex quando se juntou a ela em sua sala. Já o tinha envolvido demais e jogado muita merda de sua vida sobre ele.

— Loren? O Sr. Hunter já chegou?

Já tinha perdido as contas de quantas vezes fizera aquela mesma pergunta, principalmente na última hora. Se a secretária não aparecia trazendo algum documento ou algo que lhe pediu, ela ligava em busca de alguma notícia.

— Ainda não — respondeu ela. Colocou a pasta em sua mesa e a encarou — Deseja que eu o localize?

Também tinha escutado um zilhão de vezes aquela sugestão, e a resposta era sempre a mesma: — Não, obrigada.

Se Michael estava incomunicável era porque necessitava daquele tempo sozinho. Era

acreditar nisso ou se desesperar.

Aguardaria que os ânimos dele se acalmassem para comunicar a decisão que havia tomado. Em todo caso, na noite anterior ele tinha informado durante o jantar o problema com seu carro. Talvez estivesse resolvendo isso. Pensar nessa possibilidade a tranquilizou.

Iria esperar.

— Algum problema? — perguntou Alex, ciente de sua inquietação.

— Nenhum. Nada com que deva se preocupar — ela sorriu.

Também precisava acreditar nisso.

Capítulo 25

A clínica em que Max estava não parecia com o lugar que Michael imaginara. A ampla extensão de terra, além da propriedade de estilo vitoriano, garantia paz e tranquilidade ao local. Havia alguns chalés em volta da casa principal e um pequeno lago com patos brancos espalhados na água, algumas pessoas caminhavam em volta dele. Uma ou outra pintava um quadro. Havia um grupo de quatro mulheres fazendo artesanato à margem e alguns homens de idades variadas lendo algum livro.

Michael não identificou o pai entre nenhuma daquelas pessoas, então acreditou que estivesse em um dos chalés ou na casa grande.

Ele passou pela porta dupla de madeira branca e adentrou no que achava ser a recepção.

— Bom dia — disse à senhora grisalha atrás do balcão — Eu vim visitar Max Hunter.

A senhora de cabelos totalmente grisalhos abandonou o livro o qual estivera anotando alguma coisa, ajeitou seus óculos de aro vermelho e deu a ele um olhar especulativo.

— O Sr. é..?

— Michael Hunter — disse ele — O filho dele.

Ela pediu que Michael aguardasse um instante enquanto verificava a ficha de internação do paciente.

— O Sr. está na lista, mas o seu pai tem poucos dias de tratamento. Geralmente o doutor aconselha visitas familiares depois de certo período de internação.

Apesar de desapontado, Michael entendia. Seu pai precisava de serenidade, precisava encontrar a si mesmo antes de voltar a encarar o mundo exterior.

— Sei que a senhora está certa — sua voz era carregada de pesar e arrependimento — Eu não deveria ter vindo.

Não era correto envolver Max em seus problemas quando ele já tinha tantas coisas para lidar, não agora, não nesse processo de recuperação física e espiritual.

— Pode ao menos dizer que eu estive aqui?

A senhora lançou a ele um olhar simpático e acolhedor.

— Olhe, se abrimos exceção uma vez... — ela piscou um olho para ele e fez um sinal com o dedo para que se aproximasse — Se me garantir que será rápido e que também não dirá nada que o aborreça ou preocupe, esse será um segredo entre nós.

— Eu prometo! — Michael sorriu e reproduziu o juramento de escoteiro.

Mesmo que não pudesse dizer nada ao pai sobre a venda da casa, sobre Rebecca e as angústias em seu coração, o fato de poder vê-lo já confortaria seu coração.

— Se der a volta na casa, encontrará um jardim — instruiu a senhora — Ele gosta de passar muito tempo ali.

Michael agradeceu, garantiu outra vez que não estenderia a visita e seguiu em direção ao local informado.

O jardim era um vasto campo onde se era cultivado flores silvestres. Várias pessoas trabalhavam ali, e ele deduziu que o local servia como uma terapia, como todas as atividades ocorrendo pareciam proporcionar isso.

Michael caminhou entre um dos quatro caminhos de flores e chegou até uma estufa. Após uma procurada rápida não avistou Max, então seguiu em direção a uma fileira de bancos.

Max estava sentado em um deles. Sorria e gesticulava para uma mulher de frente a ele. A reconheceria em qualquer lugar, e mesmo se não fosse possível por estar de costas para Michael, a voz a teria denunciado.

— Caroline?

Seu pai e irmã rapidamente ajeitaram-se no banco para encará-lo. Max estava surpreso em vê-lo ali, já sua irmã emitia um gritinho de contentamento.

— Michael! — estendeu uma mão a ele e fez bico com os lábios — Eu não sabia que viria. Me disseram que não era permitido ainda.

Ele se lembrou de que a senhora dissera que não havia sido a primeira visita que Max estava tendo. Não dera muita importância a isso naquele momento.

— Eu não sabia que você estava na cidade — disse ele — O que está fazendo aqui? E seus estudos e companhia de balé?

— Peguei alguns dias de licença — disse ela e moveu uma das pernas para que ele olhasse o pé enfaixafo — Um pequeno acidente.

Ela sorriu, mas ele vislumbrou certa tristeza em seus olhos. Dançar era a vida dela.

— Está tudo bem?

— Foi só uma torção. Eu não queria ficar lá choramingando e dando trabalho a todo mundo — murmurou ela — Preferi voltar e ficar com minha família. Decidi vir para cá primeiro, antes de vê-lo e conhecer minha nova irmãzinha.

Havia acidez nas últimas palavras dela. Michael sabia que ela ainda estava inconformada de saber sobre o casamento após ele ter acontecido.

— Caroline! — Max a repreendeu, mas tocou o joelho dela em um gesto de carinho —

Michael teve os motivos dele.

Como fazia quando eram crianças e tinha ciúmes da irmã, ele se colocou entre eles ao sentar no banco.

— Como você está, papai?

Embora não tivessem passado muitos dias desde que ele havia se internado, já era possível ver sua mudança, não fisicamente, mas no brilho dos seus olhos.

— Estou bem — Max sorriu ao juntar a mão dele na sua — Um dia de cada vez.

Ele curvou em direção à outra extremidade do banco, pegando um álbum e um envelope.

— Estava vendo estas fotos com sua irmã — um sorriso nostálgico tomou o rosto dele quando pegou uma fotografia do álbum e entregou ao filho — Fotos de vocês e da sua mãe.

Michael não sabia se recordar sobre o passado se encaixava na lista de coisas que a senhora dissera que poderiam perturbar Max, mas visto que ele parecia sereno ao ponto de encarar as fotos com tranquilidade, ele acreditava que não.

— Essa em particular me chamou a atenção — Max entregou uma foto quase amarelada a ele.

Uma garotinha loira estava sentada em um roseiral. Parecia uma pequena dama, mas o olhar travesso que transmitia na foto contrariava a ideia de uma menina recatada.

— Olivia? — Ele alternava seu olhar entre a foto e o rosto de Max.

A garotinha na foto era, sem dúvida alguma, a filha de Rebecca. Mas não poderia ser possível. Ao menos que fosse algum efeito na foto, a imagem era antiga demais para que fosse ela.

— Olivia, sua mãe — informou Max — Ela tinha quatro anos aí.

A diferença de idade entre as duas crianças era mínima, mas ficava impossível negar que uma era a réplica da outra.

— Olha essa foto também. Essa é sua irmã aos cinco anos.

Caroline começou a tagarelar algo sobre a imagem, mas Michael estava longe demais. Era como se ele tivesse sido arrancado dali e enviado à uma sala vazia e fria.

A imagem das duas garotinhas surgiu diante dos seus olhos.

Sua mãe...

Sua filha.

— Meu Deus!

Ele curvou o corpo e inalou repetidas vezes em busca de ar.

Sua filha!

As palavras ecoavam dentro de sua cabeça como chibatadas.

Sua filha.

Sua filha.

Sua filha.

— *Minha filha!* — disse a Max, quando ele se ajoelhou de frente a ele — *Minha filha, papai!*

Max chorava. Ele chorava. Caroline seguia emotiva, mas ao mesmo tempo confusa à cena que se desenrolava diante dela.

— Ela é minha filha — continuou Michael, sendo arrastado pela dor devastadora comprimindo seu peito.

— Sinceramente, acreditei que já teria se dado conta disso antes, Michael — Max lançou a ele um olhar recriminatório — Ou que Rebecca...

— Você já sabia? — Michael lançou a ele um olhar magoado.

— Nicholas me contou, mas tive certeza no exato momento que ele me enviou a foto.

Michael não sabia se ficava irritado com Max por ter mantido um segredo tão importante escondido dele, se o abraçava por finalmente ter aberto seus olhos ou se entregava ao desespero e amargura que lhe invadia a alma.

— Alguém pode me dizer do que estão falando? — Carolina exigiu, e pelo olhar determinado, não deixaria os dois escaparem sem uma explicação — Não só tem uma esposa como uma filha no pacote?

O que ele poderia dizer a ela?, pensou Michael. Tudo o que ele acreditara estava errado. Ele estivera enganado o tempo todo.

— Roger e Stacy armaram para separar você e Rebecca — disse Max, voltando ao banco — Eu não notei isso... Você sabe, sua mãe... Você não percebeu ou não quis enxergar a armação e afastou quem mais amava de você.

E Max contou a ele o que sabia daquela história.

— É tudo culpa minha — sentia como se houvesse areia em seus olhos e em sua garganta.

A culpa o arrastava em direção a um penhasco; um penhasco com paredes de espinhos rasgando-lhe a carne até alcançar sua alma ferida.

— Rebecca e você têm uma filha? — Carolina perguntou, abalada — Michael?

Roger mentiu. Stacy mentiu. Rebecca dissera a verdade. Rebecca sempre dissera a verdade. Ele perdera tudo; a mulher que amava, os primeiros anos de sua filha... Deus! Ele tinha uma filha. Uma filha linda e amorosa. Não, ele não perdera. Sua arrogância, sua falta de confiança as afastara.

— Tudo bem, Michael — Max dava pequenas batidas em suas costas — Ainda dá tempo

de remediar tudo isso. Dá tempo de recuperar o que perdeu.

Michael não tinha notado quando fora parar nos braços do seu pai, sendo confortado por ele. Nem quando Caroline também o abraçou. Ele só conseguia pensar em como fora estúpido. Em todos os anos que perdeu com elas e jamais teria de volta.

Talvez tenha demorado dez minutos, talvez tenha demorado uma hora desde que o choro compulsivo passou a ser um lamurio um pouco mais calmo. Mas quando finalmente foi capaz de dominar a dor dentro dele, decidiu que faria qualquer coisa para recuperá-las.

Sabia que a venda da casa magoaria seu pai, desapontaria Caroline, mas aceitava o que Rebecca havia feito. Fora muito pouco em relação ao que fizera a ela.

“Odeio você, Rebecca, da mesma forma que amei. Desprezo essa criança também!”

A recordação veio sobre ele como uma bola se formando na avalanche, cada vez maior e mais pesada.

Ele ficou em pé, andou de um lado ao outro enquanto as palavras impiedosamente o atingiam.

“Odeio você, Rebecca, da mesma forma que amei. Desprezo essa criança também!”

Suas pernas cederam e Michael desabou no chão de cascalho.

— Eu disse que desprezava minha filha — as palavras saíram como um soluço de sua boca — Minha própria filha, papai.

De todos os seus arrependimentos aquele era o que lhe doía mais.

— Michael! — Max e Carol proferiram juntos.

Não explicaria a eles que estivera bêbado, devastado pela morte de sua mãe e com desejo de ferir Rebecca com a mesma força que ela o ferira. O que ele disse sobre a criança era imperdoável, acreditando que era filho dele ou não.

— Desculpem, mas a visita tem que ser encerrada.

A mesma senhora da recepção uniu-se a eles. O olhar descontente que lançou a Michael indicava que não estava satisfeita com o clima decorrente ali.

— Senhorita, você já deveria ter ido embora — a voz amigável agora era dura — E o senhor... Bem, não preciso dizer. Peço que se retirem e voltem quando o doutor liberar as vistas.

— Sra. Weston — era Max a falar — Meus filhos não me incomodaram, pelo contrário. Algumas coisas foram esclarecidas e que me deixarão muito mais calmo em permanecer aqui.

Embora Michael ainda tivesse muito a conversar com Max, ele sabia que a enfermeira estava certa. Seu pai precisava de paz.

— Mais cinco minutos para se despedirem — disse Weston antes de se retirar, resmungando algo sobre abusarem da confiança.

Michael usou essa pequena interferência para se recuperar. Podia seguir dois caminhos: se culpar e lamentar até o fim dos seus dias ou lutar pelas duas mulheres mais importantes da sua vida.

E nessa vida já fizera escolhas erradas demais. Nada mudaria o que tinha feito, nada apagaria a culpa do seu coração, mas era reflexo do que tinha feito, merecia carregar essa parcela de dor.

— Vai mesmo ficar bem? — Perguntou ele ao se levantar.

— Agora eu vou — Max sorriu para ele, depois para Carol — Além de vocês dois, tenho um grande motivo para ficar bem e voltar para casa.

Carol o abraçou e enxugou o rosto na gola do vestido ao se afastar.

— Volto para visitar você, papai — murmurou com a voz chorosa — Também ligo sempre que deixarem.

Michael deu um forte e longo abraço em seu pai. Queria que ele voltasse com eles, queria resolver e esclarecer toda aquela história e fossem finalmente uma família feliz, como fora eternizado naquele álbum de fotos.

— Traz a menina para me ver da próxima vez?

— Claro que sim pai.

Michael apoiou Caroline em seu corpo para ajudá-la a andar, mas antes que pudessem sair, Max estendeu o envelope a ele.

— Recebi esse documento ontem — disse Max — A casa de campo foi novamente colocada em meu nome. Diga a Rebecca que estou profundamente agradecido. Aquela propriedade significa muito para mim.

Michael não abriu o envelope para confirmar o que seu pai dizia. A palavra dele era suficiente.

Rebecca tinha cumprido a promessa que havia feito a ele. O advogado dissera que a escritura estava nas mãos de seu proprietário, e não que tinha sido vendida. Outra vez ficara cego e dominado pela raiva e o desapontamento.

Havia acusado Rebecca injustamente mais uma vez e destruído a linda noite que tiveram juntos.

Reconquistá-la lhe parecia ainda mais difícil depois disso.

Merda!

Estava completamente fodido!

Eles tinham passado na recepção e pegado as malas de Carol, que Weston havia guardado quando ela chegou em um táxi.

Obviamente que durante o caminho ela havia enchido Michael de questionamentos, que ele não sabia responder. Tudo o que sabia era que Olivia era sua filha. Seu amor por Rebecca parecia ter se multiplicado, e mesmo tendo sido um grande babaca que não merecia nenhuma das duas, lutaria por elas.

— Por que a casa voltou para o papai? — seguiu Carol em mais um dos seus questionamentos — O que aconteceu?

— Ele descuidou da empresa. A casa foi dada ao banco do Nicholas como pagamento e Rebecca devolveu agora. Humm... Presente de casamento.

Não era totalmente a verdade, mas, por enquanto, aquela explicação serviria. Até que ele se acertasse com Rebecca, não queria Carol acusando-a do que certamente ela não tinha culpa. Se era para culpar alguém, que ele levasse o título.

— Como é sua filha? — Ela intercalava as perguntas de uma forma espantosa.

— Exatamente como você viu na foto.

Michael aproveitou o sinal vermelho para olhar para ela.

— Aquela era mamãe — ela revirou os olhos — Quero saber como ela é de personalidade.

— Inteligente, meiga, espontânea, corajosa... — a cada palavra, parecia que ia estufando o peito de amor e orgulho — Como eu não notei?

— Você sempre foi meio burro.

Ele teria dado um belo tapa na cabeça dela se não estivesse dirigindo, mas tinha que concordar em parte; fora muito burro.

— Michael, você tem uma filha! — ela emitia um grito que lhe doeu os ouvidos — Pensei que seríamos só nós para sempre. Até torci para papai conhecer uma viúva alegre e com filhos pequenos. Seria triste nossa família terminar em nós três. Visto que enrolou Stacy todos esses anos, sabia que nunca casaria com ela. E eu...

— Mas e aquele seu namorado? O dançarino?

— Não estamos mais juntos, eu te contei. Ele me traiu. Sabe que não perdoo traição — ela deu de ombro, como se o assunto não a incomodasse — Os Hunter não lidam muito bem com isso. De qualquer forma, não o amava de verdade. Era conveniente estarmos juntos, sabe? Por causa da profissão.

Quando alcançaram a rua que levava à sua casa, Michael sentiu o coração disparar em

seu peito. Não era a primeira vez que veria ou falaria com sua filha, mas ele se sentia como um pai indo em direção à maternidade.

Era a primeira vez que ele falaria e a veria como filha. Sua euforia e alegria foi por água abaixo quando entrou no quarto da menina e o encontrou vazio. Também não estava no quarto de Rebecca. Correção: deles.

— Ela está na escola? — Carol perguntou, desapontada.

— Olivia não vai para a escola ainda.

— Olivia? — ela levou a mão ao peito. Só nesse momento se deu conta que se referia a Olivia como menina ou sua filha — Como a mamãe?

A emoção dela refletia a dele.

— Como a mamãe.

Fora a homenagem mais doce que Rebecca poderia ter dado à sua falecida mãe, pensou Michael.

Rebecca, sempre amorosa e doce. E ele tinha pisoteado o coração dela. Mais uma culpa para ele carregar.

— Deve estar no jardim.

Também não a encontrou lá. Quando o desespero ameaçava tomar conta do coração dele, cruzaram com a governanta vindo do escritório.

— Carolina!

— Olá, Sra. Dickson — as duas se abraçaram afetivamente — Como vai?

Michael queria dar todo o espaço para que elas matassem a saudade, mas, sinceramente, ele tinha algo mais urgente com que se preocupar.

— Onde está a Olivia?

Surpresa, a governanta o encarou. O natural era que perguntasse de Rebecca, já que nunca tinha mostrado interesse na criança.

— Aquele garoto, Ryan — disse ela, se abanando com as mãos — Que agora virou um tipão, a levou para a casa da Laura.

— Ryan está aqui? — Carol emitiu antes que Michael pudesse digerir a informação.

Os dois sempre foram bons amigos na infância, seria natural que ela expressasse curiosidade em revê-lo, mas algo nele dizia que a reação dela era por outro motivo. Carol parecia nervosa. Não; em pânico.

— Aqui não, na casa dos Summer — corrigiu a governanta — Vocês eram bons amigos, não?

— Éramos sim — confirmou ela com a voz meio trêmula.

— Olha, desculpem — Michael as interrompeu — Vocês podem conversar à vontade, mas eu tenho que ir.

— Eu vou com você — Carol saltitou até ele.

— O que houve com seu pé?

Ouviram a voz da governanta atrás deles.

— Te conto depois — foi o que Caroline respondeu antes de ser arrastada para fora.

Michael dirigiu no limite de velocidade que a lei permitia e que os gritos irritantes de Caroline, para que fosse mais devagar, deixavam.

Passaram facilmente pela segurança da mansão quando chegaram e foram direcionados para dentro por uma das empregadas.

Entraram no momento em que a babá descia as escadas.

— Olá, Sr. Hunter. Não lembro se Rebecca avisou que o senhor viria nos buscar — ela parecia desconcertada. — Eu estava indo preparar um lanche para Olivia.

— Onde ela está, Ariel? — A pergunta de Michael saiu ansiosa, exatamente como ele se sentia.

— Lá em cima no quarto. Se o senhor não estiver com muita pressa...

Ela não terminou o que ia falar, já que Michael a ignorou, indo em direção ao andar superior.

— Ariel, não é? — Ouviu a voz de Carol — Eu sou a irmã do Michael. Por que eu não a ajudo com o lanche enquanto ele prepara a menina?

Michael não chegou a ouvir a resposta da babá. Naquele momento, estava ocupado verificando cada quarto por onde passava.

— Mas ele não gosta da minha mãe — a voz infantil o atraiu em direção à porta entreaberta — E se ele não gostar da minha mãe, eu não posso gostar dele.

Michael observou a menina sentada no chão. O vestido amarelo e rendado nas barras a fazia parecer uma pequena fadinha dos livros infantis.

Sua filha era linda.

Era como se um véu tivesse sido tirado dos olhos dele. Podia ver a réplica de sua mãe, mas ele via os próprios traços e os de Rebecca também.

Aquele dia que chegara bêbado em casa não fora fruto da sua imaginação ou um sonho. Haviam se amado, e daquele amor geraram Olivia.

Não podia ter sido qualquer outro momento, sempre fora cuidadoso e se prevenira com Rebecca, menos aquele dia.

— Você disse que meu pai ia gostar de mim — a voz saiu em um tom choroso, que fez o

coração dele encolher em seu peito — Eu gosto dele, mas isso não importa.

Olhou em volta do quarto para ver com quem ela falava. Não havia ninguém além da própria Olivia no chão, dividida entre seu diálogo solitário e o desenho que fazia na folha de papel.

A porta rangeu quando ele tentou ter uma visão mais ampla do quarto. Os olhos da menina voaram em sua direção.

Seus olhos nela.

Michael deu três passos vacilantes em direção à filha.

— Oi... — uma simples palavra, mas que tinha uma força gigantesca ao direcionar a ela — Olivia.

Claro que Michael queria correr até a janela e gritar a quem quisesse ouvir que ele era o pai dela. Mas o que Olivia sabia sobre ele?

— Oi. — ela baixou o olhar, retornando a atenção ao desenho que fazia.

— Posso sentar aí?

Olivia não respondeu. Claramente a cena que vira de manhã ainda a abalava. Se ele pudesse, teria voltado no tempo e apagado aquela manhã. Na verdade, voltaria alguns anos e mudaria tudo.

Ele não podia.

Quantas merdas ele parecia ser capaz de fazer? Michael se questionou com raiva.

Ignorando a falta de resposta da menina, Michael sentou-se ao seu lado. Estava invadindo o espaço dela, mas tinha que tentar uma aproximação. Por que Olivia tinha que herdar justamente a teimosia de sua mãe?

Ele sorriu ao se dar conta da indagação. Mesmo assim, as duas lhe eram perfeitas.

— Com quem você falava? — puxou assunto até poder vê-la mais relaxada e sondar um pouco mais.

Diante da relutância da menina em responder, Michael segurou seu queixo e a fez levantar a cabeça.

— Pode me contar, querida — tanto sua voz como em seus olhos transmitiam carinho a ela — Não tenha medo de mim.

Ele se aproximou um pouco mais e acariciou a bochecha rosada.

— Eu nunca mais vou magoar você — insistiu ele — Ou te deixar triste.

— Minha amiga — ela deu de ombros, como Carolina fizera no carro — Mas ela já foi embora. Cuida de mim desde que era bebê. Mas você não pode vê-la, só aparece para criança.

Uma amiga imaginária, concluiu Michael. Crianças tendiam a ter amigos idealizados por

suas mentes fantasiosas. Carol também tivera na infância. Os dele sempre foram heróis em quadrinhos ou seus soldadinhos de chumbo.

— E o que vocês conversavam?

Ele tinha ouvido parte da divagação. Ela falava sobre o seu pai. Já que Roger não tinha nada a ver com Rebecca, não poderia ser ele o pai que Olivia se referia.

— Era sobre o meu pai — sussurrou ela, como se estivesse próxima a revelar um grande segredo.

— Você sabe quem é o seu pai?

Michael estudara os sintomas de alguém prestes a ter um infarto. Podia jurar, estava perto de ter cada um deles.

Olivia balançou a cabeça em seus dedos, dando a ele uma resposta positiva. Alguns fios de cabelo caíram em seus olhos, e Michael carinhosamente os retirou.

— Quem é o seu papai?

Ela sorriu. Um sorriso tão sincero e puro que parecia irradiar o quarto.

— Você — não apenas o sorriso se alargou ainda mais, ela ficou de joelhos, saltando no colo dele, sussurrando enquanto o abraçava forte: — Você é meu papai.

Capítulo 26

Michael desejava nunca mais precisar soltá-la. Havia tanto amor naquele abraço afetuoso que o deixava paralisado.

— Sim. Você é a minha filha.

Ele repetia isso para Olivia e para si mesmo, como se cada vez que pronunciasse tornasse o fato mais real e o elo entre eles mais forte.

— Papai? — Timidamente ela se afastou, encarando-o fixamente — Agora você gosta de mim?

Uma fisgada rasgou o peito dele. Bem diferente do sentimento que teve quando se deu conta do grande erro que tivera. Era uma dor acompanhada de uma imensa vontade de protegê-la; de garantir que ninguém jamais a magoasse de novo.

— Somos uma família de verdade agora? Como a das minhas amigas na antiga escola?

Há poucas horas teve conhecimento dos laços sanguíneos e afetivos que os ligavam, mas já era tão grande o amor que crescia por ela.

— Seremos uma família agora — respondeu ele — Linda e feliz.

Mesmo que tivesse uma luta árdua pela frente. Encararia Rebecca, pediria perdão pelas decisões erradas que os haviam separado, se humilharia se fosse necessário, mas garantiria que continuassem juntos.

— Desculpe — eles viraram após a batida na porta e a voz de Carol que ecoou a seguir — Trouxemos o lanche.

Olivia usou do corpo de Michael para se proteger da chegada inesperada daquela estranha. Apesar de receosos, havia curiosidade brilhando nos olhos dela.

— Eu quero que você conheça uma pessoa — disse Michael, acomodando-a em seu colo — Alguém que você irá gostar muito.

Impaciente ou talvez ansiosa demais para receber o sinal de que poderia entrar, Carol invadiu o quarto com Ariel ao seu lado, carregando a bandeja. Assim que a babá se retirou, Michael concluiu que sua irmã tivera uma conversa com ela, pedindo que os deixassem a sós.

Carol sentou de frente a eles, colocando o pé machucado sobre o outro, em uma posição que lembrava ioga.

— Meu amor, essa é Caroline — disse ele a Olivia — Minha irmã e sua tia. Pode chamá-la de Carol, como todo mundo.

Michael a ajeitou em seu colo ao ver que a postura rígida começou a relaxar. Não resistiu à vontade de inalar o perfume dos cabelos dela quando apoiou a cabeça em seu queixo.

— Oi, Olivia — Carol sorriu, emocionada, e Michael viu o indício de lágrimas surgir em seus olhos — É um grande prazer conhecer você, meu amor. Seremos as melhores amigas do mundo.

Olivia encarou a mão estendida por alguns segundos. Michael sabia que ela estudava se sua irmã era merecedora de seu afeto ou não.

Para o alívio de todos e pelo grande sorriso estampado no rosto de Carol, ela havia passado no teste quando a mão pequenina se uniu à dela.

— Sabia que Carol é bailarina?

A menina inclinou a cabeça e lançou um olhar espantado ao seu pai.

— De verdade?

As duas rapidamente iniciaram uma conversa sobre vestidos e bonecas. Carol prometeu ver cada uma das bonecas de Olivia após a refeição e que ensinaria alguns passos de dança quando estivesse melhor.

Após o primeiro impacto, as duas pareceram interagir muito bem. Carol também fora uma criança muito solitária na infância; sentia uma grande empatia pela menina.

— Eu preciso falar com a Rebecca — anunciou ele ao ver a filha entretida em seu baú de brinquedos — Tivemos uma despedida não muito afetuosa essa manhã. Na verdade, eu agi como um idiota outra vez. Então, eu tenho muitas coisas a acertar com ela.

— Vai dar tudo certo — ela tocou seu ombro e sorriu ao olhar para a menina — Pense no lindo anjinho que tiveram e tenha fé. Estão casados agora. Isso é tudo o que importa. Não como chegaram aqui, mas que estão juntos agora. Ah, ela é tão linda, Michael.

Ele sorriu.

É, não poderia mudar o passado, sequer a manhã anterior, mas podiam juntos reescrever um novo futuro. Ele se resumia a Rebecca, Olivia e todos os bebês que viessem no futuro. Agora que aprendera a grandiosidade de ser pai, queria experimentar esse sentimento muitas e muitas vezes e, acima de tudo, participar de todo o processo.

— Fica com ela?

— Nem se eu tivesse a maior apresentação da minha vida iria embora — Carol gracejou, mas havia toda sinceridade em sua declaração — Quero recuperar todo o tempo perdido.

Era assim que ele se sentia também. Mas haveria tempo. Já tinha conquistado sua filha. Tinha que recuperar o amor da mãe dela.

— Pedirei que Bill as leve para casa depois. Ficará lá, não é?

Carol lançou a ele um olhar que dispensava resposta. Michael gostou daquilo. Sentia

saudade dela, das provocações que eles se faziam. Sentira saudade de tantas coisas. Agora ele via que só estava completo com todas as pessoas que amava ao lado dele.

Foi com esse sentimento que chegou à sede da Hunter, especificamente na sala da presidência, onde estava Rebecca.

— A Sra. Hunter está ocupada, Loren? — Ele perguntou à secretária, que acabara de sair da sala dela.

— Oi, Sr. Hunter — ela sorriu, aliviada ao vê-lo se aproximar — Que bom que chegou... — ela indicou a porta fechada com o olhar e fez uma pequena careta: — Rebecca passou o dia todo perguntando por você.

Michael não sabia dizer se a notícia era algo bom ou ruim. Devido à discussão calorosa, podia apenas estar querendo outra oportunidade de se vingar dele. O que, para ele, era melhor lidar com a raiva de sua linda esposa do que enfrentar a indiferença dela.

Se havia raiva havia sentimento, e ele sabia qual sentimento a governava. Levando em conta a noite apaixonada que tiveram, o amor inflamava qualquer represália que ela desejasse em relação a ele.

— Como ela está?

Loren mordeu o lábio, incerta se deveria responder ou não:

—Acho que não muito paciente. Vou anunciar que você está aqui.

Michael preferiria ter entrado sem dar a chance de que Rebecca se armasse contra ele, mas já fora um cretino demais. Além disso, queria reconquistá-la e não forçá-la a nada que não quisesse. Isso o incluía também.

Cerca de quase cinco minutos depois, ele teve a autorização para entrar. Estacou, segurando a maçaneta fria por alguns segundos. Quando atravessasse aquela porta, tudo teria mudado.

Capítulo 27

Rebecca pediu alguns minutos à sua secretária quando soube que Michael estava ali e que desejava falar com ela. Precisava se recompor e armazenar energias para comunicar a ele a decisão que tivera. Não estava apenas abrindo mão de sua vingança tola, estava abrindo mão de seu amor, e aquilo a destruía mais do que quando fora expulsa da vida dele pela primeira vez.

A decisão de ir embora agora era dela. Aquilo doía, muito. Pelo menos, tinha os momentos que passaram juntos, se amando, como lembrança.

Quando ele entrou, seu mundo iluminou e começou a apagar conforme Michael se aproximava.

— Sente-se, por favor.

Queria ela que seu coração estivesse tão firme como sua voz parecia ser.

— Rebecca... — Michael iniciou ao se apoiar no espaldar da cadeira, ignorando a oferta para que se acomodasse — Sobre essa manhã...

— Você estava certo, Michael — interrompeu ela — Isso está cansativo; todas essas brigas e desentendimentos. A única pessoa que eu não quero que saia ferida foi extremamente magoada hoje... — sua voz falhou, mas ela se obrigou a continuar: — Minha filha.

Ela notou o olhar contrariado diante de suas últimas palavras, mas não conseguiu decifrar por que seria.

— Eu quis, sim, me vingar de você — desviou o olhar para a janela, receando enfrentá-lo — Por me sentir humilhada, rejeitada e ferida. A vida me deu a oportunidade em uma bandeja de ouro e eu agarrei. Não é um sentimento nobre, eu sei. Mas era como me sentia.

Talvez se nunca tivesse encontrado seus pais, se eles não tivessem ligação com a família de Michael ou tanto dinheiro, ela tivesse seguido a vida como qualquer outra pessoa normal, lutando para sobreviver. Talvez teria encontrado um bom homem que exercesse o papel de pai para sua filha e, quem sabe, ter dado um ou dois irmãozinhos a ela. Mas sua vida não fora assim. O destino fora generoso com ela na mesma proporção que fora cruel. Dando uma coisa e tirando outra.

— Agora vejo que isso não contribui em nada — voltou a encará-lo — Não mudou o que eu senti na época, os sentimentos que carreguei depois ou os sentimentos que tenho agora. Então, você está livre.

Incompreensão transfigurou o rosto dele e um brilho de confusão passou em seus olhos.

— Livre?

Ela respirou fundo. Estava sendo mais difícil do que imaginara.

— Fiz um acordo com o meu pai — decidiu esclarecer do início para que ele entendesse —

Obviamente, ele não se agradou da ideia de tomar a empresa de Max para chegar até você. Então, fizemos um acordo: eu faria com que se casasse comigo, mas eu iria recuperar a Hunter e devolvê-la ao seu pai em seis meses. Só assim ele conseguiria me perdoar por ter sido tão vil.

— Isso não me importa mais — Michael se apressou em dizer — Eu já sei...

— Por favor, deixe que eu continue — insistiu; ela sabia que teria que ir até o fim, precisava do pouco da força que ainda lhe restava — Eu liberto você da empresa, desse casamento que não teria futuro de qualquer forma e de mim.

— Está me dizendo que quer o divórcio?

Rebecca concluiu que o olhar atônito que ele direcionava a ela se devia ao fato de que finalmente estava livre.

Doeu.

— Mas gostaria de pedir que esperasse um pouco. Pelo menos até a festa beneficente realizada pela minha mãe em prol do orfanato onde cresci. Meu pai pretende me apresentar oficialmente como sua herdeira a algumas pessoas. Eu não acho que seria de bom tom anunciarmos o divórcio agora que a empresa começa a se restabelecer, geraria especulações que não precisamos.

A grande verdade era que Rebecca queria esses últimos momentos ao lado dele. Mesmo que fossem distantes e impessoais. Chegara ao ponto de mendigar singelos momentos, e eles pareciam ser tudo para ela.

— Se puder aguardar acabar o prazo que meu pai estipulou, seria o ideal. Podemos dar qualquer declaração depois. Coisas como incompatibilidade de gênios, e em seguida Olivia e eu iremos embora. Tudo volta para vocês: a empresa, os imóveis, a mansão. Tudo de volta a quem realmente pertence.

Rebecca não conseguia ver através da máscara fria que havia se transformado o rosto dele. Acreditava que ele deveria estar feliz, mas não parecia isso. Agora ela estava confusa.

— Então, depois desse tempo, você irá embora?

— É uma promessa. Vou deixar você em paz, Michael.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntou em um sussurro de voz.

O que ela esperava? Que ele se recusasse a tudo que dissera? Que a enfrentasse e afirmasse que a amava e que nada daquilo importava?

Sim. Foi exatamente isso que seu coração tolo imaginou.

— Com uma condição: aceito parcialmente sua proposta de liberdade — ele circulou a mesa, parou ao lado dela e girou a cadeira para que ficasse de frente a ele — Não dá para recomeçar de onde parou, tem muita porcaria em volta. Faça o que precisar fazer com essa empresa ou o que achar melhor, eu não me importo.

Ele se aproximou, tomando seu rosto entre as mãos.

— O resto fica comigo. Em cinco meses conversamos de novo. Se desejar partir, eu não a impedirei.

Ele tocou os seus lábios, como se assim selassem um acordo. Um acordo com data e hora para acabar.

Atordoada, o viu partir, sentindo como se tivesse entrado no olho do furacão. Cinco meses para quê?, perguntou-se ela.

E se aquela fosse uma oportunidade de o reconquistar? Em cinco meses muitas coisas poderiam mudar.

Atração por ela, Michael tinha. A julgar pelos seus últimos momentos juntos, havia muito mais do que atração circulando em suas veias; havia muita paixão. Ela seria capaz de transformar aquele sentimento em amor?

Bem, ela já havia baixado a guarda. Depois de mostrar sua face má, poderia finalmente mostrar a melhor.

Cinco meses. Era tudo o que tinha.

Parecia tão pouco.

Capítulo 28

Michael se escorou contra a porta, pouco se importando com o olhar interrogativo que a secretária lhe dava. Ele deveria voltar e jogar todas as verdades em cima de Rebecca, dizer a ela que jogara sobre ele uma quantidade inumerável de besteiras.

Afinal, fora por isso que tinha ido até ali, para confessar que já sabia de tudo. Que ele era um grandíssimo idiota. Mas quando ela viera com a conversa de divórcio e que iria embora de casa, levando sua filha, perdera toda capacidade de raciocinar.

Perder sua filha quando justamente acabara de encontrá-la. Não podia e nem queria cogitar tal possibilidade. Foi aí que surgira a ideia que não sabia se tinha sido tão incrível quanto pensara naquele momento: reconquistá-la.

Falara sério quando disse que não dava para iniciarem do ponto onde pararam. Nenhum dos dois eram mais os jovens cheios de sonhos de antes. Muitas coisas mudaram.

Rebecca tinha se transformado em uma grande mulher, que precisava de um grande homem ao seu lado. Ele precisava mostrar isso a ela; que era digno do seu amor e de sua filha. Então, em parte, aceitaria a trégua que ela havia proposto. Começaria por mudar a vida dele.

Retomaria sua carreira. Tivera boas propostas de trabalho antes de se casar com Rebecca. Seria alguém que um dia ela poderia se orgulhar, como ele se orgulhava de onde ela tinha chegado. A faria vê-lo como homem e pai de família, e não o garoto estúpido que um dia quase os destruíra.

Cinco meses. Ele tinha cinco meses para provar a ela que era a melhor escolha de sua vida.

Capítulo 29

Michael encarou o olhar mortificado de sua irmã com toda a paciência que acreditava ter. E, até para ele, o que acabara de pedir a Caroline parecia irracional. Mas não era assim que o amor deveria ser? Intenso e regado pela loucura de estar apaixonado? Jogar-se do mais alto penhasco de olhos fechados, apenas confiando nos sentimentos que tinha?

Era assim que se sentia em relação à Rebecca e aquela relação complicada. O chão sob seus pés nunca foi seguro. Em compensação, todos os momentos de felicidade eram preciosos. Cresciam, o fortificava e o tornava alguém melhor.

— Quer agir... — ela esfregou a nuca antes de continuar: — Não! Quer que eu aja como se nada tivesse acontecido?

Michael controlou a vontade de bufar como um touro bravo.

— É só por um tempo. Algumas semanas, talvez...

— Michael! — ela iniciou o protesto veemente — Eu não acho...

— Rebecca me pediu o divórcio, Caroline!

Pessoas que nunca estiveram ou não se encontram apaixonadas, só conseguiam enxergar a racionalidade. Ele não queria ser lógico. Queria um final feliz para aquela história. Iria até as últimas consequências para conseguir esse objetivo.

— Significa ir embora e levar minha filha — seu coração contraiu em seu peito diante da possibilidade de que um dia isso viesse a acontecer — De novo.

Talvez tenha sido a tristeza em suas palavras ou a melancolia nos olhos dele que tenha feito sua resistência começar a desmontar.

— Você ainda irá amar alguém, Caroline. Se sentirá perdido e muitas vezes idiota. Mas, também, seu único objetivo será que esse alguém seja feliz, independente da sua felicidade, porque você só conseguirá ser plenamente feliz se ele também estiver.

Aquelas palavras foram cruciais para fazê-la ceder. Michael não desconfiava que ela compreendia muito bem esses sentimentos. Carolina já começara a se sentir perdida e em meio a um maremoto relacionado ao amor.

— Nesse caso, acho que a minha estadia aqui será mais breve do que eu pensava.

Michael ficou confuso com o que ela disse. Contava em ter conquistado uma aliada, não que ela pulasse fora do barco.

— Vai embora?

— Olha, vou ficar calada, mas não posso mentir se as coisas não saírem como quer — disse ela — Mas se sua intenção é reconquistá-la, precisam de um tempo só para vocês.

Fazia sentido, ele concluiu.

— Vai para um hotel?

— Vou para Grenville. Já era minha intenção quando cheguei aqui. Paz e tranquilidade; é tudo o que preciso. Sua preocupação deveria ser outra. O que vai dizer à sua filha?

Não era uma pergunta aleatória. A felicidade de Olivia, quando retornou à mansão Summer para buscá-las após ter deixado a Hunter, era inegável. Todas as suas frases vinham acompanhadas de um *pai* no final.

O maior obstáculo naquele plano “Conquistar Rebecca”, era a segurança emocional da sua filha. Mas quando ele entrou no quarto da menina e a encontrou falante e cheia de risos, teve a certeza que saberiam lidar com todos os obstáculos que surgissem diante deles.

Esperou que a babá terminasse de secar os cabelos úmidos de Olivia e fez um sinal para que ela os deixasse a sós. Iniciou a tarefa de pentear os cabelos dela, enquanto pensava na melhor maneira de abordar o assunto. Uma coisa que aprendera sobre Olivia, ela era doce como algodão doce, mas não era tola.

— Já fez algo que deixou a mamãe muito brava?

Ela ergueu a cabeça, dificultando ainda mais a missão de prender seus cabelos com as presilhas minúsculas que ela havia exigido.

— Às vezes — ela coçou o nariz — Mas foi sem querer.

— Acredito em você — Michael soou tão mentiroso quanto ela — Também fiz algo muito ruim e que deixou a mamãe muito brava comigo.

— Pai, eu peço para ela desculpar você — Olivia girou o corpo e rodeou sua cintura em um abraço apertado — Ela perdoa, sim.

A oferta era tentadora, mas não era certo usar sua filha dessa forma.

— Na verdade, preciso que faça outra coisa — Michael ajoelhou, ficando ao nível dos olhos dela — Lembra quando ela disse que eu não estava pronto ainda para saber sobre você?

Olivia balançou a cabeça, e cachos soltos de seu cabelo balançaram em seu rosto.

— Acho que é a mamãe que não está pronta agora. Não até eu consertar tudo e fazer com que ela me desculpe.

— Por que você brigou com ela essa manhã? Eu briguei com ela por brigar com você, também.

A confissão o deixou desconcertado. Sabia que a menina tinha ficado abalada, mas não que saíra em sua defesa. Provavelmente tenha sido isso que desarmara Rebecca e a feito recuar.

— É um pouco mais complicado que isso. Eu vou fazer de tudo para ela me perdoar. Você me ajuda?

— Não posso mais te chamar de papai? — a pergunta saiu trêmula e com um peso que esmagou seu coração.

Uma merda que ela não poderia.

— Você pode — beliscou o nariz dela, fazendo-a sorrir — Se Rebecca perguntar, diz somente que eu deixei.

— Vai ser tipo um segredo? — ela perguntou, animada.

— Um segredo só nosso.

— Então tá bom... — Olivia direcionou a ele um olhar cheio de travessura — Michael.

— Michael?

Ele gargalhou, jogando-a na cama, fazendo com que se contorcesse com seu ataque de cócegas. Ela podia ser parecida com sua mãe quando era pequena, mas o espírito de aventura e inclinação para travessuras... Ah! Isso era dele, com toda certeza.

— Pai! — Olivia tentava se equilibrar na cama enquanto pulava — Vai ter que fazer tudo de novo. Está tudo errado.

Ela apontou para as linhas tortas em seu cabelo enquanto se encarava no espelho em frente à cama.

E ele tentou consertar o penteado mal feito, duas ou três vez, antes de desistirem do que, obviamente, ele não era capaz.

Nem sempre era o resultado que valia a pena, mas as intenções por trás dele, o caminho que nos levava e os sentimentos por trás da intenção.

Capítulo 30

Procurar Brianna tinha sido para ela a opção mais sensata, embora, naquele momento, já não se sentisse assim. Sua amiga parecia tão confusa quanto ela.

— Ele disse “eu cuido de tudo”, a beijou e saiu?

Rebecca balançou a cabeça afirmativamente, já tinha respondido a mesma pergunta três vezes.

— Cuidar de quê? E por que estava tão zangado essa manhã?

— Eu não sei.

Brianna parecia muito mais frustrada que ela, em busca de respostas. Rebecca ainda estava flutuando com o beijo. Mesmo que tenha sido só um tocar de lábios, eles ainda formigavam ao seu toque.

— E o que ainda faz aqui? Vá atrás dele e descubra.

Descobrir o quê? Que tinha sido imaginação de sua cabeça? Que estava confusa e desesperada para agarrar qualquer tipo de esperança?

— Não sei — ela gemeu, encostando a cabeça na madeira fria da mesa.

Ouviu os passos atrás dela e a porta sendo aberta.

— Pois então descubra, Rebecca — Brianna lançou a ela um olhar zangado — Já me basta as mocinhas indecisas dos livros que leio. Já aturei seis anos de ladainha sua. Pare de choramingar e comece a agir.

Rebecca a encarou, chocada. Claro que ela não havia passado todos os anos se lamuriando com ela. Bem, talvez no início. Passara mais tempo escondida em si mesma, enterrando seus sentimentos dentro de si, do que fazendo confidências a Brianna, mas mudara com o passar do tempo, ela tinha presenciado isso. Talvez fosse disso que ela se queixava agora.

— Acho que tem razão. Preciso de respostas precisas. Eu, hã...

— Isso não é negócio, meu amor — Brianna afagou-lhe o braço quando se aproximou da porta — Se joga. Seja novamente a juvenzinha de dezoito anos. Não há mais Roger, Stacy ou ninguém para atrapalhar.

— Não serei a única a sair magoada se não der certo, Brianna.

— Um motivo a mais para você lutar.

Como sempre, Brianna estava correta. Havia coisas que Rebecca não poderia mudar, situações que não poderia prever. Mas por quem ou pelo o que queria lutar, isso ela sabia.

Michael e Olivia.

Sim. Duas pessoas pelas quais valeria mais uma vez arriscar seu coração.

Dizer que estava nervosa, estava longe de explicar como realmente se sentia. Seu coração parecia querer saltar pela boca, enquanto seguia em direção ao andar superior da mansão.

Antes de chegar ao quarto da filha, ouviu os risos e conversas animadas vindos de lá.

— Cruza... Abre... E fecha... *Derriere*.

Rebecca ouviu as instruções seguidas de mais risadas. Apoiou-se contra a parede do corredor e continuou ouvindo a aula.

A voz de Olivia era predominante. Alegre e cheia de entusiasmo. Ariel falava vez ou outra para que tivesse cuidado, mas era notável também o sorriso em sua voz. E a terceira pessoa no quarto fez com que Rebecca levasse a mão ao peito, cobrindo o coração que agora batia com fúria.

A voz tinha mudado, amadurecido, mas ainda era doce e eufônica, como se lembrava. Caroline.

Caroline estava ali, naquela casa, com sua filha, dando aulas de balé.

— Rebecca?

Levou um instante para ela se dar conta de que a voz falando com ela não era sua consciência, a chamando para a realidade.

— Está tudo bem?

Michael agora se materializou em frente a ela. O olhar preocupado e rugas na testa refletiam o pavor tomando conta dela.

— Caroline está aqui?

Se ele não estivesse tão próximo, não poderia ter compreendido o mero sussurrar.

— Chegou essa manhã — disse ele ao encará-la com atenção — Por que não entra? Ela deseja muito rever você.

Contrariando o convite dele, Rebecca deslizou dois passos para o outro lado. As lembranças do passado vieram como tempestade em um mar revolto.

O dia em que fora embora. A ligação de Caroline, a gravação que apagara do telefone da mãe.

Deus! Ela tinha sido cruel.

Usara a felicidade da filha como justificativa para fugir de toda a dor que Michael causara a ela, para manter longe uma das suas melhores amigas.

— Eu não sei...

Desviou o olhar dele, enquanto a culpa descia sobre ela como um manto a cobrindo.

Voltara para casa decidida a pouco a pouco reconquistar o afeto e amor de Michael, além da sua confiança. Mas cada vez que abria as portas do seu passado, mais sujeira saía de lá.

O que ele diria, pior, o que ele faria quando soubesse que no momento em que sua irmã mais precisou que estivesse ao lado dela, havia virado as costas?

O que Caroline sentiria sobre isso?

Não fora apenas apagar a ligação. Garantira que seus pais rompesse o contato com ela, inventando desculpas e sendo quase vazios nas poucas ligações que faziam.

Laura a visitara algumas vezes. Nunca com Rebecca, e não tinha permissão de falar sobre ela e a neta. Rebecca simplesmente a tinha arrancado da sua vida, como as ervas daninhas indesejadas que havia no chalé que morou com Brianna.

— Vamos, entre! — Michael entrelaçou os dedos nos dela e a impulsionou para dentro do quarto — Olha só quem está aqui.

Rebecca encarou o trio. Ariel sentada na ponta da cama, Caroline apoiada contra o parapeito da janela e sua filha segurando uma das gavetas da cômoda.

— Mamãe, estou aprendendo balé!

A menina pulou ao berrar a notícia, já esquecida do desentendimento que tiveram pela manhã, como qualquer criança. Usava um maiô para natação e uma de suas echarpes amarrada à cintura. Era o mais próximo de roupa de bailarina que ela conseguiu.

Em uma situação comum, Rebecca teria rido. Brianna e Laura teriam brigado com ela por isso, e Nicholas certamente honraria Olivia com o título de melhor bailarina do mundo.

Nenhum deles estava ali com ela. Apenas Rebecca e a culpa entalada em sua garganta ao voltar a encarar Carol.

— Caroline — conseguiu dizer.

Sentira saudade dela. Sentira muito, não podia negar. Agora que deixara todos os sentimentos ruins começarem a ir embora, dava-se conta disso.

— Oi, Rebecca — ela parecia tão nervosa e abalada quanto ela — Ah! Deixa disso!

Somente quando ela caminhou saltitando sobre uma perna, que notou o pé machucado.

— Estou feliz em te ver — disse Carol quando a abraçou — Senti muito sua falta.

Rebecca teve os olhos nublados de lágrimas quando aquelas palavras foram sussurradas em seu ouvido.

— Também senti, Carol.

Nisso ela não mentia. Fizera muitas burradas na vida, algumas que via agora serem incapazes de se perdoar, mas seu carinho por Carol era verdadeiro.

Era uma droga magoar as pessoas que amamos, porque no caminho nos magoamos de

volta.

— Será que podíamos conversar?

Ela viu a troca de olhares entre Caroline e Michael, foi rápida e cheia de significado para os dois.

— Claro — ela respondeu antes de se virar para Olivia — Pratica um pouquinho com a Ariel. Depois eu volto e ensino coisas novas.

Ao invés de seguirem para o quarto que Rebecca ocupava com Michael, elas seguiram para o quarto que fora dos pais dela.

— Deixei minhas coisas aqui, se não se importa — disse Carol ao entrar — Queria ficar mais próxima...

Ela não concluiu a frase, mas Rebecca entendeu o significado por trás disso. Cada canto daquele quarto lembrava Olivia e os momentos que viveram ali.

Rebecca se recordou da primeira vez que se viram e o choque ao reconhecer nela características de sua antiga amiga.

— Sua filha é linda — disse Caroline ao sentar na cama e pegar um retrato de sua mãe na mesinha de cabeceira — Fiquei muito tocada por ter dado o nome da minha mãe.

— Eu prometi a Olivia — ela caminhou em direção à poltrona que havia próximo à cama — Que eu daria o nome dela à minha filha.

Ela alisou o tecido florido com carinho. Passara tantos momentos bons ali, naquele lugar, ouvindo as histórias da mãe dela.

— Ela é filha do Michael, não é? — Carol devolveu o retrato à mesinha, e os olhos claros enfrentaram Rebecca com determinação.

Caroline tinha prometido a Michael que não se envolveria ou atrapalharia seus planos. Mas não sairia daquela casa sem deixar garantido a Rebecca que agora seria uma presença constante na vida da menina. Não pressionaria ou exigiria explicações por ora, mas não abriria mão de sua sobrinha. Perdera tempo demais.

— É difícil explicar — sua voz saiu trêmula e carregada de receio — Quando eu soube... aconteceram algumas coisas...

Rebecca caminhou até ela, porque sentia que precisava daquela proximidade.

— Tudo bem, Rebecca — Carol retribuiu o aperto em sua mão quando sentaram lado a lado — Não me deve explicações agora. De certa forma, entendo algumas coisas.

Ela suspirou, tornando a olhar para o retrato. Olivia e Max abraçados na foto, no dia de seu casamento. Estavam felizes. Eram felizes.

— Quando ela partiu... — o soluço veio acompanhado de uma lágrima — Todo mundo

partiu também. Você foi embora. Michael e papai estavam aqui, mas suas mentes e coração não. Só ficou a Stacy, e ela foi muito eficaz em dizer como eu seria indesejada quando ela e Michael se casassem.

Então tinha sido por isso que Carolina havia ligado pedindo um tempo para ficar com os pais dela, concluiu Rebecca. Sua culpa se multiplicou.

— Então, eu parti também. Por muito tempo, só a dança me importava. Me fazia sentir mais próxima da mamãe. Eu abandonei meu pai quando ele mais precisava de mim. Então, todos temos alguma coisa para se lamentar.

Rebecca queria dizer que a culpa não era dela e que Max lidou com sua dor como todos eles tentaram lidar com as suas.

— Aquele dia no enterro... — outro soluço escapou dos lábios dela — Stacy tinha falado que você não iria. Que tinha ido embora com Roger. Não importávamos mais para você.

— Era mentira!

— Sei disso agora — ela curvou os ombros — Na época, só tinha muita raiva. Só quero dizer que fui grossa porque esperei todos os dias que você voltasse, e quando voltou, era tarde demais.

Rebecca escondeu o rosto entre as mãos e deixou que as emoções transbordassem por ela.

— Eu quis muito estar ali. Eu quis muito ter estado ao lado dela.

Por alguns minutos, tudo o que fizeram foi se abraçarem e dar vazão aos sentimentos que as governavam. Tristeza pelo o que perderam, remorso pelo que fizeram e, acima de tudo, saudade por alguém que não iria voltar.

— Me desculpa por ter sido tão seca e indiferente naquela época — Carol se afastou, mas manteve as mãos grudadas na dela — Talvez, se eu não tivesse sido tão orgulhosa, você teria me contado. Eu teria ficado. Meu pai não teria sofrido tanto e...

— Você era só uma menina — Rebecca apressou-se em dizer — Só uma menina, sentindo-se perdida.

Era ela quem deveria se ajoelhar e pedir perdão. Fora Rebecca a colocar aquela barreira entre elas. Um gesto egoísta e impensado seu mudara suas vidas.

Não podia dizer sobre aquilo para Caroline agora. Agia como uma covarde, mas se recusava a perder novamente a amizade dela.

— Tem razão. De nada adianta mexer no passado agora.

Caroline secou os olhos e sorriu para ela.

— Ficarei em Greenville até meu pé melhorar.

— É grave?

— Apenas uma torção sem muita importância — Carol desviou o olhar. Rebecca sentiu que havia algo mais naquela história — Foi um acidente bobo. Sabe que sempre fui muito desajeitada, o que é péssimo para uma bailarina.

— Não era desajeitada — Rebecca sorriu — Era distraída. Mas por que ficará em Greenville e não aqui? Sabia que Ryan está na cidade.

Rebecca que se recordava da queda que seu irmão nutria por ela. Pensou que, quem sabe, se redimisse ao unir os dois. Um bem em troca do mal que fizera.

— Não! — Carol foi enfática — Meu médico disse paz e tranquilidade. O ar puro me fará bem.

— Mas acabou de chegar. Olivia gostou tanto de você — insistiu ela — Temos tantas coisas a dizer. Tenho tanto a te dizer.

— Tanto a colocar no lugar também — vendo que falaria demais, Carol cobriu os lábios — Veja, serão só algumas semanas. Passarão rápido. Ligarei para Olivia todos os dias, e podem ir me visitar quando quiserem.

— Ryan gostaria de tê-la por perto — ela fez a última tentativa de convencê-la.

E ao deparar com o olhar angustiado, teve a certeza que conseguira o oposto. Mas não a pressionaria mais. Caroline tinha razão. Tinha que colocar algumas coisas no lugar antes de querer bancar a casamenteira.

Rebecca só viu Michael e a irmã dele novamente durante o jantar. Após a conversa relativamente franca com ela, fugiu para o seu próprio quarto, desejando que o longo banho de banheira acalmasse suas emoções. Em parte, ajudara. Sentia suas energias renovadas quando se juntou a todos a mesa.

Não houve um único minuto de constrangimento ou clima carregado entre eles. Em uma casa onde havia crianças não havia espaço para isso. Olivia monopolizava a maior parte da conversa. Seja falando de suas expectativas em relação à nova escola que conheceriam no dia seguinte ou falando do novo sonho de ser dançarina.

Algo que foi uma surpresa para Rebecca. Nunca despertara antes essa vontade em sua filha. Inclusive sempre se recusara a participar de peças na antiga escolinha.

— Você irá amar os cavalos — Carol disse a Olivia quando o assunto mudou para ela e a casa de campo — Eu adorava, quando criança.

Em meio à conversa animada, a menina ofereceu o prato para que Rebecca colocasse

alguns legumes, como a tia dela havia feito. Ela sorriu ao ver quantas influências positivas que Caroline já despertava na menina.

Quando ergueu o olhar, encontrou o de Michael fixado nela. Havia um sorriso em seus olhos que Rebecca perfeitamente teria notado em seus lábios, se não tivesse direcionado o rosto de volta ao seu prato.

O jantar seguiu animado e repleto de conversas paralelas. Rebecca se lembrou de uma outra época, em que fora uma menininha desejando uma família como aquela. Quando era uma jovem que se sentiu perdida após a saída do orfanato e fora amorosamente recebida naquela família.

Tudo parecia igual e ao mesmo tempo tão diferente. Mas, em todas as vezes, mesmo naquelas em que apenas sonhava, reconhecia o amor.

Ela fora dispensada da tarefa de colocar Olivia na cama. Ou melhor, fora trocada pela supertia, Caroline.

Rebecca aproveitou dos minutos a mais que tinha para se preparar para ir para cama, dando-se um tratamento digno de spa. Passava uma camada de creme em suas pernas quando a porta foi aberta. Michael ficou estático ao fazer a varredura com o olhar pelo corpo mal coberto pela camisola minúscula.

— Eu... — ela pigarreou e tentou controlar a reação de seu corpo em relação ao olhar apreciativo que ele lhe dava — Amanhã pedirei que mudem suas roupas para o outro quarto.

Recuperando-se do transe, Michael a encarou com um olhar casual.

— Não é necessário. A cama é grande para nós dois — caminhou em direção a ela, que agradeceu já estar sentada na cama, ou teria caído diante do sorriso sexy como só ele sabia dar — Nós temos um trato, lembra? Nada de confundir a menina.

Nada de confundir a Olivia? Rebecca repetiu mentalmente enquanto ele se dirigia ao banheiro. E quanto a ela?

— Michael? — ela cravou as unhas no lençol antes de seguir em busca de algumas respostas — Hoje de manhã. Você disse que...

Ele rapidamente ajoelhou-se ao lado dela na cama.

— Era sobre a casa — ele afagou delicadamente o rosto dela, fazendo-a fechar os olhos — E de como sou um imbecil.

— Casa? — abriu os olhos, revelando a confusão que a tomara.

— A casa que foi devolvida ao meu pai, como havia me prometido — ele resmungou alguma coisa inaudível a ela, mas que a fez perceber que estava descontente consigo mesmo — Quando o advogado disse que os documentos estavam na mão do novo proprietário, acreditei que...

— Eu tivesse vendido para outra pessoa — concluiu ela com a voz triste — Eu dei a minha palavra, Michael!

Como poderia conquistar o amor dele por ela se não havia qualquer tipo de confiança entre eles? O pensamento sombrio ecoou dentro dela.

— Desculpe. Me desculpe — encostou a testa na dela, o hálito quente sobre seu rosto a fazendo esquecer qualquer desapontamento que poderia ter sentido. Queria apenas sentir os lábios dele nos dela mais uma vez — Prometo que não voltarei a fazer julgamentos precipitados de novo.

O velho sorriso que a desestabilizava voltou aos lábios dele, quando se afastou rumo ao banheiro.

— Muitas coisas irão mudar, Rebecca.

Presas entre o desapontamento dele não a ter beijado, o coração amolecido que desejava isso ansiosamente e aquela esperança de um futuro juntos, deslizou para dentro dos lençóis enquanto o esperava.

Perguntas, planos, sonhos, povoavam a cabeça dela enquanto esperava por ele. Foi assim que pegou no sono.

Capítulo 31

Era assim que Michael desejava acordar todos os dias pelo resto de sua vida. Com as pernas de Rebecca entrelaçadas na dele e sua mão cobrindo a dela em seu peito. Imediatamente sentiu o coração saltar ao se deparar com os cílios escuros protegendo os olhos dela enquanto dormia. Ele também podia ver a ponta delicada do nariz que fazia com que tivesse a necessidade de fazer um carinho.

Estava feliz. Era um homem feliz, apesar de ter ido para cama com um sentimento de frustração ao sair do banho e encontrá-la dormindo.

Entendia que estivera cansada e passara por muitas emoções desde a briga que tiveram até o reencontro com Caroline.

Afagou os cabelos dela e decidiu que a deixaria que descansasse um pouco mais. Suas vidas começariam a mudar iniciando por hoje.

Levantou-se, tomou uma ducha rápida. Vestiu um terno de corte simples, mas elegante. Ignorou a gravata, já estava nervoso o suficiente para ter aquele pedaço de tecido enforcando-o.

Teria uma reunião com o Dr. Savage, ex-professor na faculdade e diretor do Hospital Hamilton, onde se candidatara a uma vaga de médico no setor de oncologia.

Antes disso havia marcado um encontro com Russell, que trabalhava no hospital agora e que insistira muito para que Michael aceitasse a oferta de emprego que foi oferecida aos dois antes de Russell ter saído do país para fazer sua pós-graduação.

— Estou atrasado? — Michael perguntou ao se sentar.

O amigo estivera entretido na primeira página de um jornal, mas abandonou a leitura assim que o viu.

— Na verdade, não — ele aguardou que Michael fizesse o pedido à garçonete solícita e ajeitou os seus óculos antes de pegar sua xícara de café, que parecia ser a primeira vez a ser tocada — Sempre venho um pouco mais cedo para saber como o mundo roda. Então? O que me conta de novo? Fiquei surpreso quando ligou dizendo que estava interessado de novo na vaga.

— Se ela ainda estiver disponível — alertou Michael.

— Sabe que está, Michael — ele ergueu uma das sobrancelhas, um pedido mudo para que não o contrariasse — Depois de mim, você foi o melhor aluno do professor Savage. Seria completamente natural que ele ficasse de olho em nós dois para unir à sua equipe.

Michael sorriu, mas não contrariou a provocação sobre Russel se intitular melhor aluno que

ele. Isso era a mais completa verdade. Houve uma época em que competiram pelas melhores notas e olhares de aprovação dos professores, mas isso acabou chegando ao fim quando Michael entendeu que o cara era naturalmente um gênio.

Já com Michael, as horas de estudos que o curso em si exigia, a dor por ter perdido a mãe e sua separação de Rebecca o fizeram se dedicar ainda mais, destacando-se dos outros alunos da sala. Os estudos mantinham sua mente ocupada.

— Agora me fale, o que te fez mudar de ideia? Parecia bem decidido a ficar amarrado na barra da saia da sua mulher.

— Eu não estou amarrado — respondeu a mais uma provocação com um resmungo. Também não gostou da forma irônica como se referiu a Rebecca — Tínhamos um acordo, que já acabou.

— Vocês se separaram?

— Não poderíamos estar mais unidos. Eu a amo, e apesar de toda resistência dela, sei que me ama também. Além disso, temos uma filha.

— Como? — Russell saltou da cadeira e devolveu o gole de café à sua xícara — Têm o quê?

— É uma história longa...

— Sem problema — disse Russell, apoiando os cotovelos na mesa e o queixo entre as mãos, pronto para ouvir uma boa história — Temos uma hora antes de irmos para o hospital. Gosto de suas maluquices, me faz sentir menos nerd e idiota.

— É reconfortante saber isso — ironizou ele — Garanto que depois de tudo que eu tenho a dizer, se sentirá ainda melhor.

Capítulo 32

Ela sentia falta de algo.

Do calor.

O calor que vinha do corpo de Michael e aquecia o dela. Como uma lareira em dia de inverno e um bom vinho.

Ao abrir os olhos, ficou desapontada ao se deparar com o outro lado da cama vazio. Tinha esperança de encontrar os olhos azuis sobre ela. Apoiou os braços na cama e apurou os ouvidos. Nenhum som vinha do banheiro.

Ele já não estava mais ali. Caiu outra vez na cama e encarou o teto, soltando um suspiro. Dormira pensando na conversa que gostaria de terem tido. Sendo sincera, dormira pensando nas coisas que gostaria de terem feito, especificamente com o que Michael poderia fazer com ela. Como esquecer o mundo através de seus beijos. Mas estivera cansada demais para conseguir manter os olhos abertos.

Era confuso, mas sentia-se em paz. Obviamente ainda carregava a culpa do que fizera a Caroline, mas os sentimentos ruins que a acompanharam por tanto tempo começaram a desaparecer, como uma fumaça densa e escura se desfazendo.

Só queria agora pensar em ser feliz ao lado de Michael e sua filha. Não era pedir muito sonhar com isso. Já não se importava mais com a vingança ou o mal que Roger e Stacy fizeram a ela. Pensar sobre os dois acionou um alarme em sua cabeça.

— Droga!

Ainda tinha Stacy no caminho dela.

Como fora tão cega em não pensar no que estava fazendo? Tivera apenas a intenção de humilhá-la um pouco, mas aquela situação se prolongara demais. Mesmo com as gravações que tinha contra ela, a megera poderia querer revidar. Por outro lado, Rebecca tinha dinheiro e poder para calá-la. Stacy estava arruinada.

Embora a bruxa merecesse perecer na miséria que chegara, Rebecca queria garantir sua paz. Daria uma boa quantia para que Stacy desaparecesse da vida deles, de uma vez por todas.

Nada mudaria o passado. Não traria Olivia de volta nem os momentos que perdera. Ainda tinha um futuro, ainda tinha uma vida, e queria vivê-la plenamente.

Sim. Esqueceria todos os desejos vingativos que um dia cultivara em seu coração. Só precisava de um pouco de calma e paciência. O importante, naquele momento, era fortificar os sentimentos que voltavam a nascer entre ela e Michael. Quando estivesse pronto a ouvi-la,

acreditava que ele iria entendê-la. Dessa vez, ouviriam as vozes dos seus corações.

Stacy poderia esperar um pouco mais até finalmente decidir o que fazer com ela. Rebecca esperou seis anos para recuperar sua felicidade de volta. Afinal, o que seria algumas semanas se comparado a todos os anos que tivera de solidão e dor?

Pediria ajuda a Brosnan outra vez. E quando chegasse o momento, eliminaria toda essa parte suja de sua vida.

Afastou suas divagações ao mesmo tempo em que empurrava as cobertas. Tinha que levar Olivia para conhecer a nova escola. Teria que correr para não se atrasar.

Sua filha sempre iria surpreendê-la. Diferente do que temera durante o caminho, ao invés de se sentir intimidada, Olivia adorou conhecer a escola e sua professora nova.

— Agora só vamos finalizar algumas formalidades e poderei liberá-las — disse a diretora ao retornarem a sala dela — Quem seriam os responsáveis por trazer e buscar a menina além da senhora?

— A babá Ariel. Meus pais, Laura e Nicholas, meu irmão Ryan e Brianna.

— Preciso que coloque os nomes aqui — a senhora entregou o formulário e apontou as linhas pontilhadas — E todas as informações que tiver agora. O restante poderá ser entregue depois.

— Mas falta minha tia Carol e meu pai — Olivia disse à diretora, que encarou Rebecca com um olhar interrogativo.

— Michael é meu marido e Carol a irmã dele.

Incluiu as informações que sabia e garantiu que sua secretária se encarregaria do resto depois. Agradeceram as boas-vindas cordiais, e assim que saíram. Levou Olivia para um dos bancos que vira na entrada quando chegaram.

— Gostou da escola?

— É muito bonita — disse a menina, olhando ao redor enquanto sacudia os pés no ar — Minha professora parece boazinha também.

Rebecca sorriu. Olivia sempre via o melhor em todo mundo.

— Você também gostou muito da Caroline, não é?

— Ela é bonita, e quero ser bailarina que nem ela. Posso, não posso, mamãe?

— Pode ser o que você quiser — alisou os cabelos dela com carinho — E me pareceu bem próxima do Michael, também. Desde aquele dia em que fui jantar fora com Alex e Brianna.

— Eu levei batata frita e sorvete *pra* ele — disse ela em um tom animado e riu quando Rebecca fez cara de nojo — Meu pai também gosta. Vai ver puxei isso dele.

O coração de Rebecca pareceu receber cócegas com as palavras dela. Olivia tinha herdado muito mais coisas de Michael que o gosto estranho por comida.

— Nós vimos desenhos. Foi muito divertido — os olhos dela de repente focaram no chão — Ele me disse que eu poderia chamá-lo de papai.

Surpresa, seguida de contentamento, invadiram Rebecca. Desejara muito que um dia aquilo acontecesse, só não imaginava que seria tão rápido e de forma tão natural.

De repente, a vida vinha como um carro desgovernado em direção a ela.

— Somos uma família normal agora? — Olivia ergueu os olhos transbordando esperança — Com papai e mamãe igual às minhas amigas na outra escola tinham?

Rebecca sentiu o coração estilhaçar. Acreditara que não ter a figura de um pai nunca fora um problema para ela, que seu amor teria sido suficiente. Mas como poderia ser assim, tendo em casa um lindo exemplo de amor paterno? Obviamente, sua filha via o avô e os pais de suas coleguinhas como exemplo.

— Somos uma família, sim — pegou a menina em seu colo, apertando-a em seu peito — Eu, você e seu pai, Michael. Normal e feliz, como todas as outras. E vou garantir que seja sempre assim, meu amor. Eu prometo.

Seu lado racional compreendia que fazia uma promessa às cegas. Mas lutaria com todas as suas forças para que fosse mais do que um sonho almejado por elas.

— Desculpa ter brigado com você — Olivia beijou as bochechas dela e escondeu o rosto em seu pescoço — Eu te amo, mamãe.

— Eu também te amo — murmurou Rebecca — Muito.

Só aquilo importava.

Capítulo 33

Michael tinha acabado de finalizar sua conversa de quase duas horas com o Dr. Savage, quando seu telefone tocou.

Não podia dizer se o sorriso que se formou em seu rosto era devido à vaga que acabara de conquistar e que desejava contar a Rebecca ou se somente estava feliz em poder falar com ela.

— Rebecca.

— Oi, Michael. Eu... Hã... — ela parecia nervosa, o que o alarmou, fazendo-o parar em meio ao corredor movimentado — Você pode falar agora?

— Claro — foi para um lado menos movimentado, dando espaço para que as pessoas transitassem — Aconteceu alguma coisa? Olivia está...

— Não. Desculpe, não aconteceu nada — ouviu a leve respiração do outro lado — Na verdade, aconteceu.

Estava receosa, ele podia sentir isso.

— Minha mãe já sabe que Caroline está na cidade e, bem, ela quer oferecer um jantar para ela essa noite. Você poderia ir?

O pedido parecia tão carregado de desejo e esperança, que ele sentiu o coração encolher. Ah, Rebecca! O que eu farei com você?, ele pensou, voltando a sorrir.

A doce Rebecca que ele havia se apaixonado loucamente parecia estar de volta.

— Olha, se não quiser ir, eu entendo — disse ela, interpretando seu momento de silêncio como recusa.

— Eu irei. Nós iremos — ele se corrigiu — Diga a Laura que tudo bem.

— Ah, isso é incrível — disse ela com um sorriso na voz, que Michael facilmente conseguia visualizar em seu rosto — Quer dizer, será maravilhoso.... Eu digo, para Caroline, meus pais vão adorar revê-la... É melhor eu desligar. Tenho uma reunião agora. Até mais tarde.

Ela não esperou que Michael respondesse ou se despedisse. A ligação foi cortada antes que ele pudesse emitir qualquer reação.

Ele a deixava nervosa. Para Michael, isso era bom. Isso era muito bom.

Michael estava nervoso, como se aquela fosse a primeira vez que conheceria os pais de Rebecca. O que era ridículo, haviam saltado aquela etapa, mas era assim que se sentia.

Também sabia que devia aos pais dela uma conversa e um pedido de desculpas por tudo que fizera a ela. Na realidade, o que deixara de fazer.

O caminho até a casa de Laura e Nicholas só não foi carregado de tensão e constrangimento devido às conversas animadas e brincadeiras entre Carol e Olivia.

Ele também sentia que Rebecca estava desconcertada. Percebera isso desde que saíra do banheiro apenas de toalha e a encontrara lutando contra o zíper do vestido. Ele pegava desde a altura do quadril até os ombros.

Michael teve todo prazer de ajudá-la, teve ainda mais descaramento ao deslizar os dedos pela curva de suas costas enquanto escondia a pele macia sob o vestido vermelho.

Ele queria tirá-lo em vez de vesti-la; queria jogá-la sobre a cama e dar fim à frustração que amargava desde a noite anterior.

— Que bom que vocês chegaram — foi a própria Laura a recebê-los na porta — Carol está ainda mais linda desde a última vez que a vi. Não concorda, Ryan?

Quando ela deu espaço, Michael o notou. O sorriso educado era direcionado a todos, mas seu olhar estava focado na sua irmã. Eram amigos de infância, ele concluiu. Era natural que seu maior interesse fosse em relação a ela. Mas não teve tempo de ver a reação de Carol, já que sua filha a arrastou para dentro.

Antes do jantar, eles se acomodaram na sala. A conversa seguiu para um campo aberto. A conversa girou sobre Carol e suas aventuras no balé, Ryan relatou suas expectativas em relação ao último semestre de seu curso de arte e o convite para realizar um vernissage. Algumas vezes, o assunto era sobre negócios e boa parte sobre o baile beneficente que Laura daria.

Ninguém diria que, há alguns dias, aquela família estivera em guerra. Que os sentimentos transitando entre eles era bem diferente do amor inegável em seus olhos e sorrisos.

O jantar transcorreu bem, mas teve um toque de tensão quando Michael pediu para trocar algumas palavras com os anfitriões.

Rebecca não escondeu o espanto e o medo que brilhou em seus olhos. Michael queria beijá-la e dizer que ficaria tudo bem, mas isso colocaria em risco o seu plano, que ia muito bem.

— Uísque? — Nicholas perguntou, indo até o pequeno bar no escritório.

— Não. Estou dirigindo essa noite.

Aguardou que Nicholas ocupasse sua cadeira atrás da mesa e que Laura se colocasse ao seu lado, lhe massageando o ombro. Ele deu um sorriso gentil para ela e beijou a ponta de cada

dedo antes de voltar seu olhar para Michael.

— Queria nossa atenção? — Indagou ele — Você já a tem.

Michael pigarreou, à procura das palavras certas. Não havia, então resolveu deixar que seu coração falasse por ele.

— Sei que Olivia é minha filha.

— Rebecca contou? — Laura caiu sentada sobre os joelhos do marido.

— Eu meio que enxerguei o óbvio, o resto meu pai me contou.

Laura e Nicholas se entreolharam. Eles conversavam com o olhar. Somente um casal apaixonado e interagidos entenderiam. Michael invejava isso e sonhava adquirir esse nível de intimidade com Rebecca, que só o tempo daria.

— E o que pretende fazer sobre isso? — perguntou Nicholas — Minha filha não parece a mulher exultante que eu imaginei que estaria, quando deixasse de ser um cego idiota que não...

— Nicholas! — A voz parecia doce, mas o olhar que Laura lançou a ele era duro o suficiente para fazê-lo calar — Não a vejo triste como no casamento, também. E Olivia está encantada, não estrague isso.

— Mas quero saber as intenções dele — ele resmungou, contrariado.

— Tarde demais para essa pergunta — disse Laura, com divertimento no olhar — Já estão casados e com uma filha linda. Mas eu confesso que estou curiosa, Michael.

— Primeiro, senhor e senhora Summer...

— Nicholas e Laura — corrigiu ela — Oras, eu troquei sua fralda menino.

Michael sorriu. Era estranho para ele ver esse lado descontraído de Laura. As poucas vezes em que a vira, no passado, deparava-se com a tristeza em seu rosto.

De certa forma ele também teve os primeiros anos de sua filha roubado. Consequia entender a dor que ela teria enfrentado ao perder sua filha ainda bebê. Mal conseguiu se colocar no lugar dela. Aquilo era impensável. Doloroso demais para qualquer pai suportar.

— Laura e Nicholas, primeiro eu gostaria de pedir sinceras desculpas. Eu sei que falhei com Rebecca e Olivia. Talvez vocês dois nunca consigam me perdoar — havia um anseio e um sentimento mal contido em sua voz, que fez Laura se emocionar e Nicholas começar a ceder — Eu mal consigo me perdoar também. Cometi alguns erros e quero... não; eu preciso conquistar o amor delas.

Queria ter essa chance de ter sua vida completa e recuperada.

— Rebecca ainda não sabe ou não desconfia que sei — continuou ele, meio envergonhado — Queria ter a chance de ter a confiança dela de volta antes de revelar tudo. Nicholas, eu sei que estipulou um prazo para que ajudasse minha família, mas, depois disso, Rebecca pretende ir

embora. Eu não posso permitir isso.

Michael o encarou com firmeza, pronto para encarar qualquer protesto ou obstáculo que ele quisesse manifestar.

— Laura, nos deixe sozinhos — ele afagou o braço dela e a levantou de seu colo.

— Mas, Nicholas...

— É uma conversa de homem.

Nicholas cruzou os braços e deu a ela um olhar irredutível. Laura era perspicaz o suficiente para saber quando estava diante de uma batalha perdida. Armazenaria suas energias para quando estivessem a sós.

— Conte comigo, querido — disse a Michael quando se curvou para beijá-lo no rosto — Apenas faça minhas meninas felizes e sempre me terá ao seu lado.

Michael estava contente por ter encontrado em Laura mais uma aliada.

— Conversa de homem... — ela saiu debochando do que o marido dissera.

Vendo por outra perspectiva, a situação era mesmo engraçada. Mas Michael encarou o olhar ameaçador que Nicholas lhe lançava com seriedade.

— Quais são suas intenções? — Inquiriu ele.

— Creio que eu já disse...

— Quais suas intenções se Rebecca for resistente? Se optar por ir embora.

— Isso não irá acontecer — insistiu Michael.

— Veja bem, Michael. Meu lado racional entende muito bem o que vocês dois passaram. E que você foi tão vítima quanto minha filha. Mas meu lado emocional, o do pai, que só quer proteger a sua garotinha, quer colocar você para fora daqui com o rabo entre as pernas.

Michael entendia e aceitava os dois lados que ele apontava, inclusive o que queria dar uma lição nele. Era justo e ele merecia, mas não abriria mão de nenhuma das duas. Enfrentaria Nicholas e qualquer pessoa que se interpusesse em seu caminho.

— Você conheceu a Rebecca doce, amorosa e cheia de sonhos — havia um vestígio de dor em sua voz — Eu só vi a amarga, que tentava todos os dias ficar de pé. Laura e eu só não enlouquecemos juntos porque Olivia era o frescor que nossas vidas precisavam. E é ela que me preocupa. Aquela garotinha o amava sem o conhecer. Apaixonou-se por você através de uma bendita foto. Não vou deixar nenhum de vocês a machucarem.

Michael não soubera da foto, mas emocionava-se que o amor de sua filha por ele fosse tão puro e grandioso. Ele vasculhou o bolso da calça e procurou a corrente que escondera ali, antes de saírem.

— Esse é o anel que troquei com Rebecca quando jurei que a amaria para sempre —

depositou a joia sobre a mesa e o observou a envolver entre as mãos — Nunca deixei de amá-la, nem mesmo quando acreditei odiar. Hoje, eu a amo muito mais do que ontem e amarei muito mais que amanhã. Entende porque não posso aceitar que me deixe?

Nicholas ficou por um longo tempo observando o anel e absorvendo a declaração dele. Não foi o tempo que ele manteve guardado junto dele o símbolo do amor que Michael e Rebecca sentiram que o emocionou. Era a grandiosidade desse amor que ele sentia nas suas palavras.

— Michael, eu torço muito para que tenha sucesso — disse ele, agora sorrindo ao devolver a corrente — Caso contrário, terei que dar a surra que há seis anos você merecia. Não brinque com as minhas meninas de novo. Acha que Rebecca é malvada? Ela tem o meu sangue.

Não era um conselho humorado. Era um aviso.

Michael não podia falhar.

Os dois retornaram à sala e encontraram Laura e Brianna cochichando em um canto. Provavelmente, Laura estaria colocando-a atualizada de tudo.

Ele havia esquecido que Brianna era amiga inseparável e fiel de Rebecca. Convencê-la a ajudá-lo também não seria uma tarefa tão fácil, ele concluiu.

— Onde está todo mundo? — Nicholas foi o primeiro a observar a ausência dos demais.

— Ryan e Carol estão dando uma volta lá fora — respondeu Brianna — Rebecca e Olivia foram para a casa de hóspedes visitar Abbi e Alex.

Michael torceu os lábios em uma visível demonstração de contrariedade. Price era uma pedra no sapato dele que ainda queria eliminar.

— Eu vou buscá-las — disse à Laura antes de ir em direção à saída — Diga a Carol que pode ficar, ou creio que Ryan pode levá-la de volta para casa.

— Vou com você — Brianna apressou-se a acompanhá-lo — Espere um pouquinho, Michael.

Ela parou em frente a ele e o parou espalmando as mãos em seu peito.

— Não vai agir como um babaca — lançou a ele um olhar contrariado — Alex e Becca são só amigos. Não estrague tudo.

— Por que acha que eu vou estragar alguma coisa? — Perguntou, incrédulo.

— Talvez porque ciúmes esteja pulsando na sua testa? Está doidinho para agir como um troglodita.

Ela tinha razão; não podia negar que o ciúmes o corroía. Mas também aprendera que aquele sentimento sempre o acompanharia, sendo Alex ou qualquer outro homem. Então, teria que aprender a lidar.

— Não sou assim. Ou talvez fosse, mas não sou mais.

— As pessoas mudam — Brianna se afastou, e voltaram a andar — E mudam de novo.

Bom, não importa. Só não faça nada idiota. Essa parece ser sua especialidade.

— O que a Laura disse a você? — Michael preferiu mudar o teor da conversa.

Além disso, tinha que estar preparado para o que ela quisesse dizer a Rebecca.

— Praticamente tudo. O que sabia, pelo menos.

Dessa vez, foi ele a parar em frente a ela, ansioso:

— E o que pretende fazer? Vai contar para ela?

Ela exibiu um olhar confuso, depois um sorriso maroto.

— Ora, eu deveria — murmurou, desviando o olhar — Mas vou dar uma chance a você.

Quem controla dois corações apaixonados?

— Não dirá nada a Rebecca? — perguntou, pasmo.

— Isso é entre vocês dois, não vou me meter.

Michael sentia que havia mais ali do que ela realmente queria dizer, mas, por aquele momento, estava aliviado. Não tinha muitas coisas ao seu favor, então precisava agarrar-se às oportunidades que lhe eram dadas.

Chegaram à casa de hóspedes e se depararam com o trio em volta da menina na cadeira de rodas. Olivia falava da nova escola e como sua amiga também adoraria estudar ali.

— Você deveria dar uma olhada, Alex — dizia Rebecca — Realmente, é uma boa escola e totalmente adaptada.

Alex encarou o olhar cheio de esperança que a irmã lançava a ele. Devido ao precário estado de saúde dela, a mãe deles optara por ensiná-la em casa. Além disso, moravam distante do povoado e da escola.

— Você gostaria, Abbi? — ele ajoelhou ao lado dela.

Ele queria vê-la feliz e que sua doença nunca fosse problema para a menina.

— Uma escola de verdade? — O sorriso tímido surgiu nos lábios da pequena — Com outras crianças? Acho que eu gostaria.

Michael podia não ir com a cara de Alexandre Price por motivos óbvios, mas era inegável o amor que nutria por sua irmã. Era obrigado a reconhecer: se Rebecca tivesse dado uma chance a ele, teria sido um bom pai para sua filha.

Aquele pensamento angustiante fez Michael perder a breve empatia que havia adquirido. Tinha ciúmes de Rebecca, mas tinha ciúmes da filha também.

Era melhor irem embora.

— Como vai, Alexander? — cumprimentou ao se aproximar em direção à filha.

— Muito bem.

— Falando em escola, começa amanhã, não é? — perguntou à Olivia, puxando-a para seu lado, mas era a Alex que encarava com olhar cheio de raiva — É melhor irmos para casa.

O mesmo fez com Rebecca, embora inicialmente tenha sido mais receosa em unir suas mãos.

— Pense sobre isso, Alex — murmurou ela ao saírem.

Da varanda, Alex, Brianna e Abigail observavam o trio se distanciar, sorrindo.

— Agora vai — disse Brianna, afagando o nó que parecia ter se formado em sua garganta.

— Agora vai — repetiu Alex, trazendo-a para o lado dele.

Estavam felizes por sua amiga e filha.

Abbi, por outro lado, pensava que queria ter outra vez uma família como aquela. A mesma que havia perdido quando seus pais faleceram. Queria que a esposa de Alex desejasse se aproximar dela e ter o que Olivia tinha: amor.

Capítulo 34

Ela tentava controlar as mãos nervosas enquanto observava Michael contar uma das fábulas que Olivia conhecia de cor, mas que para ela parecia ser narrada pela primeira vez.

Rebecca tinha medo de respirar, se mexer, ou até mesmo soltar o suspiro preso em sua garganta, com receio de que isso pudesse quebrar o momento mágico entre eles.

— Acho que agora ela dormiu — ele sussurrou ao cobrir a menina com a manta.

Rebecca assentiu com a cabeça e procurou sair do quarto sem fazer ruído. Apoiou-se contra a parede, fechando seus olhos, enquanto dezenas de sentimentos transitavam por ela.

Dizia ao coração acelerado para que se mantivesse a calmo. Era só Michael colocando a filha para dormir. Era só Michael gentilmente contando uma história para ela. Era apenas Michael parado diante dela quando abriu os olhos.

Lembrou-se da primeira vez que estiveram naquela posição. As mãos dele contra a parede, prendendo sua cabeça entre elas. A diferença era que, na primeira vez, exibia um sorriso de provocação. Agora havia desejo, uma chama que parecia incontrolável.

Descobriu que não precisava lutar para fazê-lo se apaixonar. Assim como ela, via-o rendido àquele sentimento chamado amor. Estava claramente refletido nos olhos dele.

— Michael... me beija? — era mais que um pedido; soava como a súplica de um sedento em busca de água — Me beija.

— Achei que nunca fosse pedir isso — ele deslizou o polegar entre seus lábios, deixando um rastro de fogo onde tocava, torturando-a.

Em um instante, o toque delicado transformou-se em carícias apaixonadas. Bocas famintas procuravam uma a outra; mãos afoitas exploravam os corpos febris. Gemidos mal contidos escapavam dos seus lábios.

Michael a pegou em seu colo. As pernas dela perfeitamente encaixaram em sua cintura. Rebecca só se descobriu em seu quarto quando ele a depositou sobre a cama. Os beijos apaixonados que trocaram pelo caminho a fizeram perder a noção de tudo.

Só havia eles, mais nada ou ninguém. Apenas os dois e a paixão que os consumia.

Observou inquieta enquanto ele se despia sob seus olhos vidrados. Uma escultura viva e perfeita ganhando vida diante dela. Braços fortes, ombros largos e os músculos da sua barriga definida deixavam-na hipnotizada, atraída e desejando mais.

Sentia que ele sempre crescia em torno dela. Sentia-se frágil e, ao mesmo tempo,

protegida.

Sentou-se na cama brigando contra o fecho do vestido. As mãos trêmulas e a ansiedade para se livrar da roupa não a ajudavam.

— Eu faço isso.

Colocou-a em pé e de costas para ele.

Rebecca ouviu o deslizar do zíper com o farfalhar do vestido. Sentiu os dedos tocarem sua pele nua e os lábios dele seguirem o mesmo percurso enquanto a despia.

— Senti saudade — murmurou Michael ao conduzi-la de volta para a cama, com a delicadeza de quem cuida de uma flor rara — Senti muita saudade.

Não se referia às horas que tinha passado desde a última vez que fizeram amor; ele falava de todos os anos que passaram separados.

Ele a beijou. Ele a venerou. Rebecca tinha Michael por todo o seu corpo. Em sua boca, no toque de suas mãos. Dentro dela. Tinha Michael fundindo-se em sua alma.

Rebecca observou Michael brigar com a gravata em frente ao espelho por quase um minuto, antes que o riso incontrolável escapasse dela, denunciando que já havia acordado.

— Bom dia — Michael a encarou através do espelho e sorriu.

— Bom dia — ela se contorceu na cama, como um felino acabando de acordar — Já está de pé. Por que não me acordou?

Frustrado, Michael desistiu de arrumar a gravata e virou-se de frente para ela.

— Porque estava linda dormindo — disse ao apoiar os ombros em uma das portas do closet — Continua linda, por sinal.

A gravata pendendo pelo pescoço, cabelos meio despenteados e o sorriso sexy de Michael fizeram a sua respiração acelerar.

— Consegui uma vaga como oncologista no Hamilton — disse ele, todo orgulhoso de si — Tenho que ir essa manhã conhecer a equipe e as instalações do hospital.

— Michael, isso é excelente! — Rebecca saltou da cama e logo estava em seus braços — É tudo o que sempre sonhou.

O Hamilton não era apenas um hospital para o tratamento de câncer, havia uma ala inteira somente para pesquisa. Era referência no tratamento e combate dessa doença dolorosa e agressiva. Fora lá que Olivia fizera seu tratamento antes de...

Embora ela não tenha conseguido vencer a doença, que era um tipo raro que enfrentara,

sua expectativa de vida teria sido menor sem os cuidados dos especialistas do hospital. Trabalhar ali significava muito para ele.

— Quando isso aconteceu? — perguntou ao se separarem — Por que não me disse nada?

— Foi ontem — ele afagou o rosto dela — Queria esperar o momento certo. Talvez durante um jantar. Só nós dois. De qualquer forma, precisava contar.

— Estou feliz por você — disse ao ajudá-lo com a gravata — Sei que será um ótimo médico.

— Mais que isso — os lábios dele tocaram os dela com leveza — Ficaré orgulhosa de mim.

Rebecca queria dizer que já estava. Mais do que isso, que o amava mais e mais... Muito mais do que antes.

— Não programe nada essa noite — disse ao chegar à porta — Vamos jantar fora para comemorar.

Embora o convite parecesse natural, Rebecca via um ar matreiro em seus olhos.

O que ele estaria aprontando?

— Ok. — foi tudo o que seu sorriso bobo permitiu-lhe dizer.

Ela flutuou, ou melhor, caminhou entre as nuvens o dia todo. Nem mesmo um problema no trabalho com um dos diretores arrancou o sorriso do seu rosto. Problemas surgiam para serem solucionados, disse a um Alex atônito.

Assim fora seu dia, com passarinhos cantando ao redor da sua cabeça. Estava ansiosa quando deixou a Hunter e ainda mais quando passou pelo quarto de Carol, que jantava com sua filha.

Ouviu o que considerou uma longa narrativa de Olivia sobre seu primeiro dia na escola. A menina estava feliz. Ela estava radiante, não desejava mais nada no mundo além disso.

A decepção logo a tomou quando não encontrou Michael no quarto, mas logo foi esquecida ao ver uma caixa em cima da cama. Abrindo-a, encontrou um vestido branco e um bilhete com a grafia dele.

Vista-o.

Uma única palavra que parecia ter tantos significados.

Ela tomou banho. Escolheu o hidratante preferido.

O vestido era simples, um sinal que não iriam a um lugar mais elegante. Rebecca até preferia assim; um lugar mais intimista onde pudessem ficar à vontade.

Secou os cabelos, deixando-os soltos. Michael sempre os preferira assim. Não fez maquiagem, apenas um batom claro para dar vida aos seus lábios.

Calçava as sandálias, quando Michael surgiu no quarto. Usava camisa de uma cor que

lembrava seus olhos e calça escura.

— Está linda — o olhar abrasador sobre ela confirmava suas palavras — Ainda mais linda do que eu me lembrava.

— É algum tipo de *flash black*? — Ela provocou, apontando o vestido.

Apesar da ideia ser encantadora, ela não sabia se queria repetir os passos de sua história. Queria novas lembranças, umas que apagassem as dolorosas do seu passado.

— A mesma história, sob um ponto de vista diferente — disse ele ao se aproximar — E, sem dúvida alguma, um novo final.

Para convencê-la, ele tomou suas mãos e a conduziu.

Jantar fora, para Michael, significava uma manta estendida no chão do gazebo, que antigamente era um refúgio para namorarem.

Havia gelo e espumante descansando em um balde, salada e uma variedade de frios. E em uma das travessas de inox, algum tipo de peixe grelhado. De sobremesa, taças com morangos e um creme branco que ela concluiu ser chantilly.

Tudo muito simples, e ao mesmo tempo romântico e especial.

— Você que preparou tudo?

— Tive uma ajuda de uma pequena jovem e de uma senhora não muita animada com os nossos planos.

A pequena jovem sem dúvida alguma era Olivia, ela notou, por uma das mantas com tema de coração espalhada no chão. Era uma das mantas preferida dela. Sua filha agindo como cupido. Aquilo não a surpreendia.

— Está tudo lindo — confessou Rebecca — E a comida parece deliciosa.

— Está com fome? — ele perguntou provocativo.

— Você está? — ela rebateu.

— Faminto.

Michael lançou a ela um dos seus olhares terríveis e cheios de más intenções. Claro como água que ele não falava de comida. Rebecca nunca se acostumaria ao que o sorriso e olhar sedutor faziam com ela.

Serviram-se. Conversaram sobre o dia dela, sobre o dia dele no hospital. Ela via paixão nos olhos dele enquanto falava sobre uma criança ou um idoso que não se dava por vencido.

Eram um casal comum trocando experiências do seu dia, apreciando a companhia um do outro. Eram um casal notoriamente apaixonado. Sentiam-se assim. Viviam o momento. Sem cobranças, sem julgamentos.

Foram embalados pelo champanhe e pelo brilho platinado da lua.

— Eu sempre a quis aqui — sussurrou ele ao mergulhar dentro dela — Absurdamente melhor do que sonhei.

Em meio às palavras carinhosas sussurradas em seu ouvido, o céu estrelado enfeitando a noite, ela se entregou a ele de todas as formas.

Todas elas foram regadas de amor.

Capítulo 35

Os convidados iam deixando a residência do Dr. Savage e se despedindo da sua agradável esposa com uma promessa de voltar em breve. Era o primeiro evento profissional de Michael que Rebecca fazia parte, e ela gostaria que a noite não terminasse nunca. Aliás, queria que todos os momentos agradáveis e felizes que vinha compartilhando com Michael e Olivia não tivessem fim.

O relacionamento deles mudara. Começara naquela mesma semana quando Michael a convidara para um jantar, onde conhecera seu melhor amigo e colega de hospital, Russell, de quem ela gostara instantaneamente.

Dali foram para outros encontros; visitas surpresas no escritório para almoçarem juntos, jantares com outros amigos, idas a galerias, museus e teatro. E, claro, havia o fato de que se amavam todas as noites. E cada noite ela se apaixonava um pouco mais.

— Michael, sua esposa é encantadora — disse o doutor Savage quando chegou a vez deles na fila — Espero revê-la muitas vezes, minha senhora.

Rebecca apertou as mãos gentis e respondeu com sinceridade ao dizer que adoraria voltar.

— Cuide bem dela, Hunter — ouviu quando Savage murmurou ao beijar a esposa dele em despedida — Nunca a deixe escapar de você.

— Eu não vou — não foi a confirmação vinda de Michael que deixou Rebecca sentindo que flutuava, mas a alegria em sua voz dizer.

Infelizmente a residência dos Savage não era longe da mansão. Eles teriam uma noite apaixonada, mas Rebecca queria um pouco mais daquela singela intimidade fora dos lençóis.

— Espere! — Michael a alcançou quando desceu do carro e foi em direção à porta — Vamos tomar um pouco de ar antes de entrar — ele olhou para o céu estrelado sobre eles e segurou a mão dela — A noite está muito bonita para ignorarmos.

Rebecca não precisava ser convencida, era o que mais desejava, então o seguiu. Pararam diante do gazebo, onde fortes e doces memórias do passado estavam impressas ali.

Michael estendeu o terno no chão, sentando sobre ele, e colocou Rebecca em seu colo.

Ficaram em silêncio, absorvendo a beleza da noite. Às vezes uma brisa acariciava os cabelos de Rebecca, às vezes Michael o fazia.

— Como você ficou na gravidez? Quer dizer, sua aparência e o que sentiu? — ele perguntou, encostando a testa nas costas dela, as mãos massageando os braços com delicadeza

— Ficou muito enojada ou teve desejos estranhos?

— Por que quer saber disso agora?

Michael sentiu os ombros ficarem rijos. Ele não queria ter estragado a noite, mas também não conseguia mais esconder curiosidades como aquelas, de saber mais sobre momentos que havia perdido.

— Só queria saber — disse em um tom casual — Saber mais sobre você e Olivia.

Rebecca se afastou dele e ficou de pé.

— Não deveria ter tocado no assunto, se a incomoda — apressou-se em dizer e tentou puxá-la pela mão — Esquece.

— Fique aqui — Rebecca sorriu, mas não se aproximou — Eu já volto.

Michael fechou os olhos e se escorou contra a mureta do banco. Sentia-se frustrado e aborrecido consigo mesmo por ter estragado a noite, que até aquele momento tinha sido perfeita para eles dois.

Mas a verdade é que estava angustiado. Sentia pressa em reconquistar a esposa e sede por saber mais sobre o tempo que ficaram longe. Queria conhecer mais sua pequena Olivia pelos olhos de Rebecca, e às vezes esquecia como deveria ser cauteloso.

Obviamente que ela notara a mudança no casamento deles. Principalmente no comportamento de Michael e suas tentativas em seduzi-la cada dia mais. E ele ficava exultante a cada resposta positiva, apesar da surpresa inicial que Rebecca lhe dava estava progredindo.

— Acho que isso pode falar melhor do que eu — ouviu sua voz e abriu os olhos, encontrando-a parada diante dele, em suas mãos a caixa que mantinha no closet.

Ele sempre tivera curiosidade em olhar, mas bravamente respeitava a privacidade dos segredos que ela guardava ali.

Rebecca tornou a sentar entre as pernas dele e apoiou as costas em seu peito enquanto tirava a tampa da caixa. Havia muitas lembranças escondidas. .

— Eu estava com oito meses — entregou uma foto a ele — Brianna que tirou a foto. Tirou a maioria das fotos de quando eu estava grávida.

Michael segurou o papel com as mãos trêmulas. Ela tinha ficado linda. Exibia um radiante sorriso no rosto enquanto olhava provavelmente para a pessoa que tirava a foto, mas para um bom observador ou para alguém que a conhecia tão bem quanto ele, era possível notar a tristeza nos olhos que o sorriso ensaiado não conseguia esconder.

Naquele momento, a felicidade de compartilhar momentos tão importantes de sua filha foi abalado pela dor que sentiu, ao saber quanto sofrimento infringira a Rebecca.

— Essa quando saímos do hospital — entregou outras fotos a ele — Olivia era tão linda. A

maioria dos álbuns está na casa dos meus pais. Podemos ver no domingo.

Ele confirmou que adoraria, e continuaram mergulhados nas lembranças. Eram apenas fotos, mas, para Michael, foi como se tivesse estado ali. Para Rebecca, era como se revivesse com ele, dessa vez sem a sombra da tristeza em seu coração.

— A primeira mecha do cabelo dela.

Michael acariciou o tufo no laço de seda. O primeiro contato real com o passado delas. Agradeceu que ela estivesse de costas para ele e que assim não se chocasse com o tormento de emoções transbordando dos olhos dele.

A primeira mecha de cabelo, a primeira luva de lã, as primeiras memórias agora também eram dele.

As únicas coisas que faltavam para completar o momento perfeito era sua pequena menina dormindo em seu quarto e ele poder dizer a Rebecca o quanto amava as duas.

Ele diria...

Em breve diria.

Capítulo 36

Rebecca acompanhava o painel do cinema que mudava o nome do filme a cada meio minuto. Tentava fazer com que sua filha escolhesse entre uma animação infantil ou um filme que falava das aventuras de um cachorro.

— Você tem que escolher um, Olivia.

— Mas não podemos ver os dois? — Ela ergueu os olhos suplicantes que tanto lembravam o pai dela.

— Não temos tempo. Amanhã é dia de aula — manteve-se firme — Que tal voltarmos no fim de semana que vem?

Os olhos da menina iluminaram com a ideia.

— Você promete?

— Prometo — disse Rebecca, finalmente dizendo o nome do filme à vendedora paciente.

Possivelmente ela vira muitas cenas como aquela em seu turno de trabalho.

— Tomara que o Michael já tenha conseguido comprar as pipocas — disse à menina saltitante ao seu lado — A fila estava grande.

— Eu quero pipoca doce — Olivia repetiu.

A ideia de passarem o resto da tarde de domingo no shopping havia surgido de Michael depois da partida de Caroline ter deixado sua filha meios triste.. Em pouco tempo elas tinham se apegado muito.

Ela sabia que Carol queria dar tempo para que Michael e Rebecca estreitassem os laços antes que a realidade os abatesse. Olivia enxergava as coisas com outros olhos. Para ela, estava sendo abandonada por sua nova tia.

Cinema e pipoca tinham sido a grande solução que Michael encontrara para tirar o bico emburrado da criança. Rebecca teria optado por uma maratona de DVD's no sofá.

— Quem é aquela, mamãe?

Rebecca direcionou o olhar para o local que ela acenava. Alguns metros adiante, estava Michael e ao lado dele, uma loira alta e bonita. Riam de algo que ele disse.

Pareciam íntimos e bem à vontade um com o outro. E desde que mergulharam naquela relação às cegas, Rebecca não se sentia insegura. Vivia mais em um conto de fadas. Então, sentir algo tão desagradável como ciúmes estragava completamente aquele momento familiar.

Como que atraído, o olhar de Michael encontrou o dela, e após se despedir da amiga misteriosa, brindou Rebecca com um dos seus melhores sorrisos. Aquele especial e devastador que

pertencia só a ela.

Porque sim! Aquele sorriso destruidor lhe pertencia, concluiu possessiva.

— Fiquei na dúvida entre a doce e a salgada, então trouxe as duas — ele abaixou a bandeja para que Olivia fizesse sua escolha.

Rebecca ignorou a pipoca salgada e pegou o copo gigante de refrigerante. Sua garganta já estava seca o suficiente para um longo gole. Queria que a bebida adoçasse também seu coração aflito, mas tinha a mente e a boca cheias de perguntas impertinentes querendo saltar por ela.

Estava sendo irracional, sabia disso. Michael não fizera nada de mais além de encontrar com uma amiga. Bonita, muito bonita, e aquilo a irritava.

Talvez, se não tivesse medo da fragilidade daquela relação, se não houvesse tantas questões não solucionadas entre eles, fosse mais segura.

— Tudo bem? — ele perguntou, colocando-se ao lado dela, rodeando sua cintura com o braço — Parece meio agitada.

— Não apresentou sua amiga — murmurou ela, arrependendo-se logo depois.

Aquele era o momento que sua filha sempre curiosa deveria ter se manifestado, ao invés de se distrair com o doce.

Fosse pelo tom de voz acusatório ou a expressão descontente que ela mal conseguia disfarçar, Michael parou, obrigando-a a fazer o mesmo.

— Está falando da Erin?

— Se for a loira com quem conversava, estou.

Rebecca tomou outro gole de refrigerante. Deveria sair de casa com uma mordança, como um daqueles cachorros ferozes.

O sorriso despreocupado de Michael deu lugar a um olhar aborrecido.

— Erin trabalha comigo no hospital. Teria apresentado vocês, se ela não estivesse de plantão e com pressa. Só veio até uma lanchonete vegetariana que tem aqui.

Arrependida, Rebecca o abraçou pela cintura.

— Desculpe — o presenteou com um dos olhares arrependidos, que sua filha fazia quando aprontava alguma coisa — Eu só...

— Estava com ciúmes — exibiu aquilo como um competidor recebendo o troféu de vencedor — Agora já sabe como me sinto em relação ao Price.

— Mas Alex e eu...

— Não têm nada — ele concluiu mais uma vez — Eu sei disso. Assim como Erin e qualquer mulher com quem trabalho não significam nada para mim. Ninguém mais me importa, Rebecca.

Apenas você.

Mesmo aquele bichinho chato dentro dela querendo duvidar, ela sabia que poderia acreditar na declaração. Com ela também era assim, nunca tivera olhos para outro homem.

Decidida, ignorou todas as preocupações. Iria aproveitar a tarde prazerosa com eles.
Com sua família.

Capítulo 37

Rebecca controlou a vontade de verificar a mochila da filha quando sentiu o olhar atento de Michael sobre ela. Fora praticamente uma exigência da menina fazer a mala para o fim de semana que passaria no campo com a tia Carol.

Sua bebê estava crescendo e se tornando independente. Isso a assustava e dava orgulho ao mesmo tempo.

— Colocou a escova de dentes na bolsa? — perguntou ela, iniciando a inspeção que fazia Olivia revirar os olhos.

— Já, mamãe — ela respondeu, satisfeita consigo mesma, enquanto tentava fechar a mochila — Já coloquei tudo.

— E o pijama? — dessa vez foi Michael a se dirigir a ela.

Ele estava escorado contra a porta enquanto observava o movimento no quarto. Olivia tapou a boca com as mãos, escondendo um sorriso.

Arregalando os olhos, a menina deixou que as palavras escapassem sussurradas entres os dedos: — Ai, esqueci.

Voltaram à tarefa de desfazer e conferir a mala.

Seriam dois dias de separação. Para Rebecca seria o mesmo que anos. Viviam uma rotina que ela já começara a se acostumar. Durante a semana tomavam café juntos. Michael levava Olivia na escola, e Rebecca, sempre que saía mais cedo do trabalho, a buscava.

Nos fins de semana faziam algum programa juntos ou curtiam a casa e a piscina. Às vezes iam à casa dos pais dela.

Parecia que não tinham um passado a ser discutido. Que não tinham assuntos a serem esclarecidos. Michael mudara e era mais atento as duas. Notava algo como emoção que quase nunca ele conseguia esconder, principalmente quando se animava em falar sobre Olivia e seu desenvolvimento.

E quanto mais o tempo passava, mais medo ela tinha de perder o que estavam construindo. Prova disso era o exame escondido em uma das gavetas do closet.

Deveria acabar logo com aquela tortura e revelar tudo a ele. Que a menina que ele começara a amar e cuidar como filha era de fato dele.

— Não esquece de ligar quando chegar lá, Ariel — pediu Rebecca ao entregar as coisas de Olivia — E vá com cuidado, Bill.

— Sim, senhora — respondeu o motorista, indo para seu lugar ao volante.

— Você se comporte muito bem, juvenzinha.

— Está bem, mamãe — Olivia respondeu ao receber o abraço apertado e retribuir o de Michael — Tchau, papai.

Ela sempre se emocionava ao ver o carinho dos dois. Às vezes lhe faltava o ar, como naquele momento.

— Vou sentir saudade, boneca.

Rebecca apoiou a cabeça nos ombros de Michael quando ele a abraçou por trás, e assim assistiram o carro partir.

— De repente, eles crescem e vão embora — murmurou ela em um tom emocionado.

— Ela só estará a algumas horas de distância — Michael parecia horrorizado ao falar de um futuro que não parecia agradá-lo — Não quero que ela cresça.

— Eu também não.

Rebecca sorriu. Que pais ficavam felizes com os filhos saindo do ninho?

— Ei! O que está fazendo? — Perguntou assustada quando, num impulso, ele a pegou no colo.

— A pergunta certa é o que pretendo fazer.

— Nós temos o evento da minha mãe hoje — ela o alertou quando entraram na casa — Precisamos nos arrumar ainda.

— Temos quase duas horas para isso.

— Você é maluco.

— E minha esposa adora isso.

— Adorar não chega nem perto — ele sorriu daquele jeito que ela amava.

Michael tirou os sapatos. Rebecca se livrou do vestido. Peça a peça foram arrancadas às pressas. A cama estava a meio metro de distância, mas a parede estava mais perto e mais atrativa.

— Me faz esquecer — pediu, antes de entregar seus lábios para um beijo.

— O quê? — Michael tocou carinhosamente o rosto dela, desfazendo todas as rugas de preocupação.

— Tudo, Michael — sussurrou em meio ao beijo feroz que a arrebatou — Tudo...

A força com que ele bateu as costas contra a parede provavelmente garantiria alguns hematomas no dia seguinte, mas Michael não parecia se importar. Estava ocupado demais explorando o corpo dela, fazendo-a responder cada carícia que dava.

Com as mãos, boca e pele Michael estava em todos os lugares dela, exigindo mais e mais.

— Eu te amo! — Michael emituiu, enterrando-se dentro dela.

Indo. Invadindo. Conquistando. Pulsando.

Conduziam juntos a dança mais antiga dos amantes.

— Eu te amo — Rebecca gritou, entregando-se à explosão de prazer que a dominava.

Eles estavam aninhados entre os lençóis. A respiração pouco a pouco voltando ao normal, quando Michael estendeu-se sobre ela.

— Depois de hoje à noite, tudo mudará — disse a ela, afastando alguns fios úmidos do rosto suado — Você já está pronta. Eu já estou pronto. Não quero mais esperar para dizer o que eu sinto.

Embora suas palavras não fossem completamente claras, algo dentro dela dizia que entendia o que ele estava falando. Que sempre soubera o tempo todo.

Que o envelope escondido naquele quarto já não tinha nenhuma relevância.

— Hoje à noite? Por que não agora?

Ele encostou a testa na dela, cravando o olhar no seu.

— Porque estar pronto não significa que não tenha medo. E, caramba, eu tenho muito — ele confessou, passando seu rosto sobre o dela, um carinho tão leve como o toque de uma pluma — Além disso, é a noite da Laura. É a sua noite. Então, hoje curtirei minha doce esposa por mais algumas horas. Eu quero experiê-la, ter uma noite agradável e especial ao seu lado. Depois de tê-la só para mim mais um pouco, entregar minha coração e alma. Há tanto o que falar. Só então aguardarei que decida se serei o homem mais sortudo do mundo em continuar ao seu lado ou um miserável infeliz condenado ao inferno sendo obrigado a ficar longe.

— Eu seria miseravelmente infeliz se o deixasse partir, Michael — afirmou ela.

— Muito inteligente, essa minha esposa — disse ele girando-os, na cama, colocando-a por cima dele.

— Essa esposa incrivelmente inteligente o alerta mais uma vez que chegaremos atrasados — ela proferiu em meio aos gemidos provocados pelas carícias dele em seus seios.

— Chegar no horário é falta de educação — continuou a provocá-la.

— Então, você não conhece nada sobre a pontualidade britânica?

— Só a pontualidade do Michael — ele a puxou para um beijo, fazendo-a esquecer de todo o resto — E ela diz que temos uma eternidade toda para nos amar.

Como imaginara, chegaram atrasados. Receberam um olhar de reprovação da mãe dela, um conspiratório de Brianna e outro desinteressado de Alex.

Rebecca uniu-se aos pais durante o discurso. Emocionou-se quando Laura e Nicholas fizeram um breve resumo da sua história e de como se sentiam agradecidos ao orfanato e às freiras por tê-la mantido em segurança.

Passada a parte formal do evento, Nicholas e ela visitaram algumas mesas. Ficou atenta aos nomes, aos rostos que seu pai dissera serem importantes. Começou a realmente aproveitar a noite quando se uniu a Michael e seus amigos na mesa.

O evento consistia em um jantar, um leilão com peças doadas por alguns artistas, um sorteio onde cada casal na mesa receberia um coração de cristal e dentro dele o nome da criança que deveria apadrinhar. Finalizando a festa, um dos Dj's mais conhecidos da cidade agitaria todos com sua música.

— Como se chama o nosso? — Perguntou Michael, ao vê-la manusear a fita com o nome.

— Jonny — ela sorriu, passando o coração e o nome do garoto para que ele pudesse olhar.

Não sabiam nada sobre a criança. Idade, características físicas, personalidade. Mas Rebecca já sentia carinho por ele. Talvez porque tenha crescido no orfanato e ter desejado todos os dias o que aquele menino teria deles: um pouco de amor.

— Bem-vindo, Jonny — Michael recolocou a fita de volta ao coração de cristal que, para eles, naquele momento, representava o menino.

Estavam na sobremesa, quando Michael avistou alguém que ele conhecia.

— Quero te apresentar a alguém — disse ele, levantando.

Passaram facilmente entre as mesas, em sua maioria vazia. Boa parte dos convidados já se arriscavam na pista de dança.

— Que bom que conseguiram vir — Michael parou ao lado de um homem.

À direita dele estava uma mulher em um vestido dourado. Rapidamente, Rebecca reconheceu a loira que encontraram no shopping.

— O Russell você já conhece — indicou seu amigo de longa data — Essa é Erin, também trabalha com a gente no hospital — apresentou Michael, puxando-a mais para perto dele.

Rebecca brindou a mulher com um sorriso educado. Racional ou não, ainda sentia uma parcela de ciúmes, mas concluiu que não era exatamente com ela, mas que teria com qualquer mulher bonita muito próxima a Michael. Relaxou e correspondeu com mais ânimo os sorrisos.

— É tão bonita como na foto que Michael tem na mesa dele, Rebecca — disse Erin em um tom gentil.

— Bonita e inteligente demais para esse cara aqui — disse Russell.

Apesar de demonstrar contrariedade, Rebecca sentiu o riso mal contido sacudindo o corpo de Michael.

— Sabe, encontrei aquele livro que você precisava — ele falou com naturalidade.

— Qual? — A confusão no rosto de Russell era genuína.

— *Como a cuidar da sua vida em duzentas páginas.*

Russell gargalhou. Erin e Rebecca sorriram.

— Espero sermos boas amigas — Erin puxou uma cadeira para que Rebecca sentasse ao lado dela e falou em um tom confidente: — É difícil ser a única mulher inteligente no meio desses dois.

Logo elas estavam entretidas em outras conversas e provocações dos dois.

— Vamos dançar? — Michael a convidou quando o outro casal foi para a pista de dança.

— Podemos tomar só um pouquinho de ar lá fora antes?

Sentia-se meio tonta devido ao calor ou as quase três taças de champanhe que tomara. Além disso, queria um momento mais recluso e íntimo com ele.

Foram para uma área destinada a descanso e fuga do grande barulho da festa. Ao invés de sentarem em um dos bancos brancos ali, Michael a tomou em seus braços, conduzindo-a em uma dança lenta.

Ela estava onde queria estar: nos braços dele. Queria poder eternizar o momento. Que nada e ninguém jamais destruísse sua felicidade.

— Você só poderia me ouvir?

Rebecca estacou diante da voz tensa chegando até eles.

— Não, Alex! — A voz da mulher tinha um tom angustiado, quase de dor — Eu não posso. Nós não podemos.

— Hannah...

Rebecca não conseguiu ouvir o que Alex disse em seguida. Virou-se em direção às vozes.

De onde Michael e ela estavam, quase não poderiam ser vistos. Eles tinham optado por ficar em uma área mais escura, cercada de vasos de plantas.

— Ela é minha irmã — Hannah se aproximou mais de onde Rebecca estava — Não posso fazer isso.

— Eu só estou pedindo para me ouvir, Hannah.

Alex se aproximou dela. Parecia dividido entre a raiva e a frustração.

— Por favor!

— Não!

Quando Alex a virou para ele contra sua vontade, Michael descobriu que era hora de agir.

— Solta ela, Price!

Rebecca gemeu. Aquilo não iria terminar bem. Olhando bem para o seu amigo, sabia que ele não estava cem por cento normal; havia abusado da bebida.

Ficou preocupada. Alex não era assim. Não era o tipo que precisava do estímulo do álcool

para encarar uma mulher. Ele tinha um charme que as atraíam e facilitava a conquista.

— Não se intrometa, Hunter.

— Hannah disse que quer ser deixada em paz, então é isso que você irá fazer.

— E quem vai me obrigar? — ele lançou um olhar debochado e vacilou ao caminhar até Michael.

— Alex? — Rebecca se colocou entre os dois — Não faz isso.

Os olhos tristes de Alex caíram sobre Rebecca.

— Eu só quero explicar para ela — o tom saiu como um lamento atordoado — Contar a verdade, Rebecca.

Foi aí que ela entendeu; estavam apaixonados. Alex estava apaixonado pela irmã de Stacy, sua esposa.

— Conta para ela — o olhar suplicante foi como uma apunhalada no coração de Rebecca.

Nunca fora sua intenção, mas sua vingança estúpida atingia mais uma pessoa que amava. Parecia um efeito dominó.

— Eu vou contar — disse Rebecca, erguendo o olhar para onde Hannah estava.

Tarde demais. Aproveitando-se da confusão entre Michael e Alex, ela tinha fugido.

— Você fodeu tudo, Hunter! — Alex lançou um olhar enfurecido a ele.

Em poucos segundos, os dois se engalfinhavam entre socos e pontapés. Rebecca sabia que não teria forças para separá-los. Alex estava furioso, e Michael provavelmente descontava o ciúme que sempre sentira dele.

Eram dois imbecis, pensou Rebecca ao correr de volta para a festa. Dois imbecis que ela entendia muito bem.

Pediu ajuda ao primeiro conhecido que viu. Por sorte era Russell, ainda na pista de dança com Erin.

Quando os dois meninos de rua foram separados, pois era assim que Rebecca resolveu classificá-los, convenceu Alex a ir embora com o casal.

Michael estava sentado em um dos bancos quando ela retornou. Havia desfeito a gravata e aberto alguns botões da camisa. Tinha os cabelos desgrehados, ela não sabia se pela briga ou por ter passado os dedos pelos fios. E tinha um dos olhos começando a ficar roxo e um corte nos lábios.

Alex também não saíra muito bem.

— Por que você o provocou? — resmungou ela ao sentar ao lado dele, para ver os ferimentos de perto.

— Eu provoquei? — Michael afastou as mãos dela, ainda exibindo tensão.

— Ele só queria conversar com a Hannah.

— Mas ela não queria! — Michael elevou o tom de voz — Quando uma mulher diz não, é não! Ela estava assustada, e não podia deixá-la passar por aquilo de novo.

— Aquilo?

— O que Roger fez com você, foi o que ele fez com a Hannah — disse ele, amargurado — Eu não pude ajudá-la. Não pude ajudar você, e foi por isso que a perdi.

A compreensão caiu sobre Rebecca como um meteoro rasgando o céu. Não era exatamente com Alex que ele estava furioso. Era com Roger. Era o sentimento de impotência por não ter protegido nenhuma de suas vítimas.

— Então você sabe? — O óbvio clareou a mente dela — Sabe de tudo?

Ele apenas fez um leve movimento de cabeça.

Rebecca simplesmente não sabia se ficava agradecida ou simplesmente chorava.

— Não quero conversar aqui — ele estendeu a mão para ela — E temos muito o que falar.

Anestesiada ainda pela surpresa, deixou que Michael a guiasse. Encontrou Brianna pelo caminho e pediu que avisasse aos pais que estavam indo embora. Diante do olhar especulativo ao encarar Michael, garantiu que explicaria depois.

O caminho foi percorrido em um silêncio longo e torturador. Michael acreditava que sabia de tudo, mas havia algumas camadas que ele desconhecia. Eram essas que mais a preocupavam.

Chegaram em casa, e assim como ele fizera na festa, conduziu Rebecca para o quarto.

— O que você realmente sabe? — estourou ela, aflita demais para esperar o momento oportuno.

Michael a sentou na cama e ajoelhou em frente a ela.

— Eu sei de tudo — murmurou ele ao segurar a mão dela — Mas eu quero contar a minha versão da história.

Parecia receoso, quase em pânico, se assim pudesse dizer.

— Hannah, Stacy e eu nos conhecíamos desde crianças. Bom, o Roger não é exatamente meu primo. Meu tio casou com a mãe dele quando ainda era um bebê, mas não era muito presente com ele. Nós dois, até certo ponto da infância, nos dávamos bem. Nós fomos crescendo, e parecia haver uma competição entre nós dois por tudo. Geralmente eu nem levava a sério. Mas às vezes caía em uma das suas provocações.

Ele sentou sobre suas pernas em uma posição mais confortável. Rebecca sentia que aquela conversa seria longa.

— Stacy e Roger ficaram mais próximos quando eu e ela começamos a namorar. Eu acho

que o usava para me provocar quando queria, sinceramente isso não me incomodava. Talvez pelo fato de que nunca a amei de verdade. Eu nunca tive esse desejo de posse e medo de perder que tive com você.

Ele desviou o olhar. Abrir o coração, como fazia, não era algo tão fácil como imaginou..

— Antes de nos conhecermos, já estava meio que me cansando das infantilidades da Stacy para manter minha atenção. Era possessiva e ciumenta. Conforme eu amadurecia, menos afinidade via entre nós dois, mas também era cômodo. Era um garoto conhecendo a puberdade, e ela proporcionava o que eu queria: sexo.

Pensar nos dois daquela forma causava desconforto em Rebecca. Queria ter sido a única mulher na vida de Michael, assim como ele fora o único para ela, mas não era assim. Tiveram criações diferentes.

— Eu me aproximei mais da Hannah, primeiro porque, levada pelos ciúmes, Stacy a tratava muito mal e eu ficava com pena. Depois porque era uma garota legal, mas nunca houve nada entre a gente além de amizade — continua narrando os fatos que ainda pareciam o atormentar: — Não era assim que Stacy ou Roger pensavam. Ele tentou seduzi-la, e como não teve efeito, a drogou. Justificou que a amava e que foi tudo consensual. Depois passou a ameaçá-la com vídeos que fizera deles, para garantir que ela permanecesse calada.

— Fez com que ela parecesse culpada — concluiu Rebecca. Era quase como ver um resumo da sua vida, os mesmos tipos de artimanhas e intrigas causadas pelas duas víboras — Mas não disseram nada a ninguém?

— Eu não soube exatamente o que aconteceu. Foi nessa época que minha mãe começou a ficar doente. É horrível dizer, mas o repentino retraimento da Hannah não era minha maior preocupação.

Rebecca conseguia compreender muito bem. Stacy e Roger sabiam como prejudicar as pessoas e saírem ilesos, como fizeram com ela também.

— Acontece que a Hannah acabou ficando grávida. Os pais dela queriam obrigá-la a tirar a criança. Foi assim que eu soube da história, quando veio pedir ajuda. Não queria ficar com o bebê, mas daria para adoção. Então foi aí que eu entrei na história. Disse que fingisse para os pais que faria o aborto para ganharmos tempo e que eu conseguisse o dinheiro que ela iria precisar e um lugar para ficar.

Michael fechou os olhos por um momento.

— Ia escondê-la na casa de campo dos meus pais. Fiz a única coisa que um garoto tolo poderia sugerir: fugir. No entanto, não foi preciso. Na noite em que íamos nos encontrar, Hannah teve uma discussão com Stacy, que queria impedi-la de ir embora, e acabou caindo da escada,

perdendo o bebê.

— Meu Deus! — Rebecca levou a mão à garganta enquanto tentava absorver tudo o que ele dizia.

O que mantivera Rebecca em pé depois de tudo o que acontecera fora Olivia. Mas isso porque sua filha era fruto do seu amor, e não de um ato violento.

— Ela se sentiu culpada. Tentei explicar que não era culpa dela, que devíamos responsabilizar Roger pelo que aconteceu. Mas os pais dela queriam abafar o assunto. Estavam convencidos de que se deixou seduzir, não queriam mais escândalos. Hannah me fez jurar que diria nada a ninguém, nunca. Jurou que tinha mentido. Exagerado, era a palavra certa. Que só bebeu demais e depois se arrependeu. Fiquei confuso.

Michael a encarou em busca de julgamento, mas Rebecca só conseguia sentir pesar. Era um segredo duro demais, tanto para ela como Michael carregar.

Agora entendia o horror de Hannah quando Roger surgiu naquela festa. Poderia estar errada, mas duvidava que a queda que provocara a perda do seu bebê tinha sido mesmo acidente.

— Proibi Roger de voltar à minha casa, no máximo aceitava suas ligações esporádicas para meus pais e Carol. Então, quando ele voltou... quando se aproximou de você...

Ele parecia tão furioso como estivera no passado.

— Não sabia como te contar sem que me desprezasse por ter me mantido calado sobre Hannah, porque, no fundo, eu sabia que ela não tinha mentido para mim, mas me mantive calado como me pediu.

Ele soltou o ar, frustrado.

— Só tive certeza de que o que Hannah me contou a primeira vez era verdade quando liguei sua história com a dela. Nada era mentira. Roger e Stacy também usaram você contra mim.

— Ele não me tocou! — Disse, exasperada. Precisava esclarecer aquilo. O simples pensamento causava-lhe asco — Ele não tocou em mim, não dessa forma.

— Agora eu sei, Rebecca. É ridículo dizer isso, mas Stacy jogou muito bem comigo, com a gente. Começou com algumas insinuações sobre vocês dois, algumas fotos. Quando o vi saindo do seu quarto...

— Ele foi me dar uma carta para entregar a Hannah! — os olhos dela pesavam, mas não iria chorar ainda — Eu achei que fosse.

— Mas o que a carta dizia era o quanto estava apaixonado e como a noite de vocês tinha sido perfeita. Sim, eu li. Eu li cada linha da maldita carta, não conseguia acreditar no que meus olhos viam.

— Eu pensei que ele fosse meu amigo.

— E foram tantas as vezes que eu a alertei sobre Roger— continuou ele, triste — Que ele não era alguém confiável.

O olhar era magoado, como se ele revivesse o momento diante de seus olhos.

— Stacy me dava provas, você as confirmava o tempo todo. Afinal, eu te conhecia apenas há alguns meses. O que realmente sabia sobre você, Rebecca?

— Talvez o suficiente, Michael — murmurou ela, zangada — Só o que importava. Eu te amava!

— Quando alguém planta a dúvida e você vê tantos sinais é difícil acreditar no que o coração quer dizer, Rebecca. Eu fui até o apartamento do Roger desejando que Stacy estivesse errada, mas, para minha decepção, você não apenas estava lá, como estava nua, na cama dele. Disse o meu nome, olhou nos meus olhos e sorriu...

— Eu estava dopada, Michael! — Já não conseguia mais segurar os sentimentos explodindo dela, as lágrimas escorreram densas — Estava confusa, mas feliz em te ver. Você ia me levar dali.

— E eu estava fora de mim. Queria arrancar aquele sorriso vitorioso do Roger, e foi o que fiz, partindo para cima dele. Quando Stacy finalmente nos separou, você não estava mais lá. Se estivesse, a teria arrastado para longe mesmo contra sua vontade. Se tivesse feito isso, veria o que a raiva e o ciúmes não me deixaram ver.

— Stacy me trancou no banheiro ou em outro quarto, tenho vagas lembranças daquele dia. Acordei mais tarde, apavorada, em uma banheira fria. Me drogaram de novo e de lá me abandonaram em uma praça qualquer. Só acordei no hospital. Pedi que ligassem para você e que dissessem onde eu me encontrava, mas você não quis saber.

— Estive no apartamento dele no dia seguinte — ele segurou o rosto banhado de lágrimas entre suas mãos — Voltei para o apartamento do Roger porque queria conversar com calma. Se você realmente o amasse, tentaria aceitar, mas queria que naquele momento estivesse com minha mãe e Carol... e comigo. Os médicos já tinham tirado todas as nossas esperanças sobre minha mãe. Esperei cada dia que você voltasse.

Ela soluçou, e ele se desesperou com a dor que via dentro dela.

— Você nunca voltou. Nunca olhou para trás uma única vez. Simplesmente foi embora. Minha mãe chamou por você. Mesmo eu tentando esconder, notou que havia algo errado comigo. Como dizer a uma pessoa que está morrendo que quem ela amava não se importava tanto assim?

— Eu...me... importava — as palavras carregavam toda a dor da despedida não realizada — Eu a amava.

— Ela sabia disso... no fundo, ela sabia — Michael começou a embalá-la com cuidado e carinho — Pediu que eu dissesse isso a você. Que te amava e tinha consertado as coisas. Que ficaria tudo bem. Agora entendo que estava falando da sua mãe.

De alguma forma, mesmo que aquilo ainda a deixasse ferida, saber que Olivia, à sua maneira, se despedira dela, a confortava.

— Foi seu pai que contou tudo a você?

— Ele me deu muitas insinuações. Quando pensei que tinha quebrado sua promessa mais uma vez ao vender a casa, fui procurá-lo. Carol estava com eles, viam um antigo álbum de fotos — murmurou envergonhado — Fotos da minha mãe, mais ou menos com a mesma idade de Olivia. Estava diante dos meus olhos o que eu me negava a admitir. Era minha filha.

— Por que não me disse quando soube?

— Primeiro quis ver minha filha como minha filha... e poder abraçá-la.

— Você sempre parecia fugir dela e de repente mudou.

— Não era porque desprezava Olivia. Tinha medo de aprender a amar e ter que dizer adeus depois. Sabia que um dia você ia cansar de brincar de vingança. Não era frio ao ponto de envolver uma criança nisso. Eu nem entendia por que quis se casar comigo. Você escolheu outro, não a mim.

— Você ficou noivo da Stacy! — Ela perdeu o controle, batendo em seu peito — Da maldita bruxa que separou nós dois. Voltei para a cidade quando meus pais me encontraram, carregando sua filha, e você noivo dela. Sabe como me senti humilhada e desprezada? Queria que você pagasse. Que sofresse tanto quanto eu sofri.

— Fiquei noivo da Stacy porque pensei que fosse o melhor para Carol. Ter uma amiga por perto, alguém que se importasse com ela. Acredita mesmo que não tenha sofrido, Rebecca? — o olhar magoado a desestabilizou — Perdi minha mãe a quem eu amava profundamente. Posso dizer que perdi meu pai e a minha irmã ao me manter longe deles. Eu perdi você, a única mulher que amei na vida. Perdi todos os anos da minha filha...

Ele ergueu a cabeça, olhando para o teto. As lágrimas descendo pelos seus olhos brilhavam como cristais.

— Eu não estive lá no primeiro exame. Eu não te vi tendo o desejo enorme de comer batata frita com sorvete. Eu não escutei as primeiras palavras dela e nem sei se chorou quando foi a primeira vez para escola. Eu perdi quase seis anos porque fui estúpido — ele voltou a encará-la, em seus olhos havia culpa — Sua melhor vingança contra mim foi ter me deixado de fora, de todos os momentos mais importantes de vocês duas.

Rebecca sentiu seu coração diminuir com aquela realidade. Ela encontrara seus pais, tinha

Brianna e aprendera a amar Ryan como seu irmão. Teve a presença de sua filha preenchendo o vazio em sua alma. Michael apenas tivera perdas.

— Eu nunca quis realmente me vingar de você — murmurou ela.

Estava sendo sincera. Usara da vingança para se aproximar dele, porque, na verdade, nunca conseguira o esquecer.

— O amor é um sentimento tão valioso que não há espaço para vingança. São dois sentimentos que não ocupam o mesmo espaço em um coração. Só conseguiu que eu me apaixonasse mais por você, mesmo querendo lutar contra, no início.

Ela visualizou o preludio do sorriso que tanto amava forma-se em seus lábios.

— Olivia sabia a verdade, não é?

— Conteí antes de ter ido na Hunter atrás de você, mas como havia puxado o tapete sob meus pés, pedi que guardasse nosso pequeno segredo — confessou ele — Eu não ia deixar que fossem embora mais uma vez.

Ele esfregou o peito como se ali tivesse se instalado uma dor impossível de suportar. Os olhos úmidos refletiam toda emoção transbordando dele. Foram dois cegos caminhando na mesma direção.

— Não desconfiei de nada. Achei que Olivia estava conquistando você aos poucos. Ou que só quisesse ser gentil para ficar bem comigo.

— Pedi que todos mantivessem o silêncio, na verdade exigi, mas francamente, estava difícil demais segurar o que sentia. Quando te disse hoje que te amava e me disse o mesmo, decidi que era a hora certa de acabar com aquela angústia. Chega de palavras não ditas, de conclusões precipitadas... chega de acusações sem sentido. Eu te amo e sempre vou amar. A possibilidade de perder você e nossa filha me deixava louco. Então, pode ficar com raiva por eu ter sido tão cego. Pode ficar furiosa por não ter revelado o que descobri, mas esqueça qualquer possibilidade de me deixar de novo. Não vou aceitar ou permitir isso.

Dessa vez, foi Rebecca a segurar o rosto dele.

— Fiquei cega pela vingança e não percebi que a única pessoa que se feria com esse sentimento era eu mesma — decidiu desnudar sua alma como ele fizera com a dele — O ódio fere mais quem o sente do que quem causa a dor. Michael, não quero sentir isso nunca mais.

Tocou os lábios nos dele com ansiedade. Precisava senti-lo, precisava daquele contato para alimentar sua alma ferida que finalmente começava a se curar.

— Não podemos apagar o passado, mas podemos reescrever nossa história — disse ela, antes que o beijo que iniciara brando, agora exigente, os levasse para outro lugar — Espera, tenho que te mostrar uma coisa.

Caminhou até a última porta do closet. Do fundo de uma das gavetas, tirou a caixa que a acompanhou toda longa jornada de sua vida.

— É o exame de sangue que mandei fazer — entregou o envelope lacrado a ele — Que comprova que Olivia é sua filha.

Michael olhou por alguns segundo o envelope pardo, sem abri-lo. Depois partiu a folha em duas partes, mais duas até que sobrasse apenas uma chuva de papel aos seus pés.

— Eu não preciso disso.

Voltou a beijá-la, e logo se separou também.

— Já que é a hora das confissões, tenho algo quero te mostrar também — tocou-lhe os lábios algumas vezes antes de sair apressado do quarto.

Quando retornou, havia uma fotografia e uma corrente em suas mãos.

— Por que está me dando uma foto dele? — Rebecca repudiou a imagem, queria rasgá-la como Michael fez com o exame de paternidade.

— Olhe para a mulher com Roger — insistiu ele.

Embora não desse para ver o rosto, parecia familiar. As características físicas lembravam muito Rebecca.

— Não sou eu — disse, assustada.

— Sei disso agora — Michael sentou ao seu lado na cama — Mas foi essa foto que me fez aceitar ficar noivo da Stacy. Primeiro por raiva, e segundo, pelo desejo absurdo de te esquecer.

Ele abriu as mãos onde pendia a corrente, mostrando o anel a ela.

— Esse é o motivo que eu nunca consegui esquecer — disse ele com a voz emocionada — Esteve todo tempo comigo. Em meu peito.

Rebecca soltou um soluço. Provavelmente passariam a noite toda fazendo confidências, com ela se esvaindo em um rio de lágrimas.

— Um símbolo que eu deveria te esquecer — assim como com o envelope, ele rasgou a foto em dezenas de pedaços aos seus pés — Um símbolo de que sempre ficaria comigo — mostrou o anel.

— Eu tive que vender meu anel — disse ela com tristeza na voz — Precisava de dinheiro e...

— Tudo bem — ele beijou rapidamente os lábios dela antes de voltar a colocar a corrente no pescoço. O anel brilhando em seu peito, como a chama do amor deles que nunca morreu.

— Mas eu guardei algo importante também — Rebecca tirou algo de sua caixa de lembranças — Nunca pude me desfazer dela.

Mostrou a pulseira, o primeiro e mais precioso presente que ele dera a ela.

— Pretendo dar a Olivia quando estiver maior.

Michael afagou com emoção a peça delicada.

— Michael... — impediu que ele a beijasse, sabia que quando fizesse isso, não pensaria em mais nada além de estar em seus braços — Você não foi a única pessoa de quem quis me vingar ou me vinguei.

Então ela revelou toda a verdade. A armação contra Roger, como atraíra e enganara Stacy, mantendo-a ainda reclusa na casa de Alex.

— Sinceramente? — ele iniciou, acariciando a mão dela ao dizer: — Teria feito algo também. Roger tem exatamente o que mereceu e Stacy recebeu bem menos do que realmente merecia. Não estou dizendo que é certo. No fim, a vingança só prejudica quem carrega o ódio dentro de si. A melhor vingança contra todos eles é que estarmos juntos e felizes. E que o nosso amor venceu.

— Não desejo mais nada em relação a eles, Michael — permitiu que ele a abraçasse, sentia a paz que jamais imaginou sentir outra vez. Estava livre — Sinto até pena agora. Nunca serão felizes como nós. Nunca saberão o que é amar de verdade.

Ela se afastou um pouco, receando olhar em seus olhos.

— Preciso dizer mais uma coisa, e talvez fique muito desapontado comigo — disse a ele, encontrando coragem para se livrar do último segredo que a angustiava — Quando soube que ficou noivo da Stacy, decidi que o melhor era ir embora. Antes de entrar no avião... Carol ligou para minha mãe. Estava triste e queria ficar com ela. Eu apaguei a mensagem. Não queria notícias suas, do seu casamento e nada que me lembrasse de você. Então fui embora sem olhar para trás.

Rebecca esperou pelo momento em que ele iria afastá-la e dar a ela o olhar triste e decepcionado. Ao invés disso, sentiu os braços a apertarem mais.

— Carol insistiu em ir para um colégio interno na França. Não entendi muito bem, porque iria me casar por causa dela. Não ficaria surpreso se a ideia não tiver partido da Stacy.

Michael procurou os olhos dela quando se distanciou um pouco.

— Não estou decepcionado — murmurou — Fico triste pela Caroline, deve ter sido duro para ela se ver sem ninguém. Mas você fez o que seu coração machucado pediu para fazer naquele momento.

— Acha que ela irá me perdoar um dia?

— Claro que sim.

Um pouco do peso daquela culpa caiu dos ombros dela. Só Carol a livraria do resto. Ela esperava que Michael tivesse razão.

— Acabaram-se os segredos? — Indagou ele. Os olhos agora tinham um novo brilho e o sorriso pecaminoso começava a se manifestar.

Ainda falariam muito sobre o passado. Muitas coisas que guardaram com eles. Mas o peso maior, a mágoa que os escravizara, tinha sido vencida.

— Só tem mais um — ela sorriu, maliciosa, quando começou a abrir os botões da sua camisa — Nunca quis pedir o divórcio a você. Na realidade, minha intenção era seduzi-lo e fazer com que se apaixonasse perdidamente por mim.

Michael tirou a camisa e com mesma rapidez se livrou da calça e cueca, ficando nu diante dela.

— Devo dizer que foi muito eficiente, Sra. Hunter — ele a ergueu, tirando o vestido dela lenta e sedutoramente — Estou completamente apaixonado. Caindo de amor. Enfeitiçado por você.

Michael a deitou na cama, bebendo do corpo perfeito, coberto apenas pelo lingerie delicado. Poderia passar a noite toda olhando para ela, mas seu corpo exigia mais.

Tomou sua boca em um beijo apaixonado. Livrou-se das peças que escondiam a fonte do seu prazer. Tocou e beijou cada parte do corpo de Rebecca, arrancando gemidos descontrolados. Seus corpos se conheciam mais do que eles mesmos. Conectavam-se como duas peças se encaixando perfeitamente.

— Michael! — Gritou o seu nome quando o ato sublime não a permitia mais nada além de chamar por ele — Michael...

— Vem comigo, meu amor — ele gemia em seu ouvido enquanto voavam juntos — Fica comigo... sempre.

Capítulo 38

Quando o telefone tocou pela quarta vez, Rebecca desistiu da tentativa de continuar ignorando a chamada e esticou o braço em direção ao aparelho.

— Deixa tocar — a voz rouca de Michael e o toque suave dos lábios dele em sua nuca a fizeram estremecer — Uma hora desistem.

— Não acredito em tal sorte — ela sorriu, a voz entrecortada provocada pelos pequenos beijos e mordidas em seu pescoço — Para ligarem em um sábado de manhã, deve ser urgente. Pode ser a Carol ou os meus pais.

A última notícia que tiveram da irmã de Michael era que Olivia e a babá tinham chegado bem e que eles deveriam aproveitar a festa.

Preocupado ou convencido pelo que Rebecca dissera, Michael se ajeitou na cama, aguardando enquanto ela atendia.

— Rebecca?

Era Alex. Pelo tom alarmado, ela teve a certeza de que algo grave realmente tinha acontecido.

Pensou em Abbi, em sua saúde frágil, e seu coração comprimiu.

— Oi, Alex...

— Aconteceu uma grande merda — iniciou ele, cada vez mais alterado — Estou no aeroporto a caminho de Londres, estou voltando para a Inglaterra.

— Calma, Alex! — Rebecca sentou-se na cama e apoiou os pés no chão — O que aconteceu?

Ouviu sua respiração firme do outro lado.

— Stacy sofreu um acidente de carro enquanto tentava fugir do Palace — houve um breve silêncio. Rebecca reconheceu o típico barulho de lugares movimentados, o sinal e o aviso de voos antes de voltar a ouvir a voz de Alex — Ela estava com o Roger. Ele morreu.

As mãos tremeram tanto que, por muita sorte, o telefone não caiu da sua mão.

— Mas... e a Stacy? — perguntou com a voz trêmula — Ela morreu também?

— Não. Mas eu não sei o real estado dela nesse momento, apenas que é muito grave. Rebecca? Eu preciso que você venha.

— Está bem, Alex. Eu estou indo.

Do momento em que Alex deu a notícia até o que finalmente pousaram no Aeroporto de

Heathrow, Rebecca viu tudo à sua volta passar como um borrão. Michael tinha tomado as rédeas da situação, desde de ajudar uma Rebecca desorientada e em estado de choque a arrumar as malas, como também providenciar as passagens e o táxi que os levariam a Lake House.

Não falaram com Alex novamente, mas ele havia passado o endereço por uma mensagem de texto por telefone.

Chegaram à construção de três andares quando a noite já estava caindo. O hospital St. Thomas estava localizado em um antigo prédio retangular de muitas janelas quadradas e um curioso aspecto sombrio.

— Alex! — Rebecca cruzou os poucos metros que a distanciava de Alex e Petrov num canto mais isolado da sala de espera. Eles pareciam concentrados em uma conversa tensa — Como aconteceu tudo isso? E como está a Stacy?

Embora não fosse sua esposa de verdade e entre eles o único sentimento verdadeiro fosse desprezo mútuo, não significava que seria indiferente ao que acontecera a ela.

— Acho que Petrov pode explicar melhor — disse Alex, indicando o russo ao seu lado.

— Eu achei estranho o comportamento de Stacy ter mudado da água para o vinho. Deixou de ser a cadela que enlouquecia todos os operários da obra, tornando-se alguém calma e prestativa. O que ela estava fazendo mesmo era dormir com alguns deles em troca de favores — a frustração de Petrov fazia seu sotaque mais acentuado conforme narrava o acontecido — Consegui um pouco de dinheiro e um celular com que mantinha contato com o amigo. Nos últimos três dias, queixou-se de estar doente e começou a ficar mais tempo no quarto, obviamente arquitetando tudo. Até ontem eu pensei que fosse... sei lá, essas coisas que as mulheres têm, sabe, baixei a guarda.

A pausa foi breve apenas para que ele respirasse, mas Rebecca sentia que havia passado uma eternidade até que voltasse a falar novamente.

— Algo me parecia errado, cheguei ao quarto dela e percebi o embuste. Era um monte de travesseiros e uma touca cheia de meias velhas na cama. A vaca tinha envenenado os cães, por isso não os ouvi quando conseguiu fugir.

— Mas e os outros dois seguranças? — Indagou Rebecca.

— Um deles fazia ronda do outro lado do palacete e o que ficava próximo a um dos portões foi pego desprevenido — ele disse algo em russo que ela poderia jurar ser um palavrão, embora não tivesse entendido nada — Ele estava preocupado em não deixar a moça fugir, não que alguém viesse resgatá-la. A senhora disse que não havia perigo disso.

A cabeça dela girava com aquelas informações. Stacy tinha escapado, e só havia duas possibilidades para aquilo: esconder-se em algum buraco sujo com Roger ou ir atrás de Rebecca.

Pensou em Olivia e o que os dois poderiam ter feito com ela se aquele fosse o plano. Viu a sua história se repetir através da sua filha, e a fisgada de dor em seu peito foi tão profunda, que se Michael não estivesse ao seu lado amparando-a, teria caído. Naquele momento, Rebecca entendeu a imensidade da dor da sua mãe todos aqueles anos procurando por ela. Sem saber se estava viva e bem, acreditando apenas no desejo do seu coração de um dia reencontrá-la.

— E como foi o acidente?

— Assim que notei que fui enganado, chamei o outro segurança e partimos para caçar os dois. Sorte ou azar, não estavam tão longe assim, mas quando nos viram devem ter entrado em pânico. Aquela estrada é perigosa para quem não conhece bem, ainda mais à noite.

Rebecca lembrou que foi ali que os pais de Alex morreram.

— O carro se chocou contra a rocha no fim da curva. O homem ficou preso, acho que no cinto de segurança. Stacy conseguiu sair, mas foi engolida pelo fogo. Tentamos ajudá-la rolando-a no chão, mas...

A cena que Rebecca formava em sua cabeça parecia tão horrível como Petrov descrevia a ela.

— Se ela conseguir sobreviver — foi Alex a falar — Terá noventa por cento do lado direito do corpo queimado.

Algo como um grito estrangulado escapou da garganta de Rebecca.

Roger morto e Stacy com metade do corpo deformado. Nunca, nem em seus mais calorosos momentos de raiva e sede de vingança, havia desejado algo assim. Ela não tinha um coração tão frio.

— A Hannah não me perdoará agora — tanto a voz como o olhar de Alex eram tristes.

— Alex... — balbuciou, as lágrimas descendo livres pelo seu rosto — Eu sinto muito.

Estivera tão feliz e realizada algumas horas atrás, quando Michael e ela declararam seus sentimentos. Mas mesmo com Roger e Stacy tendo sido tão cruéis com ela, não conseguia sentir felicidade com a morte de um e o outro lutando por sua vida.

Não estava feliz que aquela tragédia pudesse afastar Alex ainda mais de quem ele amava.

— Você realmente a ama, não é? — tentou alcançar a mão dele, que se afastou.

— Isso não importa mais — a melancolia em sua voz intensificou a tristeza dentro dela.

Alex se afastou, deixando a sala com o olhar derrotado. Rebecca poderia ter mil formas diferentes para tentar se desculpar, nenhuma delas surtiria o efeito desejado.

— O que eu fiz, Michael? — Rebecca buscou o conforto que seus braços lhe davam — É tudo culpa minha.

— Não é! — Murmurava ele enquanto a embalava — Vai ficar tudo bem.

Agarrou-se a ele e às palavras doces que ele lhe dava como conforto, enquanto lágrimas que nunca pareciam querer acabar saltavam dos seus olhos.

Capítulo 39

Rebecca tentava adaptar os olhos com a parca iluminação vindo de um dos abajures acesos, enquanto olhava ao redor do quarto. Embora não fosse o mesmo quarto que estivera com Olivia e Brianna na primeira vez que estivera ali, notava que a decoração era igual.

Olhou através da cortina entreaberta e percebeu que ainda estava escuro lá fora, no entanto, Rebecca intuiu que logo o dia começaria a clarear. Assim gostaria que fosse sua mente.

Não sabia quantas horas tinha passado desde que deixaram o hospital, tomara banho, ignorara o prato que Michael colocara em sua frente e deitara na cama, sobressaltando entre um cochilo e outro.

Não conseguia se desligar. As imagens aterrorizadoras se fixaram em sua cabeça.

— Não consegue dormir?

Ela perdera a conta de quantas vezes Michael despertara com seus movimentos inquietos, fazendo a mesma pergunta. Se é que ele também conseguira pegar no sono.

— Não consigo controlar meus pensamentos — confessou com a voz oprimida — Você conseguiu?

Michael não respondeu. Abandonou o afago que fazia no braço dela e deslizou pela cama, cobrindo o corpo de Rebecca com o dele.

— Você dizia que meus beijos a faziam esquecer do mundo — passou as costas dos dedos no rosto dela, em um carinho tão delicado que a fez cerrar os olhos, absorvendo a doçura de seu amor.

— Ainda fazem — conseguiu dizer, apesar do nó na garganta.

— Então esqueça do mundo, meu amor... — resvalou seus lábios nos dela suavemente — Esqueça do mundo por algumas horas e fica comigo... — beijou seu queixo, pescoço, ombro — Apenas sinta... — beijou onde o coração dela batia forte — meu amor por você.

Como Michael havia falado, seus beijos a levavam para um lugar só deles. Mas não eram apenas os beijos capazes de fazê-la esquecer que existia um mundo além. Era Michael por completo.

— Como estão as coisas por aí?

— Michael e Alex estão conversando com o médico agora — Rebecca soltou um suspiro ao

responder a pergunta de Brianna.

Tinha passado quase uma semana desde que chegaram ali. Nada mudara muito. Michael conseguiu entrar em contato com o pai de Roger e providenciado para que o corpo, ou o que sobrou dele, fosse enviado para um funeral.

As únicas parentes de Stacy que poderiam ser contatados eram sua avó Rosie e sua irmã Hannah, sendo que a última estava incomunicável desde o evento beneficente.

Rosie prometera vir o mais rápido possível e encontrar sua neta antes disso. Fora elas, Alex, Rebecca e Michael eram as únicas pessoas por perto que a enferma teria.

— Diminuíram a medicação agora que Stacy está fora de perigo. Deve acordar essa tarde.

— Como acha que ela irá reagir?

Brianna fez a pergunta que ela mesmo se fizera no decorrer daqueles dias, quando o médico informara que, mesmo com muitas cirurgias plásticas, as queimaduras foram profundas demais, todo o lado direito, da cabeça aos pés, fora comprometido. Ela tinha grande sorte em estar viva.

— Conhecendo a Stacy e como ela ficou agora — murmurou Rebecca — Não ficaria abismada se, ao acordar, não desejasse ter morrido.

Stacy era vaidosa e segura de sua beleza. Aparência física perfeita quanto status social eram tudo para ela. Dificilmente aceitaria o que lhe aconteceu.

— Rebecca? — Brianna indagou do outro lado — Sabe que a culpa não é sua, certo?

Talvez não do acidente, Rebecca concluiu. Mas fora seu desejo de vingança que desencadeara tudo isso.

— Como está a Olivia? — Mudou o rumo da conversa, não queria falar sobre aquele assunto delicado e nem como realmente se sentia.

— Eu a trouxe para passar o fim de semana com Carol. Passou a semana toda emburrada. Sente sua falta e a do Michael. Não para de falar nele, e mesmo que não tenha me falado, acho que está com medo.

— Medo? — Perguntou, apreensiva.

— Medo dele ir embora.

— Mas nós conversamos com ela ontem.

Embora a conversa tenha sido rápida, como em todas as outras vezes, ela acreditou que sua filha tinha ficado bem.

— Ela é uma criança, Rebecca — dessa vez foi Brianna a suspirar — Estamos mantendo-a longe de tudo isso, mas ela sente a tensão, logo associa isso a vocês dois. Você nunca ficou tanto

tempo longe dela. E ela acabou de conhecer Michael.

— Está certa. Nós estamos apenas esperando Hannah ou Rosie chegar — explicou ela — Sabe que não posso, na verdade, não quero deixar Alex sozinho. Isso nem é problema dele. Você sabe.

— E como ele está?

— Chateado comigo, acho — respondeu ela com lágrimas nos olhos — Eu não o culpo se nunca mais quiser olhar nos meus olhos. Eu fiz uma grande confusão na vida dele.

Aguardou que Brianna dissesse que tinha avisado, mas sua amiga era sensível demais para jogar algo assim na cara dela, não naquele momento.

— E quanto ao resto? Fico feliz que Michael esteja aí com você. Ainda mais sabendo de tudo.

— Por sorte eu tinha contado antes da bomba explodir. Mas nós estamos bem. Não saberia o que fazer sem ele.

“Sem Michael e o apoio que vem me dando, teria desmoronado”, pensou.

— Contou realmente tudo? — questionou Brianna — Até mesmo sobre a ligação que Caroline fez à sua mãe quando fomos embora? Disse a ele que apagou a gravação para que ela não ficasse com a gente?

— Sim, também falei sobre isso, Brianna. Prometemos não esconder mais nada um do outro. Michael também reagiu bem sobre isso, melhor do que eu esperava, e...

— Oh, merda! — Brianna vociferou do outro lado — Droga! Droga!

— Bri?

— Desculpe, Becca — sua voz soou acelerada, como se corresse ou andasse muito rápido — Não dá para falar agora... Droga! Depois eu te ligo.

— Espere, Brianna...

A ligação foi interrompida, e antes que Rebecca pudesse retornar, reconheceu as duas pessoas caminhando em sua direção.

— Rebecca? — o olhar angustiado de Hannah encontrou o dela — Onde está minha irmã?

O que tivesse acontecido a Brianna, teria que esperar. De qualquer forma, se fosse algo realmente grave ela teria dito, concluiu.

— Vamos encontrar o Michael, ele está recebendo informações atualizadas — olhou em direção à senhora ao lado de Hannah — Olá, Rosie. Sinto muito encontrá-la em uma situação tão delicada.

— Obrigada por cuidar de tudo — murmurou a senhora — Mas, agora, onde está minha neta? Melhor; como ela está?

— Stacy está bem, na medida do possível. Deve acordar em algumas horas. Acho que ficará feliz em ver rostos conhecidos. O doutor pode explicar melhor, vamos?

Enquanto caminhava com as duas às suas costas, Rebecca sentia sua apreensão aumentar.

“Uma coisa de cada vez”, dissera Michael em uma das vezes que tentara acalmá-la.

Primeiro as duas teriam que ser colocadas a par do real estado de saúde de Stacy. Em seguida, ela contaria o que a levou àquela tragédia fatídica.

Ela esperou por uma enxurrada de palavras inflamadas de ódio e até mesmo agressão física de Hannah, quando confessou que Stacy estivera confinada na casa de Alex contra sua vontade. E que o casamento deles tivera o único intuito de humilhá-la, fazendo-a pagar por tudo que havia feito no passado contra Rebecca. Mas recebeu um olhar piedoso da senhora e um indecifrável vindo de Hanna.

— Não vou dizer que o que você fez foi correto, Rebecca. Querer se vingar de Stacy só a fez ficar como ela. Não acho que você se sinta bem assim. Mas eu também conheço muito bem minha neta. Sinto muito que ela a tenha prejudicado assim — disse a senhora, após a confissão —, ao ponto de sentir tanto rancor. Eu lembro como os dois pareciam se amar. Bem, você não foi a única pessoa a quem Stacy fez mal — ela olhou furtivamente para Hannah ao seu lado — Um dia, alguém revidaria. É triste dizer, mas Stacy achou o que procurava.

A compreensão de Rosie só tornava o sentimento de culpa de Rebecca ainda maior. Ela tinha razão sobre o que dissera sobre a vingança. Só nos tornava iguais a quem nos fazia sofrer, concluiu ela. Acreditou que a retaliação daria paz à sua alma atormentada, mas apenas acrescentou mais uma cicatriz.

— Stacy nunca foi santa — murmurou Hannah. Falava com Rebecca, mas seu olhar estava cravado em Alex — Mas isso parece muito cruel. Esse fim...

Um soluço escapou da sua boca antes de sair correndo aos soluços. Alex fez o que Rebecca imaginou que faria: como um desvairado, seguiu atrás dela.

— Sinto muito, Rosie — Rebecca voltou a dizer baixinho.

— Isso já é um bom começo, querida — ela pousou a mão no ombro caído e derrotado de Rebecca — Já é um bom começo.

E Michael, que estivera apenas observando a cena tensa, mais uma vez foi o consolo que ela precisava.

Apesar de Rebecca ter desejado, eles não viram Stacy naquele dia. As únicas pessoas que ela quisera ver foram a irmã, sua avó e Alex, sendo ele sozinho.

— Alex!

Michael a puxou para ele quando tentou, sem sucesso, alcançar o amigo ao sair do quarto, atordoado. Sequer notou a presença dos dois.

— Deixe-o — aconselhou Michael — Dê um tempo para ele pensar.

— Mas, Michael... Viu como Alex saiu daqui?

Os dois não tinham se tornado melhores amigos, mas visivelmente tinham se tornado mais próximos nos últimos dias. Michael queria poupar Rebecca de tudo, então era sempre os dois que buscavam e passavam informações. Momentos difíceis tendiam a unir ou separar as pessoas.

— Quando ele quiser ele irá falar, Rebecca.

Aquela era a forma de ele dizer que deveria manter-se distante e que desse o espaço que Alex silenciosamente pedia.

Rebecca sentiu o coração apertar. Alex era a última pessoa no mundo que ela desejaria mal.

Como era irônica a vida. A pessoa que ansiara por vingança, por todas as injustiças que sofrera, agora desejava perdão.

Recuperara o amor de Michael, mas colocara em risco o amor que tinha por outras pessoas.

— Olha para mim, Rebecca. Eu te amo — Michael a obrigou a encará-lo, seu olhar transmitia toda emoção e veracidade em suas palavras — É esse amor que me faz mais forte todos os dias. É esse amor que a manterá forte também.

— Eu também te amo — sussurrou.

Somente quando retornaram ao hotel e descansava no peito de Michael, que Rebecca se recordou da ligação de Brianna e a interrupção abrupta. Como não havia retornado e já era tarde para tentar falar com ela, decidiu que falaria no início da manhã seguinte. Esse foi o último pensamento antes de permitir que o cansaço finalmente a vencesse.

E parecia que as notícias ruins preferiam as manhãs calmas para aparecer. Rebecca estava terminando seu café da manhã, quando Michael surgiu ao lado dela, ainda no telefone.

— Me mantenha informado, Brianna — pelo rosto pálido e expressão aflita, ela sabia que as notícias não eram boas.

— Olivia? — Imediatamente pensou em sua filha.

— Carol sofreu um acidente — ele disse apressadamente e em um fôlego só.
Antes que Rebecca pudesse assimilar a gravidade do que ele dizia, a escuridão a dominou.

Capítulo 40

Ela queria que tivesse sido um sonho ruim, mas ao olhar em volta do quarto de hospital e encontrar Michael disperso em frente à janela, teve certeza que vivia uma dura realidade.

Primeiro Roger (morto), depois Stacy (deformada), e agora sua doce Caroline (acidentada).

— Michael? — conseguiu dizer, apesar de sentir como se tivesse areia em sua garganta.

Tentou se movimentar, mas a infusão de soro em um braço e o medidor cardíaco em seu dedo direito dificultavam seus movimentos.

— Está se sentindo bem?

Ele se aproximou dela e depositou um beijo carinhoso em seus cabelos.

— Como está a Caroline? — perguntou aflita — O que aconteceu com ela?

— Ainda hospitalizada.

— Mas o que aconteceu? —Rebecca insistiu, aflita.

Ele parecia receoso em dizer, talvez procurasse as palavras certas ou que não a abalassem tanto.

— Michael?

— Estava exaltada e saiu a cavalo — ele parecia irritado e abalado ao mesmo tempo —

Ela não deveria ter ido cavalgar naquele estado...

— A culpa foi minha — sussurrou Rebecca, afundando na cama.

— Não foi culpa sua — ele olhou firmemente para ela.

— Carol ouviu minha conversa com Brianna ou parte dela. Saiu chateada e caiu do cavalo, não foi?

Michael desviou o olhar. Ele não precisava responder, Rebecca compreendeu que tinha chegado ao óbvio. Cedo ou tarde, o que fizera no passado seria cobrado dela.

Por que agora? Por que com Caroline?, ela se perguntava.

— Como ela está, Michael?

Ele sentou na cama ao lado dela, prendendo a mão trêmula na sua.

— Há uma possibilidade de que ela não ande mais.

— Não! — emitiu um pranto que vinha do fundo da sua alma. Todas as partículas do seu corpo pareciam ter se convertido em uma dor quase que insuportável. Era como se mil facadas dilacerassem seu coração.

— Diz que ela está bem — implorou em meio ao choro desenfreado — Diz que ela está bem, Michael. Por favor...

— Ela vai ficar — ele a abraçou, dando vazão ao sentimento que também o atormentava.

Michael sabia que tinha que se manter forte, pois precisava ser sua estrutura, mas era muito difícil quando seu coração estava despedaçado, compartilhando a mesma dor dilacerante que a fazia curvar sobre si mesma.

— Eu quero vê-la — Rebecca suplicou.

Arrancou o medidor em seu dedo e teria feito o mesmo com o soro se Michael não a tivesse impedido.

— Meu amor, não há nada que possa fazer nesse momento — estava muito calmo ao dizer, mas ela sentia que era apenas uma máscara para não a preocupar — Além disso, não pode sair daqui agora.

— Por causa da Stacy? — perguntou, chocada.

Carregaria a culpa pelo que aconteceu a Stacy, se assim ele o desejasse, mas nunca seria mais importante que Caroline.

— Hannah já está aqui, pode lidar com ela.

— Não é com a Stacy que estou preocupado — insistiu ele, fazendo-a deitar — É com você e o bebê.

— Que bebê? — perguntou, alarmada.

— Nosso bebê — foi o primeiro vislumbre de sorriso que teve dele ao acordar ali — Soube essa manhã.

— Tem um bebê? — perguntou confusa, ainda sem conseguir acreditar.

— Está nas primeiras semanas — Ele acariciou o ventre dela, o sorriso agora se alargou — Mas está aí, crescendo.

Rebecca sentia como se a vida estivesse jogando com ela. Uma notícia boa em troca de uma ruim. E não sabia se era capaz de lidar com tantas oscilações em sua vida.

Tinha o amor de Michael, sua filha e agora mais um bebê a caminho, mas também muita culpa e remorso em seu coração.

— O médico indicou repouso e observação — disse ele — Eu tenho que voltar para Uptown, mas não é bom que viaje assim. Os três primeiros meses são mais delicados, e a possibilidade de um aborto...

— Vai me deixar sozinha? — Ela se arrependeu no mesmo momento que disse. O importante ali não era ela, mas sim Caroline, que também precisava dele, mas a verdade é que tinha medo.

Suportara tudo até agora porque ele estivera com ela. Michael a impulsionava, acolhia em seus braços, secava suas lágrimas quando sentia que não era capaz de suportar as tristezas. Sem

ele estava perdida.

— Não estará sozinha — tentou acalmá-la — Alex está aqui.

— Alex me odeia! — tentou argumentar.

Michael voltou a acolher a mão dela entre as suas. Era perceptível que, para ele, a separação também estava sendo dolorosa.

— Carol está precisando de mim, amor — disse ele com tristeza — Mas eu também não vou conseguir me perdoar se algo acontecer a esse bebê e a você.

Em outras palavras, mesmo que ele não pensasse ou dissesse isso, Rebecca sabia que tinha que parar de ser teimosa e causar problemas. Se era melhor para o bebê que permanecesse no hospital o tempo que o médico estabeleceu, era o que iria fazer, mesmo seu coração sendo esfaqueado por se ver longe dele.

— Tem razão, me desculpe. É que... vou sentir sua falta. Volte e me mande notícias. Ficarei rezando por ela. Para que tudo fique bem.

Não era o momento de pensar no quanto sofria com a ausência dele. Era o momento de pensar em Carol e o que ela teria a enfrentar.

— Ei? — Michael ergueu seu rosto com as pontas dos dedos — Alex não odeia você.

Agora Michael o defendia, pensou ela. Ansiara pelo momento que perdessem a birra que tinha um com o outro, e no momento mais inoportuno isso acontecera.

E lá vinha a vida jogando de novo.

— Eu sei que não me odeia. Mas está muito magoado comigo.

— Rebecca, o Price não era ou é uma criança indefesa. Ele poderia ter se recusado a fazer o que fez.

— Você não entende? — defendeu ela — Eu o intimidei. O obriguei a fazer isso.

Ele sorriu, como se a ideia parecesse absurda.

— Ainda assim, ele poderia ter dito não. Como eu poderia ter me recusado a casar com você, mas eu não quis, sabe por quê? Porque, embora inicialmente eu negasse, o que mais desejava no mundo era ter você de volta. E essa é a lei da vida. Toda ação tem uma reação. Ele irá esquecer e perdoar, só que no tempo dele. De qualquer forma, acho que Alex está mais irritado com ele mesmo do que chateado com você.

Rebecca esperava sinceramente que Michael tivesse razão.

— Eu não entregaria meus bens mais preciosos aos cuidados dele se acreditasse que os manteriam bem e seguros.

Merda, ele sabia como transformar o coração dela em manteiga derretida.

— E quando você vai?

— Essa noite.

Os dois se olharam, com aquela angústia dos apaixonados que precisavam se separar, mas não queriam.

— Eu volto para buscar vocês — jurou, selando a promessa com um beijo — Tudo voltará a ficar bem.

Outra coisa que ela desejava ardentemente acreditar.

— Espero que sim — sussurrou, entregando os lábios para mais um beijo. Roubaria dele quantos pudesse guardar em sua lembrança, até voltar para os seus braços de novo — Eu espero que sim, meu amor.

Apesar de sorrir, as lágrimas ardiam em seus olhos tristes.

Capítulo 41

Rebecca arrumava suas coisas dentro da bolsa de viagem que Michael tinha levado para o hospital, quando a porta foi aberta. Passaram-se três dias desde que foi internada em observação exigida e que Michael havia partido.

— Já está pronta? — Alex perguntou da porta — Vou te levar para o Palace.

Ele estivera ali uma vez por dia, verificando se ela estava bem, embora nenhuma das vezes tenha realmente perguntado ou falado alguma coisa. Provavelmente tinha receio da resposta que ela daria. Estava longe de se sentir bem.

— Obrigada, mas eu vou voltar para casa — disse ela, evitando encará-lo.

Tinha tanto a se desculpar, mas ao mesmo tempo não sabia o que dizer.

— Em Uptown?

— É a única casa que tenho — tinha uma residência em Londres, mas mesmo que tenha vivido anos ali, nunca considerara realmente seu lar. Estava mais para um refúgio onde se escondera.

— Michael foi bem enfático ao dizer que deveria ficar aqui até que voltasse.

— Bem, o Michael não está aqui agora — disse ela, aborrecida.

Queria sua casa. Queria ver Caroline e abraçar sua filha. Queria alguns dos conselhos ácidos e sábios de Brianna. Queria a segurança que seu pai demonstrava apenas com um olhar. Queria o colo da sua mãe e queria Michael, como queria estar com ele. Queria todas as pessoas que amava o seu lado. Queria que Alex voltasse com ela e que tudo não tivesse passado de um pesadelo.

— Dá para uma vez na sua vida não fazer o que você quer e fazer o que tem que ser feito? — perguntou Alex, exalando frustração — Quer ir para Uptown e arriscar perder esse bebê, acrescentar mais um sentimento de culpa à lista enorme que você já tem? Então siga adiante, não vou te impedir. Já contribuí demais com as suas loucuras.

Alex não tinha jogado as palavras duras porque estava com raiva dela. Ele jogou porque entendia os sentimentos que ela carregava no peito. Alex compreendeu sua sede por vingança quando pedira pela ajuda dele. Carregou a mesma chama quando seus pais morreram. Mas ele também compreendia e aceitava as consequências que os atos deles desencadearam.

Ela ferira a Carol. Ele ferira a Hannah.

— Alex? — chamou antes que ele cruzasse a porta — Eu vou com você.

Capítulo 42

Michael ficou por um longo tempo olhando o rosto adormecido de sua irmã. Os primeiros dias tinham sido os mais tensos. Ter que ouvir seu pai dizer a uma garota cheia de vida como Caroline, que talvez não recuperasse os movimentos das pernas, fora uma das coisas mais difíceis que ele presenciara na vida. Deixar a Rebecca, mesmo que por alguns dias, também fora insuportável. Mas tinha pensado nela e na segurança do seu filho.

Não havia sido uma grande surpresa quando o médico revelou que ela estava grávida outra vez. Eles nunca tinham sido cuidadosos ou pensaram em se prevenir nos últimos meses. Mas Michael estava inegavelmente animado com a notícia. Tão feliz como aquele momento tenso que viviam permitia estar.

— Como ela está? — perguntou Ryan, fechando a porta e entregando a ele um copo de café.

Se não fosse o ambiente hospitalar, os hematomas no rosto e nos braços, Michael diria que Carol estava apenas descansando após um dia exaustivo.

— Ela vai ficar bem, Ryan — A entonação estava mais para uma pergunta esperançosa do que a constatação de um fato.

— Ela vai, sim — murmurou ele, ocupando a outra cadeira ao lado da cama, cobrindo a mão dela com a sua — Eu não vou embora, Michael. Não importa o quanto ela peça. O quanto ela chore ou grite comigo. Não vou deixá-la.

Se Michael tivesse escutado de um completo desconhecido, certamente o teria expulsado dali. Mas Ryan não era um estranho. Além disso, ficara óbvio demais como era apaixonado por Caroline

Sim. Ele a amava mais do que ela conseguia ver. E sua intuição dizia que Ryan era exatamente o que ela precisava — Sabe que será muito difícil — disse Michael.

Desejava que ele ficasse e desse todo amor que Caroline iria precisar, mas não podia deixar de ser honesto com ele: — Carol vai reagir como qualquer pessoa na situação dela. Primeiro a negação, depois a raiva, seguido da tristeza. Vai tentar afastar quem ela ama, por medo.

— Ela não vai me afastar — disse ele com segurança.

Michael o olhou fixamente e admirou a determinação em sua voz. Caroline não iria afastá-lo, simplesmente porque o Ryan não iria desistir dela.

— Você a ama? — sondou Michael.

— Amo.

Carol tinha sorte. Mesmo passando por uma das situações mais traumáticas de sua vida, encontrava o amor.

Aquilo era um bom sinal. Tinha que ser.

Agora ele poderia voltar e buscar a outra parte do seu coração.

Capítulo 43

Era como se uma pluma suave tocasse seu rosto. A sensação era tão boa que se recusava a despertar. Queria ficar ali entre dormindo e acordada. E foi a interrupção do carinho que a fez abrir os olhos.

Azul como o céu em um dia ensolarado; assim eram os olhos cravados nela. E se o olhar não fosse suficiente para tirar seu mundo de órbita, o sorriso cheio de charme seria.

— Michael? — estava entre acreditar que estaria sonhando, com desejo em estar acordada — Você veio.

— Eu vim te buscar — ele beijou a mão dela — E vou te levar para casa, amor.

Casa poderia ser em qualquer lugar, mas lar era apenas onde ele estivesse. De repente, sentiu-se a garota solitária naquele chalé que desejou ardentemente por aquilo — que ele surgisse para levá-la embora.

— Senti muita saudade — murmurou antes de receber o primeiro dos muitos beijos que ele daria — Eu te amo.

Partir e deixar que Alex lidasse com Stacy desagradava Rebecca, mas ele fora insistente ao dizer que assumia a responsabilidade dali. Ela entendeu que, de certa forma, ele queria resolver as coisas à sua maneira. Não restou outra coisa a fazer, além de concordar e apoiá-lo no que precisasse. Como cuidar de Abigail enquanto ele estivesse fora.

Rebecca esperava, sincera e profundamente, que Hannah o perdoasse um dia. Se ela o amava como Alex parecia amá-la, tinha certeza de que venceriam aquela barreira. Ela torcia pela felicidade dos dois. E desejava também que Stacy encontrasse paz para sua alma.

— Tem certeza de que não quer ir para casa primeiro? — Michael perguntou assim que entraram no táxi.

— Não. Quero ir para o hospital.

Precisava ver a Carol e dizer, olhando nos seus olhos, o quanto se arrependia pela dor que causara a ela. No entanto, a cada passo que dava em direção a isso, sua coragem parecia esmorecer.

— Lembra do que eu te falei? — Michael perguntou antes de abrir a porta — Não está

contra você ou é o que ela sente de verdade. Só está magoada.

— Tudo bem, Michael — ela sussurrou e inspirou fundo, em busca de ar e de coragem.

No quarto estavam Max e o Ryan. Cada um ao lado da cama de Caroline, que parecia querer manter distância dos dois, fixando seus olhos no teto.

Embora os hematomas e escoriações não estivessem tão horríveis como Rebecca tinha imaginado, partia seu coração vê-la assim.

Foi somente quando o clique da porta sendo fechada por Michael soou, que Caroline notou a presença dos novos visitantes. Inicialmente houve um brilho de alegria ao ver o irmão, logo foi substituído pela surpresa, seguida de mágoa ao rever Rebecca.

Obviamente ela sabia que não seria fácil, mas não estava preparada para a fígada de dor que a indiferença dela lhe causava. De hostil, o olhar passou para desinteressado, voltando a fixar sua atenção no teto.

Rebecca cumprimentou o irmão e Max com um aceno de cabeça e avançou no quarto. Ryan saiu de perto de Carol para que Rebecca ocupasse seu lugar junto à cama.

— Oi, Caroline — tentou pegar sua mão, mas foi repudiada.

“Lembre-se do que eu falei”, recordou as palavras de Michael.

Precisava ter paciência.

— Eu sinto muito, querida — tentou controlar o choro em sua garganta, mas não tinha forças para isso — Sinto muito ter afastado você naquela época. Pela forma dolorosa que descobriu isso e...

Não conseguiu concluir. Seu peito queimava, e as lágrimas escorrendo pelos seus olhos faziam com que se sentisse afogar em suas próprias emoções. Além da dor em seu coração, que tirava sua capacidade de dizer tudo o que precisava ser dito.

— Eu sei que talvez nunca consiga me perdoar — obrigou-se a se acalmar e continuar: — Mas eu a amo muito, estarei sempre aqui...

Caroline brigava entre o amor que também sentia e a revolta queimando dentro dela. Eram sentimentos incontroláveis demais para que ela conseguisse dosar.

— Ryan — virou o rosto na direção em que ele estava — Pegue o seu bloco e lápis de desenho, por favor — pediu Carol, indicando os objetos na mesa, em um canto do quarto — Entregue a Rebecca.

Apesar da voz firme, era possível detectar a insegurança em seus olhos.

— Vingança — disse à Rebecca ao vê-la com os objetos nas mãos — Escreva.

Embora tivesse ficado confusa, logo Rebecca entendeu onde ela queria chegar. Com as mãos trêmulas, escreveu a palavra na folha branca.

— Agora apaga — Carol indicou a borracha que estivera no mesmo lugar.

Rebecca pegou a borracha e mais uma vez fez o que ela pediu.

— Você pode tentar apagar, Rebecca — disse Caroline com a voz apática — Mas as marcas continuam aí.

Ela tinha razão, concluiu Rebecca, recuando alguns passos. Algumas cicatrizes não podiam ser desfeitas, apagadas ou corrigidas.

Max se ergueu e tomou o bloco das suas mãos trêmulas. Ele tirou uma caneta do bolso do paletó e rascunhou algo em cima do que Rebecca tinha escrito, virando o papel em seguida, para que Caroline e todos pudessem ver.

Perdão.

— Deixa marcas muito mais bonitas — disse ele em um tom emocionado — Assim como o amor, minha filha.

Naquele momento, Rebecca compreendeu que só o tempo e o amor que sentia por ela fariam com que Carol conseguisse encará-la, oferecendo seu perdão. E diante de tudo o que havia feito, seria muito afortunada quando isso ocorresse.

Ela esperaria. Esperaria a vida inteira se fosse necessário.

— Rebecca? — Ouviu a voz tímida quando tocou a maçaneta, pronta para sair — Eu não odeio você.

Havia tristeza na voz, mas também havia amor, talvez até esperança.

— E eu não te culpo também — continuou ela.

Era o sinal que Rebecca precisava para retornar à cama, fazendo aquilo que seu coração mais desejara desde que se reencontraram: a abraçou.

E choraram juntas.

O reencontro tinha sido doloroso e emocional, mas, de alguma forma, Rebecca saíra do hospital com a esperança renovada. Esperança de que venceriam aquela batalha. Esperança na vida.

— Mamãe, você voltou! — Olivia se agarrou a ela assim que chegaram à casa dos seus pais — E meu pai também.

Sentira muitas saudades da filha. Do perfume doce dos seus cabelos, do abraço apertado e quentinho que sempre recebia dela, e de que não importava o que acontecesse, Olivia sempre a fazia se sentir melhor.

Após a breve conversa com seus pais e ter ido visitar Abbi, tiveram a preocupante tarefa

de dizer à filha que havia um irmãozinho a caminho. Sua reação foi além das expectativas de Michael e Rebecca. Olivia ficou encantada com a novidade.

— Carol voltará a andar, não vai? — perguntou Rebecca quando já estavam em seu quarto, abraçados sob os lençóis.

— A lesão foi grave, mas o Dr. Weston não descartou a possibilidade de que possa acontecer.

Rebecca abraçou-se mais a ele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Carol irá voltar a andar, sim — afirmou convicta — Eu sei que sim. Preciso acreditar nisso, Michael.

Talvez só assim conseguisse se perdoar de verdade.

— Mas é ela que mais precisa acreditar que pode.

Infelizmente sobre aquilo ele também tinha razão. A única que poderia ajudar Caroline era ela mesma. Eles só podiam dar seu apoio e amor.

Capítulo 44

Rebecca tentou se mostrar presente na vida de Caroline o máximo que podia e assim ela o permitisse. A enchia de amor mesmo quando fingia tentar recusar. Com quatro meses na cadeira de rodas, decidira deixar o conforto da mansão pela calma e isolamento da casa de campo. Todos sabiam que, na verdade, ela queria fugir. E talvez precisasse mesmo desse tempo consigo mesma.

Obviamente, só tivera permissão em partir porque Ryan havia exigido ir com ela, recebendo o apoio de todos. Como ele prometera, manteve firme a promessa de ficar ao lado dela. Nem mesmo as palavras ferinas que Carol constantemente desferia a ele conseguiam assustá-lo. E isso parecia a confundir. Quanto mais ela o queria longe, mais perto Ryan ficava.

Sempre que ia visitá-los, Rebecca se perguntava quando sua cunhada cabeça-dura iria ceder e dar-se conta de que ali estava o grande amor da sua vida. Mas uma das grandes e admiráveis qualidades de Ryan era a paciência.

No decorrer disso, Max, que optara por terminar o tratamento em uma clínica onde ficaria mais próximo da família, aos poucos voltava à empresa. Assumiria novamente a presidência ao lado de Brianna quando Rebecca se afastasse para ter o bebê.

Alex levou Stacy para o Price Palace. Hannah fora com ela para ajudar em sua recuperação. Rebecca vivia curiosa em saber como eles lidavam com uma situação tão inusitada, mas Alex pouco ou quase nada dizia a ela.

Assim, seguiram a conduzir suas vidas, um dia após o outro, sempre acreditando que haveria dias melhores. E, na maioria das vezes, eles aconteciam, como naquele momento.

— Michael, não é o casamento dela — disse Rebecca, vendo-o andar de um lado ao outro nos pés da escada — É só um baile de pai e filha da escola de Olivia.

— Não é só um baile da escola — Michael a encarou nervoso, com sua fraca tentativa de amenizar a grande importância daquela tarde.

— É o baile de pai e filha. Meu primeiro baile com a minha filha é tão importante quanto um casamento.

Rebecca sorriu e cobriu a boca para que ele não notasse o quanto se divertia com aquilo.

Se Michael parecia ter um ataque cardíaco com um simples evento da escola, o que não faria quando Olivia tivesse idade para se casar?

O amor e cumplicidade que eles adquiriram no decorrer daqueles meses era, de fato, invejável. Nem parecia que estiveram separados por anos.

— Por que não foi ver o que está acontecendo? — questionou ele cada vez mais tenso — Aliás, por que não está sentada lá no quarto? E por que usa esses saltos tão altos?

Dizer que ele passou a ser protetor e controlar tudo o que pudesse imaginar fazer mal a Rebecca e ao bebê seria generosidade demais, admitiu ela.

Michael a vigiava e enchia de mimos sempre que podia. E Rebecca agradecia que o trabalho dele no hospital ocupasse uma parte de tempo, só assim não a sufocaria com toda a atenção que dispensava a ela.

— Porque sua filha disse que era surpresa até para mim — respondeu, divertida — Nem me deixou escolher o vestido, foi com Carol e minha mãe. Acredita que conseguiu tirar sua irmã daquela casa?

Aquele foi o único momento que sua cunhada ousou sair em sua cadeira de rodas. Mas Olivia era tão insistente e obstinada que não lhe deixara opção.

— Então é melhor se sentar ali — Michael indicou uma das poltronas antigas próximo à escada, deixando claro que sua tentativa de desviar a atenção dele não surtira efeito desejado, ainda estava nervoso — Não queremos que passe mal ou fique muito cansada.

Queremos? Claramente se referia a ele e Olivia, concluiu Rebecca ao se sentar.

Estava prestes a implorar que Michael se unisse a ela, quando a babá surgiu.

— Tudo bem aí, senhora Hunter? — Perguntou ela no topo da escada, exibindo um sorriso cheio de empolgação.

— Tudo ótimo, Ariel. Tudo bem, né, Michael?

— Nesse caso, a senhorita Hunter está pronta para descer — disse Ariel antes que Michael pensasse em responder, voltando a desaparecer no corredor.

Ele apressadamente ocupou seu lugar na escada. Ombros retos, braços cruzados nas costas, reproduzindo a pose que tantas vezes Olivia ensaiara com ele no dia anterior. Não era à toa que estivesse tão ansioso e um tanto nervoso também. Ele não queria decepcionar sua garotinha fazendo algo errado.

E quando Olivia surgiu no topo da escada, em seu vestido digno de uma princesinha, Rebecca sentiu sua emoção transbordar em seus olhos. E nem podia culpar o pequeno em seu ventre por se ver tão chorona. Olivia usava um vestido amarelo ouro, a parte de cima era coberta de renda e havia uma faixa prateada moldando sua cintura. Na barra da saia bufante, subiam galhos que se entrelaçavam, como chamas lambendo o tecido. As laterais dos seus cabelos estavam presas para trás, formando uma flor em volta da presilha de pedras, e o que ficara solto

formavam cachos perfeitos que balançavam suavemente conforme andava. Enquanto saltava os degraus, era visível as pontas dos pés delicados cobertas por sapatilhas douradas.

— Senhorita — Michael se curvou e beijou delicadamente a ponta dos seus dedos em um gesto galante — Está muito bonita.

— Obrigada, papai — o sorriso resplandecia toda felicidade que carregava em seu peito.

Ela agarrou a mão que ele ofereceu e pulou o último degrau. Era uma pequena dama, mas ainda era sua menininha travessa, pensou Rebecca ao aceitar o braço que Michael lhe dava.

Ele fizera questão de ir de limusine, embora Rebecca tenha achado aquilo extravagância demais para uma criança.

— Um drinque para a senhorita mais bonita na carruagem — Michael disse a Olivia, após estarem devidamente acomodados no carro — E para a mamãe mais bonita também.

As duas provaram o suco de maçã e riram ao mesmo tempo, entrando no mundo lúdico que ele criara especialmente para elas.

O salão de festas, onde seria realizada a festa da escola, foi decorado em tons de rosa, branco e prata, e havia muitas flores espalhadas em volta.

As atividades iniciaram com uma apresentação de dança e música feita pelos meninos da escola, para que suas mães não ficassem de fora, já que o baile de gala seria exclusivamente para as meninas e seus pais.

Estavam se divertindo muito. Mas o ponto alto, para Rebecca, foi o momento em que Michael e Olivia foram para a pista de dança executar a valsa. Da mesa, ela observava, emocionada, os dois dançarem juntos, encantados um com o outro.

— Senhorita?

Olhou para a mão estendida a alguns centímetros do seu rosto e ergueu a cabeça.

— Papai?

Estava mais que surpresa. Estava abismada de vê-lo parado ali, em um fraque tão elegante quanto o de Michael. Atrás dele, podia ver Laura transbordando emoção e contentamento.

— Me concede essa dança? — Nicholas pegou sua mão, fazendo-a ficar em pé.

— O que faz aqui, pai?

— Não é o baile de pai e filha? — Nicholas a carregou até a pista de dança, ignorando alguns olhares curiosos — Estou dançando com a minha garotinha, como deveria ter acontecido há muito tempo.

E com um vestido que mal disfarçava a gravidez, apesar de elegante e discreto, sendo a

única adulta em meio a dezenas de juvenzinhas, ela fez uma viagem no tempo, dançando com seu pai, que exibia um sorriso tão orgulhoso como qualquer outro pai ao conduzir sua garotinha.

Um pequeno pedaço de sua infância recuperada.

Epílogo

Rebecca tirou as sandálias e apreciou a maciez da areia em seus pés. Estava um dia claro, bonito e com poucas nuvens no céu. Às vezes uma brisa suave, quase imperceptível, tocava-lhe os fios de cabelo solto.

Ela tinha acabado de acordar do seu cochilo após o almoço e saiu de encontro à filha e Michael na praia.

Os dois finalizavam um castelo na areia, quando Rebecca se aproximou.

— Agora eu vou pegar conchinhas lindas para dar para minha tia Carol — avisou Olivia, pegando o balde vazio — Isso vai fazê-la feliz, não é, mamãe?

— Claro que vai, meu amor — sorriu para ela.

Rebecca tinha certeza que sim, ninguém era imune aos encantos da sua filha, pensou com ternura.

Caroline poderia desejar manter todos à distância, mas Olivia era a exceção.

— Em momentos como esse, que eu tenho certeza que a vida é perfeita — Michael sussurrou para ela — E que tudo ficará bem.

E enquanto ele afaçava o ventre abaulado que abrigava seu filho, e assistiam Olivia correr em direção às conchas e gaivotas na areia, que Rebecca confirmou a veracidade das suas palavras.

Assim era a vida. Cheia de idas e vindas como as ondas quebrando na praia. Cheia de altos e baixos. Erros e acertos. Carregada de sentimentos bons e ruins.

Os ruins às vezes mudavam as pessoas, as levavam a fazer coisas que colocavam em dúvida a fé nelas mesmas e na sua verdadeira identidade, mas eram os bons que as faziam enxergar quem realmente eram.

— Tudo é possível quando nós nos entregamos a algo tão poderoso como o amor — disse a ela, virando-a para si — Eu tive você de volta quando achei que seria impossível. Seu amor me fez renascer. Como nosso bebê crescendo em seu ventre, ele fica mais bonito e mais forte.

— E só quando eu me entreguei verdadeiramente ao nosso amor, que encontrei a paz que eu tanto procurava — tocou o seu rosto, e Michael beijou a palma da sua mão.

Passaram por turbulências, perdas e lutas até chegarem ao seu final felizes, que estava longe de terminar.

Naquela longa viagem chamada *vida*, aprendiam a *recomeçar*.

Fim.

Sobre a Autora



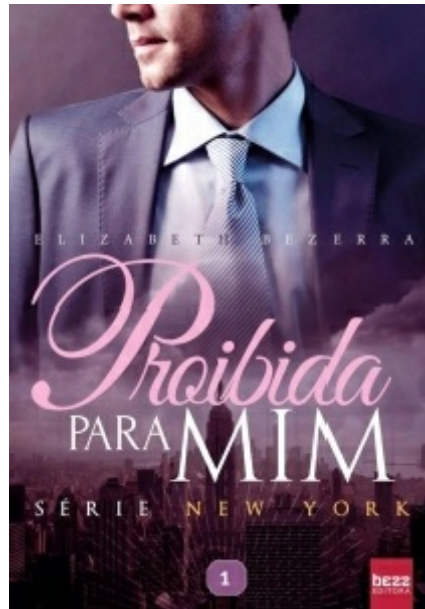
Elizabeth Bezerra

Nascida em São Paulo, leitora ávida, cresceu lendo romances e sempre imaginou como seria a vida dos personagens pós leitura.

A primeira aventura foi em uma plataforma online. Ao constatar o feedback positivo dos leitores, criou coragem para publicar seu primeiro livro “Proibida para mim”. Quando não está criando suas histórias, com certeza está lendo uma! Ama viajar e conhecer novas pessoas, pessoalmente ou através de redes sociais.

Outras obras

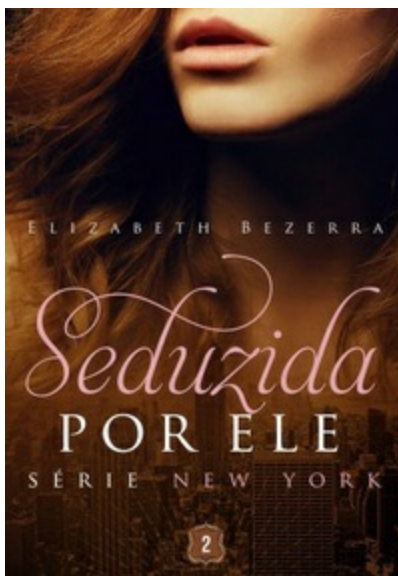
Proibida para mim — Série New York I



Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

Compre aqui: <https://goo.gl/ZsrfQq>

Seduzida por ele — Série New York II



“A sensação que eu tenho é que estou presa. Como em um daqueles pesadelos terríveis que me assolaram por toda a minha vida. O tipo de pesadelo que você grita, chora e corre sem direção. Onde ninguém é capaz de me ouvir ou ajudar. Um sonho terrível que faz todos os meus ossos gelarem e quando acordo estou suando frio. Só que eu não estou dormindo, para meu desespero, estou bem acordada!” – Jennifer Connor

Neil e Jennifer se apaixonaram perdidamente, a paixão entre eles foi instantânea e avassaladora. Quando tudo parecia bem à amarga realidade os separou.

Jennifer descobriu que o homem que mais ama no mundo, a pessoa que trouxe luz aos seus olhos, também é o reflexo daquele que mais odiou na vida. Essa descoberta vira o mundo de Jennifer de cabeça para baixo, deixando um rastro de dor e desesperança.

O amor que sentem será suficiente para que fiquem juntos?

Um romance que irá prender você do início ao fim e que o fará se perguntar quanta dor um coração ferido é capaz de suportar?

Compre aqui: <https://goo.gl/mz5Kgh>

Por você eu faço tudo — Série New York III



Uma proposta irrecusável... Um desejo de vingança... E uma reviravolta surpreendente!

Richard Delaney é um rico, bonito e metódico engenheiro. Sua família é uma das mais tradicionais de Nova York. A vida parecia perfeita, até voltar de viagem e encontrar a noiva com outro homem. Agora ele está furioso e decide dar voz ao bad boy que existe nele. Vingança é tudo o que ele quer. Começaria apresentando como noiva, a linda e impertinente dançarina de pole dance, Paige Fisher.

Paige não acredita no amor. Um dia, após chegar do trabalho, descobriu que seu namorado havia vendido todas as suas coisas, roubado o dinheiro do aluguel e fugido com sua melhor amiga. Para ela o amor era para tolos. Quando Richard faz a surpreendente proposta para que finja ser sua noiva, vê a oportunidade para mudar sua vida, radicalmente. Sua única exigência era: nada de sexo.

Mas o que eles não previram é que essa história tomaria um rumo muito diferente...

A atração entre eles é explosiva e amor acontece quando menos se espera.

Mudando suas vidas para sempre.

Compre aqui: <https://goo.gl/6gDcgo>

Protegida por mim — Série New York IV



Ao perceber que a esposa, grávida de seus gêmeos, está em perigo, Neil sente que é capaz de fazer qualquer coisa para os manter seguros.

Quando Jennifer é acusada de homicídio, ele luta contra tudo e todos para provar a inocência dela. Porém, além de o tempo ser seu pior inimigo, também há um adversário misterioso à espreita, esperando pela oportunidade de destruir todos.

Fugir com ela, a fim de a proteger, é a solução que ele encontra para ganhar tempo para caçar e aniquilar esse inimigo do seu passado. Esta é a única chance de manter sua família segura e unida.

"— Ninguém tocará em você! — digo, com ela abraçada a mim — Eu juro!"

Compre aqui: <https://goo.gl/XOPgJ1>

Além da Atração — Série New York V



Penélope Walker veio a New York para fugir de sua pequena cidade natal, onde todos se conhecem e os curiosos cuidam da vida de todos. E, com certeza, uma noiva abandonada no altar é um prato cheio para os fofoqueiros de plantão.

Um casamento não realizado, um pai opressor e uma mãe omissa são suas motivações para decidir reconstruir sua vida bem longe daquele lugar. Ela vê todos os seus sonhos começarem a se tornar realidade quando consegue um emprego na Durant Entertainment Technology - DET.

Em uma nova cidade e com um excelente emprego, tudo parece perfeito. O que não está em seus planos é se apaixonar pelo advogado e melhor amigo de seu chefe.

Adam é tudo o que qualquer mulher sonha em ter ao seu lado, mas, infelizmente, para ela, ele é inalcançável. Ele ainda sofre com a morte da ex-noiva e a do bebê não nascido e se culpa por isso, não estando disposto a entregar seu coração outra vez... Ele não tem esse direito.

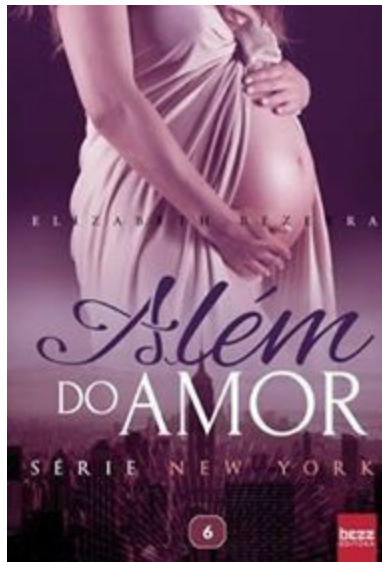
Enquanto Penélope tenta lutar contra esse sentimento, Adam não consegue ficar longe dela.

Ela deseja amor. Ele quer sexo.

Juntos, eles vivem uma relação apaixonante e conturbada, que vai muito além da atração.

Compre aqui: <https://goo.gl/Qlqv32>

Além do Amor — Série New York VI



Penelope e Adam se apaixonaram à primeira vista. Viveram uma paixão explosiva e intensa. Mas nem mesmo a força desse amor foi capaz de impedir que mentiras e segredos do passado os atingissem.

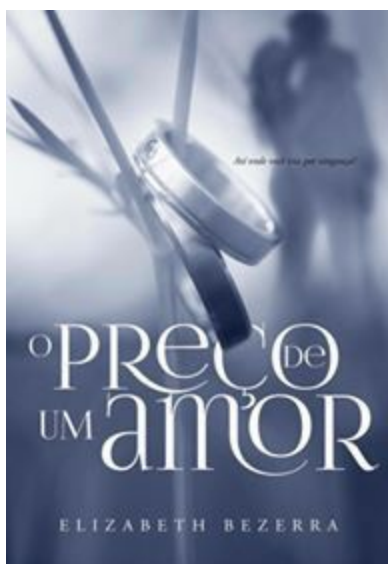
Enquanto um fantasma do passado faz de tudo para separá-los, armando uma rede de traições para destruir tudo o que eles têm, Adam lutará até as últimas consequências para recuperar Penelope, mesmo sabendo que suas atitudes podem aniquilar suas chances de tê-la de volta.

Penelope receia entregar seu coração outra vez e se ferir, ainda mais quando algo muito importante está em jogo. Porém, não será fácil resistir a essa paixão que a faz se perder completamente no furacão de emoções que Adam desperta nela.

Uma viagem a trabalho reabrirá novas feridas e será impossível lutar contra o que sentem. Viver esse amor trará como consequência uma notícia que mudará suas vidas para sempre...

Compre aqui: <https://goo.gl/utRBV1>

O preço de um amor — Série Recomeçar I



Após completar 18 anos, Rebecca é obrigada a abandonar o orfanato onde cresceu e as únicas pessoas que aprendeu a amar.

Na casa dos Hunter, descobriu o poder do primeiro amor, a força da amizade e que o passado não estaria tão longe quanto imaginara.

Apaixonar-se por Michael foi tão simples como respirar. Os dois viveram uma paixão tão intensa como ódio que surgiria, após intrigas, desconfianças e traições.

Rebecca amou Michael com toda força e pureza do seu coração, mas o amor acabou e agora ela só desejava uma coisa... Justiça! Até onde você iria por vingança?

Compre aqui: <https://goo.gl/HWQjOD>